



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

RAFAELA FARIAS PACHECO

A carreira psicossocial do refugiado com ensino superior

Florianópolis
2022

RAFAELA FARIAS PACHECO

A carreira psicossocial do refugiado com ensino superior

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Psicologia das Organizações e do Trabalho.

Orientador: Prof. Dr. Iúri Novaes Luna

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pacheco, Rafaela Farias

A carreira psicossocial do refugiado com ensino superior / Rafaela Farias Pacheco ; orientador, Iúri Novaes Luna, 2022.

247 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. refugiado. 3. carreira. 4. trajetória de trabalho. I. Luna, Iúri Novaes. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

RAFAELA FARIAS PACHECO

A carreira psicossocial do refugiado com ensino superior

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Iúri Novaes Luna, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.a Suzana Tolfo, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Marcelo Afonso Ribeiro, Dr.
Universidade de São Paulo

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Psicologia das Organizações e do Trabalho.

Prof. Dr. Adriano Beiras
Coordenação do Programa de Pós-graduação em Psicologia

Prof. Dr. Prof. Iúri Novaes Luna
Orientador

Florianópolis
2022

Dedico a todos aqueles que vieram de longe para mergulhar em uma nova mistura de SER.

AGRADECIMENTOS

Sem a contribuição de uma rede, em tempos de pandemia, a presente dissertação não teria sido possível.

Ao Prof. Iúri Novaes Luna, pela paciência, empenho e humildade que sempre demonstrou enquanto orientava a construção desse trabalho nos encontros virtuais e presenciais. Obrigado por ter me aceito como sua orientanda e estar disposto a me ajudar quando preciso, e por acreditar. Fica registrado o meu respeito por me conceder um processo de aprendizagem com sabedoria.

Aos meus juízes de banca de qualificação e do processo final que fizeram os comentários necessários, de forma muito gentil, permitindo um salto nessa pesquisa e para próximas que virão. Aos professores do PPGP e aos secretários do programa por serem prestativos durante esses dois anos.

Aos amigos e familiares, Marcos, Janeson, Maria Esther, Janine, Deane, Arthur, Thaís, Érico, Vanessa, Hisrain e Karis por serem meu momento de apoio, afetos e momentos virtuais de diálogos.

Aos colegas do LIOP e do mestrado, Bárbara, Úrsula, Melissa, Jéssica, João e Cléria meus sinceros agradecimentos por juntos desenvolver nossas pesquisas nos momentos que exigia acolhimento e um olhar coletivo.

À Luciana, Eliane, Gustavo e Lúcia, por apoiarem o campo dessa pesquisa com amabilidade e toda colaboração prestada sempre que solicitada. A disponibilidade de vocês junto com os participantes facilitou o alcance dos objetivos propostos nesta dissertação. São Paulo foi a cidade que vivi, em movimento, por anos como e com os migrantes. Eternamente grata pela colaboração e movimento de todos da instituição e, principalmente, aos participantes dessa pesquisa. Os nossos encontros foram um misto de memórias e intimidades na procura das nossas reconstruções identitárias. Gracias, merci e thanks. Àse (Axé)!

Nesse caminho, deixo meus agradecimentos ao haitiano Jean e aos colaboradores da Círculos de Hospitalidade, especial a cubana e colega de profissão Cláudia, Rafa e Marcela por me acolherem em Florianópolis.

Por fim, aos meus pais Cida e Pacheco pela minha educação, formação e, principalmente, quando se trata de sensibilidade nos nossos momentos íntimos. Vocês que sempre me proporcionam a continuidade dos meus estudos e por jamais me deixarem desistir dos meus sonhos. A saudade é diária, mas grata por todo o apoio.

A Capes pela concepção de bolsa de estudo possibilitando a construção e efetivação dessa pesquisa.

eu-lá-ontem, eu-aqui-agora
(Athayde & Cavalcante, 2021)

RESUMO

Esse estudo tem como foco a migração forçada, a experiência de vida profissional de refugiados que enfrentam múltiplas barreiras ao trabalho e à integração social ao tentar reconstruir suas vidas nos países de acolhimento. O objetivo da investigação foi compreender como refugiados com formação superior estão construindo suas carreiras psicossociais fora de suas áreas de formação profissional, utilizando uma perspectiva epistemológica construcionista e interpretativa. Nesse estudo qualitativo as carreiras psicossociais de seis refugiados com nacionalidades distintas, oriundos de países do Sul Global, foram exploradas por meio de análises detalhadas de suas narrativas. O material empírico apresenta histórias contadas em um determinado momento e em circunstâncias particulares, sendo o delineamento definido como estudos de casos múltiplos. O contato inicial com os participantes foi proporcionado por uma organização não governamental da cidade de São Paulo. Tratando-se de uma temática contemporânea, algumas dimensões psicossociais foram identificadas e estão relacionadas às suas condições de vida no Brasil, que incluem as rotas de chegada ao Brasil, a dificuldade de aprender a língua, o apoio social proporcionado por redes de cooperação migratória, suas experiências laborais e o processo de aculturação. Os resultados revelam que apesar dos refugiados pesquisados terem formações profissionais específicas e apresentarem, nesse sentido, identidades de trabalho que se aproximam de discursos de carreira tradicionais, fechados e mais estáveis, suas narrativas também evidenciam discursos de carreira mais contemporâneos, abertos e flexíveis. Assim sendo, expressam contradições relevantes que se encontram presentes em suas trajetórias de vida e trabalho. As carreiras psicossociais dos participantes, dessa forma, incluem projetos orientados para manutenção de objetivos profissionais progressos articulados à busca por novas alternativas, muitas vezes vinculadas a redes sociais migratórias.

Palavras-chave: refugiado; carreira; trajetória de trabalho

ABSTRACT

This study focuses on forced migration, the professional life experience of refugees who face multiple barriers to work and social integration as they attempt to rebuild their lives in host countries. The aim of the research was to understand how refugees with higher education are constructing their psychosocial careers outside their areas of professional training, using a constructionist and interpretive epistemological perspective. In this qualitative study the psychosocial careers of six refugees with distinct nationalities from countries in the Global South were explored through detailed analyses of their narratives. The empirical material presents stories told at a particular point in time and in particular circumstances, and the design is defined as multiple case studies. The initial contact with the participants was provided by a non-governmental organization in the city of São Paulo. Since this is a contemporary theme, some psychosocial dimensions were identified and are related to their living conditions in Brazil, which include the routes of arrival in Brazil, the difficulty of learning the language, the social support provided by migratory cooperation networks, their work experiences and the acculturation process. The results reveal that although the refugees surveyed have specific professional backgrounds and present, in this sense, work identities that are close to traditional, closed and more stable career discourses, their narratives also evidence more contemporary, open and flexible career discourses. Therefore, they express relevant contradictions that are present in their life and work trajectories. The psychosocial careers of the participants, thus, include projects oriented towards maintaining previous professional goals articulated to the search for new alternatives, often linked to migratory social networks.

Keywords: refugee; career; work trajectory

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Produções discursivas das construções das carreiras psicossociais	41
Figura 2 - Passos da análise de dados	63
Figura 3 - Modelo da Linha do tempo da trajetória do profissional do participante.....	66
Figura 4 - Fluxograma de análise dos resultados e discussão das narrativas	67
Figura 5 - Diagrama da Revisão de Escopo de acordo com o JBS	76
Figura 6 - Linha do tempo da trajetória profissional de Verônica	94
Figura 7 - Linha do tempo da trajetória profissional de Gabriel.....	112
Figura 8 - Linha do tempo da trajetória profissional de Isabel	125
Figura 9 - Linha do tempo da trajetória profissional de Elie	145
Figura 10 - Linha do tempo da trajetória profissional de Samuel.....	159
Figura 11 - Linha do tempo da trajetória profissional de Ana	174
Figura 12 - Mapa de transitoriedade dos participantes até sua chegada no Estado de São Paulo.	194

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterizações dos trabalhadores migrantes na condição de refugiados	58
Quadro 2 – Síntese da análise do conteúdo não-indexado.....	68
Quadro 3 – Critérios de inclusão e exclusão e termos de busca da revisão de literatura.....	73
Quadro 4- Características gerais dos estudos da revisão de literatura (n = 27)	77
Quadro 5- Síntese dos resultados gerais dos estudos da revisão de literatura por categoria	90
Quadro 6 – Síntese das análises dos conteúdos não-indexados dos participantes.....	186

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Etapas para a análise de narrativas proposta por Schutze (1983).....	64
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR/ UNHCR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

BU – Biblioteca Universitária

CAAS - Career Adapt-Abilities Scal

CEPSH/UFSC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina

CONARE - Comitê Nacional para os Refugiados

DPU – Defensoria Pública da União

JBI - Instituto Joanna Briggs

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES - Instituições de Ensino Superior

OIM - Organização Internacional de Migrações

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONG – Organização não governamental

ONU – Organizações das Nações Unidas

PRISMA - Preferred reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses

PST – Psicologia Social do Trabalho

RRs – Pesquisadores refugiados

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

WFH - Working from home

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1 Objetivo Geral	27
1.2 Objetivo Específicos	27
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
2.1 Conceito de carreira e a carreira numa perspectiva socioconstrucionista	28
2.1.2 Construções identitárias e um diálogo intercultural	36
2.2 O Brasil como país de migração contemporâneo e os migrantes forçados	44
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.1 Classificação	51
3.2 Características do campo de pesquisa	54
3.3 Instrumentos	55
3.4 Participantes	56
3.5 Procedimentos éticos	59
3.6 Procedimentos de coleta	59
3.7 Procedimentos de análise de dados	62
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	71
4.1 Migração forçada e a construção de carreiras: uma revisão de escopo	71
4.1.1 Barreiras estruturais ao emprego e estratégias de adaptação dos refugiados	79
4.1.2 Experiências dos migrantes e inclusão laboral no país de acolhida	85
4.1.3 Identidade dos profissionais refugiados	87

4.2 Estudos dos casos selecionados: caracterização, trajetórias e projetos de vida e trabalho.....	93
4.2.1 Caso Verônica.....	93
4.2.1.1 Trajetória de formação e de trabalho	94
4.2.1.2 Projetos de vida e de trabalho	104
4.2.1.3 Discussão dos resultados de Verônica	106
4.2.2 Caso Gabriel.....	111
4.2.2.1 Trajetória de formação e de trabalho	112
4.2.2.2 Projetos de vida e de trabalho	119
4.2.2.3 Discussão dos resultados de Gabriel.....	121
4.2.3 Caso Isabel.....	124
4.2.3.1 Trajetória de formação e de trabalho	125
4.2.3.2 Projetos de vida e de trabalho	136
4.2.3.3 Discussão dos resultados de Isabel	138
4.2.4 Caso Elie	144
4.2.4.1 Trajetória de formação e de trabalho	145
4.2.4.2 Projetos de vida e de trabalho	151
4.2.4.3 Discussão dos resultados de Elie	154
4.2.5 Caso Samuel.....	158
4.2.5.1 Trajetória de formação e de trabalho	159
4.2.5.2 Projetos de vida e de trabalho	165
4.2.5.3 Discussão dos resultados de Samuel.....	168
4.2.6 Caso Ana.....	173

4.2.6.1 Trajetória de formação e de trabalho	174
4.2.6.2 Projetos de vida e de trabalho	178
4.2.6.3 Discussão dos resultados de Ana	179
4.3 Construção de carreiras psicossociais de refugiados com ensino superior	185
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	208
REFERÊNCIAS	212
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	234
APÊNDICE B - Carta de Apresentação – Solicitação de Autorização para Pesquisa	237
APÊNDICE C – Guia de entrevista narrativa.....	239
ANEXO A – Declaração de Autorização para Realização da Pesquisa	240
ANEXO B – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC	241

1. INTRODUÇÃO

A configuração constante das carreiras atuais e do mundo trabalho vem alertando os pesquisadores para o potencial das narrativas nos processos de orientação profissional e de carreira, em forma como favorecem o acesso de referências identitárias e “questionar se esses modelos emergentes são importantes para os indivíduos em dado contexto de intensa fragmentação e ambiguidade” (Bendassolli, 2009, p. 115). Além das carreiras tradicionais, numa concepção mais objetiva, compostas de experiências de trabalho linear e ascendente, milhões de pessoas também enfrentam suas carreiras rompidas, marcadas por uma intensa crise migratória, na qual se veem vítimas de perseguições, ameaças, guerras e catástrofes naturais. “Quem não tem pátria sente-se em casa em toda parte. O exilado, no entanto, oscila inicialmente entre o luto melancólico de sua origem e a busca de uma nova casa” (Seligmann-Silva, p. 21, 2020). Como que é ser um migrante¹? Por mais que o cotidiano de boa parte do mundo mudou, a partir da pandemia da COVID-19 em 2020, a experiência de um refugiado antes, durante e depois dela é inicialmente o caminho do luto melancólico e a luta por sobrevivência na busca por uma construção de vida em um novo país.

Com a Convenção da ONU de 1951 e o seu Protocolo Adicional de 1967, e o Tratado de Cartagena de 1984, o Estado brasileiro propõe conceder toda a proteção e a garantia de direitos básicos aos migrantes que aqui residem. No Brasil, a nova Lei de Migração, a Lei nº 13.445, 2017, uma pessoa migrante – seja por condição humanitária, pessoa refugiada, solicitante de refúgio, apátrida – passa a ter esses direitos básicos e de trabalho na condição de igualdade com a população brasileira (Lei 13.445, 2017). Ou seja, cabe aqui oferecer subsídios, também, em qual

¹ Segundo o Glossário da OIM, “este termo aplica-se às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias” (p.43, 2019).

o lugar social que os refugiados ocupam nas relações de trabalho e cotidiana da vida, assim como um trabalhador brasileiro com suas carreiras instáveis. Nesse caso, os atores estratégicos da sociedade civil, em uma rede de cooperação, apontam recomendações para uma consolidação das políticas públicas de inserção no mercado de trabalho da população migrante, tendo com os objetivos estratégicos da Organização Internacional do Trabalho [OIT] sendo o oitavo objetivo da Agenda 2030 (Neto & Menacho, 2020; Scherer, Grisci & Chanlat, 2021).

Ao longo desse processo de globalização as transformações sociais, econômicas, políticas e culturais no século XXI vêm interferindo nas trajetórias e projetos de vida de trabalho das pessoas (Ribeiro & Melo-Silva, 2011; Ribeiro, 2014). Em saber as suas perspectivas, e a que trata dessa pesquisa é a de *linguagem em uso*², com as práticas discursivas, sendo que o processo é uma construção de sentido e é *continuum*³ e que essas práticas estão atravessadas por essas vozes em busca de um diálogo intercultural.

Embora os Estados possam ter prioridades específicas em relação aos controles e gerenciamentos legislativos em relação à política de migração, os pesquisadores devem ter liberdade para escolher quais perspectivas são as melhores a serem aplicadas nas suas pesquisas, como pontua Weiß (2018). Para a autora, os processos de busca de refúgio são definidos por um conhecimento da trajetória de vida do indivíduo, e essa está além da regulamentação relativa à migração e refugiados, assim tendo como um marco sociológico mais amplo desse fenômeno. Sendo que, em alguns casos, até mesmo a escolha de um país de acolhida está fora das possibilidades.

² O termo utilizado por Spink (p. 41, 2010): “linguagem em uso é tomada como prática social e isso implica trabalhar a interface entre os aspectos performáticos da linguagem (quando, em que condições, com que intenção, de que modo) e as condições de produção (entendidas aqui tanto como contexto social e interacional, quanto no sentido foucaultiano de construções históricas)”.

³ Na experiência humana, existem limites claros entre as experiências passadas, presentes e futuras. Essa lógica sequencial dá uma sensação de *continuum* à diversidade de experiências pessoais que juntas formam uma história de vida (Maia & Mancedo, 2010).

As motivações que levaram à construção desse projeto deram-se por uma pesquisa realizada no Brasil, em 2019, que coletou dos 462 refugiados entrevistados, sendo 315 (68,2%) não utilizavam suas habilidades profissionais nos atuais trabalhos, enquanto apenas 147 (31,8%) as utilizavam (United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR], 2019b). Com a dificuldade de acesso aos números exatos dos imigrantes involuntários qualificados (Willot & Stevencesson, 2013), tais informações não são coletadas em serviços de atendimento a esse público. Contudo, nesses dados sociodemográficos realizados no Brasil há, também, um hiato entre sua formação profissional anterior ao ingresso no país e o trabalho que desempenham. Assim sendo, o presente estudo definiu como foco as carreiras psicossociais de refugiados com ensino superior que estão atuando fora de suas áreas de formação profissional.

O “*campo*” começou a ser visto com a situação atual do momento: contexto da pandemia da COVID-19 aumentando a tendência da informalidade no mundo do trabalho (Coelho-Lima & Bendasolli, 2020). Quando se trata de um refugiado com formação profissional ou não, embora ter o status como refugiado e garantindo os direitos trabalhistas, há algum tipo de estereótipos e marginalização criando assim um forte contraste com seu antigo status profissional (Wehrle et al., 2018; Willott & Stevenson, 2013).

Estudos, com refugiados cubanos e imigrantes haitianos, que investigam percepções que se aproximam do sentido do trabalho ressalta o papel vital não apenas para quem migra, mas também para quem permanece em seu país de origem. Muitas pessoas que se deslocam são responsáveis financeiramente pelos que não realizaram o processo migratório, e isso está relacionado com à precariedade que podem enfrentar por aceitarem qualquer condição de trabalho quando não há outras oportunidades. Apesar disso, esses estudos não indicam os efeitos psicológicos sobre o assunto (Carbajal & Calvo, 2012; Weber et al., 2019). Por outro lado,

alguns migrantes esperam encontrar melhores oportunidades econômicas e profissionais em suas travessias, mas a realidade encontrada nos países de acolhida é muitas vezes diferente (Eberhardt & Miranda, 2017; Weber et al., 2019).

A contemporaneidade amplia tantas possibilidades na investigação social e explora outros âmbitos da vida, assim como outros métodos ampliam nossa compreensão da realidade e entre os diversos agentes. Mas, aqui cabe encontrar um conjunto complexo de interpretações e sentidos do ato da *experiência psicossocial*⁴ do refugiado e que ainda é responsável pela forma de pensar e sentir o mundo entre a história e a linguagem em uso para ajudá-los a lidar com as barreiras que aqui são impostas.

De acordo com os dados da Agência da ONU para refugiados, foi registrado que durante a pandemia da COVID-19, em 2020, o número de pessoas deslocadas devido à perseguição, conflito, violação dos direitos humanos e eventos seriamente conturbadores havia crescido para 82,4 milhões, sendo o maior número registrado até o momento com os dados coletados (UNHCR, 2021a). Mesmo seja um percentual pequeno do segmento populacional global, pouco se sabe da experiência de trabalho de pessoas deslocadas forçadamente ou refugiadas após sua chegada e sobre como as instituições locais – organizações, lideranças e formuladores de políticas públicas – podem ajudar essa população a encontrar ou manter um emprego ou até mesmo orientar com que trabalham (Segrest, Hurley-Hanson & Giannantonio, 2021). Consequentemente, a limitação não está apenas nesses fatores existentes que levaram o ato de experienciar o forçamento de perder suas casas e sua segurança, mas também por terem uma interrupção em seus percursos profissionais (Ivlevs & Veliziotis, 2018) e pouco se sabe como vêm construindo suas carreiras após suas travessias.

⁴ “A perspectiva da Psicologia Social convida-nos a olhar o trabalho e os processos organizativos a partir do ponto de vista dos trabalhadores, mostrando situações difíceis de ser vividas, estratégias e táticas criadas e utilizadas para com elas lidar.” (Sato, 2010, p. 44)

Ainda que os referentes desta pesquisa científica sejam na área da psicologia do trabalho, com foco nas trajetórias de vida de trabalho e construções identitárias no âmbito das carreiras (Ribeiro, 2014), o ato de narrar essa travessia abrange das mais variadas dimensões da vida. A opção por essa temática se justifica por aspectos sociais, teóricos e práticos. Do ponto de vista social, ressalta-se a necessidade de viabilizar o fenômeno das migrações e, conseqüentemente, o lugar que esse imigrante involuntário ocupa atualmente na nossa sociedade. Busca-se um olhar psicossocial para essa população tão plural, auxiliando, também, no acesso às políticas públicas com práticas inclusivas e integrativas laborais.

Quanto ao aporte teórico, foi identificado que existem poucos estudos nacionais que aprofundem a discussão na Psicologia de forma geral com os deslocamentos forçados. Contudo, a necessidade também desse tema para Orientação Profissional e de Carreira em obter dados empíricos vivenciados no contexto para o qual e no qual tais conceitos estão sendo construídos. Sabe-se que pela construção histórica da Orientação Profissional e de Carreira no Brasil, a demanda de um público específico, a classe média, veio precisamente na escolha de uma profissão em momentos de transição no decorrer da carreira (Sparta, 2003). Sendo assim, embora as práticas ainda sejam em grande parte voltadas para essa demanda, é possível observar as preocupações dos pesquisadores da área em enfrentar, também, aspectos contextuais diante da desigualdade social (Berri & Coelho, 2020; Motta & Krawulski, 2020).

A fim de explicar efetivamente de que forma os pesquisadores brasileiros estão publicando quando os imigrantes involuntários enfrentam barreiras significativas ao tentarem acessar o mundo do trabalho, foi realizada uma busca inicial por meio dos portais Scielo.org, Teses e dissertações, IndexPsi, Lilacs e Pepsig.org, na qual buscou compreender o que está sendo produzido a respeito em periódicos nacionais. Foram utilizados, inicialmente, os seguintes

descritores: “refugiado” e suas variações (OR); (Refugee* OR Refugiado*) AND (Career* OR "Professional identity" OR "Work trajectory" OR "Work history" OR "Labour path" OR "Labour paths" OR "Labor occupation" OR "Work reinsertion" OR Carreira* OR "Identidade profissional" OR "Trajetória laboral" OR "Trajetórias laborais" OR "Trajetória de trabalho" OR "Trajetórias de trabalho" OR "Histórico de trabalho" OR "Ocupação laboral" OR "Formação profissional" OR "Reinserção laboral" OR Carrera* OR "Identidad profesional" OR "Trayectoria laboral" OR "Trayectorias laborales" OR "Camino laboral" OR "Caminos laborales" OR "Ocupación laboral" OR "Reinserción laboral"). Essa busca foi realizada no primeiro semestre de 2020 e revisada no ano de 2021, a fim de verificar se algum material havia ficado de fora e se novos trabalhos haviam sido publicados com os impactos gerados pela pandemia da covid-19. Mediante a análise dos títulos, resumos e palavras-chave das publicações identificadas na busca na literatura, e considerando os critérios indicados, foram selecionadas 10 publicações na SciELO, nenhum no indexador PePSIC e do LILACS e 4 no BDTD, totalizando 14 trabalhos encontrados.

Em seguida, procedeu-se à análise das seções dos objetivos, métodos e principais resultados com o intuito de extrair informações interessantes para essa revisão no âmbito nacional. Nenhuma publicação trata especificamente dos impactos da carreira do imigrante involuntário que já possui uma formação profissional, mas desconsiderou-se 1 produção na esfera da administração por apenas apresentar uma edição especial introdutória de uma revista em três áreas relacionadas às questões laborais dos imigrantes involuntários no contexto brasileiro (Segrest, Hurley-Hanson & Giannantonio, 2021), 1 produção também da administração que explora em profundidade as atividades organizadas por uma organização não governamental (Santos & Hanashiro, 2021) como seminários interculturais para empregadores e

prospecção de empresas empregadoras, 1 produção que retrata os processos de inserção dos refugiados, especificamente no âmbito universitário, após a imigração somente em Portugal (Goldberg, 2020), 1 produção que destaca a narrativa do ingresso de um refugiado no ensino superior brasileiro (Rodrigues, 2021), 1 dissertação que tratou das construções identitárias de trabalho, mas no contexto de migração voluntária ou planejada no qual as pessoas decidem livremente migrar para o Brasil (Sierra, 2016) e 2 dissertações que tratam da imigração involuntária no campo da psicologia, mas não está relacionada a área do trabalho (Santos, 2020; Souza, 2015), uma dissertação (Jibrin, 2017) e 1 artigo (Weib, 2018). No entanto, a amostra final foi constituída por 5 achados. Embora se tenha desconsiderado as publicações acima para que estejam de acordo com os critérios de inclusão (estudos publicados sobre refugiados e migrantes involuntários ou que possui dados sobre essa população; no âmbito nacional e esteja relacionado com o tema). Ressalta-se que foi realizada a leitura dos trabalhos científicos no contexto brasileiro nos últimos 5 anos que contribuíssem com a discussão científica.

No caso do trabalhador na condição de imigrante, Antunes (2018) destaca a atuação nas indústrias, construtoras, como pedreiros, pintores, eletricitas; supermercados, como empacotadores; em distribuidoras de hortifrutícolas, como descarregador de caixas; como açougueiros; em hotéis, como recepcionistas e cozinheiros. Ou como professores de língua estrangeira, como auxiliares em empresas de limpeza – uma lista exemplar de ocupações comuns a todas as nacionalidades ao enfrentar as barreiras presentes no mundo do trabalho. Como estamos lidando com migrações contemporâneas, com a prevalência ocorrendo no sentido Sul-Sul, estudos têm apontado esse novo fluxo a partir do Estatuto Estrangeiro de 1980 que vigorou até 2017 quando foi substituído pela nova Lei da Migração (Silva & Binni, 2021).

Partindo do contato da pesquisadora com o fenômeno migratório no ano de 2018 e acompanhando relatórios anuais das instituições regulamentadoras, como a Organização Internacional das Migrações [OIM], Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [ACNUR] e Defensoria Pública da União [DPU], com dados mais estatísticos sobre o crescimento desse fluxo no país, justifica-se os cinco anos de abrangência para essa amostra de pesquisas no âmbito nacional. Mesmo que esses cinco estudos achados não tratem especificamente com a temática e na área de desenvolvimento de carreira na perspectiva psicológica, optou-se por apresentar os dados para uma ampliação de informações que discutam as trajetórias, identidade e as principais barreiras no ingresso do mundo do trabalho dos imigrantes involuntários no contexto brasileiro.

Observou-se que a maior parte dos estudos foram realizados com imigrantes involuntários de nacionalidades distintas nos grandes centros urbanos da região sudeste e sul do país (Coimbra & Orchard, 2020; Irigaray et al, 2020; Teixeira et al, 2021). Também é possível notar que uma parte das pesquisas investigou a percepção sobre o processo e as principais dificuldades dos imigrantes involuntários com acesso ao mercado de trabalho (Teixeira et al, 2021; Irigaray et al, 2020). Entretanto, a maior parte dessas pesquisas investigou a precarização da atividade informal ao chegar no Brasil e há indicativos de aspectos comuns de participantes com formação profissional, nenhum conseguiu revalidar os diplomas. Conseqüentemente, o descompasso entre a formação e sua atividade de trabalho exercida no Brasil (Teixeira et al, 2021; Coimbra & Orchard, 2020; Irigaray et al, 2020; Barros, 2017). Contudo, outro aspecto identificado em relação ao enfrentamento das barreiras é como os imigrantes involuntários possuem uma rede de cooperação que protege o trabalho do capital e desdobram-se em

oportunidades para se reinventarem ultrapassando as barreiras e que trabalho e a vida tecem. (Scherer et al, 2021).

Cabe ressaltar que dos cinco estudos encontrados nessa amostra, que tratam de trajetória de trabalho e questões identitárias, apenas um é da área de Psicologia (Barros, 2017), e ainda assim a sua fundamentação teórica e sua problemática se aproximam mais da Psicologia Social Trabalho (PST) do que teóricas clássicas da Orientação Profissional e de Carreira, mas ainda assim apresenta dados relevantes com a escolha epistemológica desta pesquisa. Barros (2017) identificou que os haitianos, na região metropolitana de Belo Horizonte, tiveram uma curta trajetória de trabalho no Haiti, e a partir dos relatos houve a reconstrução das suas experiências e foi possível identificar que mesmo a maioria dos participantes possuem curso superior ou ter cursado, sendo a experiência de emprego foi curta e no Brasil não houve a possibilidade de transferirem as habilidades construídas a partir das convocações do trabalho e nem aplicarem a experiência no trabalho.

Chama atenção que não foi encontrado por meio desses descritores artigos tratando especificamente da construção de carreira de refugiados com formação profissional. Mas quase todas as barreiras mencionadas nessas pesquisas são relacionadas a temas de restrição econômica, desafios associados à aculturação, falta de domínio da língua local, burocracias no processo de revalidação de diplomas e disparidades de saúde, principalmente a mental. Sendo assim, Bimrose & Mcnair (2011) afirma que o trabalho é como um o local-chave de integração e que os serviços de orientação e aconselhamento profissional tem um papel potencial a desempenhar como mediadores entre o migrante e o mundo do trabalho não familiar no país anfitrião. Como aporte prático destaca-se, ainda, a necessidade de estar mais próximos das

instituições no apoio aos imigrantes involuntários para garantir o acesso ao trabalho local (Nardon et al., 2020).

Embora a temática complemente reflexões sobre migrações no aspecto histórico, social e exige um esforço intercultural, a epistemologia será no âmbito dos estudos da linguagem em um olhar socioconstrucionista. No entanto, esse estudo reconstrói suas experiências por via da narrativa e que essa, por sua vez, incide em questões discursivas tornando-se interessante analisar como uma pessoa que sofreu deslocamento forçado se constrói e reconstrói continuamente sua identidade.

Para entender por via da natureza psicológica do trabalho, foram levantados pontos relevantes, como forças históricas migratórias e globalização, para pensar e como tornar a existência dessas histórias presentes por via de investigações na área da orientação profissional e de carreira. De forma mais específica, é preciso definir que essas vozes também envolvem esse tempo vivido como pré – migração, com a conexão do narrador com suas memórias em seu lugar de origem, bem como os pós – migratório nesse tempo do aqui-agora como uma (re)construção dessas memórias, ou melhor, das suas narrativas a partir do novo lugar.

Por fim, foram encontradas essas cinco publicações nacionais na área da Psicologia abordando questões de carreira envolvendo tanto os migrantes, independentemente do tipo de migração de acordo com a Organização Internacional de Migrações (OIM), como pessoas que foram deslocadas forçadamente, sejam elas com formação profissional ou não. Por meio dessa análise literária científica, principalmente no âmbito nacional, constata-se o espaço que essa pesquisa tem para os aspectos que estão relacionados à carreira dos imigrantes involuntários com formação profissional, especialmente no que tange à trajetória e projeto de vida de trabalho proposta por Ribeiro (2011, 2014).

Por meio dessa análise literária científica, principalmente no âmbito nacional, constata-se o espaço que essa pesquisa tem para os aspectos que estão relacionados à carreira dos imigrantes involuntários com formação profissional, especialmente no que tange à trajetória e projeto de vida de trabalho proposta por Ribeiro (2011, 2014). Diante destas proposições de leitura, a questão básica que norteará o estudo é: como os refugiados com ensino superior estão construindo suas carreiras psicossociais fora de suas áreas de formação profissional?

Finalmente o texto dessa dissertação está dividido em cinco partes: a primeira parte, intitulada como “*Introdução*”, contém a questão central e os objetivos que nortearam o desenvolvimento da pesquisa, assim contextualizando o fenômeno da migração com estudos no âmbito nacional para uma ampliação do contexto de forma geral, principalmente da área da Psicologia.

A 2ª parte, intitulado “*Fundamentação Teórica*”, apresenta os principais conceitos teóricos que orientaram a pesquisa, começando com os primeiros pressupostos sobre carreira numa perspectiva socioconstrucionista. Ainda nesse tópico apresenta-se teorias que fundamentam a compreensão das construções identitárias como um processo em um diálogo intercultural. E, em segundo lugar, uma reflexão da migração contemporânea no Brasil, ressaltando a importância dos fenômenos sociais que são perpetuados no momento, acrescentado por uma revisão de literatura que mapeia as contribuições científicas para a delimitação da questão básica desta pesquisa.

A 3ª parte está intitulada como “*Procedimentos metodológicos*” e descreve o processo de desenvolvimento da pesquisa a partir do trabalho de campo, considerando estratégias possíveis para que a pesquisa pudesse ter andamento ainda nas condições de cuidado devido a pandemia da Covid-19. Nesse caso, o tópico descreve o tipo de pesquisa, os instrumentos, a caracterização

dos seis participantes, as etapas dos dados coletados e, finalmente, os procedimentos éticos para a condução da pesquisa.

A 4ª parte está nomeada como “*Apresentação e discussão dos resultados*”. Apresenta-se por subtópicos de cada história dos migrantes pesquisados para contextualizar o leitor com a representação de uma linha do tempo e a categorias geradas para compreender as narrativas trazidas pelos participantes. Para finalizar esse tópico, apresenta-se a discussão geral das trajetórias coletivas. O último tópico intitulado como “*Considerações finais*” destaca os resultados do processo investigativo desta pesquisa de mestrado, levando em consideração as inferências finais, as limitações da pesquisa e sugestões para novas investigações sobre o tema.

1.1 Objetivo Geral

Esta pesquisa tem o objetivo de compreender como refugiados com ensino superior estão construindo suas carreiras psicossociais fora de suas áreas de formação profissional.

1.2 Objetivo Específicos

- a) Sistematizar, por meio de uma revisão de escopo, a produção científica sobre a carreira e a identidade de trabalho de refugiados/migrantes involuntários no país de acolhimento.
- b) Caracterizar os refugiados participantes da pesquisa no que se refere ao perfil sociodemográfico e processo migratório;
- c) Reconstruir as narrativas dos participantes sobre suas trajetórias de vida de trabalho desde o país de origem, considerando o processo de reinserção laboral e as práticas cotidianas de trabalho após a chegada no país anfitrião
- d) Analisar os projetos de vida e trabalho dos participantes, tendo em vista seus planos de ação de trabalho e seus processos de construção identitária.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conceito de carreira e a carreira numa perspectiva socioconstrucionista

Nesta seção apresenta-se o referencial teórico da pesquisa, composto por temas que foram investigados e servirão de base para a sustentação do estudo, a saber: conceito de carreira, uma revisão de literatura sobre a carreira dos migrantes com processo migratório forçado e, por fim, a proposta da carreira psicossocial como base teórica e as construções identitárias em um diálogo intercultural.

Os desafios nos estudos de carreira contemporâneos exigem abordagens inovadoras para análise e interpretação. Ao longo da história, as noções iniciais de carreira, na sociedade capitalista, aparecem associadas à ideia de um cargo vinculado a uma organização (Bendassoli, 2009). Por outro lado, a palavra “carreira”, de acordo com seu significado registrado em dicionários, quer dizer: “um ofício, uma profissão que apresenta em etapas, uma progressão” (Chanlat, 1996, p. 69). Chanlat (1996) reflete que a sociedade, após a década de 1970, começa a se fragmentar em decorrência dos endividamentos estatais, conseqüentemente, o número dos excluídos da época da prosperidade cresce.

De acordo com Ribeiro (2009, p. 206): “a flexibilização, heterogeneização e complexificação do mundo do trabalho e das empresas ao final do século XX, que ocasionou a ruptura do emprego como modelo hegemônico de inserção no trabalho, a carreira sofreu mudanças em sua estrutura, concepção e desenvolvimento”. Nesse caso, os modelos clássicos das teorias de carreira foram estruturados nessa sociedade pela ideia da normatividade, previsibilidade e estabilidade do modelo taylorista-fordista que se desenvolveu ao longo desse

século como resultado da influência da Administração Científica e da Psicometria (Ribeiro, 2014).

A partir dessa visão, os modelos clássicos têm como o objetivo de o indivíduo ter a realização profissional na combinação das suas características com as profissões, inseridos em organizações e que possuem um trabalho com aspectos básicos de contratos de trabalhos com cargos e funções diferente do que vem ocorrendo ao decorrer do século XXI. Na década de 1970, segundo Luna (2012), alguns fatores como queda das taxas de lucro das corporações e competitividade entre as maiores potências capitalistas passaram a modificar o modelo taylorista-fordista resultando das organizações a flexibilidade no modo de produção industrial. Porém, o mundo do trabalho e social sofreu, sofre e sofrerá modificações.

As transições laborais ocorridas, como esse processo de flexibilização, heterogeneização e complexidade contemporânea, tem gerado impactos em várias dimensões como atividades e práticas, profissões, sentidos, a identidade e, conseqüentemente, a carreira. Com a intensificação das novas tecnologias e os processos de globalização, novos arranjos sociais com perspectivas profissionais imprevisíveis para o trabalhador trouxeram transições complexas precisando assumir flexibilidade ao invés de estabilidade. Por certo, essas modificações destacam um cenário de instabilidade e precariedade, mas que as práticas de intervenção do orientador, por exemplo, ainda estão latentes nos pressupostos da estabilidade na carreira como preconizava o contexto até o final do século XX (Lassance & Sarriera, 2012).

Para manter sua empregabilidade e criar suas próprias oportunidades, é preciso compreender que há diferentes modos de se entender carreiras atualmente (Ribeiro, 2014). Nessa conjuntura, as estruturas contemporâneas de carreiras se alinham a autores e teorias que vêm ganhando força no cenário mundial, como as teorias de narrativas de carreira (Savickas, 2015) e

as de base socioconstrucionista que postulam o foco da análise como ser interacional, nos processos e nas práticas sociais (Ribeiro, 2011; Young & Collin, 2004). Segundo Savickas et al. (2009) o que ocorria no século XX em que os empregos eram o tipo de uma ocupação mais comum, sobretudo em demandas industriais, a agenda o século XXI sugere diferentes modalidades de trabalho e carreira com relevantes mudanças para os pesquisadores da área que visam ajudar as pessoas em suas tomadas de decisões.

Uma definição bastante abrangente de carreira é a sua concepção como experiências de trabalho ao longo da vida de uma pessoa (Greenhaus, Callan & Godshalk, 2010). Nessa direção, a carreira configura-se como organizadora da experiência de si no trabalho e das possibilidades de construção no mundo, gerando, ao mesmo tempo, o reconhecimento social e a compreensão da trajetória de vida (Ribeiro, 2009). A amplitude dessa definição associa-se às transformações contemporâneas do mundo do trabalho, principalmente no sentido de extrapolar a percepção do conceito de carreira vinculada exclusivamente ao meio corporativo.

Estudos realizados por Aryee e Luk (1996) sustentam a ideia de que existe uma forte relação entre a centralidade do trabalho e a carreira. Por ocupar um lugar central na organização das sociedades e nos processos de construção identitária, o trabalho apropriado pelo conceito de carreira estende-se a diferentes dimensões da vida das pessoas. Nesse sentido, a carreira não se limita aos processos formais de emprego e atividades profissionais propriamente ditas. De modo geral, a ideia de centralidade de trabalho tende a aumentar em tempos de dificuldade econômica e também de relativa prosperidade e, conseqüentemente, o aspecto mais relevante é a construção dos significados do trabalho (Kubo et al, 2013). Segundo Morin (2004, p.4): “o conceito de 'significado do trabalho' pode ser definido como o significado que o sujeito atribui ao trabalho, às suas representações do trabalho e à importância que ele tem em sua vida". Para Schweitzer et al

(2016), a centralidade do trabalho é uma perspectiva que se concentra na relação entre construtos e comportamentos relacionados ao trabalho e ao sujeito.

A perspectiva epistemológica que embasará esta pesquisa será o socioconstrucionismo. Para Ribeiro (2014) esse enfoque emergiu como uma proposta interpretativista, como uma alternativa de modelo especificamente para orientação de carreira. Não é focado na pessoa ou no contexto, mas apresenta uma perspectiva ontológica relacional em que “... a realidade não é objetivamente constituída e sim intersubjetivamente construída através das narrativas e práticas sociais geradas nos processos relacionais” (Ribeiro, 2014, p. 93). Ou seja, significados são compartilhados quando as pessoas estão em contato, sendo a realidade formada por narrativas.

Trata-se de um modelo vigente nas áreas da Ciências Humanas e Sociais, sendo Gergen (1997) e McNamee (2012) autores de destaque no contexto internacional, e Spink (2010) no contexto nacional. Em suma, essa perspectiva epistemológica não propõe verdades universais, mas forma conceitos – chaves para a produção do conhecimento que serão apresentados a seguir e auxiliarão na concepção da construção de uma carreira psicossocial. São eles: “(a) ser humano e realidade psicossocial; (b) processos de construção; (c) relação, relacional e psicossocial; (d) posicionamentos, significados e sentidos; (e) discursos, narrativas e práticas; (f) self e identidade” (Ribeiro, 2014, p. 96).

A carreira não deve ser pensada individualmente, pois toda construção de carreira psicossocial necessita do reconhecimento do outro e a legitimação social para existir, nem como uma linearidade organizacional, mas como uma construção relacional. No entanto, a concepção da carreira psicossocial tem como sua estruturação de análise a partir de duas dimensões constitutivas: a primeira dimensão como projeto de vida de trabalho e a segunda dimensão como trajetória de vida de trabalho (Ribeiro, 2011, 2014).

Para Ribeiro (2014), a ideia de carreira tem como bases conceituais projeto e trajetória de vida de trabalho, sendo que o projeto se apresenta como uma proposta através de duas dimensões constitutivas: operativa e instrumental (concepção de planos de ação) e subjetiva e identitária (concepção das construções de identidades). A primeira dimensão como plano de ação seria como uma narrativa antecipadora de um processo de construção relacional dos indivíduos com o mundo do trabalho e a segunda dimensão que transmuta a ideia de identidade como construções identitárias.

A proposta da carreira psicossocial nos auxilia a mergulhar no cotidiano das pessoas e analisar como cada uma delas estão construindo sua vida de trabalho e o que há de comum entre elas, a qual pode ser investigada a partir das resultantes psicossociais dos projetos de vida de trabalho (planos de ação e construções identitárias) e trajetórias de vida de trabalho com as narrativas que cada pessoa produz de sua vida de trabalho. Assim, as narrativas sempre se constroem na relação com os discursos vigentes, que possibilitam investigar como os indivíduos estão construindo suas identidades, suas carreiras e a realidade psicossocial na qual estão inseridos extraindo o sentido que o sujeito dá sua carreira e o significado vigente que legitimam nos grupos que a pertencem (Ribeiro, 2014).

Em síntese, a noção de projeto de vida como projeto de identidade (Dubar, 2006), como sintetizado por Ribeiro (2014), “será sempre um projeto de vida de trabalho” (Ribeiro, 2014, p.36). Ou seja, o projeto de vida de trabalho é uma estratégia que permite “uma apropriação do futuro pela reconstrução do passado através da ação no presente, na concepção clássica de projeto de vida” (Ribeiro, 2014, p. 36). Para compreender a proposta do projeto de vida de trabalho na perspectiva da carreira psicossocial, observa-se que o termo projeto

epistemologicamente vem do latim *projectum* e significa “algo lançado à frente”, sendo oriundo do verbo *projicere*, termo formado por *pro-* (à frente) mais *jacere* (lançar, atirar).

No campo das ciências humanas e sociais, várias perspectivas epistemológicas produzem discussão sobre projeto, mas podemos dizer que o projeto pensado como dimensão constitutiva da carreira será sempre um projeto de vida de trabalho. E por meio da compreensão das dimensões constitutivas, concepção dos planos de ação e construção identitárias, os projetos de vida de trabalho, como narrativas, dos indivíduos são construídos e o que pretende atingir tendo uma relação entre a instrumentação objetiva e subjetiva (Ribeiro, 2011, 2014).

Uma carreira construída em um contexto de mudança constante no mundo do trabalho, a gênese da noção de identidade revela que o trabalho continua sendo visto pela maioria das pessoas “como a base essencial para a construção de identidade, para a integração social e para a realização pessoal” (Lima, 2007, p. 7). A origem etimológica do termo identidade advém dos vocábulos *idem* e *identitas* (significado de idêntico) e *entitas* (significado de entidade), ou seja, a ideia de identidade como conceito mediador entre eu-outro. Em síntese, *self* (subjetiva) e identidade (eu-outro) não seriam separados, nem seriam entidades objetivas, mas como processos que são discursivos e integrados nas relações psicossociais através das narrativas situadas em uma dada dimensão espaço-temporal, sendo concebidas como construções narrativas identitárias (Ribeiro, 2014).

A segunda dimensão como base conceitual em destaque é a compreensão das trajetórias de vida de trabalho (Ribeiro, 2014). A trajetória aqui é narrada a partir de um testemunho de eventualidades que os indivíduos foram construindo em sua história de trabalho (Gaete & Souto, 2012), promovendo a organização desses eventos em coconstrução com o mundo do trabalho (Ribeiro, 2014). Ou seja, o autor destaca que é por meio dessas narrativas que os indivíduos

fazem articulações com o mundo do trabalho das suas eventualidades mais frequentes para organizar o seu espaço-temporal. Contudo, as trajetórias de vida de trabalho, como segundo constituinte da carreira psicossocial, “é a realização dos projetos de vida de trabalho em dado contexto psicossocial relacional” (2014, p. 125). Para o autor, a trajetória de vida de trabalho é constituída de histórias de vida, que por sua vez, assim como os projetos de vida, têm duas dimensões constitutivas: os enredos de vida e temas de vida.

Os enredos de vida permitem a compreensão da linha de ação da trajetória de vida, ou seja, possibilitam explicar a estrutura e a dinâmica da trajetória de vida atribuindo sentidos aos movimentos da mesma. Enquanto os temas de vida auxiliam na compreensão de um padrão de construção de sentidos nas ações na relação com o mundo, identificando os eixos comuns deste processo (Ribeiro, 2014, p. 125).

A caracterização das trajetórias exige que os indivíduos estudados tenham um período de permanência no campo de trabalho e permite a reconstrução das rotas ou caminhos que compõem o seu desenvolvimento e atividade profissional, bem como analisar os aspectos profissionais, sociais e acadêmicos. Bourdieu (1996) conceitua que as trajetórias são compreendidas como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente – ou mesmo grupo -, em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (1996, p. 81). Nesse caso, o autor explica que para obter uma análise de trajetórias é fundamental delimitar os indivíduos a partir do seu campo social determinado para que eles venham elaborar um projeto de vida e realizar os planos de ação. Por isso, é importante buscar a lógica das possibilidades e probabilidades das biografias individuais e as construções discursivas desse dado contexto possibilitando ou não uma legitimação desses planos de ação construídos.

Acrescenta ainda Bendassoli (2009) que as narrativas, para tornar em episódios e enredos articulados, processam os eventos como uma forma de ajudar a nós mesmos para saber como fazemos as coisas, o porquê e, também, saber como nossas identidades vão se construindo ao longo desses eventos. E é nessa perspectiva que a identidade é entendida como construções identitárias e compreende como os trabalhadores analisam suas carreiras, como se veem e como conhecem seus projetos.

Em suma, tanto o projeto como a trajetória são sucedidos em um determinado espaço e tempo que o indivíduo constrói a carreira. O projeto é compreendido como uma estratégia que vai se articulando com a trajetória para uma operacionalização desse projeto construído juntamente com outras esferas objetivas do mundo do trabalho. Contudo, a trajetória vai sendo permeada por diferentes experiências de trabalho vividas pelo indivíduo, assim possibilitando uma organização desse espaço-temporal com sentidos e significados únicos.

E o sentido que é dado por cada pessoa será a forma de como ela organiza essas experiências obtidas na sua trajetória desde a origem social do indivíduo até o momento atual em que sua vida se perpassa. No contexto da migração, alguns, após o reassentamento, tendem a ter dificuldades de (re)construir um projeto e a realização do mesmo pelas barreiras contextuais encontradas; a carreira, numa perspectiva socioconstrucionista, apresenta-se como um processo *contínuo*, que é a construção de um projeto e a realização dele tendo em vista o *habitus* primário como uma forte marca do contexto social na identidade do indivíduo.

Ao refletir sobre o público estudado nesta pesquisa, pressupõe-se que suas narrativas são dirigidas e construídas a partir de suas relações com mundo do trabalho, por assumir como fundamento uma teoria baseada na noção psicossocial, via trajetórias, identidades e projetos de vida de trabalho (Ribeiro, 2014).

2.1.2 Construções identitárias e um diálogo intercultural

Antes de apresentar os fins desta pesquisa sobre o conceito de identidade, ressalta-se que a migração do tipo involuntária será explanada anteriormente para explicar e compreender as experiências desse público em relação ao país de acolhimento. Entre algumas abordagens para esse diálogo intercultural destacam-se os autores apresentados e discutidos a seguir.

Para estabelecer esse diálogo em uma relação intercultural, a partir da Psicologia Intercultural, Berry (2003; 2004) apresenta dois conceitos de nível psicológico nas relações interculturais como parte da construção da identidade dos migrantes ao chegar no novo contexto. O primeiro é a categoria de aculturação que envolve dois ou mais grupos que experimentam essa relação entre os nativos (grupos dominantes) e migrantes (grupos não dominantes); a segunda categoria é a relação étnica que usa conceitos como discriminação, preconceito, estereótipo e atitudes que podem ser mais estudados com os grupos dominantes. O autor reconhece que em ambos os grupos, ao estabelecer o contato, ocorre necessariamente uma permutação que envolve outras em multiplicidades interculturais que estariam divididas separação, integração, assimilação e marginalização, no qual a identidade cultural é o enfoque compreensivo para a compreensão dessas estratégias e a integração na cultura receptora. É uma estratégia de aculturação para ambas as comunidades (dominantes e não dominantes).

O conceito de identidade ganhou força como uma questão de interesse nos estudos das ciências sociais no século XXI. Nas palavras do Bauman (2005), essa questão “não estava nem perto do centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica. Atualmente, no entanto, a ‘identidade’ é o ‘papo do momento’, um assunto de extrema importância e em evidência” (p. 23). Nesse processo, ao analisar as noções dessas facetas identitárias, Coutinho, Krawulski e Soares (2007) declaram que a constituição das identidades se

torna um processo bem mais complexo do que nas sociedades modernas. Baseadas em argumentos dos teóricos do campo dos Estudos Culturais, as autoras explicam que a transformação social que vem ocorrendo desde final do século XX tem favorecido “... a fragmentação dos sujeitos, das paisagens culturais de classe, sexualidade, nacionalidade etc., que, no passado, nos forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais” (Coutinho, Krawulski & Soares, 2007, p. 31).

Sabe-se que a questão da identidade é polissêmica, pois emerge em praticamente todas as situações do cotidiano, pertencendo à condição humana. Para Coutinho (2009) os processos identitários podem ser compreendidos a partir dos conceitos de identidades pessoais e coletivas. A identidade pessoal refere-se “... ao sentido de si mesmo que se constrói, reflexiva e narrativamente, e que orienta para as ações significativas de cada indivíduo...” (Stecher, Godoy & Díaz, 2005, p. 89). Como a identidade pessoal é algo indissociável da identidade coletiva, para Stecher, Godoy & Díaz (2005, p. 89) “...as identidades pessoais supõem sempre as identidades coletivas, isto é, os indivíduos sempre definem o que são como decorrência do reconhecimento de seu pertencimento a certos coletivos ou categorias sociais com as quais identifica...”.

Se pensarmos no mundo da instabilidade, plurais e com flexibilidade das relações trabalhistas na contemporaneidade, de uma sociedade de risco (Beck, 2013) ou na modernidade líquida (Bauman, 2001), então é possível pensar que as identidades são voláteis em um contexto de transição com rápidas mudanças e de instabilidade. Como afirma Hall (2019), a identidade, como referência somente às identidades étnicas na sociedade moderna, está sendo deslocada ou fragmentada, fazendo surgir novas identidades em diferentes momentos da globalização. Consequentemente, em todas as partes, estão surgindo identidades culturais ou identidade nacional frente à diversidade para compreensão da homogeneização global das identidades, ou

seja, a compreensão das subjetividades das minorias devido a desigualdade distribuída ao redor do globo, entre as regiões e dentro dessas regiões.

Nesse panorama da polissemia de trabalhar com o conceito identidade é importante mencionar autores que foram as principais referências de compreensão para essa pesquisa. Para iniciar será apresentada a abordagem psicossocial da identidade a partir das contribuições de Ciampa (1987, 2002), considerado um dos autores precursores da Psicologia Social no contexto brasileiro.

Em termos gerais esses referenciais, partindo da ideia da ontologia socioconstrucionista de que toda realidade, fenômeno ou pessoa é uma construção (Gergen, 1997), contribui a compreensão da “identidade” como análise a partir da psicologia como um processo de construção, seja social e pessoal, a forma em compreender como os indivíduos explicam a sua trajetória narrada e como a construção de identidade é vivida.

O fenômeno migratório é caracterizado, também, como um trânsito ou movimento é harmonioso para compreender que a identidade aqui não é estagnada e que por via das experiências vividas a mesma é entendida desde o deslocamento físico até as mudanças das dimensões subjetivas. Dantas et al (2010) afirma que a expansão do *self*, como processo e relação, ocorre de uma maneira que contamos e recontamos a nossa própria individualidade ao relacionar com as práticas sociais e como a descrevemos. Ou seja, os autores afirmam que o *self* não é simplesmente um acervo de experiência, mas é uma expressão que por meio da linguagem e da narração amplia as nossas possibilidades de Ser em encontro com outra cultura.

A concepção das construções identitárias se estende por três bases, são elas: dimensão subjetiva no qual estar compreendida como identidade pessoal e a nível psicológico estaria o *self*; a dimensão social que são definidas pelos papéis sociais validados; e por último a dimensão

intermediária que seria o ponto principal para a relação das dimensões anteriores (subjetiva e social) e que é denominada como psicossocial. Essa última base com um grau de importância para as construções identitárias postuladas por Dubar (1998) e Ribeiro (2012).

Para a proposta psicossocial de Ribeiro (2014), as construções identitárias, entendidas pelo autor como um conceito mediador e multifacetado, “... se produzem através da relação com as mais variadas dimensões das relações sociais, como a nação, a etnia, a raça, o gênero, a religião, e de forma mais central, o trabalho também tem suas dimensões” (p. 118). Por uma sistematização de autores para ter um conceito mais abrangente da noção das construções identitárias que são produzidas no mundo do trabalho por vias de suas atividades, Ribeiro (2014) inclui que essas dimensões são referidas como as identidades vocacionais, profissionais, ocupacionais, organizacionais e de carreira ou, apenas, identidade de trabalho. Em síntese, “a ideia de vocação seria a base psicossocial mais relacionada ao ser; a profissão e a ocupação, ao fazer; a organização, ao espaço de trabalho; e a carreira, à trajetória de trabalho” (p. 119).

As construções identitárias de trabalho composta por Ribeiro (2014), como dimensões, são de importância para a compreensão da construção do projeto de vida de trabalho e são caracterizadas a partir da relação com o mundo do trabalho e como vem se construindo ao longo da vida. A primeira dimensão é a identidade vocacional como uma representação da construção de si para expressar suas próprias características subjetivas, por via das narrativas, nas relações psicossociais de trabalho. Adicionalmente, a segunda dimensão é a identidade profissional e ocupacional, sendo que a profissional é pelo viés dos discursos sociais como uma identidade coletiva, como atores sociais qualificados em defesa de si próprio em dado contexto. Por outro lado, a identidade ocupacional é qualquer ocupação de trabalho independente da qualificação do sujeito. Portanto, essas duas identidades resultam via discursos sociais que expressam

características objetivas sociais que servem de base para compreensão da construção identitária de trabalho (Ribeiro, 2014). Por fim, as duas últimas dimensões que são a identidade organizacional e de carreira. A identidade organizacional é compreendida com as produções discursivas em dado espaço psicossocial de trabalho determinado pelo vínculo do trabalhador com as relações sociolaborais; e a identidade de carreira como essa articulação de toda trajetória, o caminho, com a identidade pensando “como processos contínuos de mudança e permanência” (Ribeiro, 2014, p. 122)

Como complementação na dimensão da identidade de carreira, numa visão socioconstrucionista, LaPoite (2010) foca a ideia das narrativas sociais e discursos que possibilitam situar as carreiras dos indivíduos por via das identidades que são refletidas e construídas fazendo uma ponte com as trajetórias individuais, em determinados contextos históricos, socioculturais e locais. Desse modo, o entendimento desses contextos por via das narrativas discute as escolhas metodológicas em pesquisas para a compreensão, principalmente, dos estudos das carreiras contemporâneas.

Como se pode notar, as reflexões em torno do construto identidade justificam essa polissemia citada por alguns estudiosos. Mas, o que concerne às construções identitárias previstas pela carreira psicossocial, sobretudo, é a ideia da identidade de trabalho. Do ponto de vista de Secco (2019), ao realizar uma sistematização de autores sobre essa polissemia, a identidade de trabalho/profissional “significa um conceito amplo, pois expressa a forma como as pessoas se constituem por meio do trabalho e concomitantemente constroem seu espaço e no mundo do trabalho” (p. 67).

Para a autora, a identidade de trabalho/profissional corresponde na interlocução do sujeito com o outro em um movimento, seja a continuidade ou pela ruptura, em um jogo de interações

sociais seja na organização seja no trabalho, pelas características biográficas e todo o seu percurso. Contrariamente à ideia de nomenclatura de identidade de trabalho/profissional pela autora, cabe compreender que as construções identitárias (vocacional, ocupacional, profissional, organizacional e de carreira) do ponto de vista do Ribeiro (2014) constituem a ideia de identidade de trabalho.

Ao dar continuidade à pesquisa sobre os processos identitários, um estudo desenvolvido (Ribeiro & Uvaldo, 2011) analisou 4 categorias associadas a esse processo de construção identitária. E ao focar a carreira psicossocial como o processo, Ribeiro (2014) expõe essas construções identitárias como quatro possibilidades, são elas: nostalgia, fechamento, instrumentalidade e possibilidade, conforme descritas na figura 1. Mas, a partir de cinco pensadores: Alain Touraine, Claude Dubar, Manuel Castells, Robert Castel e Stuart Hall.

Figura 1 –

Produções discursivas das construções das carreiras psicossociais

<i>Quatro Grandes Produções Discursivas Resultantes das Construções das Carreiras</i>				
Produções discursivas	Bases psicossociais de apoio	Projetos de trabalho	Trajatórias de trabalho	Localização no <i>continuum</i> psicossocial
Nostalgia	Organizações de trabalho (empresas e instituições) e sistema de empregos	Projetos e identidades organizacionais	Carreiras organizacionais	Foco no extremo tradicional
Fechamento	Profissões, ocupações, grupos profissionais, associações de classe e sindicatos	Projetos e identidades profissionais e/ou ocupacionais	Carreiras profissionais	Foco no extremo tradicional
Possibilidade	Redes sociais	Projetos e identidades de rede	Carreiras flexíveis	Foco no extremo flexível
Instrumentalidade	Sem base	Projetos dispersos e descontínuos e anti-identidade	Não-carreira (<i>careerless</i>)	Fora do <i>continuum</i> psicossocial

Fonte: Ribeiro (2013)

A partir da Figura 1, Ribeiro e Uvaldo (2011) revelam a crise de uma identidade no trabalho relacionada à flexibilidade e rupturas no trabalho contemporâneo. Esse estudo (Ribeiro

& Uvaldo, 2011) coloca em análise quatro produções discursivas em um grupo de trabalhadores da cidade de São Paulo em que buscam por estabilidade (nostalgia) e valorização da flexibilidade (possibilidade). Em síntese, de acordo com a categorização postulada, os autores destacam que a contemporaneidade estruturaria dois caminhos: o caminho de um projeto de adaptação mais definido e estável (categoria de fechamento e nostalgia) ou a ação de construção relacional entre pessoa e mundo do trabalho (categoria de possibilidade e instrumentalidade).

Essa pesquisa (Ribeiro & Uvaldo, 2011) constatou que o discurso da instrumentalidade é ligado a uma carreira transicional ou não-carreira, com projetos dispersos e anti identidade. A ideia dessa produção discursiva costuma ocorrer em contexto com trabalhos precarizados, nos quais há pouco reconhecimento, cooperação e autonomia (Ribeiro, 2014; 2015). Outros achados importantes do autor Ribeiro (2012, 2014) se referem ao discurso possibilidade, em que as pessoas vão realizar escolhas de projetos mais flexíveis e com liberdade na construção de uma identidade de rede. Por ser um discurso baseado nas redes sociais (Ribeiro, 2014), compreende-se a identidade de rede como trabalhadores independentes conectando a si mesmos com organizações, pessoas e ideias, e sempre em movimento para garantir essa liberdade (Fenwick, 2007). Sendo essa identidade um ato de conexão e mobilização de outros atores sociais.

Na América Latina, um estudo (Soto, 2011) segue os argumentos dos autores citados (Ribeiro & Uvaldo, 2011), e analisou 9 narrativas dos trabalhadores chilenos para inferir que uma profunda mudança nos eixos de construção identitária que os profissionais desenvolvem no trabalho é caracterizada pela individualização de suas carreiras, a aceitação da mobilidade permanente e das estratégias e ações que esta exige.

Em um patamar similar, outro estudo chileno (Sisto & Fardella, 2008) aborda as histórias identitárias como formas de ação e devemos considerá-las como formas nos posicionamos como

atores sociais. Nesse estudo qualitativo 32 entrevistas, em profundidade, foram analisadas por meio da análise de discurso. A figura do empreendedor freelancer, autor de sua própria trajetória, forma o eixo sobre o qual se constrói a narrativa, coincidindo com algumas pesquisas sociológicas.

Nessa direção, no que se refere aos processos de construção identitária na contemporaneidade, Stuart Hall (2019) identifica uma multiplicidade de identidades possíveis que estão continuamente sujeitas a mudanças. O autor discute um sistema teórico híbrido que possui uma ênfase no deslocamento, na ruptura, na fragmentação, considerando o impacto da globalização na contemporaneidade. Apresenta, ainda, em sua obra, outros conceitos importantes, como fundamentalismo, diáspora e hibridismo, por meio das contradições “tradição” e “tradução”⁵ (Hall, 2019). Como ponto importante observa-se o sujeito sociocultural pós-moderno (Ribeiro, 2014; Hall, 2019) associado à ideia do hibridismo.

O estudo (Mackenzie-Davey & Jones, 2018) com refugiados, ao abordar o enfrentamento das barreiras para o reconhecimento do seu status profissional anterior, acrescentam sobre lutas e tensões na identidade profissional diante das barreiras externas e a entrada num novo mercado de trabalho, levando a uma "crise de identidade". Do mesmo modo, o estudo de Luimpöck (2019) sobre refugiados na Áustria, destaca que a posição de "sujeito refugiado" se torna central para reconstrução da identidade e para a narrativa de redirecionamento de suas carreiras. Os dados desse estudo apontam que mesmo com a exclusão no mercado de trabalho, o emprego não pode ser utilizado como forma da reestruturação identitária e uma forma possível de reorganização biográfica. Assim, a alteração dos valores dos indivíduos, após anos de desemprego, torna visível a dinâmica da vida profissional no ponto de vista subjetivo.

⁵ A ideia de tradição é “recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas” (Hall, 2019, p.51). Enquanto a tradução refere-se às nações que aceitam que “as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença” (Hall, 2019, p.51).

Já o estudo de Coley (2019) compreendeu como ocorrem as formações identitárias de oito empreendedores sociais da Argentina, Brasil, Chile e Colômbia. Os resultados reafirmam a ideia de que o percurso identitário se expressa entre o processo autobiográfico em uma dimensão psicológica autodirigida e um processo relacional que gera significados a partir de transações entre a identidade atribuída pelo outro e a identidade assumida como empreendedor social.

Hall (2019) destaca que no contexto cultural atual, como sujeitos pós-modernos, as identidades culturais estão em movimento em três aspectos: primeiro, a desintegração das identidades nacionais; segundo, o fortalecimento das identidades nacionais, como tendência e resistência à globalização; terceiro, o declínio das identidades nacionais, fazendo surgir “novas identidades – híbridas” (Tabet, Souza & Baeta, 2016).

Esses estudos apresentados anteriormente sobre a construção da identidade de trabalho revelaram como as pessoas dessa sociedade contemporânea narram suas vidas e se posicionam no mundo por meio de práticas sociais veículos de construção identitária que respondem às demandas do mercado de trabalho. Em outras palavras, compreende-se que as construções identitárias passam a ser voláteis, ou seja, não tendem a ser inertes.

Entretanto é possível se dizer que os resultados desses estudos (Mackenzie-Davey & Jones, 2018; Luimpöck, 2019; Coley, 2019) dialogam com a proposta que retrata sobre “novas identidades – híbridas” (Tabet, Souza & Baeta, 2016). Assim, evidencia-se a existência de possíveis carreiras híbridas, compostas por dois ou três padrões narrativos das experiências contemporâneas no mundo do trabalho (Ribeiro, 2014; Greve, 2019).

2.2 O Brasil como país de migração contemporâneo e os migrantes forçados

Migrar é um ato desafiante, mas há significativas diferenças quanto aos motivos ou determinantes das migrações. Migram pessoas que têm um planejamento e apoio para ter acesso

a condições dignas de vida; por outro lado, há indivíduos que precisam deixar as suas casas e países por razões trágicas, tais como conflito, perseguição política e catástrofe. Dessa forma, a migração é algo inerente à constituição da humanidade tal como se conhece hoje, pois é preciso compreender como esse período das migrações contemporâneas também é marcado por essas narrativas societárias. São inúmeras as razões que podem levar pessoas a migrarem internacionalmente e internamente, razões relacionadas ao trabalho, à família e aos estudos, por exemplo. Nesse tópico apresentaremos alguns dados sobre a migração internacional e conceitos do campo migratório, além de apresentar como alguns estudos nacionais fazem a leitura dessa questão por via do trabalho.

De forma geral, a migração internacional caracteriza-se “como movimentos de pessoas que deixam os seus países de origem ou de residência habitual para se fixarem, permanente ou temporariamente, noutro país” (Organização Internacional de Migrações [OIM], 2015, p. 42). Compreende-se que a nomenclatura “migração” se refere ao fenômeno que causa a mudança geográfica de pessoas, tanto dentro do próprio país de origem quanto para outros. O contexto migratório engloba a mobilidade de imigrantes legais, indocumentados e, até mesmo, refugiados (Barreto, Coutinho & Ribeiro, 2009).

Para além das questões normativas jurídicas e, também, filosóficas sobre quem deve ou não ser protegido pelo Estado, como também apontado por Campos (2018), conceituar o termo migração é uma tarefa complexa. Mas, a autora discute “... que o momento histórico atual, em que vigora a busca por objetividade e racionalidade típica das formas de ver o mundo, cria agenciamentos específicos, formados por uma articulação entre órgãos governamentais, universidades e centros de pesquisa na sustentação do conceito de migrante” (Campos, 2018, p. 66). De acordo com o Glossário sobre Migração, publicado pela OIM (2015), ser migrante

aplica-se às pessoas que estão distantes do seu local natural com seu status legal (seja migração forçada ou não) em que a decisão de migrar é livremente tomada a fim de melhorar as condições dos aspectos da vida.

Um relatório atual do ACNUR destacou que quase 50,9 milhões foram forçadas a fugir de suas casas no mundo inteiro do que 48,6 milhões reportadas no final de 2020. Entre eles, o número de pessoas solicitantes na condição de refugiado cresceu para 4,4 milhões, em comparação com os 4,1 milhões no final de 2020 que fugiram de conflitos. Essas pessoas destacam que são de origem da: República Centro-Africana, Sul Sudão, Síria, Afeganistão e Nigéria. No mesmo período, havia 92.100 novos venezuelanos deslocados na América Latina e no Caribe (UNHCR, 2021a).

As Américas possuem diversos fluxos migratórios internos. Esse movimento é contrário ao do Brasil que apresenta um fluxo migratório para países centrais, como Estados Unidos da América (EUA) e países da União Europeia (UE), como imigração laboral e intelectual (Eberhardt & Miranda, 2017). Evidencia-se que o Brasil teve um crescimento acelerado na última década de solicitantes de refúgio que compõem uma parcela muito reduzida da população brasileira. Mesmo que os resultados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), na 6ª edição do relatório “Refúgio em Números”, sejam no viés do censo, observa-se que ao final de 2020 havia 57.099 pessoas refugiadas reconhecidas pelo Brasil (Silva et al., 2021). A apresentação desses números é só para oferecer uma visão panorâmica da realidade migratória, mas para essa pesquisa não se guia em fatos estatísticos.

A ideia do contorno para essa questão, primeiramente, está relacionada com o modo de vida que a humanidade vem construindo ao longo do tempo e as rápidas mudanças com o processo da globalização ao longo do século XXI. Vivemos uma ampliação do espaço propiciado

com novas formas de integração via tecnologias e a forma como compreendemos o espaço e o tempo (Cohen, 2014). O autor argumenta que as localidades sólidas nas sociedades pré-modernas, o termo espaço é compreendido como concretas porque para a maioria das pessoas era seguro estar em um local fixo e que as memórias, as passagens das estações do ano e a produtividade agrícola era compreendido como tempo. Diferentemente do que vivemos hoje com a inversão dessa noção de espaço-tempo, em que a ampliação desse espaço é influenciada pela desigualdade desenfreada e gestada no modo de produção capitalista. E os processos migratórios nos sentidos de locomover-se também traz suas consequências na dimensão temporal a partir dos seguintes elementos: migrar para uma cidade, a busca por um trabalho decente e sobreviver diante dos elementos desiguais (Cohen, 2014)

Apesar dessa polissemia, o conceito de migrante (OIM, 2019) desdobra-se em outras concepções que tentam contemplar o movimento migratório e diferenciar as características e processos. Uma dessas concepções ou classificações refere-se ao refugiado ou imigrante involuntário ou forçado. Para alguns autores, como Butler (2015), às normativas jurídicas têm como finalidade de enquadrar a estrutura e segregação dos sujeitos que possuem vida e os demais cuja vida não importa. A autora ainda argumenta que essas condições normativas de produção do sujeito geram uma ontologia historicamente contingente, o que significa que a nossa capacidade de identificar o "ser" do sujeito depende de normas que facilitem esse reconhecimento.

Ao questionar esse enquadramento no contorno migratório, cabe realçar que a autora ainda questiona a ideia de pessoa como individualidade e que a condição de ser reconhecido “determinará o escopo e o significado da condição de ser reconhecido” (Butler, 2015, p.18). A presença de um migrante ou percebida como um estrangeiro em uma sociedade ainda é

desconhecida no quesito de hostilidade e que pode se tornar definitiva. Teixeira et al (2021) na sua pesquisa com refugiados de diferentes nacionalidades, com dificuldade da obtenção dos documentos na cidade do Rio de Janeiro, abordada a identidade no sentido de ter esse reconhecimento de refugiado no país anfitrião e devido à demora ou não adquirir esse lugar há um reforço da situação como um ser marginalizado. Conseqüentemente, a discriminação por serem refugiados, muitas vezes por ser negro e por ser mulher, foram identificadas como hostilidade.

De acordo com o Estatuto do Refugiado de 1951 (UNHCR, 2011), utiliza-se o termo refugiado como toda pessoa que é perseguido por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas se encontra fora do seu país de sua nacionalidade e que não tem a segurança do seu país em consequência de acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951. Essa convenção no Brasil só teve ordenamento a partir de 1997 e, hoje, de acordo com os números mais atuais do CONARE, existem 43 mil refugiados no Brasil, dos quais, 88% são venezuelanos seguidos por nacionais do Haiti, Cuba, China, Bangladesh, Angola e Síria (Squeff, 2021).

Retomando os tipos de migrações, seja involuntária ou forçada ou aquela que é planejada, a imigração involuntária ou forçada é um movimento migratório que consiste na pessoa sair de seu país de origem por conta dos riscos que são impostas no seu modo de viver para abrigar-se de forma segura em outro local sob coacção (OIM, 2015). “Ou seja, a imigração involuntária consiste em forças que levam o sujeito a se lançar à experiência migratória como estratégia de sobrevivência” (Machado, Barros & Martins-Borges, 2019, p. 82).

Segundo Martins-Borges (2013) a imigração involuntária implica as perdas, que são acompanhadas da nostalgia, carregando ao mesmo tempo uma renúncia da sua existência da terra

natal, assim não conseguindo se projetar no país de acolhida. Ainda de acordo com a autora, “esse país, muitas vezes descoberto nos dias que antecedem sua migração, quando informado das possibilidades de refúgio, não pode ser desejado, imaginado; o refugiado não tem a oportunidade de se ver, em um futuro próximo ou distante, nesse novo país” (Martins-Borges, 2013, p.154). Nesse caso, ao chegar no país de acolhimento essa experiência, também, é marcada pela falta de orientação informacional para que a execução das suas próprias estratégias de sobrevivência venha a ser concretizada. Em suma, Jibrin (2017) pontua que os aspectos que são relevantes para compreender a implicação dessa experiência são por duas questões: à impossibilidade de retomar ao país de origem e à ausência de um projeto de vida.

Destacam-se investigações da questão migratória com enfoque nos impactos psicossociais de diferentes tipos de deslocamentos (refúgio, deslocamentos ambientais, deslocamentos humanitários, tráfico de pessoas etc.), sempre com ênfase no aspecto protetivo de garantia de direitos humanos. Estudos realizados a partir de uma clínica do trauma (Rosa, 2012) revelam esse olhar panorâmico social na história de vida e no cotidiano de migrantes. A clínica etnopsiquiátrica, por exemplo, é uma das abordagens de cuidado e intervenção do sofrimento psíquico que vem sendo recorrente nesse tipo prática clínica com imigrantes no sul do país (Nascimento, 2021; Lodetti, 2018; Jibrin, 2017). Esses tipos de práticas no campo da Psicologia possuem suas características em que buscam situar o imigrante como centro de análises, intervenções e principalmente por uma escuta clínica intercultural.

Embora essas práticas sejam compreendidas por outras perspectivas teóricas e metodológicas, o psicólogo independente do seu campo de atuação, destaca-se para uma prática sensível na acolhida ao sujeito em relação com o mundo. Ainda nesse sentido, convém lembrar que, como profissionais da área da Psicologia, também estamos inseridos em um modelo cultural

que estrutura as nossas atividades cotidianas, os nossos valores, o nosso sentido e significados de vida, nossas trajetórias e isso de alguma maneira tem impactos na nossa prática.

Dantas et al (2021) destaca o quanto o acolhimento psicológico intercultural durante a pandemia colocou-se no universo do outro e em uma experiência mais horizontalizada e humanizada para atravessar por lutos reais e simbólicos. Os autores ressaltam que o acolhimento intercultural é: “como lugar de controle, observação e cuidado, bem como a possibilidade de resignação das narrativas impostas, no sentido de fortalecimento e encontro consigo mesmo” (Dantas, 2021, p. 127.), assim possibilitando refletir a integralidade do sujeito em si, dos outros e do caminho que venha ainda a construir.

Nessa direção, “os profissionais da área da carreira identifiquem como as preocupações de carreira de clientes de origens culturais não dominantes estejam ligadas a questões de justiça social” (Arthur et al, 2012, p. 151) e não apenas questões de bem-estar, mas também incorpora apoio prático sobre estas questões. Estudos (Macías Gómez, 2013; Vough et al., 2015; Smith, 2010) sugerem que as transições de papéis de trabalho supõem a reconstrução das histórias de vida e das identidades dos recém-chegados, pois o foco dessas investigações foi o histórico de trabalho dos refugiados antes da migração até os eventos que os levaram ao seu trabalho atual.

A partir da fundamentação teórica, esta pesquisa tentará detalhar as trajetórias de vida, destacando as experiências de trabalho, e processos narrativos importantes relacionados às construções identitárias de trabalho (Ribeiro, 2014) dos sujeitos envolvidos. Assim, o processo de análise das narrativas seguiu os rumos propostos por Schütze (1983), de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2015), como destacado no capítulo a seguir todo o procedimento metodológico.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Classificação

Esta pesquisa está caracterizada como uma pesquisa do tipo exploratória, qualitativa narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2015), sendo o recorte transversal e com o delineamento do tipo estudo de casos múltiplos (Yin, 2015). A opção pela abordagem de uma pesquisa qualitativa se deu porque é um trabalho que não buscará encontrar algum padrão estatisticamente observável, como uma frequência de respostas ou a prevalência de alguns temas por parte dos participantes que reflitam a população geral.

O que se pretende é analisar as possibilidades em torno do fenômeno estudado, a saber, a carreira psicossocial dos participantes, possibilitando subsídios para ajudar a construir conceitos teóricos, e a descrição das características de determinada população ou fenômeno. Conforme apresentado, já existem estudos internacionais realizados acerca da temática da imigração involuntária e carreira, contudo, no contexto nacional, não foram encontradas pesquisas que compreendessem os mesmos objetivos deste estudo. Sendo, portanto, uma pesquisa qualitativa exploratória descritiva (Gil, 2008; Cajueiro, 2013).

Para atender ao primeiro objetivo específico da pesquisa foi realizada uma revisão de escopo sobre a carreira de refugiados/migrantes involuntários no país de acolhimento. Optou-se em realizar uma revisão de escopo, pois essa modalidade de revisão é caracterizada por ampliar e alcançar o conhecimento científico sobre um determinado tema. Ao contrário das revisões sistemática e integrativa, a revisão de escopo foi escolhida por permitir uma visão ampla e permitir desenhos metodológicos diferentes para um processo de mapeamento de informações como um ponto de partida para novas investigações específicas de um determinado tema (Peterson et al, 2017). Nesse tipo de revisão os revisores têm um papel de identificar os tipos de

evidências empíricas disponíveis e disseminar esses dados, identificando as lacunas para esclarecer os principais conceitos de interesse para a proposta de pesquisa.

Para a realização dessa revisão empírica ressalta-se que os termos refugiados e imigrantes involuntários ou forçados foram tratados como sinônimos e se referem aos imigrantes internacionais que chegam em determinado lugar a partir do deslocamento forçado de pessoas em massa. Arksey e O'Malley (2005) propõem seis etapas como estrutura metodológica para realização desse tipo de revisão de literatura, são elas: 1) identificar a pergunta de revisão; 2) identificar os estudos relevantes; 3) selecionar esses estudos; 4) mapear os dados desses estudos; 5) coletar as informações, resumo e sintetizar esses dados qualitativos; 6) por último, como algo opcional, a consulta. Em outras palavras, outros pesquisadores podem incluir estudos sobre esse tema e devem ser considerados, além dos estudos incluídos na revisão.

Thomas et al (2019) pontuam que a orientação epistemológica do pesquisador molda a forma como esse tipo de revisão de literatura irá ser manuscrita. Observa-se que os referenciais aqui mencionados abordam que a revisão de escopo com uma raiz epistemológica mais subjetiva é sustentada na abordagem do Instituto Joanna Briggs – JBI (Peters et al., 2015). A abordagem do JBI sugere uma melhor definição do título e de uma pergunta de pesquisa para esse tipo de revisão de literatura, a partir do acrônimo “PCC”, que significa P- população, C - conceito e C – Contexto. (Peters et. al., 2015). Para essa pesquisa entende-se como população: profissionais refugiados; conceito: identidade; contexto: campo da carreira.

Dessa forma, a questão-problema para a mencionada revisão configurou-se da seguinte forma: o que se tem produzido na literatura científica sobre a carreira de refugiados/imigrantes involuntários no país de acolhimento? O que tais estudos apresentam especificamente sobre a identidade de trabalho do profissional refugiado?

Para o alcance dos demais objetivos específicos, o estudo de casos múltiplos foi utilizado como delineamento. Como não foram utilizadas medidas numéricas e sim as narrativas⁶ dos próprios trabalhadores migrantes nessa condição esse estudo é do tipo transversal, pois possibilita um corte específico já que os dados foram coletados em um momento específico da vida dos participantes. Sendo um problema pouco explorado, o estudo de caso apresenta-se como uma das formas de pesquisa em ciências sociais de, empiricamente, mergulhar em profundidade (Yin, 2015) para conhecer determinada realidade psicossocial.

O estudo de caso obtém uma visão pragmática para apresentar uma perspectiva global do problema pouco estudado e proporciona a vivência de uma realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um problema extraído da vida real, tendo como foco de análise um sujeito ou uma situação em particular (Godoy, 1995).

Para conhecer mais sobre os casos de refugiados e entender suas complexidades, escrevemos descrições de cada caso que serão múltiplos. Esse tipo de proposta ganhou muitos adeptos ao longo dos anos permitindo comparações e um aumento significativo na qualidade da análise (Yin, 2015). Por ser uma pesquisa com temática contemporânea, esse tipo de análise foi escolhido por ser visto como uma ferramenta útil para a compreensão de fenômenos sociais complexos. E serão múltiplos, ainda de acordo com o autor, porque essa estratégia produz e facilita a percepção de determinados fenômenos, experiências, estruturas, relações com outros etc. em diferentes situações (Yin, 2015).

Nesta pesquisa buscou-se manter coerência entre os objetivos e a abordagem teórica escolhida. A justificativa para utilização desse aporte metodológico é que devido a concepção da carreira psicossocial será possível explorar, compreender e interpretar detalhadamente as

⁶O termo “narrativas” é empregado de acordo com uma perspectiva de que os pesquisadores narrativos devem explorar o pensar narrativamente a partir da experiência como pessoal e social (Clandinin & Connelly, 2015).

narrativas dos refugiados pesquisados e possibilitar o diálogo entre o pesquisador e participante da pesquisa. Optou-se, dessa maneira, por um instrumento que permita o aprofundamento dos casos individuais com possibilidade de discutir os temas emergentes dessas entrevistas de modo interligado, conforme sugere Yin (2015).

3.2 Características do campo de pesquisa

Com a presente situação do contexto pandêmico e tendo em vista como um grupo de difícil acesso, destaca-se a colaboração das organizações não governamentais (ONG 's) como alternativas de espaços públicos para atender, também, reais problemas sociais cotidianos. Contudo, a pesquisa de campo foi realizada numa ONG para contatar os possíveis potenciais participantes como forma de convite dessa pesquisa.

A instituição localiza-se na cidade de São Paulo, conforme a autorização solicitada e assinada, e executa projetos com foco na inserção de migrantes e refugiados no mercado de trabalho sendo que boa parte, no que confere nos dados institucionais, possui qualificação profissional e participam dos projetos para ter uma inserção laboral com condições de trabalho digno.

Antes dos primeiros casos da Covid-19, em 2019, a pesquisadora já tinha conhecimento de alguns projetos desenvolvidos pela instituição e suas iniciativas na promoção da inserção da população imigrante no mundo laboral por meio de parcerias com organizações na cidade e onde ainda residia. Para garantir isso, a instituição é mais uma que organiza e fornece as condições que os imigrantes possam participar efetivamente da nossa sociedade como pessoas autônomas e com direitos. Assim, justifica-se como forma de captar as necessidades de acesso ao público, e

apresentar os resultados desse grupo específico presente em comunidades locais, regionais e em reflexões de suas percepções em relação à sociedade brasileira.

3.3 Instrumentos

Foram realizadas seis entrevistas individuais em profundidade com trabalhadores de diferentes nacionalidades. A entrevista é uma fonte de informação diretamente construída no diálogo com o entrevistado em que há reflexão do próprio sujeito com a realidade que vivencia. As narrações quando colocadas de forma indexadas, referem-se à riqueza da experiência pessoal concreto em algum lugar e um tempo, que de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2015) tendem a ser detalhadas com um enfoque nos acontecimentos e ações além de compreender os sentidos de todo o enredo.

Segundo Bauer e Gaskell (2015), a entrevista narrativa é classificada como um método de pesquisa qualitativa, não estruturada, em profundidade, com características específicas e emprega um tipo específico na comunicação cotidiana. Assim sendo, uma pesquisa que combine com as histórias de vida e contextos sócio-históricos.

Construiu-se a seguinte proposta como pergunta disparadora: “*conte-me seu histórico de trabalho e formação desde o seu país de origem até agora no Brasil*” sendo necessário um protocolo de entrevista (Apêndice C) que foi pensado com base da teoria que compõe essa pesquisa e para ser aplicado em todas as entrevistas de forma consistente. No que se refere a esse protocolo buscou-se centrar nas experiências de trabalho dos imigrantes como sentido e significado de trabalho, trajetórias profissionais; ocupações anteriores; vivências atuais; inserção no mercado de trabalho brasileiro; e os planos de ação de trabalho.

Ressalta-se que as entrevistas foram conduzidas de forma individual pela própria pesquisadora e caso o participante não dominasse o idioma local foi dada alternativa de ser conduzido na língua espanhola. Neste caso, o fraco domínio do português pelos participantes exige o apoio de intérpretes durante a entrevista narrativa, alguns dos quais também familiares, não no sentido de interferência, mas nesse caso o próprio participante deixa de ser o protagonista da sua história em um dado contexto histórico que vem sendo marcado por diferentes ciclos migratórios contemporâneos (Piovesan & Myra, 2020). Assim, não foi necessário a presença de intérpretes na realização das entrevistas devido ao domínio de compreensão da língua local dos entrevistados.

3.4 Participantes

Os participantes dessa pesquisa foram seis imigrantes com processo migratório forçado ou involuntário (OIM, 2015), de 31 a 63 anos, com ensino superior completo e nacionalidades distintas. A seleção dos participantes se deu por uma amostragem não probabilística intencional. Creswell (2014) conceitua esse tipo de amostragem como uma possibilidade que o investigador tem de selecionar indivíduos e locais para o estudo porque podem intencionalmente informar o problema de pesquisa.

Como o pesquisador nesse tipo de amostragem usa o seu julgamento para selecionar os membros da população que são boas fontes de informação, foi observado qual atividade laboral que desempenham no Brasil a fim de atender o critério de inclusão de não estarem atuando no seu campo profissional. Assim, os seis participantes do sexo masculino e do feminino foram indicados pela instituição e os que se encaixaram nos critérios para participação da pesquisa, foram convocados para a próxima etapa, que é a entrevista narrativa.

Os critérios de inclusão e exclusão dos participantes basearam-se nos resultados da literatura sobre carreira de refugiados e migrantes, os quais apontaram que: a maioria dos que apresentam escolaridade de nível superior possuem dificuldades de atuar nas suas profissões, enfrentam barreiras linguísticas, a precarização do trabalho no país anfitrião e apresentam faixas etária diversas - entre 30 a 64 anos -, predominam pessoas do sexo masculino, de estratos socioeconômicos médio, com uma trajetória profissional rompida

Em relação à identidade, os pontos mencionados acima são importantes e influenciam em sua constituição. Desse modo, os critérios de participação foram: a) ser imigrante involuntário ou apresentar deslocamento forçado; b) residir há mais de um ano no Brasil; c) ter formação superior; d) não estar atuando na sua área de formação profissional de origem; e) estar trabalhando no momento da pesquisa; f) compreender o idioma português ou o espanhol.

A amostragem se justifica pelo fato de que, de acordo com o estudo das narrativas e do construcionismo social, não há a necessidade de haver grande número de pessoas. Uma vez que Riessman (2008) explica que as narrativas na epistemologia socioconstrucionista se preocupa com a história proferida para ter acesso ao “ponto de vista” do narrador para tratar-se abranger quatro áreas principais: (I) trajetória de formação e trabalho nos países de origem; (II) transição de carreira; (III) experiência de contexto social e práticas de trabalho atual; (IV) planos de carreira futuros e construções identitárias (Ribeiro, 2014).

Quadro 1 –

Caracterizações dos trabalhadores migrantes na condição de refugiados

Participantes (nomes fictícios)	Sexo	Idade	País de origem	Nível de instrução	Tempo total de trabalho no país de origem	Tempo de trabalho no Brasil	Modalidade de trabalho	Ocupação atual
Verônica	F	42	Venezuela	Superior em Administração e Direito	21 anos	4 anos	Empregado	Assistente administrativo
Gabriel	M	41	Venezuela	Superior com pós-graduação (Comunicação Visual)	15 anos	8 anos	Autônomo	Microempresário
Isabel	F	63	Cuba	Superior com pós-graduação (História)	33 anos	8 anos	Autônomo	Professora de espanhol
Elie	M	42	Nigéria	Superior em Contabilidade	23 anos	8 anos	Empregado e autônomo	Auxiliar de produção e professor de inglês
Samuel	M	42	Mali	Superior em Sociologia	4 anos	9 anos	Empregado e autônomo	Ajudante de motorista e professor de francês
Ana	F	31	Venezuela	Superior em Jornalismo	5 anos	4 anos	Empregado e autônomo	Agente Comunitário e professora de espanhol

Fonte: elaborada pela autora (2022)

3.5 Procedimentos éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) para apreciação e aprovação, após a qualificação no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. Os procedimentos pautaram-se na Resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, relativas às diretrizes éticas e à proteção dos participantes da pesquisa.

Após a aprovação do parecer do Comitê de Ética (CAEE 49987821.8.0000.0121), a pesquisadora iniciou o processo de coleta de dados e os demais procedimentos de pesquisa. Os participantes que aceitaram colaborar com a pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esse termo (Apêndice A) formaliza os objetivos e procedimentos da pesquisa e garante o sigilo das informações recebidas e a participação voluntária do profissional investigado. Com a autorização concedida para gravação da entrevista foi assegurado que o participante pode desistir da pesquisa a qualquer momento, mesmo que já tenha se submetido à coleta de dados.

Apontou-se a disponibilização, àqueles que tiverem interesse, uma cópia do TCLE em espanhol, pois destaca-se que a pesquisadora tem conhecimento da língua espanhola. Com a conclusão da pesquisa e defendida a dissertação, será disponibilizada a devolutiva da pesquisa àqueles que desejarem, por meio do envio de cópia eletrônica via e-mail, e a instituição uma cartilha com devolutivas e sugestões relacionadas sobre a temática.

3.6 Procedimentos de coleta

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário sociodemográfico e entrevistas narrativas. Após a qualificação do projeto de dissertação em maio de 2021, com os

ajustes necessários, foi realizado o contato via e-mail com a ONG, com uma apresentação em forma de slides com resumo da proposta dessa pesquisa foi realizada uma reunião no formato online para a sua apresentação. E, uma vez aceita, foi encaminhado uma carta de anuência (Apêndice B) e a declaração de autorização (Anexo A) para o envio ao Comitê de Ética junto com o projeto de pesquisa ajustado. A autorização foi concedida, desde que o nome da instituição não fosse divulgado. Por esse motivo, não divulgaremos nenhum tipo de informação que possa identificar a organização ou os trabalhadores migrantes participantes das entrevistas. Nesse caso, foram realizadas as entrevistas com os participantes indicados pela instituição.

Com a aprovação do CEPESH e antes de qualquer aplicação dos instrumentos foi realizado um estudo de caso piloto, como sugerido por Yin (2015). Esse estudo de caso piloto teve como finalidade de ajudar a pesquisadora a refinar as categorias sociodemográficas e o protocolo de entrevista narrativa para verificar a viabilidade da replicação para estudos posteriores. Após essa fase, a instituição repassou o contato dos indicados e a autora ligou para os pré-selecionados para explicar a pesquisa e solicitou o convite de participação neste estudo. Com o aceite, as entrevistas foram então marcadas.

O estudo de caso piloto foi realizado com dois imigrantes venezuelanos recém-chegados na cidade de Palhoça, com formação em Contabilidade e o outro Metalúrgico, e com uma imigrante venezuelana com formação em Administração e Direito que se encontrava trabalhando no momento na cidade de São Paulo. A última foi por indicação da instituição e já faria parte futuramente do público participante da pesquisa. Assim como as demais entrevistas posteriores, a entrevista durou aproximadamente uma hora e meia e foi realizada na cidade de São Paulo. O participante do estudo de caso piloto recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e teve sua entrevista gravada e transcrita como todos os demais participantes.

O estudo de caso piloto foi dividido em três etapas: na primeira, foi narrado o histórico de trabalho e sua formação do entrevistado sem análises ou interpretações por parte do pesquisador e sua transcrição. Na segunda etapa foi separado em fatores indexados e não indexados, sendo a construção da linha do tempo do profissional e na terceira etapa foi analisada a construção de sua trajetória e seu projeto de vida de trabalho, baseados na teoria socioconstrucionista de carreira (Ribeiro, 2014). Nas três etapas, foram utilizadas para discussão as categorias e temas levantados a partir do método de análise de narrativas da proposta por Schütze (1983), sistematizada por Jovchelovitch e Bauer (2015)

Após a realização do estudo de caso piloto no período de setembro e outubro de 2021, a coleta de dados foi realizada entre os meses de novembro de 2021 e março de 2022, em períodos variados, de acordo com a disponibilidade dos participantes. Diante disso, a seleção ocorreu com base em um levantamento inicial dos possíveis participantes por parte da ONG, devido à impossibilidade de acesso direto dos pesquisadores aos dados pessoais dos refugiados, considerando a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados).

Foi estabelecido o primeiro contato para um breve resumo sobre o projeto de pesquisa, sua finalidade, assim esclarecendo os aspectos éticos relativos à sigilo, à liberdade de participação e de desistência a qualquer momento, além de aspectos de não remuneração e da devolutiva ao término da pesquisa. Com esse primeiro momento do *rapport*, uma vez aceita a participação da pesquisa, buscou-se agendar as entrevistas em locais em que pudesse haver privacidade e que ao mesmo tempo proporcionasse um ambiente confortável para os participantes, sendo de sua escolha no local próximo ao trabalho ou residência, além de realizar dentro da própria residência. Vale ressaltar que as entrevistas foram realizadas presencialmente respeitando as medidas de biossegurança, com uso obrigatório de máscara e apresentação do

comprovante de vacinação aos participantes, como protocolo de segurança de saúde pública causado pela Covid-19.

Antes da entrevista foi apresentado o TCLE e lemos o termo para garantir a todos os participantes a confidencialidade e o anonimato, assim assinando as duas cópias do documento sendo uma de posse do participante e outra da pesquisadora. Foi informado aos participantes que a entrevista seria gravada para posterior transcrição integral de conteúdo, assim tendo tiveram duração variada, sendo a menor delas com duração de uma hora e a mais longa com duração de duas horas e cinquenta e quatro minutos.

É importante salientar que sempre que foi possível a pesquisadora ouvir os áudios das gravações antes da realização de novas entrevistas. Essa medida teve a finalidade de avaliar o processo de realização das entrevistas para identificar falhas de sua postura e identificar possíveis problemas na forma de elaboração de perguntas para os entrevistados. Dependendo da preferência do respondente, as entrevistas foram conduzidas em português ou espanhol. Porém, as entrevistas foram transcritas e conduzidas no português.

3.7 Procedimentos de análise de dados

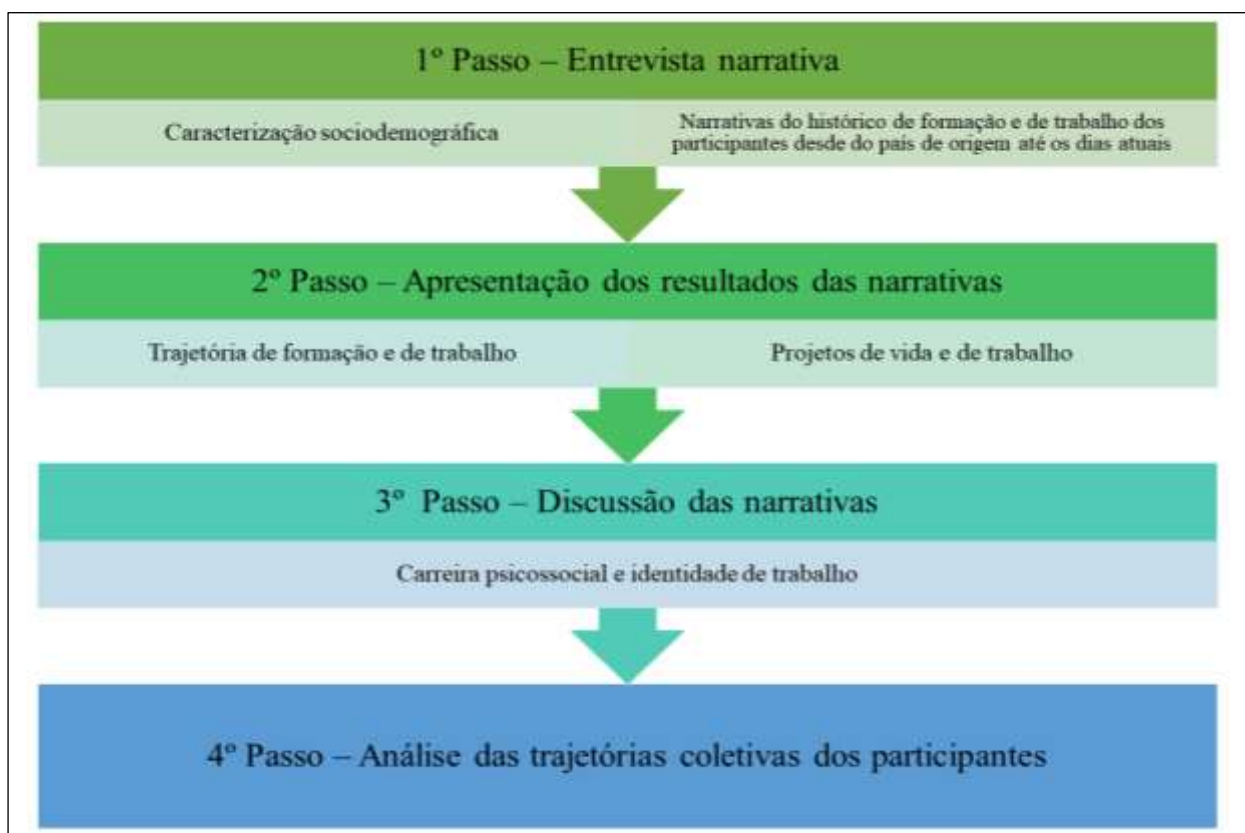
Para a análise dos dados da presente pesquisa, utilizou-se como referencial o método de análise das narrativas. Ao contar sua história, os indivíduos vão organizando os acontecimentos vividos e dando o sentido a si mesmo, assim compreendendo o que ocorre em sua vida cotidiana. Essa compreensão é articulada com a memória e a linguagem para atribuir esses novos sentidos a sua própria história e o projeto do que quer ser (Alves, 2017).

Nesse caso, o narrador nessa condição frente ao processo migratório preserva a sua identidade cultural e possibilita novas identidades sociais assumindo uma perspectiva

interpretativista frente a sua própria história. (Piovesan & Myra, 2020). Portanto, a figura 4 destaca os principais passos desse procedimento para a compreensão do tópico intitulado: “*Apresentação e discussão dos resultados*”.

Figura 2 –

Passos da análise de dados



Elaborado pela autora (2022)

Como o primeiro passo foi o processo de coleta de dados, esse tópico irá destacar os passos seguintes. Para realizar o segundo passo, “*Apresentação dos resultados das narrativas*”, e quarto passo, “*Análise das trajetórias coletivas dos participantes*”, buscou compreender aspectos das biografias por via dos conteúdos das entrevistas de narrativas pela proposta de Fritz Schütze (1981). Para atender todos esses passos de análise de dados foi necessário ter em mente os aspectos estruturais biográficos das narrativas de vida, pois assim são aprendidos os contextos

de origem dos indivíduos (Oliveira, 2011). Logo, o segundo e quarto passo da análise dessa pesquisa foram direcionados pela proposta por Schütze (1983), sistematizada por Jovchelovitch e Bauer (2015), e todas as narrativas dos participantes foram contempladas por etapas dessa proposta, conforme apresentado abaixo.

Tabela 1- Etapas para a análise de narrativas proposta por Schutze (1983)

Primeira Etapa	Realizar uma descrição detalhada de alta qualidade do material verbal adquirido na entrevista.
Segunda Etapa	Realizar uma divisão do texto em material indexado e não indexado. Sendo consideradas como proposições indexadas quando a narrativa possui uma referência concreta a “quem fez o que, quando, onde e por quê”, enquanto as preposições não-indexadas vão além dos acontecimentos e expressam valores, juízos e toda forma de uma generalizada “sabedoria da vida”, podendo ser tanto descritivas como argumentativas.
Terceira Etapa	A partir dos componentes indexados do texto analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, sendo considerada como as trajetórias.
Quarta Etapa	As dimensões não-indexadas do texto são investigadas como “análise do conhecimento”, sendo assim, aquelas opiniões, conceitos e teorias gerais, reflexões e divisões entre o comum e incomum são a base sobre a qual se reconstroem as teorias operativas. Sendo comparadas com os elementos da narrativa, pois, representam o auto entendimento do informante.
Quinta Etapa	Agrupamento e comparação entre as trajetórias individuais.

Sexta Etapa	Comparar e estabelecer semelhanças existentes entre os casos individuais permitindo assim a identificação de trajetórias coletivas.
--------------------	---

Fonte: Bauer e Gaskell (2015, p. 106).

A primeira etapa é a descrição detalhada, com a transcrição da entrevista gravada no idioma local. Para essa etapa não foi utilizado o uso de software, pois para assegurar a qualidade e a exatidão das transcrições cabe ao pesquisador fazer parte desse trabalho (Jovchelovitch & Bauer, 2015). A segunda etapa é a divisão do material indexado e não indexado.

A terceira etapa foi ordenar os eventos em cada estudo de caso com base no material indexado, que são as trajetórias de experiências expressas pelos entrevistados. Isso nos permite criar uma linha do tempo (Figura 4) para cada estudo de caso. Por meio da representação dessa figura, o conteúdo indexado destacou a linha do tempo da trajetória de trabalho e formação do participante antes da imigração até suas vivências laborais no Brasil, a fim de proporcionar essa organização espaço-temporal dessas experiências, como também, a descrição dos eventos vivenciados que os próprios sujeitos relacionam a sua trajetória.

A figura 4 e essa terceira etapa é a fase que o produto desse processo é chamado de trajetória e que será relacionado com as experiências de trabalho, as formações e outros acontecimentos de vida que influenciaram na sua trajetória de carreira. Deste modo, conforme os sujeitos contam suas histórias e as descrevem, os sujeitos buscam elaborar sínteses que justifiquem as suas escolhas para que sejam legitimadas socialmente (Ribeiro, 2014).

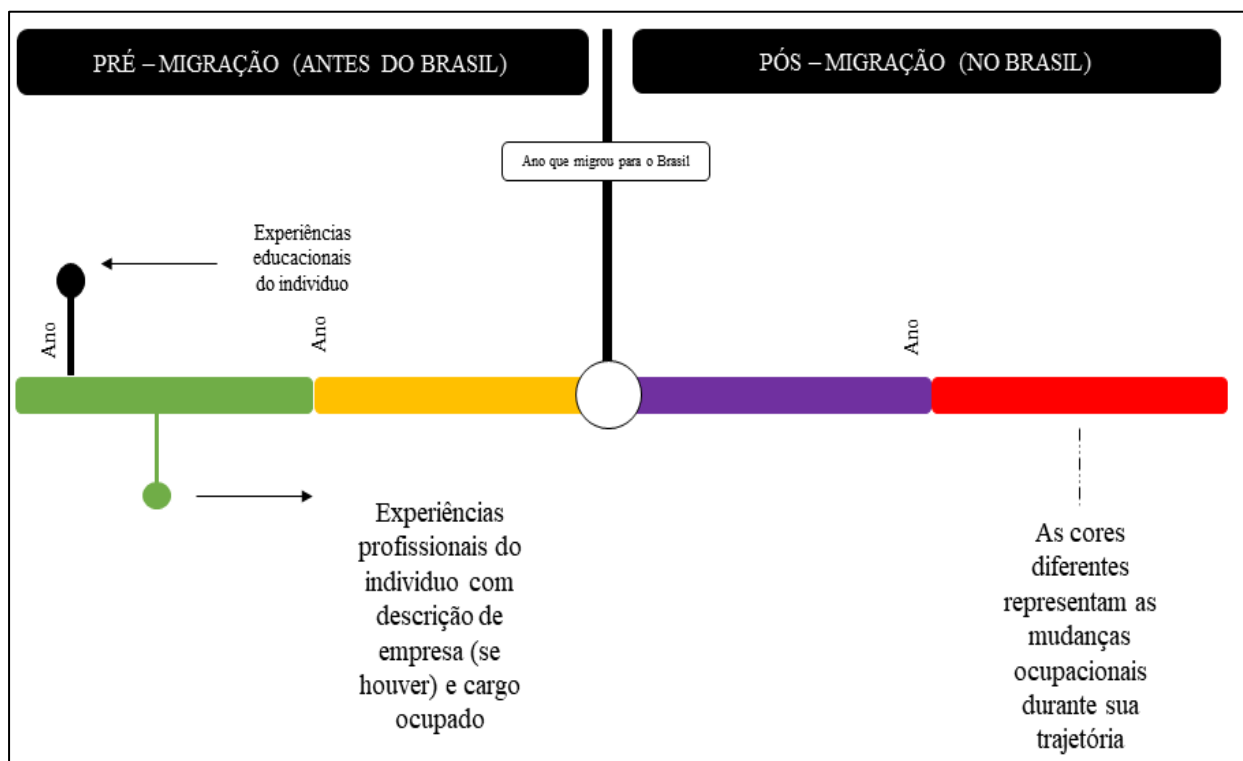
Após ordenar os acontecimentos de trabalho marcantes na figura 3, foram destacados trechos das narrativas, constituindo-se das questões a fim de analisar temas de vida que irão *“auxiliar na compreensão de um padrão de construção de sentidos nas ações em relação com o mundo, identificando os eixos comuns deste processo”* (Ribeiro, 2014, p. 125). Nesse caso, o

material não indexado, como quarta etapa, se refere a valores, juízos e outros colocados pelos trabalhadores. Para melhor compreensão do segundo passo, os componentes não indexados foram descritos a partir das duas dimensões constitutivas da carreira psicossocial: trajetória e projetos de vida de trabalho (Ribeiro, 2014).

Assim, foram destacadas que a categoria trajetória de trabalho foi complementada *a posteriori* com o processo de formação atribuindo as questões e as reflexões desenvolvidas pelo entrevistado, como destacado na Figura 4, em forma de um fluxograma. Diante da proposta da carreira psicossocial, a figura tende-se a ilustrar a carreira como uma construção narrativa do refugiado com ensino superior como protagonistas destacando o seu processo.

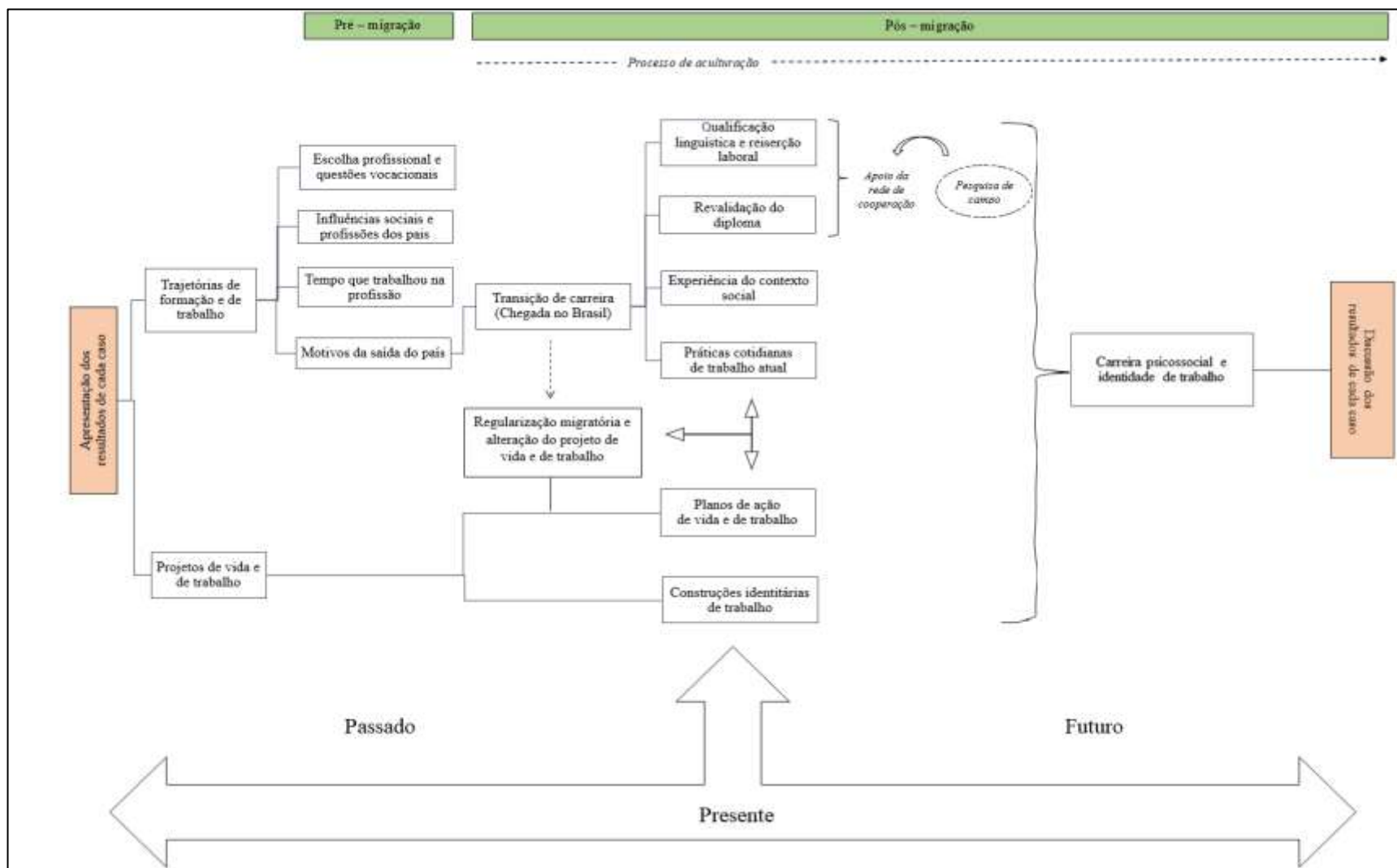
Figura 3 –

Modelo da Linha do tempo da trajetória do profissional do participante



Fonte: elaborado pela autora (2021)

Figura 4 – Fluxograma de análise dos resultados e discussão das narrativas



Elaborado pela autora (2022)

Para melhor compreensão do leitor, será apresentada uma breve explanação sobre os assuntos e temas elaborados para análise pelo quadro abaixo. As categorias *a priori* são: trajetória de formação e trabalho e os projetos de vida e de trabalho dos participantes, essas sendo como preconiza as bases dominantes da teoria da carreira psicossocial (Ribeiro,2014).

Quadro 2 –

Síntese da análise do conteúdo não-indexado

Categorias	Temas	
TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO E TRABALHO	<p style="text-align: center;">PRÉ – MIGRAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha profissional e questões vocacionais ▪ Influências sociais e profissões dos pais ▪ Tempo que trabalhou na profissão; ▪ Motivos da saída do país 	
PROJETO DE VIDA E DE TRABALHO	PÓS – MIGRAÇÃO	<p style="text-align: center;">TRANSIÇÃO DE CARREIRA</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Chegada no Brasil ▪ Regularização migratória e alteração de projeto de vida ▪ Qualificação linguística local e experiências do contexto social ▪ Reinserção laboral em ocupações precárias ▪ Revalidação do diploma ▪ Práticas atuais <hr/> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Planos de ação de vida e de trabalho ▪ Construções identitárias

Elaborado pela autora (2022)

A primeira categoria *a priori* é a trajetória de formação e trabalho criada para responder o seguinte objetivo específico: c) reconstruir as narrativas dos participantes sobre suas trajetórias

de vida de trabalho desde o país de origem, considerando o processo de reinserção laboral e as práticas cotidianas de trabalho após a chegada no país anfitrião. A partir disso, foram destacados os temas associados à reconstrução da trajetória de formação e trabalho desde o país de origem até o momento atual, sendo que alguns temas foram definidos *a priori* a partir da literatura, enquanto outros surgiram no decorrer das narrativas e foram posteriormente sistematizados para análise. Começando pela escolha do curso de origem e questões vocacionais pela autopercepção do indivíduo em interesses específicos, gostos, valores que direcionam na escolha de uma profissão, como por exemplo, uma fala no sentido de que a escolha é justificada por ter gosto e afinidade.

Em seguida, as influências sociais como dos pais ou também referência de um profissional que tem admiração, se estudou em universidade pública ou privada e tem como uma tomada de decisão de escolha. Já o tema tempo que trabalhou na profissão, como o próprio nome sugere, refere-se ao indivíduo já possuir experiência na área de formação de origem ou já estar no mercado de trabalho no seu país de origem atuando na área de alguma forma e buscar sua formação a partir disso, para complementar sua trajetória de carreira na área.

No tema motivo de saída entende-se quais os motivos que levaram a solicitarem proteção do Estado brasileiro e vivendo um processo migratório concomitante com a transição de carreira, assim como uma reconstrução no seu projeto de vida e fatores contextuais no país de acolhida como: qualificação linguística, reinserção laboral, revalidação do diploma, experiência do contexto social e as práticas cotidianas de trabalho atual. Diante disso, a segunda categoria *a priori*, projeto de vida e de trabalho, tem como propósito responder ao quarto objetivo específico que é: d) analisar os projetos de vida e trabalho dos participantes, tendo em vista seus planos de ação de trabalho e seus processos de construção identitária.

Para finalizar o terceiro passo foi feito uma discussão de cada caso articulando as duas categorias e os temas corroborando os dados obtidos com as produções discursivas narrativas de carreira (Ribeiro, 2014). São eles: nostalgia, fechamento, possibilidade e instrumentalidade. Assim, cada estudo de caso foi discutido para analisar a construção de carreira psicossocial e identidade de trabalho em um diálogo intercultural (Berry, 2003; 2004) e o apoio das redes de cooperação em interface com a identidade de rede (Ribeiro, 2014).

Para conseguir atingir o objetivo geral desta pesquisa o quarto passo da estrutura da análise está vinculado com as duas últimas etapas propostas por Fritz Schütze (1981). Ou seja, após apresentar as subcategorias nas análises através das categorias separadas por cada participante delimitadas na pesquisa, o quadro 6 mostrará a síntese dos conteúdos não-indexados seguido pela comparação dos dados obtidos na pesquisa, para assim, estabelecer as semelhanças e diferenças existentes entre os casos individuais. E, por fim, como resultado, descrever uma compreensão das construções de carreiras coletivas dos refugiados residentes no Brasil.

A proposta dessa análise, por via desses seis passos, permite o acesso mais próximo possível da realidade na pesquisa. Como a entrevista narrativa cumpre esse papel de ter esse acesso, cabe aqui refletir que a análise não favorece apenas aos temas externos dessa realidade, mas também possibilita as experiências vividas internas da história nos diferentes contextos.

Para Ravagnoli (2018) a interpretação é clara e considera que os seis passos de Schütze (1983) destaca o relato da experiência vivida por meio da fala livre do entrevistado. Dessa maneira, as diferentes etapas de análise descritas acima, o pesquisador toma conhecimento dos exaustivos procedimentos de exame, verificação, comparação, contraste e correlação de dados.

A próxima seção expõe os resultados da revisão de escopo e a análise e discussão dos resultados obtidos com os estudos de caso.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente serão expostos e sistematizados, nesse capítulo, os resultados obtidos mediante a revisão de escopo sobre a carreira de refugiados/migrantes involuntários no país de acolhimento. Em seguida, as carreiras psicossociais de cada refugiado entrevistado serão apresentadas e discutidas com base em suas narrativas. Para finalizar, as informações provenientes de cada caso serão discutidas em conjunto, mediante o agrupamento dos dados não-indexados, comparações e identificação de semelhanças, configurando tendências de trajetórias coletivas.

4.1 Migração forçada e a construção de carreiras: uma revisão de escopo

O número de pessoas à procura de trabalho fora das suas fronteiras de naturalidade é crescente, pois estamos vivendo uma época de intensa exploração do trabalho caracterizado como uma superexploração em escala global exemplificando a precarização estrutural do trabalho com os imigrantes com difícil mapeamento até de um número exato de imigrantes involuntários no Brasil. (Antunes, 2018; Barreto, 2009). Segundo Ragazzi e Sella (2013), o campo do trabalho e migração estão paralelos por buscar por condições dignas e quanto ao trabalho, no quesito centralidade, é um aspecto de coesão social.

Como a presente investigação busca compreender dimensões psicossociais da imigração involuntária ou forçada dos migrantes com formação profissional a partir da carreira, a perspectiva dessa discussão sobre ser imigrante não se refere apenas aos aspectos do movimento geográfico, apenas atravessar fronteiras, como retrata Sayad (1998). Para o autor, numa reflexão sobre o que é ser imigrante, “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito” (Sayad, 1998, p. 54). Isto é, o imigrante no papel

de trabalhador, que passa a ser um pleonasmo do ponto de vista do autor, é reconhecido como provisório ou transitório quando o modo de ser do imigrante está totalmente sujeito à sua relação com o trabalho e quando sua estadia autorizada está subordinada a essa relação. O trabalho, dessa forma, faz o modo de ser do imigrante (Sayad, 1998).

Assim sendo, por meio da abordagem do Instituto Joanna Briggs – JBI (Peters, 2015) realizou-se uma revisão de escopo sobre estudos a respeito da carreira de refugiados/migrantes involuntários no país de acolhimento e referentes à identidade de trabalho de profissionais refugiados, conforme apresentado no capítulo Método.

Foram elencadas três plataformas de busca: *Scopus*, *Web of Science* e *PsycNet* com buscas nos campos título/resumo/palavras-chave. Em todas as plataformas de busca foram aplicados os termos chave em inglês. Nessa direção, os descritores utilizados foram: (Refugee*) AND (Career* OR "Professional identity" OR "Work trajectory" OR "Work history" OR "Labour path" OR "Labour paths" OR "Labor occupation" OR "Work reinsertion"). Para a revisão de escopo foram admitidos critérios de inclusão e exclusão claramente definidos junto com o objetivo e o problema de pesquisa tema (Peterson et al, 2015) conforme o Quadro 3.

Salienta-se que os estudos que discorrem sobre os conceitos que perpassam o campo da carreira foram considerados elegíveis, tais como: trajetória de trabalho e profissional, identidade profissional, identidade ocupacional, história de vida, reassentamento, experiências de trabalho e acesso ao mercado de trabalho. A seleção para a amostra foi realizada em duas etapas. Na etapa 1, foram investigados os títulos, resumos e palavras-chaves dos estudos identificados nas plataformas de busca, e aqueles que não falassem sobre imigrantes involuntários e carreira foram excluídos. Na etapa 2, os estudos já foram analisados a partir de leitura dos textos na íntegra e aplicados os critérios de inclusão e exclusão, mencionados anteriormente.

Quadro 3 –

Critérios de inclusão e exclusão e termos de busca da revisão de literatura

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO	- Artigos empíricos qualitativos e quantitativos presentes na base de dados Scopus, Web of Science e PsycNet.
	- Estudos publicados em inglês, espanhol e português investigando sobre refugiados e migrantes involuntários ou que possui dados sobre essa população, e nesse caminho foi considerado indivíduos com idade adulta e estejam de acordo com o que é indicado pela Organização Internacional das Migrações (OIM, 2015)
	- Estudos que tiveram como objetivo tratar o histórico de trabalho do trabalhador, e que em algum momento do estudo identificado fizesse a articulação com a temática da carreira nos elementos que compõem um esqueleto de um texto científico.
	- Publicações institucionais dos principais órgãos que tratam sobre o público como a ACNUR, OIM e Organização Internacional do Trabalho [OIT], como literatura cinzenta.
CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Publicados em outros idiomas e duplicadas - Publicações que evidenciam outras fases da vida como jovens de primeira escolha profissional e ingresso ao ensino superior - Publicações do tipo editoriais, conferências, pôsteres, resumos, cartas, comentários, revisões de literatura.

Fonte: elaborada pela autora, 2021.

O processo de seleção foi realizado de maneira independente e nos casos de dúvida sobre a permanência de algum estudo foi solicitado uma consulta de outro pesquisador da área da carreira. Além disso, essa seleção foi seguida de acordo com o PRISMA (Preferred reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses). Ressalta-se que conforme sugerido na abordagem do JBI, foi realizada uma etapa para consulta que consiste em busca de estudos adicionais. Ou seja, também se optou em consultar listas de referência dos estudos selecionados nas plataformas de dados. Foram analisados os títulos que estavam nessas referências e os que possuíam as palavras refugiados/migrantes involuntários e carreira nos idiomas mencionados foram selecionados para uma leitura na íntegra e aplicados os critérios de inclusão e exclusão e foram incluídas duas fontes adicionais à amostra.

Na etapa 1 foram eliminados 85 estudos, sendo 15 por estarem duplicados nas bases de dados e 70 por não abordarem a temática sobre o histórico de trabalho do trabalhador imigrante involuntário, e que em algum momento da literatura científica fizesse a articulação com a temática da carreira, sejam nos objetivos e/ou na justificativa do estudo e/ou na metodologia e/ou nos resultados e/ou na discussão.

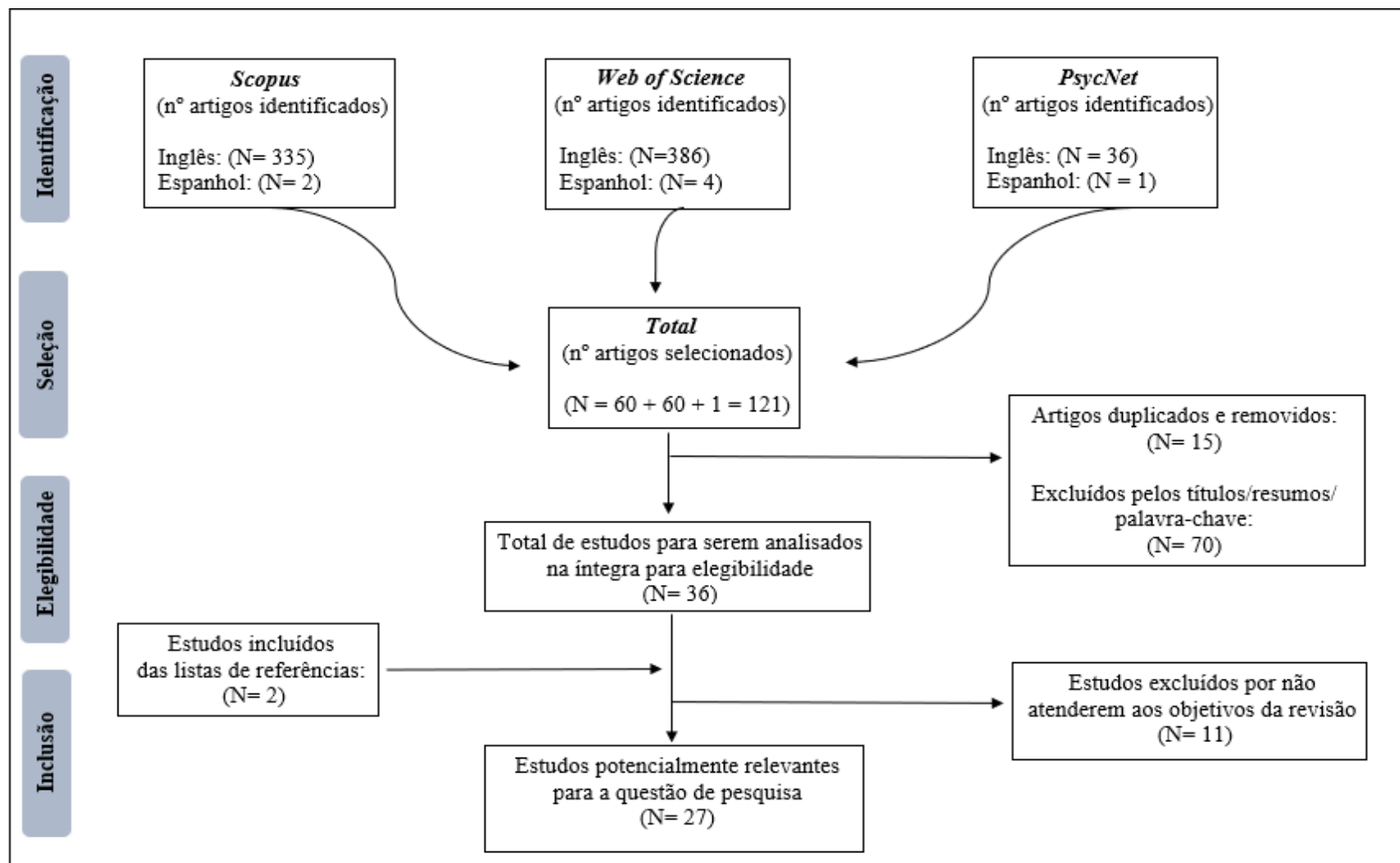
Na etapa 2 de seleção foram excluídos 11 estudos, por não atenderem os critérios de inclusão, conforme o diagrama do fluxo criado para esse processo representado na Figura 5. Os estudos selecionados foram lidos após tradução e os dados extraídos a partir de uma planilha do Excel, como protocolo, com o objetivo de identificar as informações a serem extraídas dos artigos. Entre elas as características gerais de cada estudo (autores, ano de publicação, títulos, natureza do estudo, teoria – metodológica, número de participantes da pesquisa, objetivos, principais resultados e país). Algumas dessas informações encontram-se expostas no Quadro 4.

Contata-se que a produção de pesquisas selecionadas sobre os imigrantes involuntários ou forçados é recente, manifestando-se nos últimos dez anos e progredindo a partir de 2018, evidenciando um gradativo interesse pela temática por parte de pesquisadores das áreas das ciências sociais, recursos humanos, sobretudo, na área de orientação profissional e de carreira no viés psicológico. Foram 38 artigos selecionados sendo que a maioria dos artigos consistiu estudos descritivos, sendo 21 na abordagem qualitativa, 4 na abordagem quantitativa e dois mistos.

Também identificados um relato em anais de congresso, cinco artigos de discussão do tema a partir de revisão de literatura, bem como dois artigos em forma de editorial e 3 artigos que foram publicações que evidenciam outras faixas etárias, como adolescentes. Após a leitura e aplicação dos critérios de inclusão, apenas 27 foram selecionados para análise das pesquisas existentes considerando observações para a fase de análise.

Figura 5 –

Diagrama da Revisão de Escopo de acordo com o JBS



Fonte: elaborada pela autora (2021)

Quadro 4-

Características gerais dos estudos da revisão de literatura (n = 27)

TIPO DE PUBLICAÇÃO	AUTORES	ANO	LOCAL DO ESTUDO	TIPO DE ESTUDO
Artigo institucional (*)	Willott & Stevenson	2013	Reino Unido	Qualitativa
Artigo	Apostolidou	2015	Reino Unido	Qualitativa
Artigo	Piętka-Nykaza	2015	Reino Unido	Qualitativa
Artigo	Zikic & Richardson	2016	Canadá	Qualitativa
Artigo	Eggenhofer - Rehart et al.	2017	Áustria	Qualitativa
Artigo	Wehrle, Kira & Klehe	2018	Alemanha	Qualitativa
Artigo	Pajic et al	2018	Holanda e Grécia	Quantitativa
Artigo	Obschonka et al.	2018	Alemanha	Quantitativa
Artigo	Baran et al.	2018	Estados Unidos	Qualitativa
Artigo	Wehrle et al.	2018	Alemanha	Qualitativa
Artigo	Yoon et al.	2019	Canada	Quantitativa
Artigo	Luimpöck, S.	2019	Áustria	Qualitativa
Artigo	Nyabvudzi & Chinyamurindi	2019	África do Sul	Qualitativa
Artigo	Knappert, Dijk & Ross	2019	Holanda	Qualitativa
Artigo	Ozturk, Serin & Altinoz	2019	Turquia	Qualitativa

Artigo	Mackenzie Davey & Jones	2020	Reino Unido	Qualitativa
Artigo	Ayala, et al	2020	Colômbia	Mista
Artigo	Bradley, Bahous & Albasha	2020	Líbano e Suécia	Qualitativa
Artigo institucional (*)	Dunwoodie et al.	2020	Austrália	Qualitativa
Artigo	Nardon et al.	2020	Canadá	Qualitativa
Artigo	Shan et el.	2020	Canadá	Qualitativa
Artigo	Ginevra et al.	2021	Itália	Mista
Artigo	Cangia, Davoine & Sima	2021	Suíça	Qualitativa
Artigo	Falkenhain et al.	2021	Alemanha	Qualitativa
Artigo	Tzoraki et al	2021	Pesquisa Online	Quantitativa
Artigo	Ortlieb, Glauninger & Weiss	2021	Áustria	Qualitativa
Artigo	Magnano et al.	2021	Itália	Qualitativa

(*) – Publicações institucionais da OIM

Fonte: elaborada pela autora (2021)

Quanto a primeira pergunta da revisão de escopo, que se refere a estudos sobre a carreira de refugiados/migrantes involuntários no país de acolhimento, os artigos (15 artigos), na área da Psicologia, apresentaram os seguintes eixos temáticos: desenvolvimento de carreira, adaptabilidade de carreira da teoria da Construção de Vida por Savickas (2009; 2015), a Teoria

da Carreira Social Cognitiva (Lent, Brown & Hackett, 1994), Teoria do Contrato Psicológico (Robinson & Morrison, 2000; Rousseau, 1990; 1998), Teoria da Esperança-Ação (Niles, Amundson, & Neault, 2011). Como a intenção desta revisão de literatura era levantar-se dados sobre a temática, ressalta-se que foram identificados os seguintes eixos nos estudos selecionados: Modelo de aconselhamento de cultura (Collins & Arthur, 2010); Abordagem de preparação cultural (Arulmani, 2019); Aconselhamento de carreira narrativo (Savickas, 2015) e a Psicologia do Trabalho (Duffy et al., 2016). Os resultados identificados nestes artigos foram sistematizados mediante uma análise temática, gerando as seguintes categorias: 1) Barreiras estruturais ao emprego e estratégias de adaptação; 2) Experiências dos migrantes e inclusão laboral no país de acolhida.

Em relação à segunda pergunta, que trata sobre identidade, foram encontradas seis publicações na abordagem qualitativa. Quatro estudos (Zikic & Richardson, 2016; Mackenzie Davey & Jones, 2018; Nardon et al, 2020; Ortlieb, Glauninger & Weiss, 2021) são da área da Psicologia Organizacional, um estudo (Wehrle et al, 2018) da área da Orientação Profissional e de Carreira e um estudo (Cangia, Davoine & Sima, 2021) na área das Ciências Sociais. Além de abordar sobre identidade de profissionais refugiados, dois estudos destacam sobre integração e inclusão do refugiado. São eles: o estudo de Nardon et al (2020) que, também, informa a integração da força de trabalho dos refugiados; e outro estudo (Ortlieb, Glauninger & Weiss, 2021) destaca vínculo inclusão-identidade em relação às práticas organizacionais.

4.1.1 Barreiras estruturais ao emprego e estratégias de adaptação dos refugiados

Pesquisas sobre as experiências de refugiados (Willott & Stevenson, 2013; Eggenhofer - Rehart et al, 2017; Ozturk, Serin & Altinoz, 2019; Bradley, Bahous & Albasha, 2020, Shan et el.

2020) em acesso ao mercado de trabalho mostram que são grupos desfavorecidos quando são contrapostos em relação a outros grupos minoritários (Piętka-Nykaza, 2015). Essas experiências são frequentemente explicadas devido à falta de oportunidade de trabalho no país de acolhida, a falta de consciência da cultura de trabalho devido a sua mudança para um contexto social, cultural e institucional novo e a dificuldade de acesso à informação, trâmites burocráticos e a não ter informação dos pedidos de autorização de trabalho são as razões para a baixa integração no mercado de trabalho (Willott & Stevenson, 2013; Eggenhofer - Rehart et al, 2017; Ozturk, Serin & Altinoz, 2019).

Durante este período, os requerentes de asilo são “invisíveis” do mercado de trabalho e tem uma implicação adicional para suas perspectivas de carreira. Por exemplo, quando vivem a transição como recém-chegados precisam esperar alguns meses ou até mesmo anos no país de acolhida para projetar planos concretos com uma construção nova de vida e profissional (Obschonka et al. 2018). Entretanto, essa concessão das barreiras estruturais não significa apenas a barreira de acesso ao mercado de trabalho. Obschonka et al (2018) ainda indicam a superação de desafios linguísticos, questões relacionadas à saúde, ética e barreiras em acesso ao estudo como algumas barreiras identificadas. Além do mais, Obschonka et al (2018) argumentam que não é uma tarefa fácil de estudar a relação à refugiados e migrantes que são recém-chegados em relação àqueles que já possuem uma trajetória de vida no país anfitrião. Pois, o que se chama atenção desse estudo é que a integração de refugiados recém-chegados à força de trabalho é um primeiro passo importante sendo que as intenções empresariais e adaptabilidade de carreira (Savickas, 2015) desempenhem um papel significativo para a integração. Assim, têm de esperar semanas ou meses no país de acolhimento antes de poderem dar passos concretos e livres na sua nova vida privada e profissional (Obschonka et al, 2018).

No entanto, foram identificados que as experiências do indivíduo em um exílio forçado, os rótulos anexados ao status de ser refugiado e a falta de credenciamentos de qualificações pré-migratórias e experiência de trabalho têm um impacto sobre as fontes e escolhas disponíveis aos refugiados para re-colocarem em suas profissões (Piętka-Nykaza, 2015). Estudos adicionais investigaram respostas dos refugiados em relação a essas barreiras encontradas na tentativa de se recolocarem em suas profissões após a chegada (Piętka-Nykaza, 2015; Baran et al, 2018, Mackenzie Davey & Jones, 2020; Nardon et al., 2020; Cangia, Davoine & Sima, 2021).

Foi verificado que os refugiados participantes de todos esses estudos não conseguiam encontrar um emprego na profissão e, nesse caso, precisavam encontrar um emprego alternativo com uma fonte de renda em empregos de baixa qualificação (Piętka-Nykaza, 2015). Por isto, as lutas e tensões na identidade profissional diante das barreiras externas e a entrada num novo mercado de trabalho levava os refugiados profissionais a uma "crise de identidade", sendo que todos os participantes reivindicaram sua identidade profissional e reconheceram as barreiras (Mackenzie Davey & Jones, 2020).

As narrativas citadas pelos médicos e professores refugiados no estudo de Piętka-Nykaza (2015) mostram como as trajetórias profissionais não eram apenas o resultado de escolhas individuais, mas uma reflexão das diferentes barreiras e dilemas pessoais identificados. Nesse estudo foram identificadas quatro estratégias principais: aceitação, compromisso, ambivalência e retirada. Essas estratégias descrevem como os refugiados desafiam essas barreiras.

De forma sucinta, a estratégia de aceitação era basicamente a necessidade de requalificação e educação como a única via para reentrar em suas profissões no Reino Unido; a estratégia de compromisso refere-se ao comportamento dos participantes de tentar manter um equilíbrio entre seus desejos de retornar com suas profissões e suas percepções realistas dadas a

essas barreiras; a terceira estratégia, a ambivalência, foi mais dominante em participantes chegados há menos de quatro anos e eram ambivalentes sobre seus futuros rumos profissionais.

Por último, a estratégia da retirada foi derivada como estratégia final no sentido de esgotamento. Ou seja, os planos em respostas às barreiras estruturais mostram como os refugiados, em face de suas próprias atitudes e aspirações profissionais, enfrentam as condições e tomam decisões sobre suas ações futuras.

Como os migrantes em geral, os refugiados frequentemente encontram grandes barreiras profissionais nos mercados de trabalho dos países anfitriões. Os estudos explicam como as pessoas vão se adaptando às transições, as tarefas e os desafios da sua ocupação atual (Pajic et al. 2018; Yoon et al., 2018; Obschonka et al. 2018; Baran et al., 2018; Ayala, et al., 2020; Dunwoodie et al., 2020; Ginevra et al. 2021). Embora haja uma variedade de teorias na área da carreira (por exemplo, Blustein, 2011; Super, 1980; Holland, 1997), nessa amostra os estudos estão vinculados mais no campo da Teoria da Construção de Carreira, considerada o coração do paradigma do Projeto de Vida por Savickas (2005). Esses estudos destacam a importância da adaptabilidade da carreira como um recurso psicológico para o trabalho e a inclusão social de refugiados e migrantes.

Entende-se que a adaptabilidade da carreira diz respeito à forma como um indivíduo constrói e vem desenvolvendo sua carreira. Ela é definida por Savickas (2009) como uma "construção psicossocial que denota a prontidão e os recursos de um indivíduo para lidar com tarefas de desenvolvimento profissional atuais e iminentes, transições ocupacionais e trajeto pessoal" (p. 52). Segundo Savickas (2015), a adaptabilidade de carreira possui quatro dimensões: (1) preocupação (2) controle (3) curiosidade e (4) confiança.

Em síntese, Pajic et al. (2018) utilizam amostras de refugiados na Grécia e na Holanda e destacam o recurso da adaptabilidade de carreira como um ponto crítico à transição ocupacional dentro do país destino na relação entre capital psicológico e confiança para empenhar-se em comportamentos na busca de emprego. Assim, sugerem os quatro recursos de adaptabilidade de carreira como forças autorreguladoras que estimulam os refugiados e migrantes a se adaptarem nessas transições.

Dunwoodie et al (2020) utilizaram a escala Career Adapt-Abilities Scale [CAAS] para orientar as entrevistas qualitativas e a análise revelou a precariedade, marginalidade e incerteza que os participantes sentiram em relação ao seu futuro e ao significado de uma carreira. Outro ponto destacado foi como a falta de controle, um dos principais precursores da adaptabilidade da carreira, afetou os tipos de capital social dos refugiados participantes. Os resultados dessa pesquisa pontuaram as dificuldades que os participantes experimentaram na construção de vínculos de confiança, fazendo ponte ou ligando o capital social em sua nação anfitriã.

No que diz respeito à relação entre adaptabilidade de carreira e orientação futura, Ginevra et al. (2021) no seu estudo misto informou os efeitos que afetam diretamente e indiretamente a adaptabilidade de carreira nas dimensões de preocupação e curiosidade. Segundo os autores, por meio da orientação para o futuro e interesses profissionais, refugiados e migrantes podem ser motivados a encarar o futuro de forma positiva, mesmo que desafios sejam impostos. Portanto, os objetivos futuros dizem respeito a como acessar os direitos e serviços concedidos aos refugiados e obter os documentos necessários para garantir empregos, moradia e recursos financeiros (Ginevra et al., 2021). Outro estudo identificado (Ayala et al., 2020), ao pesquisar com fluxo migratório na América Latina, revelou que as narrativas pessoais no reassentamento de refugiados venezuelanos na Colômbia tiveram consistências nas respostas como: (a) ter maior

qualificação e experiência de trabalho, (b) utilidade limitada de redes sociais com outras semelhantes (ou seja, outros venezuelanos), (c) baixa identificação cultural apesar do compartilhamento pontos em comum culturais (por exemplo, idioma) e (d) empregos baixos.

Magnano et al. (2021) identificaram que “os participantes iniciaram ativamente os primeiros passos do processo de aconselhamento e desenvolvem sua consciência de apoio e barreiras à inclusão social e profissional, destacando assim o poder da abordagem narrativa sistêmica no trabalho dos conselheiros com imigrantes” (p.18). Para os autores, o enfrentamento dessas barreiras estruturais está nas relações que os refugiados mantêm com pessoas que podem ajudá-los a alcançar seus objetivos, como carreira e inclusão laboral.

Foram identificadas as barreiras que dificultam a integração social e laboral dos participantes nas pesquisas empíricas (Ortlieb, Glauninger & Weiss, 2021; Ayala et al, 2020; Bradley, Bahous & Albasha, 2020; Mackenzie Davey & Jones, 2020; Ozturk, Serin & Altinoz, 2019; Knappert, Dijk & Ross, 2019; Nyabvudzi & Chinyamurindi, 2019; Eggenhofer- Rehart et al., 2018; Obschonka et al., 2018; Pajic et al, 2018; Wehrle et al., 2018; Zikic & Richardson, 2016; Piętko-Nykaza, 2015; Willott & Stevenson, 2013). As barreiras estruturais desses estudos representam o quanto esses fatores estão mais ligados as questões legais de reconhecimento migratório, profissionais e discriminatórios; as barreiras pessoais como cultura do país anfitrião e à falta de conhecimento da língua e barreiras emocionais, incluindo sentir-se isolados, solitários e nostálgicos. Outro fator importante a ser destacado é a alfabetização digital para os refugiados, pois esse é demonstrado por sua capacidade de se comunicar e aprender de forma eficaz usando a tecnologia (Bradley, Bahous & Albasha, 2020). Portanto, a compreensão das barreiras estruturais explica a falta de qualquer estratégia de longo prazo para adaptação e integração dos refugiados no mercado de trabalho. Pois, esquemas resultaram em financiamento esporádico para atividades

de orientação e treinamento de emprego fornecidas por organizações específicas, como organizações da sociedade civil e agências de emprego (Tzoraki et al, 2021)

4.1.2 Experiências dos migrantes e inclusão laboral no país de acolhida

Antes de compreender como ocorre o processo de inclusão laboral no país de acolhida, é preciso apresentar como estão sendo as experiências dos migrantes tanto de vida e de trabalho após o seu processo migratório. No estudo de Baran et al (2018) destacam o fato de que para refugiados, altamente qualificados, o deslocamento muitas vezes significa uma perda de status e, conseqüentemente, da marginalização ocupacional dos refugiados (Nardon et al, 2020).

Estudos mais recentes (Falkenhain et al., 2021; Tzoraki et al; 2021) pontuam que a crise da Covid-19 ampliou a vulnerabilidade pelo choque econômico, novas regras na vida social cotidiana e o apoio descontinuado através do acompanhamento de instituições públicas. Falkenhain et al (2021) destacaram que a crise da covid-19 atinge o mundo do trabalho em três níveis: (1) interrupções nas práticas cotidianas de trabalho e costumes, (2) mudanças nas decisões entre organizações em relação a contratos e segurança no emprego, e (3) um encerramento parcial de instituições relevantes aos refugiados no que diz respeito ao status residencial e à progressão na carreira.

Falkenhain et al. (2021) destacaram que as condições de trabalho foram tratadas de forma diferenciada pelos entrevistados. Primeiro, foi confirmado entre os participantes com contratos temporários que, devido à crise do deslocamento, eles tiveram tempo para fazer cursos online para aumentar ainda mais sua capacidade de emprego. Outro entrevistado deixou o emprego com um salário baixo e ele decidiu viver de benefícios sociais para encontrar um emprego em condições que lhe permitissem uma melhor perspectiva. Um estudo (Tzoraki et al; 2021)

explorou como a pandemia da covid-19 tem afetado as condições de trabalho, emprego, desenvolvimento de carreira e bem-estar dos pesquisadores refugiados (RRs). Os autores destacam que o “home office”, como designado pelos autores como “working from home” (WFH), foi aplicado em países em desenvolvimento como Peru, Costa Rica e Brasil e tem mostrado heterogeneidade.

O que esse estudo impõe é que a crise da Covid-19 aumentou a vulnerabilidade social dos refugiados pesquisadores, na Grécia e Alemanha, e colocou obstáculos na forma do processo de integração. Assim, as suas principais contribuições pontuaram que RRs têm se esforçado para encontrar um equilíbrio entre trabalho e vida pessoal na WFH e que o distanciamento social gerou sérios obstáculos para criar redes de contatos, acessar informações de emprego e obter emprego (Tzoraki et al; 2021).

Como apresentado no tópico anterior sobre as barreiras significativas a partir das experiências dos migrantes, outros estudos (Ortlieb, Glauninger & Weiss, 2021; Magnano et al, 2021; Ayala, et al, 2020; Bradley, Bahous & Albasha, 2020; Shan et el, 2020; Knappert, Dijk & Ross, 2019; Wehrle, Kira & Klehe, 2018; Eggenhofer - Rehart et al, 2017; Piętko-Nykaza, 2015) apontam que os facilitadores da inclusão de refugiados são: domínio da língua do país de acolhimento (Ayala et al, 2020; Mackenzie Davey & Jones, 2020; Knappert, Dijk & Ross, 2019; Nyabvudzi & Chinyamurindi, 2019; Baran et al., 2018; Wehrle et al, 2018), capital social (Dunwoodie et al, 2020; Eggenhofer - Rehart et al, 2017; Luimpöck, S, 2019; Yoon et al., 2019), voluntariado (Bradley, Bahous & Albasha, 2020; Dunwoodie et al, 2020; Knappert, Dijk & Ross, 2019; Nyabvudzi & Chinyamurindi, Zikic & Richardson, 2016), motivação a nível individual e recordar a história de migração do país de acolhimento, bem como a cobertura midiática solidária em nível nacional (Eggenhofer - Rehart et al, 2017). Esses fatores apontam que a

inclusão de refugiados na força de trabalho pode ser explicada e investigada dentro de uma estrutura mais geral de gestão da diversidade.

4.1.3 Identidade dos profissionais refugiados

Zikic & Richardson (2016) abordaram a temática de como indivíduos com identidades profissionais estabelecidas respondem ao impacto de forças institucionais. Realizando uma pesquisa qualitativa com 58 imigrantes profissionais, médicos no Canadá, constatou-se que os que tentaram recolocação na profissão enfrentaram uma ampla exigência documental. E que os profissionais médicos canadenses recusam o acesso a "forasteiros", termo utilizado no estudo.

Outro estudo (Mackenzie-Davey & Jones, 2018) aponta que os refugiados requerem a única identidade de reconhecimento: como profissional altamente qualificado e experiente, mesmo tendo que assumir um trabalho de baixa qualificação para requalificar. No entanto, os autores constataram que os participantes eram mais propensos a retornar à sua antiga identidade profissional quando tinham uma relação com as perspectivas futuras de emprego como sinal de esperança para essa retomada. Os autores veem a identidade profissional dos participantes sendo caracterizada por desafios e frustrações, pois estão diretamente envolvidos nas demandas do mercado de trabalho. Embora os participantes tenham encontrado disposição para as exigências institucionais, os resultados desse estudo consideraram que todas essas exigências demandam tempo e dinheiro, mas que de certa forma oferecem uma oportunidade de acesso ao mercado de trabalho do Reino Unido (Mackenzie-Davey e Jones, 2018).

No estudo de Wehrle et al. (2018) verificou-se que a maioria dos participantes com diplomas universitários relatou problemas que ameaçavam sua identidade e, mesmo quando tiveram a chance, continuaram se sentindo desorientados com perda de sentido e significado

associados à sua identidade anterior. Neste estudo, todos os refugiados participantes mencionaram a burocracia como um obstáculo à sua integração na sociedade canadense.

Alguns participantes se sentiram sem esperança e incapazes de controlar suas identidades porque não reconheceram suas habilidades e experiências após o deslocamento forçado. Outro ponto interessante é que os próprios refugiados criam oportunidades vocacionais, e assim, as suas carreiras vão tomando um direcionamento com seus próprios recursos. Além disso, os participantes dessa pesquisa para reconhecer novas opções e caminhos em suas vidas, melhor dizendo sobre as transições de carreira, precisaram aprender a entender melhor o país de acolhida (Wehrle et al., 2018).

Magnano et al (2021) destacam que a migração leva a uma reconstrução da identidade, tanto dos indivíduos que saem dos seus países de origem quanto daqueles que já vivem no país anfitrião. E ao refletir as histórias de vida profissional há uma possibilidade de ver uma identidade mais positiva e a crença de que podem transcender suas situações difíceis e ter planos para o futuro.

Além disso, Cangia et al (2021), em um estudo com refugiados sírios altamente qualificados, destacaram que a maioria dos respondentes estava ativa em empregos ou empregos em diferentes áreas de atuação e alguns puderam continuar as suas profissões anteriores. Os resultados dessa pesquisa identificaram que os refugiados usam suas línguas maternas para ter acesso como tradutores, e a vida profissional continua a moldar as expectativas que esses participantes têm em relação a sua trajetória profissional interrompida, podendo trabalhar em empregos instáveis. Nesse caso, os autores destacam que esses refugiados sírios apresentam os interesses e aspirações em restabelecer suas competências e ser ativos na profissão que exerciam.

Por fim, Apostolidou (2015) aponta no seu estudo a relação entre os profissionais que conduziram um trabalho clínico como uma formulação para a noção da identidade profissional. O trabalho desenvolvido pelo autor identifica como as intervenções sociais, as habilidades em questões de direitos humanos e prestação de assistência prática no que diz respeito a questões de habitação, emprego, benefícios sociais e questões de pedido de asilo são engajadas nas práticas psicológicas com o compromisso de apoiar as populações marginalizadas.

Finalmente, e sem pretensão de exaustividade, os estudos mais relevantes (Ortlieb et al, 2021; Magnano et al; 2021) relacionados às práticas organizacionais são voltadas para a inclusão e estão interligadas nas identidades dos trabalhadores refugiados, mas com poucas pesquisas. Destaca-se que Ortlieb, Glauninger & Weiss (2021), com base em múltiplos casos de trabalhadores refugiados, examinaram a ligação entre a inclinação organizacional e a regulamentação de identidade. Como resultados foi identificado que os refugiados são construídos socialmente por três dimensões: “bons”, “gloriosos” e “gratos”. Os autores perceberam que essas três dimensões da identidade são características associadas a cada refugiado e que as práticas organizacionais possibilitam o desenvolvimento profissional e, também, possuem um tempo de permanência no país de acolhimento. Embora tenham identificados que mesmo que os refugiados queiram ser reconhecidos em sua singularidade, a conclusão é que eles tendem a querer se reconhecer como refugiado para sentirem inclusos dentro das organizações (Ortlieb et al, 2021). Mesmo que esta revisão de literatura tenha contribuído para um exame mais atualizado sobre estudos a respeito de imigrantes involuntários ou forçados e a construção das suas carreiras, observam-se algumas limitações. Assim, os estudos mapeados foram relevantes para atender às perguntas de acordo com a proposta de uma revisão de escopo e se encontram sintetizados no Quadro 5.

Quadro 5-

Síntese dos resultados gerais dos estudos da revisão de literatura por categoria (n = 27)

Categoria	Principais resultados
<p>Barreiras estruturais ao emprego e estratégias de adaptação dos refugiados</p>	<p>Em relação as barreiras estruturais ao emprego, os estudos (Tzoraki et al, 2021; Ayala, et al, 2020; Bradley, Bahous & Albasha, 2020; Mackenzie Davey & Jones, 2020; Shan et al, 2020; Knappert, Dijk & Ross, 2019; Pajic et al, 2018; Wehrle, Kira & Klehe, 2018; Wehrle et al. 2018; Zikic & Richardson, 2016; Piętko-Nykaza, 2015; Willott & Stevenson, 2013) apontaram alguns pontos que estão relacionados a falta de credenciamentos de qualificações (Piętko-Nykaza, 2015) ao chegar no país de acolhida. E as principais barreiras identificadas são: desafios linguísticos, questões relacionadas à saúde física, mental, questão de ética e barreiras em acesso a educação (Obschonka et al, 2018). Além disso, identificaram-se como barreiras: a cultura do país anfitrião e questões emocionais como sentir-se isolado, solitário e nostálgico.</p> <p>Já às estratégias de adaptação, estudos (Ginevra et al., 2021; Ayala et al., 2020; Dunwoodie et al., 2020; Nyabvudzi & Chinyamurindi, 2019; Yoon et al., 2019; Baran et al., 2018; Obschonka et al., 2018; Pajic et al., 2018; Wehrle, Kira & Klehe, 2018) apontam adaptabilidade de carreira (Savickas, 2015) como um recurso psicológico à inclusão social de refugiados e migrantes e ao trabalho. Os resultados demonstram aspectos em comum em que os refugiados conseguem regulamentar ativamente seus pensamentos e</p>

	<p>emoções sobre seus planos reais no pós migratório, conseqüentemente, recursos de adaptabilidade de carreira contribuíram para o autocontrole e tomadas de decisões para suas estratégias de adaptação. Fortalecem a sua adaptabilidade: atitude e mentalidade positiva e sentimentos de agradecimento.</p>
<p>Experiências dos migrantes e inclusão laboral no país de acolhida</p>	<p>Em resumo, os estudos (Dunwoodie et al., 2020; Knappert, Dijk & Ross, 2019; Yoon et al., 2019; Baran et al. 2018; Pajic et al., 2018; Wehrle et al., 2018; Eggenhofer - Rehart et al, 2017; Zikic & Richardson, 2016; Piętko-Nykaza, 2015; Willott & Stevenson, 2013) mostraram que as trajetórias de vida dos refugiados são mais vulneráveis no mercado de trabalho e sofrem com uma taxa mais alta de desemprego e subemprego em comparação com a população local. Como apresentam uma amostra de pessoas que já tinham experiência profissional em seus países de origem, onde tinham que ajudar e sustentar suas famílias, os refugiados após um tempo no país de acolhida já tinham ideias para suas ocupações precárias (Eggenhofer-Rehart et al, 2018; Ozturk, Serin & Altinoz, 2019) e seus enfrentamentos diante das barreiras mencionadas anteriormente. Mas, para que se sinta incluído no país de acolhida, alguns autores refletiram pontos que facilitam esse processo de inclusão laboral, como: domínio da língua do país de acolhimento (Ayala et al, 2020; Mackenzie Davey & Jones, 2020; Knappert, Dijk & Ross, 2019; Baran et al., 2018; Wehrle et al, 2018), capital social (Dunwoodie et al, 2020; Eggenhofer - Rehart et al, 2017; Luimpöck, S, 2019; Yoon et al., 2019), ter algum tipo de experiência, mesmo que</p>

	<p>seja voluntária (Bradley, Bahous & Albasha, 2020; Dunwoodie et al, 2020; Knappert, Dijk & Ross, 2019; Zikic & Richardson, 2016) e motivação a nível individual e conhecimento da história de migração do país de acolhimento, bem como a cobertura midiática solidária em nível nacional (Eggenhofer - Rehart et al, 2017).</p>
<p>Identidade dos profissionais refugiados</p>	<p>Estudos (Ortlieb et al, 2021; Magnano et al; 2021; Mackenzie-Davey & Jones, 2018; Wehrle et al., 2018; Zikic & Richardson, 2016) apontaram que muitos refugiados profissionais sentem “crise” de identidade por não serem capazes de seguir suas carreiras escolhidas, assim destacando o processo, seus efeitos sobre a identidade e as experiências de ajuste de carreira. Dados em comum, pontuam como os refugiados se mostram ambiciosos e o quanto esperam contribuir para suas comunidades. Os refugiados se veem como um rico potencial para causar impactos significativos no mundo com suas vozes. Esses impactos ocorrem quando os refugiados mostram como seus passados influenciam suas escolhas presentes e futuras, principalmente na condição que se encontram: torna-se um refugiado (Zikic & Richardson, 2016). No entanto, a solidão ao deixar grupos sociais previamente estabelecidos em seu país de origem e um sentimento de desconexão social dos cidadãos de um novo país anfitrião são fatores que impactam negativamente a identidade profissional dos refugiados (Wehrle, Klehe, Kira, & Zikic, 2018).</p>

Fonte: elaborada pela autora (2022)

4.2 Estudos dos casos selecionados: caracterização, trajetórias e projetos de vida e trabalho.

Os seis casos estudados na presente investigação, refugiados com ensino superior, serão, nesse tópico, apresentados e discutidos, começando por sua caracterização. Em seguida, será apresentada a análise dos fatores indexados, através da ilustração de suas linhas do tempo, e a descrição das informações não indexadas, conforme o fluxograma de análise dos resultados e discussão das narrativas, presente na Figura 5 exposta do tópico Método.

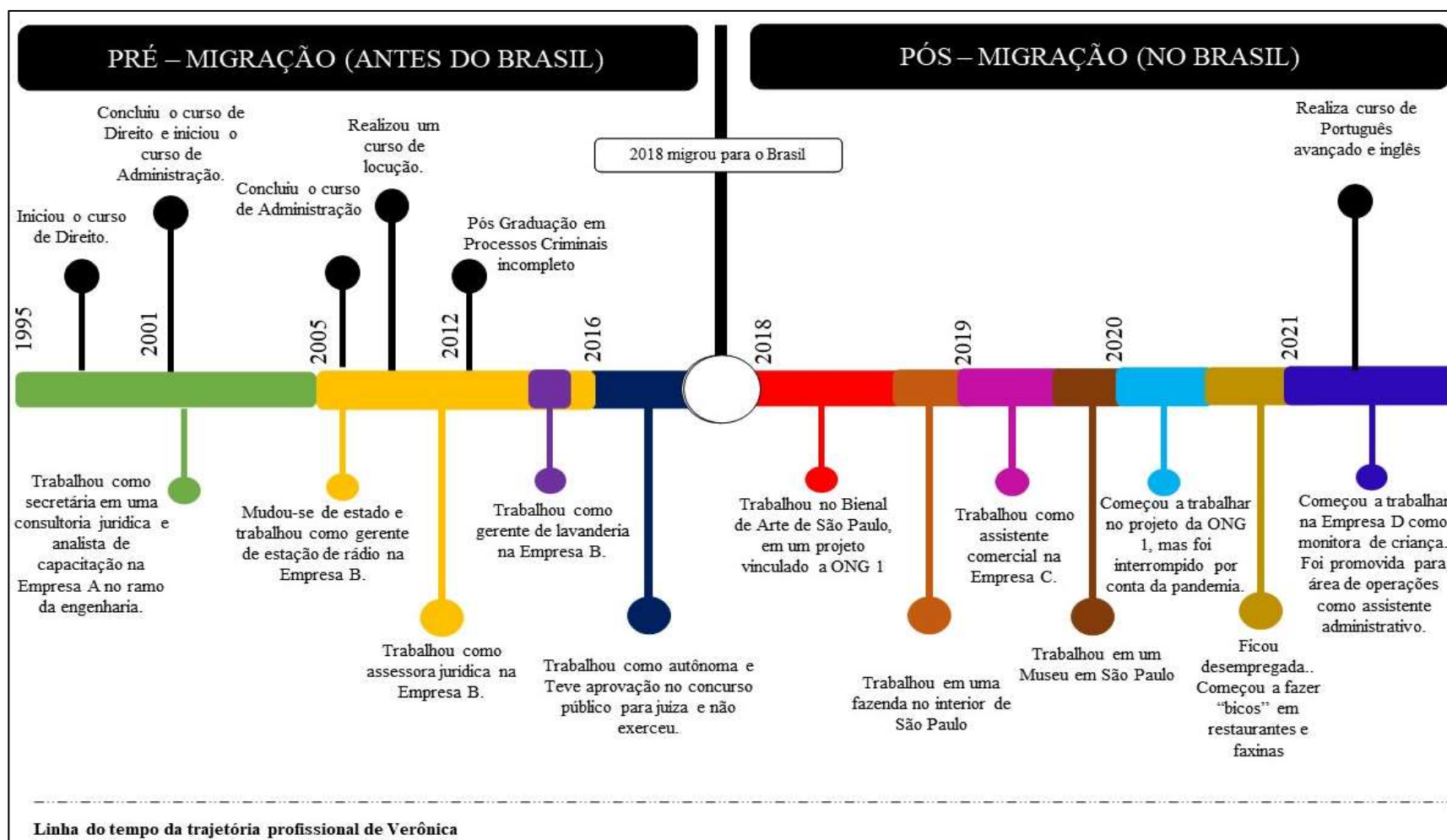
Ressalta-se que as questões são apresentadas e discutidas de acordo com sua presença nas narrativas. Assim sendo, algumas questões são discutidas exclusivamente em determinados casos. Após a descrição dos resultados (trajetória de formação e de trabalho e projetos de vida e de trabalho de cada participante), uma discussão com base na síntese individual da carreira psicossocial e identidade de trabalho, do processo de aculturação e das redes de cooperação de cada caso estudado é apresentada.

4.2.1 Caso Verônica

Verônica tem 42 anos, é venezuelana, solteira, possui duas formações profissionais, sendo a primeira em Direito e a segunda em Administração. Tem dois filhos pequenos que moram com seus pais no seu país e reside há três anos no Brasil. Migrou sozinha, chegando na cidade de Pacaraima, no estado de Roraima, em 2018, sendo essa sua primeira imigração internacional, chegando à cidade de São Paulo. Atuou nas suas profissões por doze anos, como administradora e advogada, antes de migrar. Sua língua materna é o espanhol, compreende o português e estuda o inglês como terceiro idioma. Trabalha dentro de uma escola de idiomas e três semanas antes do dia dessa entrevista foi promovida para o seu cargo atual como assistente administrativo.

4.2.1.1 Trajetória de formação e de trabalho

Figura 6 –
Linha do tempo da trajetória profissional de Verônica



Elaborado pela autora (2022)

Verônica foi entrevistada três anos depois de ter entrado no Brasil. Na Venezuela deixou duas crianças aos cuidados dos seus pais e, hoje, é o apoio econômico familiar. Advogada, administradora de empresa e locutora na Venezuela, veio para o Brasil sem saber falar o idioma local. Sua mãe é formada em serviço social, mas não exerceu sua profissão. Seu pai é administrador e quando precisou imigrar começou a enfrentar um câncer. Contudo, suas opções futuras estavam muito mais limitadas porque percebia que não tinha mais como trabalhar, como se revela mais tarde o motivo da sua vinda para o Brasil.

Em relação à trajetória de formação de Verônica, um aspecto importante é que foi nos últimos anos do ensino médio que sua família se mudou de cidade e ela teve que aceitar o fato de fazer a sua formação profissional em Direito por falta de opção nas universidades na época em Jornalismo. Ela ressalta que fez a sua escolha inicial pelo Jornalismo por adorar se comunicar, por “*entender as pessoas*”, gostar de “*estar nesse meio*”, além de sentir que poderia fazer. Quando indagada sobre a reação da família após ela escolher esse curso, Verônica destaca que não teve aprovação do seu pai com essa primeira opção. O pai de Verônica chegou até sugerir que ela fizesse o curso de Farmácia porque considerava que poderia ter um “*negócio seu*”.

Começou a estudar Direito porque “*queria começar alguma coisa*” e a sua decisão pela escolha, trazendo como memória na entrevista, foi por um discurso de uma professora que dizia: “[...] *a escolha da carreira vai mudar o jeito de você olhar o mundo*”. Como não foi possível realizar o curso de Jornalismo nesse momento, ela acrescenta que a carreira jurídica é “*mais importante do que marido*” e que isso é um fato para ela, pois “*a carreira nunca vai sair da sua cabeça*”.

Verônica conta que no início da sua trajetória profissional na área jurídica, nos anos 2000, o Estado venezuelano fez um comunicado para toda nação sobre as possíveis mudanças

que o país a partir dali passaria. Concordava que deveria ter mudanças políticas, sociais, econômicas, assim assinou uma lista⁷ disponibilizada pelo governo destacando a sua oposição às conjunturas políticas na época: “[...] *Estou com o nome da lista e sou da cor azul e o governo é pelas cores de vermelho*”.

Iniciou sua carreira profissional como secretária em uma consultoria jurídica que tinha como ramo projetos ambientais. Nessa organização não exercia sua prática como advogada, mas trabalhou por cinco anos com tarefas de averbação e autorização das construções civis, atividades administrativas e exerceu o cargo de analista de capacitação pessoal. Sua responsabilidade era subsidiar as famílias de uma cidade para apresentar o novo empreendimento da construtora civil e foi uma das pessoas que trouxe mudança de padrão no trabalho na organização quando entrou.

Verônica descreve que essa mudança foi importante no momento, pois os funcionários que a consultoria contratava para trabalhar na cidade tinham dificuldades de enraizar por dois ou três anos. Então, a empresa não tinha o retorno do investimento de capacitação pessoal que realizava. Menciona que normalmente as pessoas que vinham de cidade grande para o interior e tinham dificuldades de adaptação. Nesse caso, conta um pouco do esquema de subsidiar as famílias residentes dessa cidade como uma alternativa em garantir a empregabilidade por alguns anos para família e um bom negócio de retorno para a empresa.

Durante o período em que ficou nessa empresa, por cinco anos, realizou o curso de Administração. Após a conclusão desse curso e a saída na construtora, mudou para outro estado e teve uma proposta de trabalho com um empresário que possuía vários empreendimentos. Concomitante exercia três trabalhos fixos sendo dois para ele e outro para um amigo do seu

⁷ As cores são destacadas sob intensa tensão política na Venezuela com apoio de um referendo sobre a revogação do mandato do presidente Chávez. (Abi-Saab, 2012)

chefe, que também era empresário. Nessa organização ficou vinculada por doze anos, sendo que seu cargo inicial foi como gerente de estação de rádio. Chegou na cidade com novas ideias para o exercício desse trabalho e relata que mudou, também, a forma manual que esse trabalho exigia trazendo o primeiro computador. Essa ideia teve como forma de reduzir a carga horária e demanda de trabalho da equipe do programa da estação.

[...] Fui eu que levei o computador para lá e as pessoas falavam: “nossa, você veio com um computador”. Tem o programa, tem o esquema e pode gravar, não precisa do pessoal 24 horas”. Olha, até isso mudamos. “Precisamos de pessoal 7 dias da semana, mas não 24 horas. De noite o computador consegue fazer e durante o dia é outra coisa.

Durante esse percurso, pôde se desenvolver, realizar cursos específicos para o cargo e, também, para área jurídica. Para esse cargo de gerente precisou realizar um curso de locução para exercer no programa, sendo que as suas práticas cotidianas nesses anos estavam tanto na parte administrativa como na parte jurídica. Com três trabalhos concomitantes, Verônica relata que fez dois anos do curso de pós-graduação e não concluiu porque sofreu um acidente doméstico nesse período. Pontua que não conta muito desse curso porque não chegou a concluir e possuir diploma.

[...]No momento da recuperação perdi esse filho por conta também da superação e tudo mais. Então, eu não estava em condições mentais porque eu sofri de depressão pós-parto por conta disso e estudar eu não consegui de jeito nenhum. Então, ficou no ar. Tenho conhecimento sim, mas não tenho diploma. E então, por isso sempre deixo de lado porque não foi um estudo que terminou.

Para trabalhar na parte jurídica, vinculou-se na área de telecomunicação na qual precisava conhecer e cumprir com as normativas que o órgão nacional de telecomunicações exigia na

época porque esse era vinculado ao Estado venezuelano. Nesse período relata como sua experiência de trabalho, principalmente vinculada à contratação de patrocinadores para o programa de rádio, estava sob algumas limitações devido às exigências e interferências do Estado com leis institucionais porque: *[...] Quando começou o governo a mexer muito o que chamava a Lei de Sorte, sabe...o que se chama a Lei do Silêncio, então falar uma coisa na rádio que estava contra o governo era um problema sério, mas não fechava a estação de rádio. Tirava os contratos das construtoras, tirava contrato do hotel.*

Destaca que começou a ter pressões da parte do governo por conta da estação de rádio em que era o ponto fraco para dar continuidade ao seu trabalho ali desenvolvido. Recorda o antagonismo da parte do governo: *“o mesmo governo falava: não tira, não vou tirar a concessão para você seguir funcionando, mas tem que falar X coisas...”*. Episódios assim no cotidiano do trabalho eram frequentes, principalmente, quando o público exigia programas e músicas que faziam apologia à liberdade ou denúncias que a situação do país estava desagradável. *“[...] Certos programas de opinião tampouco conseguiam colocar no ar, tinha que tirar. Por quê? Recessão de contrato e não consigo. Então, teve esquemas de trabalho que tivemos que mudar”*.

Mesmo mantendo o seu exercício profissional e o compromisso ocupacional com premissa, os problemas com a recessão de contratos na época causou desgastes e frustrações ao longo do tempo, assim diminuindo sua expectativa na ocupação e na organização gerando um sentimento de frustração e tristeza, como narra: *[...] meu chefe ficava horrível, era a frustração dele e porque é a minha também. O resto do povo: “ah, não tens esse artista no ar?”. Não conseguia porque o que falava na canção é, sabe... a apologia à liberdade ou que as coisas estão desagradáveis. Não consigo colocar no ar.*

Após o falecimento do seu chefe, os objetivos da empresa estavam sendo direcionados para outros fins, principalmente interligando a crise econômica que se agrava no seu país. Pontua que esse trabalho foi uma experiência muito “*grata*” e que tinha “*liberdade*” já que exercia outras ocupações na mesma organização. Então, com o falecimento do seu chefe, Verônica pontua que os filhos assumiram e “o patrimônio praticamente se perdeu” [...] e a situação do país não ajudava em nada”.

Com o fechamento da estação de rádio, após o falecimento do seu chefe e conflitos de interesses particulares dos herdeiros pelo patrimônio, encerrou sua trajetória na empresa em 2016: “[...] o último que tive que fazer era desmontar tudo, entregar para agência e apagar. Ia ter hoje, sei lá, seis anos.” Sai dessa organização e continua trabalhando como autônoma por dois anos como advogada. Nesse período teve dificuldades de conseguir um trabalho fixo. Ela pontua que o fato de ser da “*cor azul*” dificultou mais ainda a trabalhar novamente nas instituições.

Verônica chegou até a realizar um concurso para cargo de juíza e foi aprovada em todas as etapas. Mas não poderia assumir o cargo público porque ela havia assinado essa lista e, conseqüentemente, não poderia trabalhar para o governo. Assim, destaca que suas escolhas nesse momento da carreira ficaram limitadas, não sabendo o que iria acontecer: “[...] concurrei para um cargo de juiz lá na Venezuela na época. E fui aceita, fiz todas as provas. Tentei fazer na época a prova psicotécnica, doutoras, e tudo mais. Só que falaram para mim: “*infelizmente você é azul, não consigo. Ninguém que esteja na lista vai trabalhar com o governo*”.

Com apenas carona da sua cidade natal até a fronteira brasileira, na cidade Pacaraima/RR, chegou ao Brasil em agosto de 2018, permanecendo por três semanas. Nesse processo, vendeu a casa onde vivia, perdeu a sua relação com espaço geográfico de convivência,

assim como se separou dos seus pais, seus filhos e outros irmãos que não conseguiram deixar o país porque “[...] as circunstâncias estavam muito limitadas com isso”.

Na fronteira não chegou a trabalhar, pois tinha dificuldades de falar o português e destaca que os imigrantes venezuelanos já falam o “*portunhol*”. Com sentimento de insegurança e sem saber o que iria fazer a partir dali, foi acolhida por um projeto que estava em parceria com a operação acolhida⁸, em que iriam encaminhar os migrantes diretamente para a cidade de São Paulo. Mas, nesse momento tinha o desejo de ir para Manaus porque essa cidade, especificamente, era uma forma de ainda acreditar que poderia voltar para a Venezuela e estar mais próxima da sua família.

Veio para a cidade de São Paulo com apoio desse projeto e mora no mesmo bairro, da zona sul, até hoje: “*Não vai para Manaus e em São Paulo temos esse projeto e não sei o que...então eu falei: “olha, bom... que seja o que Deus quiser”*”. Relata que foi um choque esse primeiro contato porque ninguém na cidade falava o espanhol e poucas pessoas compreendiam. Verônica conta com recordações como foi a sua primeira experiência laboral na cidade em um projeto de integração social em que: “[...] *Ficava muito ansiosa porque não sabia o que falar e o sotaque meu era muito forte no espanhol. De algum jeito a gente consegue*”. *Então, o que fiz? Fiz um roteiro e coloquei o que tinha para falar. Se perguntavam alguma coisa disso, eu já disse e já era. [...] foi numa exposição no museu do Ibirapuera*

Após essa experiência de trabalho descobriu que o pai dos seus dois filhos estava no Brasil, o que até então não sabia. Nesse momento, acabou deixando o seu primeiro trabalho na instituição e foi tentar mais uma vez reconstruir sua vida para que juntos possam trazer os filhos que haviam ficado na Venezuela com sua família. Nesse período, Verônica foi trabalhar em uma

⁸ Essa operação é descrita como uma força tarefa humanitária que é comandada pelo Exército brasileiro e as ações são empreendidas em parceria com outras instituições humanitárias, sejam elas internacionais ou nacionais (Sousa & Oliveira, 2020).

fazenda no interior de São Paulo, ocupação que não foi mencionada na entrevista. Mas, destaca que não era um trabalho que precisava do seu conhecimento como advogada, de mexer com documentação jurídica da fazenda.

Para esse trabalho ofereceram uma moradia, tinha um salário atrativo para eles dois e quando chegou na cidade era outra proposta de trabalho, como relata: [...] *Ofereceram uma casa, ofereceram um salário atrativo para nós e fui, porém quando chegamos lá era outra coisa. Então, apareceu um salário quando chegamos lá e pagaram outra coisa. Então, os benefícios que também falavam não era o “convenido”* (acordado/combinado – tradução da autora). Ao contar sobre a situação mais estressante que enfrentou quando começou a trabalhar no Brasil, Verônica destaca uma situação que aconteceu nesse período ao somar os comentários em relação ao seu companheiro na época por ser um imigrante negro. Ela saiu com outras pessoas próximas ao seu local de trabalho, e ainda tinha dificuldades de falar o idioma local.

[...] - *“É que estou dando conta que você não é daqui o seu sotaque. Você é de onde?”*.
 - *“Da Venezuela”*.
 - *“E ele? Por que olhei essa pessoa que está do lado de você e cuidado...”*
 - *“Cuidado do que?”*
 - *“Olha como é ele...”*. E eu olhava meu marido e ela olhava um homem preto do lado de uma mulher de pele clara.

Nesse momento da entrevista Verônica destaca que ficou com medo de trazer os seus filhos para o Brasil e que não são “pretos”. Ela realça um período muito “duro” porque gostaria de tê-los por perto. Mas, como seria a “situação do lado dele aqui no Brasil? Por ele ser preto e eu ser de pele clara”. Conta que na Venezuela, por mais que tenha “muitos defeitos” em quesitos como governança, não conhecia “atos racistas” porque “não existe”. “E isso é uma das coisas tristes que tem no Brasil e que aqui existe racismo ainda”.

Em seguida, deixou o emprego nessa fazenda ficando apenas por um mês. Destaca a sua insegurança em relação algumas propostas que foram surgindo em sua trajetória de vida de trabalho e que esse período foi difícil porque sentia saudade de sua família. Foi um momento em que a ideia de voltar para a Boa Vista surgiu e que era tudo que precisava no momento porque tinha acabado de se separar do pai dos seus filhos e tinha o desejo de retornar ao norte do país: *“eu quero voltar, eu quero voltar e eu quero estar mais perto. Não consigo voltar para a Venezuela porque não tenho trabalho lá. E sem trabalho a gente não pode ficar. Infelizmente é assim, dependemos muito disso”*.

Retornou à capital e recomeçou sua vida dando a oportunidade de estudar o português e restabelecer o seu contato com a organização não governamental para pedir um suporte. Então, começou a trabalhar por dez meses em uma consultoria de finanças como assistente comercial destacando ter sido *“um trabalho bom”* e com uma oferta de salário atrativa, mas tinha uma rotina bem estressante. Após essa experiência, deu início a um trabalho em um projeto em um museu, ficando cerca de três a quatro meses. Em seguida, teve a oportunidade de um projeto da ONG de ir a Boa Vista, em Roraima, para fazer atendimento dos imigrantes venezuelanos que chegavam na fronteira. Mas, nesse momento veio a pandemia e o fechamento das fronteiras. Não havia mais nenhuma proposta de trabalho nem no museu e nem sua ida à fronteira para trabalhar no projeto, pois esse tinha sido suspenso. Ficou desempregada e nesse período teve o apoio financeiro do auxílio emergencial do governo federal e continuou seu trabalho na ONG dando apoio econômico pelas atividades que exercia de atendimento aos migrantes e refugiados.

Dessa forma, precisava ter uma segurança e então começou a fazer algumas atividades paralelamente ao da ONG ou que se denomina de *“bicos”*. Verônica diz que começou a fazer um trabalho no restaurante, às vezes, como auxiliar. Como o restaurante estava também com as

portas fechadas, ela disse que começou a fazer faxina dois ou três dias por semana. O seu trabalho no restaurante ajudava para complementar a renda para enviar aos seus familiares e não precisava comprar comida para ela, pois fazia suas refeições no restaurante. Nesse caso, começou a fazer alguns apoderamentos do que precisava no momento e o que tinha para enviar. Segundo ela, *“porque comprar comida aqui para mim, eu estou deixando de enviar dinheiro para lá. E lá que tem para comer. Então, tudo isso, você tem...até isso para você tem que ser uma escolha”*.

Durante a pandemia, aos poucos, foram surgindo propostas de trabalho. Menciona que até o dono do restaurante gostaria que ela ficasse, mas não era o trabalho que gostaria e que não era do seu perfil. Contudo conseguiu uma oportunidade de trabalhar em uma empresa de segurança, como monitora de aluno, numa escola privada paulistana. A escola ainda se encontrava fechada, mas após o retorno das aulas recebia os alunos com a segurança devida ao chegar de carro, checagem dos cuidados de biossegurança da covid-19, dar o suporte às crianças na parte interna da escola que possuía oito andares e que era dividido em dois blocos como detalha o seu dia-dia:

[...] No acesso de atendimento do aluno quando está chegando, porque o esquema de recebimento é diferenciado. Chega de carro, de máscara, tem que dar atendimento, a segurança deles dentro no prédio, a escola tem oito andares e dois [...] dividido em dois prédios unidos por uma parte muito grande de espaço, então na segurança interna após dentro do térreo.

A empresa, que é do ramo educacional, disponibiliza cursos de diferentes áreas para os funcionários realizarem. Tinha acesso pelo aplicativo e foi a partir daí que retornou a estudar. Três semanas antes de conceder essa entrevista, Verônica foi promovida para outra área dentro da escola. Grande parte do público que frequenta essa escola são estrangeiros que possuem uma

posição econômica para pagar mensalidades de alto custo. Nesse caso, saiu da área de segurança para ir à área administrativa como assistente. Ao contar como é o seu cotidiano de trabalho, descreve que têm atividades tanto com os professores, de manutenção, de segurança, do atendimento aos pais e toda movimentação que ocorre dentro da escola. Destaca que no seu dia-dia dar atenção aos alunos, pais e as demandas que ali surgem. Como ela salienta o que é mais importante: [...] *São mais de mil alunos e temos pelo menos, dos pais, cinquenta pedidos por dia como: meu filho, hoje, vai sair mais cedo ou quebrou uma torneira no banheiro. Então, os professores pedem todo dia alguma coisa. Movimentar de um prédio para o outro, andar para o outro, precisa de um processo. Então, nesse processo sou eu.*

Quando começou a trabalhar na escola, e tinha disponibilidade de cursos complementares, Verônica traz a ideia de que estudar é um sentimento de fuga e que permite assimilar não só apenas para conhecimento, mas como ajudar em “*outras coisas*”. “*Então, estudar para mim é um escape, é uma fuga. [...] estudei, estudei e agora a pouco, não tem um mês ainda, mas três semanas eu fui promovida*”. Argumenta que nesse trabalho atual acaba sendo educativo para você porque prefere interagir com imigrantes por falarem a mesma língua materna.

4.2.1.2 Projetos de vida e de trabalho

Mesmo trabalhando como assistente administrativo e por não conseguir atuar na área jurídica aqui no Brasil, Verônica destaca a importância do planejamento da sua vida, o que irá fazer em “*um, dois ou três anos*” por ter essa responsabilidade em contribuir financeiramente com seus dependentes que estão na Venezuela. Verônica destaca que hoje se reconhece como uma profissional que está evoluindo e com sentimento de segurança e orgulho de si,

principalmente na nova oportunidade que deu no seu atual trabalho como assistente administrativo. A impressão que fica no momento é que está conseguindo restabelecer as suas construções de vida de trabalho como era na Venezuela:

[...] nessa nova oportunidade, que deram para mim de crescer em um ano dentro de uma empresa, nunca senti orgulho assim de mim mesma. Me senti mais segura e sou uma profissional que cresce cada dia mais. Que evolui, o que é feito desde que escolhi trabalhar da minha vida até agora.

Conta não ter certeza ainda do que vai fazer no futuro, embora aponte na entrevista o seu interesse de revalidar seu diploma na área jurídica ou realizar um curso profissionalizante em gestão financeira para lhe dar “*mais forças na parte administrativa*”. Nesse caso, destaca-se que a opção de revalidar seu diploma na área da jurídica é a importância em ajudar ao grupo que pertence a venezuelanos, também refugiados, na região onde mora. Mas, um aspecto que ela parece estar certa é com relação ao seu desejo de reencontrar seus dois filhos e trazer para São Paulo. “*[...] Uma vez eles aqui começo com a segunda parte que sou eu. Em que sentido? Isso da carreira*”. Tinha esse plano para se concretizar no início de 2020, mas foi interrompido por conta do fechamento das fronteiras devido a pandemia da Covid-19.

Além do mais, Verônica pontua que até final de dezembro de 2022 vai continuar aprendendo e falando inglês do que está hoje. Conta que já está finalizando o seu curso de português em nível avançado, assim como já vai ensinar aos seus filhos também futuramente. “*[...] Estou estudando de fato inglês e, agora, para dezembro do próximo ano, tenho que estar falando muito melhor do que estou fazendo agora. Porque se aprende português, vou aprender inglês*”.

4.2.1.3 Discussão dos resultados de Verônica

Carreira psicossocial e identidade de trabalho

Pode-se dividir a história de vida de Verônica, em termos de trajetória de vida de trabalho, em duas partes. A primeira delas inclui a construção de projeto no seu país de origem com início na escolha profissional até a carreira profissional em organizações e, também, como autônoma. A segunda parte no momento, de transição de carreira, o pós-migratório com sua chegada na fronteira no Brasil, chegada na cidade de São Paulo com seu trabalho em um projeto vinculado à parceria de um museu com uma ONG, o seu trabalho em uma fazenda no interior de São Paulo; o seu trabalho em empresas; o seu trabalho em restaurantes e com faxina; seu trabalho atual como auxiliar administrativo; e a estudante de cursos de idiomas.

Esse enredo de vida dividido nessas sete unidades episódicas, quando visto na totalidade, permite perceber que a trajetória de vida Verônica é atravessada por temas de vida como a sua necessidade de trabalhar para poder subsistir; pela necessidade de estudar para melhorar a sua condição financeira e buscar por boas oportunidades de trabalho digno no Brasil; sua percepção em relação à sociedade brasileira, além de ser a única pessoa a ter responsabilidade de ajudar financeiramente os seus dependentes que ficaram no seu país de origem e pela vontade de se realizar por meio das suas atividades profissionais. Observa-se que seus projetos de vida e de trabalho são destacados pelo desejo de sobrevivência a curto prazo para desenvolver suas carreiras de longo prazo. Um aspecto importante que vale a pena ressaltar é que as duas escolhas de projeto de vida de trabalho que ela atribui a si teriam como etapas iniciais para admissão na área do jurídico e exigiram muitos estudos após a migração.

Percebe-se pela história de vida que Verônica parece ser uma mulher que gosta de manter-se produtiva e a remuneração se tornou e se torna mais importante depois do refúgio.

Tem alguns valores que são essenciais nesses doze anos, tais como: o interesse no vínculo organizacional, a remuneração, a vida pessoal, com a vida dos seus filhos, e a profissional, equilibradas. A maior parte da sua trajetória foi marcada por trabalhar em organizações em busca de uma seguridade financeira. Observa-se em sua narrativa em como tem conquistado trabalhar em cargos com vínculos empregatícios, também, aqui no Brasil.

A experiência da migração forçada para Verônica foi uma ruptura do seu projeto de vida e de trabalho. No caso dela, percebe-se a sua vontade em alinhar atualmente suas habilidades e competências jurídicas, como parte das referências identitárias construídas no seu país e agora nas redes com migrantes que vivem no Brasil e ter o curso de idioma de inglês como uma formação complementar para ter um diferencial no mercado de trabalho.

Na situação da entrevista foi pedido que expressasse sobre as primeiras ideias do que Verônica relacionava com o conceito de carreira. Relata como *“alguma atividade que você deseja desenvolver na sua vida e que com isso vai gerando uma renda sim”*, tem a ver com algo que *“vai mudar o jeito de você olhar o mundo”*. Acredita que o olhar na vida, primeiramente, é o estudo e a *“profissão.”*. Além do que, na sua trajetória de formação e de trabalho, sempre demonstrou esses interesses nas áreas que escolheu. O preenchimento dos requisitos profissionais para reentrar na sua antiga profissão, como fez na área administrativa, funcionou também como uma ponte para outras formas de emprego. Em outras palavras, Verônica desenvolveu a importância do conhecimento local para o acesso aos empregos fora da sua profissão, principalmente quando teve mais contato em realizar trabalhos na organização não governamental e experiências em outras ocupações durante a pandemia.

Eggenhofer-Rehart (2018) sugere que a proatividade é um fator que pode ajudar os refugiados a realizar estágios e trabalho voluntário como uma oportunidade de adquirir

habilidades que os ajudarão a ter acesso ao mercado de trabalho regular mais rapidamente. Nesse caso, supõe-se que Verônica tenha encontrado uma legitimação para reestabelecer seu projeto de vida e de trabalho ao chegar no Brasil em focar em aprender o idioma nativo e por perceber que esse caminho vai ser uma forma de garantir alguma estabilidade.

Nesse caso, um fator muito presente em toda a sua entrevista é a importância que Verônica atribui ao seu *self* como o seu “*gosto de estudar*”, que é algo que inicialmente associado como elemento fundamental na sua trajetória de vida de trabalho. O ato dos estudos possui uma significação especial para ela e a família porque isso a ajuda como “*pessoa*”, como “*ser humano*” e “*seguir crescendo*”. Contudo, supõe-se que para ela o reengajamento na sua profissão e as suas tentativas de requalificação sustentam a sua recuperação por via das formações que vem realizando atualmente. E o modelo de Champion (2018) sugere que dominar o idioma pode ajudar os refugiados a se ajustarem às suas carreiras, já que seus certificados não são reconhecidos.

Por não conseguir retornar a Venezuela, percebe-se o contraste entre a identidade passada e a reconstrução durante a sua transição, além dos momentos instáveis que viveu durante a pandemia. Expressa não só como a perda do estatuto profissional, mas também de qualquer sentido de identidade coerente e de autoestima por não saber “*o que fazer*”.

No que se refere aos discursos de carreira (Ribeiro, 2014), inicialmente Verônica apresentava uma narrativa que se aproximava da carreira fechamento, pelo fato do seu sentido de carreira e sua construção estarem voltadas para a competência administrativa atualmente e da área jurídica que construiu na Venezuela, principalmente quando chegou a realizar um concurso público como juíza e não conseguiu exercer o cargo. Correlacionando com a teoria, Ribeiro (2014) expõem que o grupo de trabalhadores presente nesse tipo de modelo de carreira

fechamento são guiados a partir dos clássicos e das carreiras profissionais associado à sua formação profissional.

Todavia, ao analisar o caso como todo, é possível relacionar com o discurso de nostalgia de Ribeiro (2014) que Verônica constitui uma identidade organizacional que esteja vinculada a uma instituição, como espaço de trabalho delimitado e uma dependência a ela como uma tentativa de manter a sua construção de vida de trabalho marcada pela estabilidade em um sistema sócio laboral. Assim, há uma busca pela realização de atividades que estejam vinculadas aos seus interesses na organização atual, que lhe possa dar a segurança financeira e de trabalho, como atualmente realiza na área da Administração. Contudo, estar em um lugar que obtenha seus valores presentes na gestão, como aceitar ideias novas, e que goste do que faça, conforme já apresentado anteriormente com sua narrativa.

Nesse caso, compreende-se que a carreira psicossocial que vem se concretizando aqui no Brasil está vinculada pelo seu engajamento organizacional, por uma identidade organizacional, assim como por aspectos da identidade profissional. Assim sendo, pode-se dizer que a construção e sentidos atribuídos à carreira de Verônica aproximam-se do discurso de carreira fechamento e do discurso de carreira nostalgia devido à relação com o trabalho que deseja construir aqui no Brasil voltado mais à estabilidade e o pertencimento a sua organização atual.

Tratando-se ainda dessa dimensão psicossocial, a sua narrativa trouxe elementos sobre uma identidade mais ligada à Venezuela ou como a migração forçada tem mantido as suas relações com as raízes mais latinas, na importância em ajudar ao grupo que pertence de venezuelanos da região onde mora. Esse sentimento de pertencimento a um grupo, tanto da sua comunidade local e como do trabalho atual, em como ela se percebe, é dado o caráter processual e dialético da construção da identidade.

Verônica afirma que se sente bem por estar com os imigrantes, mesmo que não sejam da sua nacionalidade. Esses apontamentos identitários são caracterizados por Chávez (2011) quando relata que o processo de integração social à nova cultura tem a ver com a conservação das referências da nacionalidade. Por interagir por diferentes espaços de socialização na sua construção nesse lugar social e, também, como um suporte emocional por gostar de trabalhar junto com as crianças da escola, se identifica “*a chica dos chicos*”.

Nessa direção, Blustein (2011; 2020) traz a questão do ser cultural, como fator relacional. Quando os refugiados se encontram em um cenário cultural novo, o seu desenvolvimento de carreira vai ser perpetuado por uma conexão social dentro do local de trabalho que facilita esses sentimentos de conectividade. Mesmo mencionando um episódio de discriminação no período que ainda trabalhava na fazenda, percebe-se que a separação é a estratégia de processo de aculturação (Berry, 2003; 2004) que predomina em Verônica atualmente. Ou seja, a estratégia de separação destaca o quanto Verônica tem interesse em manter sua identidade cultural, e ao mesmo tempo integrar-se com outros grupos no cotidiano do trabalho que são imigrantes de cultura latino-americana. Diferentemente, do que é a estratégia de integração que é manter a sua identidade cultural junto com a sociedade hospedeira.

Mesmo com a dificuldade de integração na sociedade hospedeira, Verônica busca ter vínculos, por via dessas redes, para o aprimoramento na língua portuguesa. Reconhece esse ponto crítico durante esse processo de aculturação, mas como é importante ao acesso no mercado de trabalho. Nesse direcionamento, Mackenzie-Davey & Jones (2019) sugerem que o restabelecendo da identidade profissional decorre no enfrentamento das barreiras, como a proficiência linguística, para que os refugiados tenham uma ponte entre seu estatuto profissional e o futuro estatuto no país de acolhida.

Mas, pela narrativa de Verônica, chama atenção como a construção de seu projeto de vida de trabalho está sendo alinhado com apoio de uma rede de cooperação, em que o refugiado trabalha ou produz interiormente por via de um agenciamento coletivo (Scherer, Grisci & Chanlat, 2021). O caso de Verônica apresenta elementos de uma identidade de rede (Ribeiro, 2014), mediada por sua identidade vocacional associada à área do Direito.

Uma vez que ela busca trabalhar com o que se identifica, para dar um sentido de continuidade e que não se ampliem mais sentimento de perdas identitárias. Portanto, a vontade de retornar a carreira jurídica com outros migrantes venezuelanos, para além da identidade profissional, tende à construção de uma identidade de rede, como preconizado no discurso possibilidade (Ribeiro, 2014), não obstante seu processo migratório solitário. Os refugiados que deixam de conectar socialmente com suas redes, a solidão é um dos fatores que podem impactar negativamente a identidade vocacional, por exemplo (Wehrle, Klehe, Kira, & Zikic, 2018).

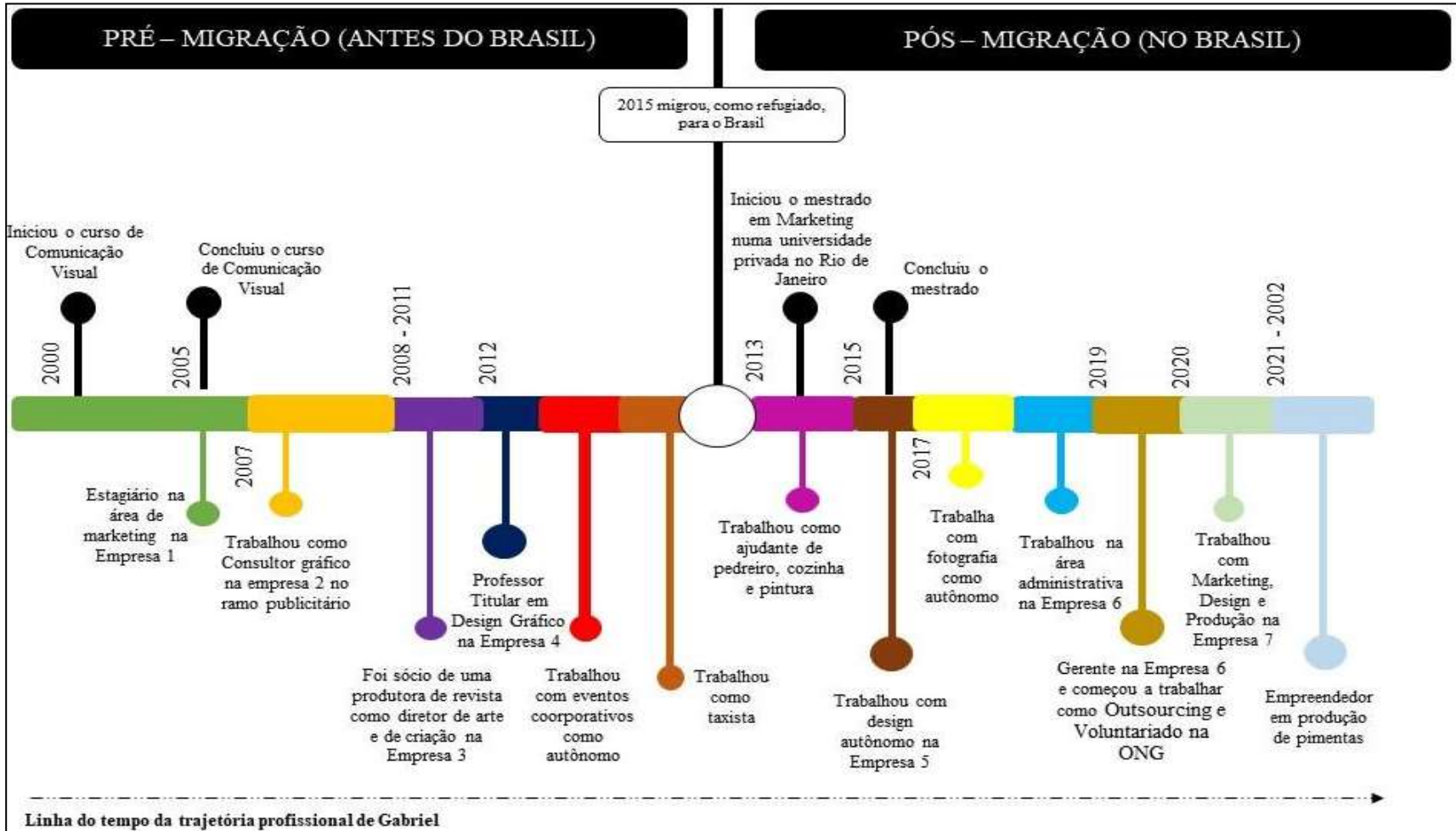
4.2.2 Caso Gabriel

Gabriel tem 41 anos, é venezuelano, pai solteiro e possui formação superior em Comunicação Visual em uma universidade pública. Sua família ainda reside na Venezuela. O seu primeiro contato no Brasil foi ainda cursando a graduação para uma experiência de estágio em Juiz de Fora/MG por cinco meses; mas só em 2014 migrou sozinho como refugiado, chegando na cidade do Rio Janeiro. Vive na cidade de São Paulo, na Zona Oeste, sua língua materna é o espanhol, tem fluência em inglês e compreende o português como terceiro idioma. Trabalhou como pessoa jurídica (PJ) na área da comunicação visual, e atualmente é empreendedor na produção e vendas de pimentas, porém busca por oportunidades no ramo de marketing e publicidade em uma organização brasileira.

4.2.2.1 Trajetória de formação e de trabalho

Figura 7 –

Linha do tempo da trajetória profissional de Gabriel



Elaborado pela autora (2022)

Gabriel teve seu primeiro contato com o Brasil realizando um estágio na cidade de Juiz de Fora, em uma agência publicitária. Após esse momento retornou à Venezuela para concluir o seu trabalho de curso que foi um plano de negócio e, portanto, originou a criação da sua própria empresa. Gabriel é empreendedor com produção de pimentas, profissional na área de Marketing e realizador de eventos. Sua trajetória de formação e de trabalho se caracteriza pela migração a outros países, antes de estabelecer residência na cidade de São Paulo, como viajante.

Em seu país de origem deixou sua única filha, que hoje tem 12 anos, e seus pais. Sua mãe é concursada pública e formada em Economia, estando próxima de se aposentar antes de solicitar o refúgio no Brasil. E seu pai não realizou o ensino superior, mas trabalhava como comerciante e outras ocupações. Ele destaca que nasceu em um ambiente sociopolítico econômico com tudo o que está influenciando na sua história. Gabriel é filho único de militantes do Partido Socialista na Venezuela e destaca que sempre cresceu nesse cunho de militância política, sendo que seu pai, inclusive, foi preso político por três anos.

Em relação a trajetória de formação, Gabriel pontua no final da entrevista que não recorda muito como foi o seu processo de escolha profissional, mas que tinha dúvidas em fazer Comunicação com ênfase na área de Jornalismo, Psicologia, Sociologia e Relações Internacionais. Diz que essas eram suas opções na época que iria ingressar na universidade e destaca que escolheu a comunicação visual porque trabalhou como iluminador (sem descrever essa ocupação na linha do tempo) quando ainda era adolescente e daí começou a ter os primeiros contatos com a arte visual. Relata que muito do interesse partiu por conta própria, pois recorda que seus amigos ou familiares não gostavam.

Ainda no período universitário, já morou aqui no Brasil por cinco meses com um processo migratório planejado quando veio fazer esse seu último estágio ainda na sua graduação.

Em 2005, Gabriel teve três opções de escolha: Brasil, Argentina e México. Das três opções ele escolheu o Brasil por ainda não conhecer nada sobre o país. Ele destaca que nesse período sabia ler e escrever o idioma local, mas tinha dificuldades de conversação. Só que nessa experiência começou a se desenvolver mais na língua a partir da relação que tinha com outros estagiários e que são seus amigos até hoje.

Antes de iniciar a gravação da entrevista, Gabriel pontua que eu preciso compreender algo dos venezuelanos que é a lista do *“referendo”*. Aponta isso como uma importância na mudança de vida do seu povo, no período de 2004, e que eu devia perguntar aos venezuelanos que assinaram essa lista durante as entrevistas da pesquisa porque isso é um diferencial na vida de um venezuelano(a). *“E essa lista se chama: lista Tascón”*. Nesse período, ainda estava realizando a graduação em Comunicação Visual numa universidade pública e destaca que foi uma época que ficou *“marcado da parte do governo e em quase um milhão de venezuelanos”*.

Gabriel retornou do Brasil para a Venezuela em 2005. Sem saber se o seu plano de negócio ia te dar uma segurança, ele fundou sua empresa e que deu certo até um certo período. Em 2008, com uma renda que já estava estabelecendo com sua empresa e como diretor de arte geral e ainda vivendo com seus pais, começou a viajar pela América Latina como turista e conheceu praticamente todos os países, inclusive passando mais uma vez pelo Brasil.

Gabriel destaca que a crise econômica da Venezuela foi em três níveis: a primeira em 2008, a segunda quando o presidente Hugo Chávez faleceu e a última quando o atual governo assumiu a partir de 2014. Nesse momento, vale ressaltar que ele não relatou o momento de ter dúvidas de que iria migrar, mas tinha dúvidas para onde ir e ter o apoio dos seus amigos como pessoas importantes para uma legitimação a sua tomada de decisão. Relata o quanto ficou impotente em querer se manifestar contra a ditadura que se instalava no seu país, mas não iria

mais por conta das responsabilidades que tinha como pai e como estava “*hostinado*” (cansado), “*magoado*” e “*estressado*” quando percebia que não estava dando as melhores condições para sua família no momento.

Após ser reconhecido como refugiado no Brasil, em 2015, Gabriel percebeu que em Curitiba ia demorar muito para se “*estabelecer*”. Pontua suas dificuldades em conseguir a solicitação de refúgio na cidade, que segundo ele: “*o rapaz que não queria me dar a situação de refúgio. Não queria dar e me fez esperar dois meses e porque me marcava a cada vez*”. Destaca em sua narrativa o relato das diferenças salariais de cargos que trabalhou nas empresas e outros que ocupou informalmente. Opina que preferia ser um assistente de cozinha porque ele tinha “*menos responsabilidade*” e “*ganhava mais ou menos o mesmo*”.

[...] Eu falo que um dia de pedreiro são \$150,00 e se eu trabalho duas semanas são \$1.000, não minto... \$1.500,00. Entende?! E três me dava mais, pelo menos outro mais... enfim. Assim, \$3.000. É pesado, pesado, mas não tem essa responsabilidade que estou dizendo. E os intelectuais que tecnicamente teriam que pagar mais”

A partir de 2008, segundo Gabriel, a crise já se iniciava e temia da seguridade de uma empresa privada que, segundo ele, “*é totalmente antagônico e inviável com o sistema socialista*”. Gabriel destaca que veio de uma família simples, mas que entre 2009 e 2010 estava ainda numa posição econômica um pouco mais alta sendo que em 2010 destaca-se um período que foi difícil, pois no plano econômico de recessão foi realizado e teve o impacto no padrão de vida que tinha e que já não encontrava mais. A partir desse período, Gabriel destaca que a inflação só aumentava e sua filha era pequena. Começou a ter três trabalhos sendo um com a parte publicitária, o outro como professor universitário e como motorista de táxi. Na parte publicitária destaca que muitas organizações não investem nesse período porque limitava muito o

mercado e o que tinha de trabalho era para o lucro que ali o mantinha. Destaca que o trabalho que tinha como produtor de eventos era bem pago, mas não recebia de imediato. O motivo de dar aula foi porque acabou sendo um trabalho que lhe dava ainda uma seguridade, mesmo com a inflação aumentando. Porém, não durou muito tempo. Então, começou a trabalhar como motorista de táxi para comprar fraldas e mantimentos para sua família, como relata: *“se juntar essa parte com a crise econômica, eu trabalhava como um louco”*.

Em 2013 decidiu migrar para o Brasil com o visto de estudante e realizou o seu mestrado numa universidade particular no Rio de Janeiro. Gabriel pagava com seu próprio dinheiro, os seus bens, que estavam no Banco Central da Venezuela. Destaca o quanto foi difícil concluir essa formação, pois segundo ele: *“não podia pegar todo o meu dinheiro e passar para o Brasil. Não, não. Tinha que entregar para o banco central e eles me limitavam ao máximo de saque por mês – que era em torno de 2000 dólares” na época*”.

Destaca que nesse período não podia trabalhar como CLT por conta do seu visto ainda como estudante. Para concluir o mestrado, no período de 2013 a 2015, começou a trabalhar como “bicos” e destaca o tão importante que foi não vender a sua câmera no momento. Conclui o mestrado com muito esforço financeiramente e decide voltar para a Venezuela. Em 2015, sabendo das condições do seu país de origem, Gabriel destaca que não sabia o que fazer e então retorna para o Brasil como refugiado chegando na cidade do Rio de Janeiro, mas se mudando logo para Curitiba para buscar oportunidades de trabalho.

Em Curitiba chegou a trabalhar em um hostel realizando atividades da parte gráfica por uma indicação de uma amiga, assim sendo sua primeira experiência de trabalho como refugiado no Brasil. Como estava decidido em sair de Curitiba, ele retornou para Juiz de Fora/MG onde já tinha amigos e começou a trabalhar como fotógrafo, autônomo, também no Rio de Janeiro.

Com a renda que ganhava começou a poupar e começou a trabalhar em uma rede que se chama Worldpackers. Destaca na sua narrativa que essa instituição “*é uma rede social que é um trabalho voluntário por moradia*”. Ou seja, investiu o pouco de renda que tinha nesse trabalho voluntário como garantia de que poderia ter uma moradia segura e “*poderia trabalhar em várias cidades*”. Destaca que percorreu algumas cidades brasileiras, preferencialmente as capitais, e trabalhou no setor de departamento pessoal com funções mais relacionadas à rescisão dos contratos de trabalho da organização. Nesse período em que viajava já tinha um interesse em se estabilizar em alguma cidade e achava que Belo Horizonte “[...] *poderia ser uma concorrência para São Paulo*”, mas voltou a capital paulistana e continuou o seu trabalho por dois anos e meio assim assumindo a ocupação de gerente do hostel em São Paulo. Como destaca em sua narrativa:

[...] Eu acho que rodei dez hostels, por aí. Foram dois anos e meio e nem todo mundo durou muito tempo. Nem todo mundo trabalha em tanto hostel, e muito menos sair de carro, então eu acho que me destaquei. Incluindo um hostel em São Paulo que cheguei até ser gerente e eu fiz suplência por três meses em levar um hostel como gerente.

Enquanto trabalhava como gerente nesse hostel, ele residia em outro e era o que gostava mais. Nesse caso, tinha como responsabilidade de realizar a rescisão nos dois lugares como gerente. Em paralelo a essa experiência, começou a trabalhar em uma ONG e em sua narrativa destaca que foi “*onde começou a pintar mais um pouco da minha profissão*”. Relata que participou de uma entrevista, que a própria organização realizou, e o convidaram para participar de um projeto no qual teve a oportunidade de se “*colocar como profissional e me apresentar como profissional*” propondo um evento pelo conhecimento e prática que já como Marketing Estratégico e como promotor de eventos.

Destaca que a ONG foi um espaço como indicador para oferecer *“algumas ferramentas que vocês me ajudem como escrita, mensagem, enfim e tal. E eu me apresentava e consegui arrumar um negócio”*. Destaca que após esse evento começou a ter oportunidades de trabalho e começou a trabalhar com 'coworking' na rescisão. Destaca em sua narrativa que precisava de algumas funções do marketing e ajudou a contribuir um pouco, só que não gostava muito pois *“não queria entregar tão barato”*.

Após esse período, Gabriel destaca que conseguiu um emprego numa agência que trabalha com eventos de viagens e que lhe tem o sentido de dignificação do que conhece e executa como comunicador visual. Não conta com muitos detalhes como era o dia-dia, mas antes da nossa entrevista, pontua que tinha acabado de retornar do sul da Bahia na realização de um evento e relata que: *“[...] esse percurso aparece já um emprego que me dignifica, que trabalho já na minha parte de marketing e que tem ideia de comunicação visual para uma agência que trabalha com eventos de viagens. Só que era a nível de corporações grandes. Só que claro a ONG entrou e aí começou realmente a mudar a minha vida, a me dignificar sabe?”*

Com o início da pandemia, em 2020, Gabriel relata que a empresa conseguiu manter por algum período os funcionários e ele conseguiu *“poupar”*, assim dando *“ingresso”* (renda, tradução do espanhol) ao atual apartamento onde vive. Ele ainda destaca que teve que sair dessa organização por conta da pandemia e o seu contrato seria como pessoa jurídica. Então, a partir de 2020 ficou sem trabalho e começou a trabalhar com seu antigo chefe, hoje seu sócio, no empreendedorismo na produção, confecção e vendas de pimentas.

Durante a construção do projeto com o qual trabalha hoje, ele destaca que conseguiu um trabalho em uma organização de telemarketing por seis meses e diz que não gostou. Destaca que em sua narrativa que começou a trabalhar junto com a ferramenta do Facebook e era responsável

em assessorar e “[...] dar a estratégia para agência que poderia investir duas mil horas por mês em campanha e publicidade”, além de considerar que o salário era baixo e tinha muitas atividades. Assim, Gabriel saiu dessa empresa de telemarketing e conseguiu um trabalho, por indicação de amigos, no final do ano de 2020 para um evento de montagem da produção. Destaca que trabalhou “informalmente” como auxiliar de cozinha: “cozinha mesmo, batente. Só garçom que realmente eu não sou bom”. E quando retornou começou a se dedicar no projeto da fabricação das pimentas a partir de abril de 2021, mas só em dezembro que começou a lançar no mercado o produto. No momento pós entrevista, ao apresentar seu portfólio de trabalho como fotógrafo e seu currículo no LinkedIn, perguntei-lhe mais como ele tem buscado as oportunidades via a plataforma. Relata que é “difícil”, pois as organizações brasileiras não dão espaços para estrangeiros e diz que é preciso fazer práticas mais inclusivas na contratação de migrantes e mais ainda na condição de refugiado.

4.2.2.2 Projetos de vida e de trabalho

Ao ser indagado sobre a produção e o que está desenvolvendo atualmente, Gabriel relata o que aprendeu para trabalhar com as pimentas: “o que não sabia que era a parte de ganhar um pouco mais, de apurar do que seria um molho de pimenta”. Conta que sempre soube fazer molhos de pimentas caseiras e é diferente do processo que realiza atualmente. “Você tem que passar por vários processos de filtragem, tem que ferver, tem que fazer uma parte que aprendi no Youtube”. Além disso, ele destaca que desenvolve a parte gráfica e a divulgação pelas redes sociais do empreendimento, assim como a realização das vendas por WhatsApp. Ressalta que o período da pandemia teve seus impactos na construção desse novo empreendimento: “[...] foi complicado você ser positivo lançar um produto novo com baixo orçamento”. Gabriel ressalta que atualmente trabalha: “e é o que eu quero”. Destaca que tem como responsabilidades instruir,

vender e fazer parcerias com restaurantes. Quando começou a idealizar o projeto de produção, ele conta que fez a marca e o sócio entrou com uma parte do investimento.

Gabriel tem o objetivo de progredir com o projeto de empreendedorismo com pimentas artesanais. Traçou as metas e o processo para atingir esse objetivo como autônomo e gestor da própria empresa na sociedade brasileira. Relatou que esse objetivo também tem a responsabilidade social, inicialmente. Destaca que as vendas desse seu trabalho, uma vez que esteja progredindo, associa-se aos seus projetos de vida e trabalho, aos refugiados: *“é uma pimenta, é um quilômetro e é um refugiado”*. Ou seja, *“é uma pimenta que faz uma oportunidade em forma de me aproximar um quilômetro de minha filha, que estou três anos sem vê-la. Também, eu dando o repasse do que eu ganho a um refugiado e procurar uma pessoa como eu – que tive uma chance de trabalho”*.

Nesse caso, no momento pós entrevista destaca que se o empreendimento obtiver bons resultados quer ter uma assessoria empreendedora para refugiados. Destaca que atualmente está fechando parcerias com alguns restaurantes para que impulse mais a marca e as vendas e que começou a ter de conhecer e investir mais em educação financeira quando chegou no Brasil - após a sua vinda como refugiado - e acredita que esse é um ponto para quem quer começar a empreender em algo. Além de ter a intenção de se naturalizar no Brasil e ter um estilo de vida *“simples”*, como menciona na entrevista ele gostaria de ter um trabalho que possa, também, se estabilizar para economizar e reencontrar sua filha. É um *“projeto a longo prazo”* e uma vez que o atinja, é provável que sua filha e sua mãe venham três vezes ao Brasil. Assim, destaca que a sua reserva financeira será duas passagens e o investimento no apartamento que vive atualmente. Nesse caso, quer se estabilizar para trazer a sua família e o outro plano é investir em um quarto para que possa alugar, já que reside nas redondezas da Universidade de São Paulo (USP).

4.2.2.3 Discussão dos resultados de Gabriel

Carreira psicossocial e identidade de trabalho

Pode-se dividir a história de vida de Gabriel, em termos de trajetória de vida de trabalho, em duas partes. no período pré-migratório, como o estagiário estrangeiro iniciando sua história com a migração; o seu trabalho em organizações; o seu trabalho como empresário na área de comunicação visual; seu trabalho como professor universitário e como taxista; o estudante estrangeiro de pós-graduação com visto universitário e seus trabalhos como auxiliar de pedreiro, de cozinha e fotógrafo. A segunda parte encontra-se marcada pela transição de vida como refugiado ao chegar na cidade do Rio de Janeiro com trabalhos como fotógrafo autônomo, seu trabalho vinculado às organizações e como autônomo; e o empreendedor na produção de pimentas artesanais na cidade de São Paulo.

Esse enredo de vida dividido nessas nove unidades episódicas, quando visto em conjunto, permite perceber que a trajetória de vida de Gabriel é atravessada por temas de vida como a sua necessidade de trabalhar para poder subsistir no Brasil e sua família na Venezuela; pela necessidade de estudar para melhorar a sua condição financeira e conhecer o mercado de trabalho brasileiro; pela sua autonomia e pela vontade de ajudar outras pessoas em condição de refúgio; e pelo desejo ou vontade de se realizar em nível vocacional por meio das suas atividades profissionais. Esses fatores, quando vistos em conjunto, permitem inferir de que maneira Gabriel está construindo a sua identidade de trabalho e seus planos de ação de trabalho, ou seja, a maneira como está construindo o seu projeto de vida de trabalho em São Paulo.

Cabe perceber que a construção de carreira que Gabriel vem construindo no Brasil, até o momento é nessa expectativa de fuga das condições precárias que passou no seu período de transição de vida, para ter boas condições e dignidade, por meio de estabilidade e segurança no

trabalho. Soto (2011) destaca que trabalhadores mais periféricos à geração de valor vão estruturar suas narrativas como expectativa de fuga das situações precárias para condições mais básicas de estabilidade com o trabalho flexível. Nesse caso, Gabriel já como migrante forçado, chegando na cidade do Rio de Janeiro, destaca ocupações que eram temporárias, assim sua narrativa se aproxima do discurso de carreira ‘instrumentalidade’ (Ribeiro, 2014) nesse momento.

Ainda no que se refere aos discursos de carreira (Ribeiro, 2014), observa-se que a narrativa de Gabriel também se aproxima do discurso ‘nostalgia’, tendo em vista trechos que evidenciam um vínculo intermediário a uma organização para ter mais segurança, como ele relata no final da entrevista: *“Se você souber de uma vaga na área em alguma empresa, me manda”*. Não foi salientada a necessidade de identificação com sua formação profissional de origem, mas em alguns fragmentos da sua narrativa observa-se uma relevância da competência técnica coletivamente reconhecida que a aproxima do discurso de carreira fechamento. Características do discurso da carreira fechamento são observadas quando Gabriel começa a contar o período que fez o mestrado como forma de conseguir ainda retornar à Venezuela para voltar a trabalhar na sua área e, atualmente, com a responsabilidade técnica na produção de marketing do produto artesanal. Conclui-se que a identidade de projeto e profissional aparece na composição da identidade de trabalho de Gabriel até um momento antes da migração, como refugiado.

Em uma situação discursiva para a constituição do “eu”, os migrantes estabelecem outras identidades na interação com outros sujeitos que se integram e integraram no aqui-agora (Cavalcante & Athayde, 2021). Desde a sua chegada ao Brasil, Gabriel vem contando com uma rede para a construção da sua carreira psicossocial. A narrativa dele possibilita analisar suas

percepções e como integram os processos de ressignificações, principalmente no período que veio como refugiado em 2015: *“uma coisa é você ter visto como turista e outra coisa é ter a experiência de migrar nas condições como refugiado”*.

Diferente do que viveu no processo em reconhecimento como refugiado, em Curitiba, e com a experiência de uma migração voluntária antes, é provável que Gabriel esteja participando, atualmente, de forma ativa na sociedade hospedeira. A estratégia de integração é o processo de aculturação de Gabriel hoje, pois supõe-se ser coerente já que possui uma identidade ‘nacional’ e uma identidade ‘hospedeira’, o que possibilite uma relação com o outro de forma ativa.

Na narrativa de Gabriel, ao chegar como refugiado, é perceptível a reconstrução identitária de trabalho caracterizada por autonomia, flexibilidade e uma mudança constante de ocupações, o que caracteriza a predominância de uma pessoa que não tem um projeto definido, ou conhecido como o discurso de carreira instrumentalidade (Ribeiro, 2014). Uma tendência bem contemporânea pontua o enfraquecimento de uma identidade coletiva e tende-se, como consequência, a afetar a construção da identidade laboral do indivíduo (Stecher, 2020). Como ele próprio relata: *“Eu sou uma pessoa que não defino pelo que faço, sou a mesma pessoa que faz as coisas diferentes”*.

Em consonância com esse trecho e com seu trabalho voluntário em uma rede e, também, na organização civil, Scherer, Grisci & Chanlat (2021) destacam que a atuação dos refugiados em rede como um movimento interorganizacional desdobrando-se para que a vida e o trabalho sejam entrelaçados para novas oportunidades. Nesse sentido, observa-se suas experiências em uma dessas organizações civis e como o seu projeto foi sendo constituído por discursos organizacionais, intimamente ligados, só que ao mesmo tempo associa-se ao desejo de alcançar a sua independência e ao eu empreendedor do capitalismo neoliberal (Fenwick, 2007).

A narrativa de identidade de Gabriel tende a contar mais sobre as suas competências, aptidões e redes do que sobre o seu trabalho diário (Fenwick, 2007; Stecher 2012). Sendo assim, a sua carreira psicossocial vem se construindo em não abandonar o plano de vínculo com alguma organização, mas conceber estruturas de trabalho que se aproximam de uma identidade de rede, na qual o indivíduo possui uma posição mais ativa para a sua construção identitária independente, autônoma e aberta (Ribeiro, 2014). Ou seja, seu projeto de vida e trabalho é baseado nos seus valores, desejos e experiências como comunicador visual e empreendedor, mas estabelecendo uma identidade de rede para que, também, venha desenvolver uma rede de apoio aos refugiados com o seu empreendimento atual. Assim, Gabriel parece apresentar aspectos da identidade vocacional associada à uma identidade de rede, que prevalece (Ribeiro, 2014).

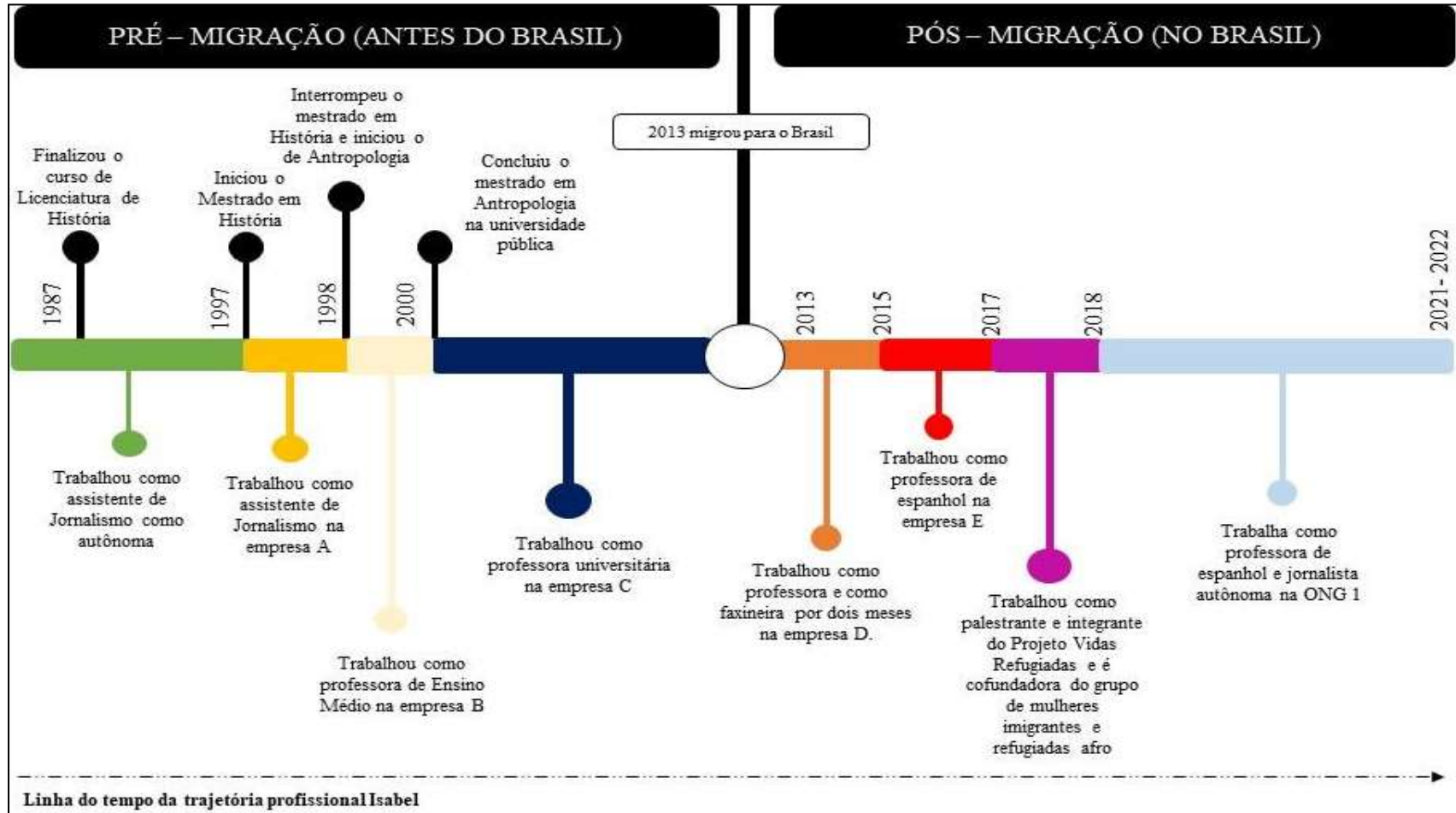
4.2.3 Caso Isabel

Isabel é uma mulher de 63 anos, afro-cubana e viúva. É historiadora de graduação, possui mestrado na área de Antropologia e trabalhou 32 anos na área de pesquisa. Devido a uma perseguição política, ela fugiu do seu país entre 2013 e foi apoiada por uma rede de acolhimento em São Paulo. Meados de 2017, Isabel resolveu começar a dar palestras e escrever livros. No momento da entrevista ela disse estar com três livros completos para publicação e se encontrava no processo de luto pela perda do seu marido. Ela contou o seu histórico de trabalho e como a sua chegada no Brasil foi turbulenta por não conhecer o sistema e pela demora para receber o asilo. Apesar de sua formação profissional, ao chegar no Brasil só tinha conseguido trabalho como faxineira. Atualmente é professora de espanhol, escritora/pesquisadora autônoma e seu objetivo é voltar a viver em Cuba

4.2.3.1 Trajetória de formação e de trabalho

Figura 8 –

Linha do tempo da trajetória profissional de Isabel



Elaborado pela autora (2022)

No que se refere à trajetória de formação profissional, conforme representado na ilustração da Figura 8 com os fatores indexados, Isabel iniciou sua trajetória profissional conseguindo o primeiro emprego como assistente de jornalismo autônomo, após a conclusão da sua graduação, e na sua segunda experiência já conseguiu conquistar o cargo vinculado à organização A.

Sua trajetória passou por mudança de área de atuação devido a não ter como realizar seu curso em jornalismo, então, migrou para área escolar e acadêmica. Durante esse período, não concluiu sua pós-graduação em História e interrompeu para realizar a Antropologia, que na época o Ministério da Educação Superior autorizou no país. Ingressou na empresa B como professora de ensino médio e permaneceu na mesma apenas por 21 dias.

Em 1997 resolveu aceitar a proposta de uma nova organização, com novas perspectivas de atuação e benefícios, exercendo a função de professora de História de um Instituto privado, permanecendo por anos, sendo que ainda nos meados da década de 1990 teve a proposta de fazer parte do quadro funcionário da universidade que se formou. Isabel é ativista do movimento negro cubano e por conta de uma perseguição política precisou sair do seu país, assim solicitando seu refúgio no Brasil em 2013.

No que se refere à trajetória de formação, a análise da escolha profissional começa a partir da saída do ensino médio com a lembrança da exigência do seu pai de ter que ingressar em uma carreira militar, independente de qual curso profissional iria escolher. Destaca em sua narrativa que estava descobrindo o mundo da geologia, mas que tinha poucas opções nas carreiras das ciências humanas, como a mesmo relata:

[...] Eu tinha poucas possibilidades, poucas carreiras, e vagas nas carreiras de humanidades porque não vem sendo prioridade para o governo. Prioridade é medicina,

pedagogia e ciências térmicas. Então, eu tinha uma saia estreita. [...] Só que nunca tinha 10 carreiras de humanidades, então eu terminei solicitando: história, e agora vou explicar como eu decidi, histórias das artes, jornalismo e sabia que não tinha possibilidade nenhuma de jornalismo. [...] Por que eu me decidi? Porque eu lembro que foi coisa de último momento e eu já sabia que sim o meu interesse em um mundo afro. Tudo no mundo afro me importa. Até hoje, até sempre. E então, tínhamos história e tínhamos história das artes.

O motivo de cursar História como uma das opções da sua escolha profissional faz parte das influências sociais, que no seu caso são influências sociais de amigos e de seu sogro na época. O seu sogro era historiador, e repassavam esse interesse para Isabel pelo fato de trabalhar na academia de ciências humanas e, também, era interessado no “*mundo afro*” e já tinha vivido no continente africano. Pode-se dizer que faz parte da escolha profissional de Isabel as características do curso, influências sociais e questões vocacionais.

Durante a sua formação em História naquela época, Isabel destaca que percebia que queria direcionar o seu trabalho com pesquisa “*fundamentalmente para o cubano e o mundo afro no sentido geral*”. Destaca que nos primeiros anos na graduação, nas carreiras na área de humanidades, o fazer pesquisa faz parte desde o primeiro ano como relata: “*você tem que pesquisar e tem que apresentar resultados em evento*”. Então, Isabel direcionava seus planos “*sempre nesse sentido*”, mas naquela época era censurado estudar e trabalhar com a temática afrocubana. Como relata: “*Nesse momento existia uma repressão. Historiadores que são para nós, cátedra, referência obrigatória estavam absolutamente censurados. E nem se quer os seus livros poderiam ter acesso. Não existia. Estava em repressão e simplesmente por trabalhar a problemática pró cubana*”

Isabel conta que a carreira acadêmica em Cuba é exclusivamente vinculada com a Europa Oriental e percebia que o sistema da Educação Superior tinha que *“modificar isso”* e *“modernizar”* na época. Como estava realizando cursos de aperfeiçoamento, que não foram mencionados na entrevista, na área de História, conta que esse período foi marcado por mudanças no sistema educacional. Entrou em um desses cursos sabendo que não ia ter o *“reconhecimento oficial”* simbolizado pelo *“diploma”*, pois eram poucos professores que tinham formação com título de doutorado e eram reconhecidos. Nesse caso, destaca que houve um movimento na universidade em que participou e segundo ela: *“foi aprovado o mestrado em nossa faculdade. E foi o nosso primeiro mestrado em História. Foi aprovado nos anos 90, meados acho que nos anos 90”*.

Com a aprovação do Mestrado em História começou a se realizar até determinado tempo. Isabel destaca que com essa movimentação para implementação dos dois cursos de mestrado na área de História, ocorreu o mesmo para que tivesse na área de Antropologia. Em sua narrativa relembra que pessoas que estavam ligadas ao Instituto Público Teológicos, das Artes e *“diferentes faculdades de Humanidades que já sabiam que o nosso intuito era ser antropólogo em Cuba”* estavam trocando informações com outros pesquisadores internacionais e construindo suas carreiras de forma independentes para que o Ministério aprovasse, pela primeira vez, *“um curso de pós-graduação longo em Estudos de Antropologia”*.

Com aprovação desse mestrado na área de Antropologia, ela destaca que fez um curso de diplomado (como é denominado em Cuba), por volta de um ano, e interrompeu seu mestrado em História, na fase final, para *“ficar com isso que era verdadeiramente é uma coisa que mais me interessava, o diplomado em antropologia”*. No que se refere à sua trajetória profissional em Cuba, Isabel começou a atuar na área de jornalismo quando acabou a graduação. Mesmo não

tendo formação em Jornalismo na época, Isabel destaca que nesse período precisou realizar alguns cursos de aperfeiçoamento na área de História, cursos esses que *“nunca ia ter menos de quatro semanas”*, enquanto realizava seu trabalho como assistente de jornalismo. Nesse período, Isabel relata que por Lei era proibido, que os alunos regulares não poderiam estudar e trabalhar concomitantemente. Ou seja, destaca que esse trabalho estava em *“paralelo”* com a academia e começou a *“ajudar”* seu namorado, que também era jornalista e historiador na época, e queria se *“formar como jornalista após me formar em História”*.

Por ser um espaço limitado para trabalhar como jornalista no seu país na época, Isabel relata que descobriu que não precisava fazer uma formação de Jornalismo como um *“todo”* e que era um *“ofício”* que tinha como *“base”* para fazer jornalismo e ter sua formação como historiadora. Então, decidiu se vincular ao emprego na organização A em um período como assistente. Destaca que essa experiência foi muito importante porque se *“formou na prática”* e ao mesmo tempo estava realizando o curso de pós-graduação, sua formação em mestrado. Como esse trabalho foi no mesmo período que estava concluindo seus estudos sobre a China, ela destaca que em paralelo também ficou fazendo suas pesquisas sobre a questão racial cubana.

Após essa experiência, Isabel teve uma breve inclusão como professora de Ensino Médio em História, assim permanecendo por vinte um (21) dias trabalhados. No momento da entrevista, ela menciona como os professores do ensino básico até o médio são preparados para tal formação educacional. Neste trabalho gostou da experiência de ter com os alunos, mas os seus chefes na época não gostaram e assim encerraram suas atividades. Após esse episódio, ela enfatiza os motivos que levaram a gostar de Jornalismo:

Porque em uma sociedade, em que, nesse momento, tudo era absolutamente controlado pelo governo não existia possibilidades de trabalhar como pesquisadora e nem como professora

[...] e é uma janela aberta muito importante para ter acesso à informação que eu enquanto pesquisadora precisava também.

Posteriormente, Isabel foi convidada para trabalhar como docente e tinha como responsabilidade administrar aulas que, segundo ela, eram: *de História das Elites das Américas, mais de incorporações, do que do mundo afro-cubano. Até então se fazia História, história das religiões das Américas, mas estava de fora a história do mundo afro né?! Então, eu fiz isto e uma outra matéria que criei para eles que é História de Culturas Africanas e Afro-caribenhas.*

Nessa experiência de trabalho relata que “*gostava mesmo de ser pesquisadora*”, segundo ela: “*tomei a liberdade e nunca me projetei para ser professora*”. Assim, aceitou o convite de ser professora na universidade onde tinha concluído sua graduação e trabalhou até os seus últimos dias antes de se tornar uma “*exilada política*”. Assim, seus estudos e seu trabalho em Cuba tiveram enfoque em temáticas como mulher afrocubana, religiões afro, gênero, saúde e raça.

Isabel menciona que esse foi o motivo da sua vinda para o Brasil por envolver-se no ativismo de “*desconstruir a estrutura racista e ir para frente como uma verdadeira nação que temos que ser*”. Após um convite que recebeu de uma “*ONG de Direitos Humanos de relacionamento Sul-Sul*”, ela conta que era a primeira vez que convidaram cubanos para eventos como esse e que sentia que “*finalmente*” conseguiu chegar a concretizar essa oportunidade, pois a saída de profissionais de Cuba para o exterior é limitada, que segundo ela: “*a diferença da maioria dos países é que quando uma pessoa intelectual, um acadêmico ou qualquer profissional, recebem um convite, esse é extensivo para o seu parceiro. E em Cuba não é assim, o convite é para você. Então, ninguém poderia vir comigo*”.

Depois de “brigar” muito e conseguir vir para realizar essa palestra, inicia-se o período de transição de vida, e Isabel vinha para o Brasil com uma passagem de seis meses a um ano. Durante toda a sua entrevista, ela destaca o quanto foi difícil estar nesse processo de solicitação de refúgio e como o acesso à regularização documental limitou na busca por trabalho quando chegou no Brasil, como relata: *“o Brasil se recusou a aceitar a prorrogação do meu visto que era o meu direito. Interessante. E que o Brasil mesmo tinha falado para mim que era o meu direito, que não poderia recusar e eles mesmo recusaram.”*

Ao ser questionada nesse período de transição, e o quanto esse processo implicou o seu desenvolvimento de carreira, Isabel conta que entrou com a lei *“antiga e que não permite você trabalhar. Então, deixava você muito sensível e muito exposto”*. Durante o processo de transição de carreira, Isabel destaca as suas dificuldades com as barreiras linguísticas, pois como ela pontua: *“Antes eu chegava numa sociedade que não conhecia nada. Nada. Você me ajudou nesse sentido, porque agora sente que eu não conhecia. E que a única coisa que eu tinha, a meu favor, nesse momento era conhecer a língua”*. Segundo ela: *“não me projetei para estar em condição de refúgio. E eu vim pensando ficar uns 6 meses a mais um ano no Brasil e voltar a Cuba. [...] E eu entrei a solicitar o refúgio porque era muito complicada a minha situação em Cuba e porque pela primeira vez a polícia política cubana não só mexia comigo, se não também com a minha família.*

Conta como foi o primeiro trabalho, destacando que foi *“sem documentação”*, e por não estar com a regulamentação documental nesse período aprovada aponta que o segundo trabalho é *“publicamente reconhecido”*. Como apresenta em sua narrativa: *“como o primeiro foi sem documentação, porque eu não tinha, foi numa escola de ensino a distância na qual eu fazia o*

trabalho de três pessoas e recebia por uma. Fazia faxina, fazia a recepção e, aliás, cuidava da mãe da dona”.

Isabel conta que nesse período a dona tentou com que ela ficasse como “*tutora*”, mas não era possível porque ela “*não tinha regularizado*” e que não tinha nem o “*protocolo*”⁹. Mas, destaca os motivos da sua saída foi uma “*intromissão*” por parte da sua chefe e assim pediu demissão. Nesse período começou a trabalhar com faxina e era convidada para administrar algumas palestras vinculado a projetos que contemplavam a inserção dos refugiados e imigrantes na sociedade brasileira. A partir de 2015, destaca que começou a participar de “*muitos projetos*”. Um deles é um projeto pioneiro que atende refugiados como professores de cursos de idioma e cultura.

Ela relata como aconteceu essa oportunidade em um momento muito “*difícil*”, como apresenta em sua narrativa o dia-dia: “*eu estava procurando em desespero por trabalho e eu andava algumas distâncias absurdas. É muito bom para conhecer a cidade né?! E tentava conhecer um pouco culturalmente e tudo, tudo aquilo que alguém falava que era de graça eu ia ir*”. Destaca que, finalmente, tinha passado o seu currículo e que gostou da oportunidade oferecida nessa instituição como professora de espanhol em 2015.

Nesse momento, Isabel pontua que essa “*segunda*” experiência era ainda um projeto inicial, mas que “*não seria só fazer as aulas, que tinha a perspectiva cultural e teríamos liberdade. Mas, além do planejamento, teríamos a liberdade do planejamento e tal. E gostei do*

⁹ É um documento de identificação para quem solicita o status de refúgio como protocolo de permanência provisória ao chegar no país de acolhida. Com esse protocolo o solicitante tem acesso aos direitos civis e trabalha formalmente no Brasil, além de que é um documento que precisa ser renovado anualmente com o agendamento na unidade da Polícia Federal e servirá como identificação até a resposta do CONARE como reconhecimento da condição de refugiado no país, a partir da Lei 9474 de 1997, a lei de refúgio brasileira. (<https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/servicos/renovar-protocolo-de-refugio#:~:text=O%20Protocolo%20de%20Ref%C3%BAgio%20%C3%A9,e%20trabalhar%20formalmente%20no%20Brasil, recuperado em 02 de março de 2022>)

projeto de ensino de línguas em que a gente não ensina a língua desde como os centros metropolitanos, sinal desde diferentes perspectivas dos falantes da língua". Então, começou a trabalhar no mês de abril de 2015, no processo de estruturação do projeto, e começou a dar aulas a partir de julho. Esse projeto pioneiro nesse período tinha como objetivo promover a troca de experiência, geração de renda e valorização pessoal e cultural dos refugiados que são residentes no Brasil. Como relata em sua narrativa: *"são três mulheres profissionais, com formação diferente, e com histórias de vida diferentes e microcultura familiares diferentes. Então, isso aponta quando nós fazemos as aulas com as venezuelanas e tem pessoas de outros lugares. Só vão ter três países nesse momento para fazer as aulas de espanhol"*. Assim, ao mesmo tempo, os alunos também eram possibilitados na aprendizagem de idiomas, quebra de barreiras e novas vivências de aspectos culturais de outros países. Todavia, esse processo de reinserção laboral vinculada a essa instituição trouxe a Isabel *"uma troca rica"* com as chamadas aulas culturais, essas que faziam parte da metodologia de ensino como se fossem aulas práticas. Segundo ela:

Apresentava obras de cubanos que moram em Cuba ou outros países, obras diversas né?! Romances, pinturas, ensaios, música e, claro, cozinhamos. A gente cozinha juntos e ensino a você fazer um prato cubano e às vezes eu faço com alguma outra professora de espanhol que seja de outro país. E isso me encanta, porque a troca ainda é mais rica e concordamos que: "você vai fazer uma bebida do seu país e você faz um prato do México". E assim compartilhamos com os alunos brasileiros e, às vezes, eu penso que para vocês fazerem também para nós alguma coisa brasileira. Eu amo coxinha".

Destaca o quando sentia que os *"modos"* de *"aprender"* um com os outros eram uma forma de incorporação e integração social que tinha. Paralelo a essa ocupação, Isabel menciona na entrevista que há outro projeto e esse tinha como foco uma exposição fotográfica que

mostrava como era o cotidiano de mulheres refugiadas no Brasil e refletia sobre os desafios da efetivação dos direitos migratórios.

Nessa experiência de trabalho, que durou um ano, ela teve a oportunidade de realizar trocas das integrantes do projeto - que eram negras e de outras nacionalidades - com brasileiros em outras cidades brasileiras. Juntamente com esse projeto, ela foi a cofundadora do MIGRA (Mulheres Imigrantes Refugiadas Africanas e Afro-brasileiras) e tinha o intuito de “*movimentar o espaço*” e, “*especialmente, em São Paulo, com um olhar mais real de que coisa ser mulher negra e estar em situação de refúgio ou de imigração em uma sociedade. E que tem um sério problema que não aceita 52% dela mesma, porque não é branco*”. Isabel tem lidado com lutos, principalmente a perda recente do seu marido que ainda estava em Cuba, conforme discorre em sua narrativa:

[...] E não sucumbir a dor, não sucumbir ao monte de coisas e, então, continuar sendo pesquisadora que eu sou e eu preciso disso, como preciso de escrever. É muito confortável, me fortalece muito a nível intelectual, mas também existencial e emocionalmente. Eu pari meus três livros em condições absurdas de trabalho. Conseguí escrever esses três livros.

Em sua narrativa conta que, como tem outros colegas de outras partes do mundo, participou de alguns projetos intelectuais online e escreveu alguns artigos e ensaios. Destaca o quanto isso é “*importante*” para ela, e mesmo que seja “*reconfortante*”, é ainda “*difícil*” ser um pesquisador nessas circunstâncias, como relata:

Acordava de madrugada e às seis da manhã para ir trabalhar praticamente sem comer. Me deslocando todo dia pela cidade e às vezes morando fora de São Paulo e trabalhando dentro de São Paulo. Sempre que morei duas vezes em Cajamar foi nas piores condições que consegui escrever. E isso tem sido reconfortante para mim.

Acrescenta ainda que não lembra exatamente das datas que publicou os seus livros, mas o primeiro livro escreveu quando estava no seu segundo ano aqui no Brasil e o segundo livro diz que é “*especial*” porque “*uma grande parte dele escrevi recebendo menos que um salário-mínimo e escrevi, literalmente, passando fome e sobrevivendo em umas circunstâncias, também, materiais absurdos*”. Como professora de espanhol, por necessidade de sobrevivência hoje, Isabel possui enraizado na sua construção no mundo do trabalho esse perfil mais de pesquisa e ao ser questionada de como gostaria de ser reconhecida como historiadora e antropóloga no Brasil, ela opina:

[...] uma grande parte de nós somos pessoas que já são formadas, bem formadas, e com um histórico valorizado de trabalho nos nossos países. E eu teria como pesquisadora, eu teria uma pergunta para vocês: Então, quais são os estrangeiros que vocês estarão dispostos a aceitar como esses profissionais diante desses dez anos e daqui para frente? Quais as características, quais as características que devem ter? Então, eu não acho que seja algo da Lei, por exemplo.

Destaca que as pessoas que são “*colocadas profissionalmente*” dizem que os “*refugiados vem aqui roubar o trabalho da gente, por isso não vão dar oportunidades*”. Isabel na sua narrativa diz que “*nunca*” chegou para “*roubar nada de ninguém*” e porque nem faz isso no seu próprio país. Diz que chegou “*para trocar*” e acreditou-se que isso seria “*possível profissionalmente*”, como destaca na sua narrativa:

“[...] Não cheguei para ser reitora da USP, nem sequer para trabalhar na USP – que para vocês é tão importante – e nem se quer ser a chefe de departamento nenhum, coisa que eu nem me importava em Cuba. Nem para ser diretora de museu nenhum, mas pensei que sim eu poderia ter espaço.”

Ela ainda relata como as práticas cotidianas atuais do seu trabalho tem sido importante para se ter um trabalho pedagógico como uma troca. Segundo ela:

Como uma troca por que eu acho que sempre aprendo né?! E que aprendo muito mais com vocês do que vocês da gente. Acho que esse processo tem sido interessante e percebo que não é só para mim. E com os cubanos são mantidas as relações de trocas de apoio e intelectuais. Na medida do possível eu consigo o contato com colegas cubanos que estejam em Cuba ou em outras partes do mundo.

4.2.3.2 Projetos de vida e de trabalho

Isabel destaca que no início, sua chegada no Brasil, era “fácil” fazer planos porque não tinha expectativas pelo fato de acreditar que ficaria seis a um ano por aqui. Relata que não tinha expectativas a curto prazo, mas tinha a média e longo prazo no “sentido de inserir socialmente”.

Em relação às práticas cotidianas, como professora de espanhol, ela ainda conta que era algo que “nunca teria concedido. E vou ser muito honesta, não fiz pensando: - oh, que legal. Vou ser professora de língua? Não. Eu fiz porque tenho que comer e ninguém dava emprego para mim”. Após anos nessa ocupação, Isabel acredita que esse processo é “interessante” e percebe que não se trata apenas só dela, pois, hoje, reconhece que está “muito melhor” e como tem a ajudado a nível emocional e a se “reforçar como intelectual”. Ela conta que o plano de aula do ensino da língua hispânica varia para cada aluno e vai ter uma forma de ensino de acordo com a personalidade deles. Acrescenta que um dos desafios é a questão da tecnologia, pois com a pandemia precisou interromper as aulas presenciais.

[...] Um dos desafios é que eu venho de um país que está no paleolítico tecnológico. E é um dos desafios do mundo da tecnologia. E assumir as consequências que tenho psicológico e

emocional para um e o outro é a nível de consciência que tenho para a família. Não é só estar longe, senão eu estaria comunicável.

Relata que teve expectativas de se inserir socialmente e que não pensou que teria “*dificuldades*” para ter uma ocupação “*fazendo qualquer coisa*”. Destaca que, hoje, não tem mais expectativas, porque com sua situação de regularização migratória “*não pode fazer expectativa de nada, bem pelo contrário, se você tinha algumas expectativas elas vão ser mortas*”. Segundo ela: [...] *Acho que é o seu direito e, também, sem dor. [...] De jeito nenhum, quais os meus planos? Sem planos.*

Pelo fato de reconhecer que é estrangeira, na condição de refúgio, ela conta que não tem mais expectativas de se “*inserir no centro de pesquisa ou nada*” vinculada a sua formação profissional, mas que “*ninguém pode evitar*” que faça seu trabalho como pesquisadora, como “*intelectual*”, como traz em sua narrativa as suas percepções: “*eu percebi, faz muito tempo, quando aqui eu tinha alguns planos sim que, quero dizer a nível profissional e até social. Eu percebi que: para que fazer planos se eu tinha uma vida construída e com muitos planos presentes e futuros nesse momento?*”

Isabel destaca que seu plano a curto prazo é conseguir reencontrar uma amiga, fora do país, porque pensou em trazer seu esposo antes da pandemia e eles não conseguiram se reencontrar. Destaca que não quer que aconteça com sua mãe, pois: “*ela tem sido muito afetada com tudo isso e continua afetando-a diretamente, tem feito minha mãe pagar muito caro e coisa muito feia*”. Nesse caso, seu plano é encontrá-la, legalizar sua casa em Cuba porque é o “[...] *único lar que eu tenho, aqui eu não tenho lar e não tenho nada. E falo de casa e de lar.*

Em relação ao trabalho quer ter um espaço físico para ter mais alunos. Ela deseja morar em um lugar digno no Brasil, pois quer ter um espaço que a faça bem “*psicologicamente e*

emocionalmente". Contudo, Isabel quer ter um desenvolvimento pessoal através de um estilo de vida que possibilite a sua flexibilidade de horários com as aulas, viagens frequentes para continuar conhecendo o Brasil e um ritmo de vida com cuidado para a sua saúde, como *"voltar a fazer yoga"* e *"fazer academia"*. Além de querer estar maior tempo em contato com seus familiares, e o quanto quer retornar a Cuba, São Paulo para ela é uma cidade temporal do momento, e que de fato o seu processo migratório é como um projeto de vida temporal.

Nota-se em sua narrativa que a sua chegada em São Paulo trouxe outras formas de interagir para seu processo de adaptação. E com quem Isabel interage mais são seus alunos brasileiros e outros migrantes *"afro"*. Assim, evitando grupos cubanos que vivem aqui, como relata: *"Tinha ideia de que não conhecia ninguém e que não seria aceita pela maioria dos cubanos que estão aqui, porque eles são classistas. Ou deixam para lá ou nem se comprometem para poder continuar visitando Cuba. Então, eu não sabia que teria estrutura de apoio"*.

4.2.3.3 Discussão dos resultados de Isabel

Carreira psicossocial e identidade de trabalho

Pode-se dividir a história de vida de Isabel, em termos de trajetória de vida de trabalho, em duas partes. A primeira delas inclui sua construção de projeto no seu país de origem, com início da escolha profissional até a carreira profissional em organizações e, também, como autônoma. A segunda parte, de transição de carreira, o pós-migratório com sua chegada na cidade de São Paulo como uma palestrante convidada, o seu trabalho em uma instituição de forma indocumentada; o seu trabalho com faxina; em projetos sociais; seu trabalho atual como professora de espanhol; e a pesquisadora e jornalista autônoma. Esse enredo de vida dividido nessas seis unidades episódicas, quando visto na totalidade, permite perceber que a trajetória de vida Isabel é atravessada por temas de vida como a sua necessidade de trabalhar para poder

subsistir; sua percepção em relação à sociedade brasileira, além de ser a única pessoa a ter responsabilidade de ajudar financeiramente os seus dependentes que ficaram no seu país de origem e pela vontade de se realizar por meio das suas atividades profissionais.

Percebe-se pela história de vida que Isabel parece ser uma mulher crítica, reflexiva e criteriosa. Embora ela tenha comunicado muitos fatos sobre a sua história, que permitiram conhecer um pouco mais sobre quem ela era para ela mesma, e quem ela era para os outros, Isabel deu algumas respostas evasivas, dificultando entender um pouco mais sobre sua relação com os brasileiros. Tem alguns valores que são essenciais nesses anos, tais como: o interesse no vínculo profissional, a vida pessoal, com o cuidado da sua mãe principalmente que vive em Cuba. A maior parte da sua trajetória foi marcada por trabalhar em uma instituição de ensino público, tendo a seguridade financeira tanto onde vivia e como deseja ao

Ao explorar como vem atuando como pesquisadora sem ter vínculo institucional no Brasil, Isabel ainda descreve sua identificação profissional. Mesmo estando na ocupação como professora de espanhol, necessita estar atuando como pesquisadora, pois percebe-se que cresceu intelectualmente *“como pesquisadora e com esta experiência tem coisas que nunca teria feito, nem morando no Brasil”*.

Como abordado na base teórica, a concepção da carreira psicossocial é forjada a partir da construção narrativa e discursiva da vida de trabalho (Ribeiro, 2014), sendo as construções identitárias entendidas no processo relacional entre eu e os outros (Dubar, 1998; Ribeiro, 2014). A experiência da migração forçada para Isabel foi uma ruptura do seu projeto de vida e de trabalho e parece se encontrar associada à três discursos de carreira (Ribeiro, 2014): em alguns aspectos vinculada à carreira de fechamento, em outros à carreira possibilidade e, ainda, à carreira instrumentalidade. Como aborda Ribeiro (2014), no discurso de carreira fechamento

entende-se que os indivíduos são pertencentes aos grupos guiados a partir de modelos clássicos das identidades profissionais e identificação determinados pela profissão. Compreende-se a sua construção de carreira fechamento, principalmente, nos motivos que a levaram a ser uma exilada política de Cuba quando relata em sua narrativa:

Até que terminei fazendo nos últimos anos, que também, na hora o meu propósito é fazer, que foi fazer uma participação mais ativa como ativista. [...] Não como ativista, mas vou pegar a frase do meu querido amigo que faleceu nesses dias, o Joanes Meirelles. É um dos melhores, um dos melhores para mim, um historiador afro-cubano censurado em Cuba. E ele falava: você tem que decidir, se você quer ser uma intelectual ou se você quer subir na caixa de bacalhau para fazer discurso político. E eu falava: não, eu assumo o risco que implica o compromisso político dessa minha profissão. E assumo o ativismo, mas o ativismo e não mudar uma liderança política.

Diante disso, percebe-se o sentido de preservar no máximo possível a situação e sua identidade profissional no trabalho (Ribeiro, 2014). Nota-se em sua narrativa como faz parte da sua identidade profissional e do seu sentido de construção de carreira a importância das suas competências e habilidades como pesquisadora e sua ocupação como jornalista são voltadas assim para o discurso narrativo da carreira ‘fechamento’. Para ela é importante essa ocupação porque “era o único diploma que tenha importado” em sua vida e tinha um “diploma” que de fato dizia ser “antropóloga”. Nesse caso, percebe-se a todo momento que Isabel é guiada pela sua categoria e área de atuação em seu processo de construção de carreira, em qualquer lugar que esteja.

Na narrativa de Isabel também nota-se que a sua carreira se aproxima da construção de projetos em busca de adquirir alternativas que almeja para seu desenvolvimento profissional e

pessoal. O trabalho atual é entendido como projeto temporário, sendo apenas um plano para seu objetivo principal, que é retornar ao seu país e ter qualidade de vida. Essa característica de projetos mais individualizados como construção de vida no trabalho voltado ao empreendedorismo, aproxima-se da carreira ‘possibilidade’ (Ribeiro, 2014). Nesse caso, Isabel definiu que seu objetivo não é estar no Brasil para realizar as publicações dos seus livros escritos no país que a recebeu, pois entende que eles são projetos de cunho para o seu desenvolvimento profissional e sua autorrealização. Sendo, então, uma estratégia do indivíduo ligada ao futuro e demonstrando um projeto de vida de trabalho para ser o autor da sua própria história (Ribeiro, 2014).

Todavia, em alguns fragmentos da sua narrativa, identifica-se a vontade de viver intensamente apenas o momento atual, sem uma prospecção ou importância com algum projeto propriamente dito, como relata quando questionada o que seria carreira e como já apresentado anteriormente: *“Se você tinha algumas expectativas, elas vão ser mortas, e, melhor ainda, pior é que elas vão ser assassinadas”*. Como também, em sua narrativa, quando relatava as suas escolhas de vida no seu país e como se encontra hoje: *“[...]então, eu continuo trabalhando para não me deixar é... refazer uma vida. Uma pergunta que me fazem aqui e que tem a ver com isto, e é por isso que vou falar, mas não gosto dela, é: como você suporta isso?”*. A partir desse trecho da sua narrativa nota-se que sua concepção de carreira tende, em alguns momentos, para o discurso de carreira instrumentalidade (Ribeiro, 2014), sendo que esse discurso de carreira ‘se situa fora do *continuum* de construção de vida de trabalho, pois tem como característica uma evitação na tarefa de construção do projeto de vida. Nesse discurso os indivíduos tendem a ter uma relação mais instrumental com o trabalho, pois a atividade momentânea possibilita perspectivas profissionais em que uma atividade de trabalho é de passagem (Ribeiro, 2014).

A identidade e a carreira de Isabel são constituídas a partir da individualização, flexibilização, autonomia, independência e projetos de vida de trabalho individual, como o seu desejo de continuar realizando “*novos livros*”. Sendo então, uma estratégia do indivíduo ligada ao futuro e demonstrando um projeto de vida de trabalho como autor da sua própria história (Ribeiro, 2014) Dessa forma, para Isabel, a importância dada ao ser ativista do movimento negro e por se identificar como uma mulher afro-cubana são importantes para dar continuidade aos seus projetos, sem abandonar o seu lugar de origem e suas construções identitárias de trabalho. Não obstante a identidade profissional não seja saliente em sua atual ocupação, compreende-se um vínculo ao seu papel como ativista em exercício.

De acordo com as autoras Collins & Bilge (2021), a identidade e a colonização de novos sentidos promovem uma política de solidariedade, sendo essa uma correlação denominada de “relacionalidade”. Nesse caso, compreende-se que essa correlação vai ao encontro das aspirações de justiça social referente ao papel de cofundadora de um grupo de Mulheres Imigrantes e Refugiadas Africanas e Afro-brasileiras: “*E na hora estava africana e estava eu né?!*”.

Dessa forma, o processo de construção da identidade de trabalho atual de Isabel está simultaneamente perpassado pelos aspectos da sua identidade profissional, vinculada ao discurso ‘fechamento’, pelos discursos ‘possibilidade’ e ‘instrumentalidade’ (Ribeiro, 2014) e pela interseccionalidade. Acrescenta que esse ponto da interseccionalidade, em sua trajetória, está correlacionado com os desafios dos estudos das carreiras contemporâneas e que, também, destacam a interseccionalidade como: o contexto social e racial, a desigualdade, o gênero e a justiça social (Ribeiro, 2020; Collins & Bilge, 2021).

Compreende-se que as construções identitárias que Isabel vem concretizando no Brasil estão vinculadas ao seu interesse de trabalhar na sua área de atuação profissional, de manter essa

construção já estabelecida (identidade profissional). Assim, pode-se dizer que a construção e sentidos atribuídos à carreira de Isabel aproximam-se do discurso de carreira ‘fechamento’ e, ainda, do discurso de carreira ‘instrumentalidade’, devido a relação de um projeto mais individualizado por sobrevivência, como é possível observar no seguinte trecho: “*continuar sendo pesquisadora que eu sou e eu preciso disso, como preciso de escrever*”.

Mesmo que esteja construindo no Brasil o seu projeto de vida na dualidade, de como ser uma mulher “*afro*” e como refugiada em um novo lugar, a identidade de trabalho com trechos relatados na sua trajetória, suas redes de relacionamento e de trabalho são constituídas por poucos brasileiros, migrantes de outras nacionalidades, principalmente mulheres “*afros*”, e cubanos que vivem em outros lugares do mundo. Destaca que a relação com os nativos é um apoio sólido que enriquece como forma de adaptação. Esses aspectos identitários estão correlacionados com o que Berry (2003; 2004) pontua sobre a integração entre a cultura receptora que é experimentada pela Isabel por preferir manter sua identidade cultural e ao mesmo tempo se relaciona com outros grupos no seu cotidiano. Llajaruna (2004) destaca que a estratégia de integração é considerada quando o migrante adota os valores da sociedade anfitriã para se adaptar e satisfazer as necessidades dos grupos que vivem juntos. E, portanto, isso é perceptível na narrativa de Isabel em construir sua carreira psicossocial e suas identidades de trabalho com suporte das redes de cooperação (Scherer, Grisci & Chanlat, 2021). Nesse caso, a interseccionalidade faz contribuições importantes nesse processo de reconstruções identitárias de forma simultânea, que abrange diversos aspectos da identidade individual (Collins & Bilge, 2021). Isso pode ser compreendido quando iniciamos a entrevista e Isabel se apresenta-se como: “*Sou Isabel, sou cubana, afro-cubana*”. Marques (2018), em seu estudo, destaca que ainda é difícil trazer temáticas étnico-racial e de gênero como promoção à saúde, educação e trabalho. A

autora enfatiza como essas temáticas fazem parte do processo de integração social do refugiado com a sociedade de acolhida.

Por estar trabalhando por meio de um agenciamento coletivo, de uma rede de institucional com fonte de financiamento (Scherer, Grisci & Chanlat, 2021), em seu projeto mais individualizado, Isabel, por outro lado, vem construindo sua identidade de rede (Ribeiro, 2014) com a interseccionalidade por via das relações sociais que vem estabelecendo na sociedade hospedeira. Assim, o seu trabalho como professora, jornalista e pesquisadora autônoma são descritos na sua narrativa com imersos em processos de ligação em rede: organizações civis, grupos e pessoas e os seus valores para as redes de ação, como projeto que fundou com outras mulheres também na condição que se encontra. Portanto, supõe-se que Isabel vem construindo a carreira ‘possibilidade’ (Ribeiro, 2014) por possuir projetos de forma independentes e estabelecer uma identidade de rede (Fenwick, 2007; Ribeiro, 2014).

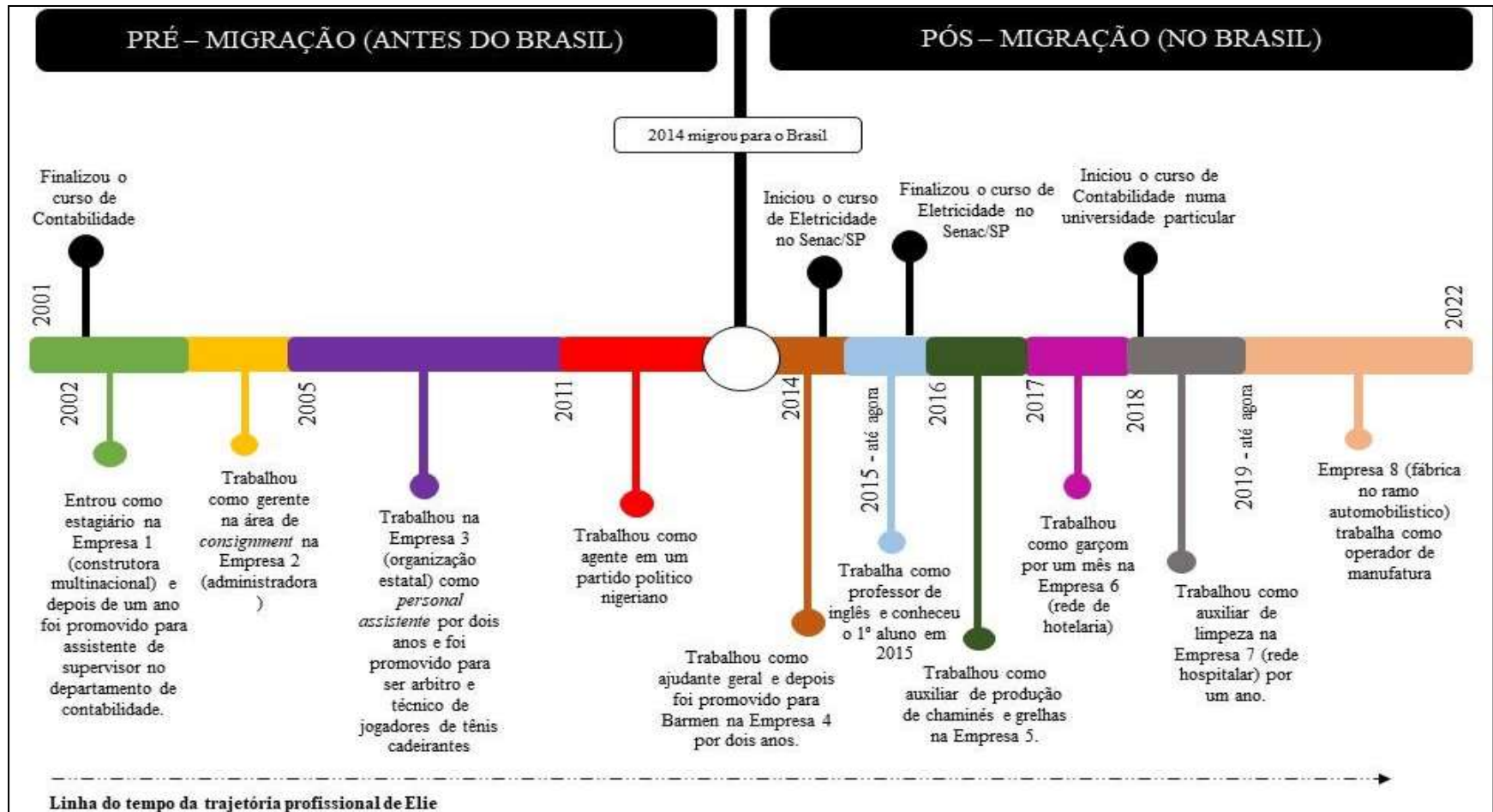
4.2.4 Caso Elie

Elie é nigeriano e solteiro. Saiu do país em 2014 e possui ensino superior em Contabilidade numa universidade pública. Foi casado na Nigéria e sua ex-esposa vive nos Estados Unidos atualmente. Destaca que sua vinda ao Brasil não foi por uma situação de guerra, mas pela crise política e social que o país vivia no momento, além dos conflitos civis entre muçulmanos e cristãos. Trabalhou por cinco anos na sua área de formação e outros sete anos na área do Esporte e em um partido político. Hoje trabalha numa organização, na cidade de São Caetano do Sul, como operador de manufatura e está realizando o curso de formação em Contabilidade numa universidade particular.

4.2.4.1 Trajetória de formação e de trabalho

Figura 9 –

Linha do tempo da trajetória profissional de Elie



Elaborado pela autora (2022)

Conforme representado, os dados indexados na figura 9, no que se refere à trajetória de formação, Elie iniciou sua escolha profissional no ano de 1997, cursando Contabilidade em uma universidade pública na capital da Nigéria, que era Lavras, e hoje é Abuja. Então, no ano de 2001, concluiu o seu curso de Contabilidade e após alguns anos sem estudar após a formação, realizou um curso de eletricidade no SENAC assim que se refugiou para o Brasil. Iniciou também uma nova graduação em Contabilidade numa universidade particular na capital paulistana e vai finalizar no ano de 2022.

Elie, ao destacar sua história de vida na Nigéria, conta como foi o seu processo de escolha profissional e destaca que tinha familiares que eram feirantes e ambulantes que com a renda ali obtida será revertida para ajudar a estudar em uma boa escola. Destaca que escolheu o curso de Contabilidade: *“porque eu naturalmente gosto de números e gosto de matemática”*. Conta que teve apoio dos seus pais nessa decisão, e que seu pai trabalhava como editor de um jornal local e sua mãe trabalhou em um departamento público federal da Nigéria, e hoje estão aposentados. Elie passou por diferentes organizações no seu país de origem e sempre mudou de uma para a outra por conta de buscar pelo crescimento e o seu desenvolvimento das empresas em que trabalhou; atenta-se nos períodos de mais de dois anos que passou e a oportunidade de fazer transições de cargos.

No que se refere à trajetória profissional conforme representado na figura 9, Elie iniciou sua trajetória profissional desde o início da graduação, começando por estágio e logo em seguida passando para função de assistente de supervisor do mesmo departamento que estagiava na empresa 1. Conforme ilustrado na linha do tempo, Elie passou por três empresas durante nove anos de experiência profissional na área. As primeiras duas empresas foram com menor tempo de empresa, com cargos administrativos e de liderança.

Diante das narrativas, o indivíduo justifica essas trocas pelo motivo de receber melhores propostas profissionais e com maior visão de progressão em cada empresa. Nota-se que Elie apresentou maior permanência em sua última, que iniciou na organização com cargo de assistente pessoal, e depois migrou para arbitragem e técnico da área do esporte no ramo de tênis de quadra.

Em sua narrativa relata como foi essa experiência de trabalho na qual teve a oportunidade de receber outros jogadores para competir no seu país, em oportunidades de ir a eventos internacionais e relata que joga o esporte há mais de 25 anos, desde criança, e assim prezando pela sua qualidade de vida. Elie destaca que pelas empresas que passaram no seu país alguns valores guiam a sua trajetória até o presente momento, são elas: um ambiente agradável, um bom relacionamento com os colegas e com a gestão.

Destaca que suas experiências na Nigéria, em termos de infraestrutura da gestão com os funcionários, são bem diferentes do que vive aqui no Brasil. Além disso, o valor salarial e as garantias trabalhistas são destaques relevantes na sua narrativa. Após essa experiência, ele não conta em detalhes da sua narrativa como foi a experiência de trabalho como agente de um partido político nigeriano, mas pontua que realizava, como principal atividade, a contagem dos votos que o partido recebia no período de eleição daquela época.

Insatisfeito com os conflitos civis em seu país, Elie buscou novas oportunidades e relata que conseguiu ajuda no seu processo de refúgio através de um brasileiro que trabalhava no cônsul na época, pois essa pessoa era pai de uma aluna sua quando ainda era técnico esportivo de tênis. Ao chegar no Brasil, nesse processo de transição de carreira, Elie destaca que precisou vincular-se a uma igreja cristã na época e foi a partir daquele momento que conseguiu o seu primeiro trabalho, como ajudante geral, na empresa 4 e permaneceu por dois anos, assim tendo a

oportunidade de ser "barman" deste restaurante localizado na zona sul da capital paulistana. Conta que não tinha expectativa de trabalho, mas se preocupava com a questão linguística de não saber a língua portuguesa e assim não teria oportunidades de trabalhar inicialmente no Brasil na sua área de formação. Então, tomou uma decisão em reconstruir seu projeto de vida por escolhas em outras ocupações que não estejam vinculada com sua formação de origem.

[...] Como eu vou conseguir penetrar no sistema do Brasil? Vai aprender a língua portuguesa primeiro e aí com o tempo eu vou fazer algum curso para ficar parte desse sistema. Então, como vou conseguir isso? Não vou conseguir sem eu ter expectativa para trabalhar como contador. Porque eu não tinha sabedoria do português e eu vou trabalhar com português. E como vou conseguir isso? Eu não vou. Meu dever é ficar nesse nível baixo [de trabalho] e começar com uma pouca coisa e não é crime.

Importante enfatizar sobre essas decisões, pois ele relata que não tinha expectativa para trabalhar sem saber falar a língua local. Além de que precisava reconstruir seu projeto de vida trabalhando com “qualquer coisa para conseguir um salário e pagar o aluguel, pagar conta, comer, comprar alguma coisa...”. Ao ser indagado em como conseguiu esse primeiro trabalho, como reinserção laboral no Brasil, ele destaca que não tinha um plano, mas pontua que teve “sabedoria” quando chegou em São Paulo e não sabia o que iria fazer.

Eu digo que foi sorte. Mas, antes de viajar pode ser a parte de...hum é plano? Não, é sabedoria. Onde é mais fácil conseguir alguma ajuda? É de igreja. Aí comecei ir para a igreja e tive a sorte de achar uma igreja adventista. Comecei a frequentar a igreja. Ela, uma senhora, que estava lá para fazer uma introdução de me apresentar para aquele dono do restaurante e eu não falava nada de português e não tinha como comunicar, só um pouco. E aí quando eu tinha

que falar alguma coisa e tirava o meu telefone para fazer alguma tradução do celular e como eu consegui esse trabalho foi através daquele pessoal da igreja.

Nessa experiência, na empresa 4, Elie detalha o motivo da sua saída devido a um conflito que teve com um colega de trabalho por terem as mesmas atitudes por parte dos trabalhadores brasileiros, até mesmo de gerência. Destaca que não é algo que acontece com ele, mas com outros refugiados que já esteve em seu convívio.

[...] Eu saí de lá quando o problema começou com um colega e é sempre a mesma situação. E lá eu trabalhei muito bem e algum colega não quer trabalho e sempre vi... e não só sou eu, já vi com alguns refugiados também. É que o brasileiro sempre fica nervoso pensando que vamos tirá-lo do seu trabalho [...] nós trabalhamos com o coração porque esse dinheiro que vem é muito bom para nós cooperarmos aonde nós viemos.

Elie aponta situações como essas na empresa 5, destacando que já teve momentos que outros trabalhadores, até de cargos gerenciais, querem “atrapalhar” e “prejudicar” o seu trabalho, e esse foi um ponto muito destacado por ele durante a entrevista. Começou no cargo como auxiliar na produção para fazer chaminés e, pelo fato de ter o curso de eletricidade no SENAC. Quem lhe indicou esse trabalho foi o próprio dono do restaurante e aceitou a oferta porque não queria mais ficar no restaurante, mas por outro lado relata que o salário não era tão atrativo e gostaria de ter crescimento profissional.

Após a sua experiência na empresa 5, ele ainda destaca que conseguiu um trabalho temporário numa rede de hotelaria que é a empresa 6, como garçom, e por ainda ter dificuldades na língua portuguesa pontua que as relações com a gerência era também para “prejudicar” e foi demitido. Mas, imediatamente conseguiu um trabalho, como CLT, numa rede de hospital bem conhecida na capital paulista, empresa 7. Destaca que teve uma pessoa, também auxiliar de

limpeza, lhe sugeriu para fazer um curso e tentar “*crescer*” na empresa. Nesse caso, optou-se por ingressar no ensino superior em Contabilidade, em uma universidade particular, e que está prestes a finalizar. Ao ser questionado sobre essa escolha, Elie destaca por ser na língua portuguesa e que foi uma forma de aprender, além de ter o conhecimento na sua formação o sistema de contabilidade é diferente do seu país de origem porque “*tem muita contradição tributária da Nigéria e do Brasil*”.

Saiu da empresa 7 por conta das vivências discriminatórias por parte de colegas de trabalho. Por outro lado, trouxe no seu relato o estilo de liderança que gosta, como espelho do seu gerente. Descreve por ser uma pessoa boa e que não era um tipo de gerente que queria te prejudicar como os outros dos trabalhos anteriores. Nesse caso, tem como espelho por ter sido uma pessoa, que mesmo sendo estudante universitário, que podia ter uma interação social “*boa*”.

Elie destaca sobre o seu trabalho como professor, que deu início em 2015, tem como uma ocupação alternativa para complementar a sua renda e só trabalha nos finais de semana e algumas vezes nos feriados. Entrou em outra organização, em 2019, com apoio de uma organização não governamental que realiza parcerias com organizações para inclusão laboral dos refugiados e imigrantes. Essa empresa era maior e possibilitou a ele uma forma de integração social e considera que trabalhando bem, como vem até o momento, vai lhe proporcionar novas oportunidades e desenvolver-se.

Assim, em toda a sua narrativa destacou as barreiras de linguagem e idioma ao chegar no país. Além disso, aponta que o fato das suas demissões nessas organizações era pelas mesmas situações discriminatória racial e comportamentos xenofóbicos por parte dos seus colegas de trabalho e, também, pela gerência. Mesmo tendo um pouco de dificuldade na compreensão durante a entrevista, mas não impossibilitando de falar o português hoje, Elie apresenta interesse

em se desenvolver através de cursos e tem o trabalho como centralidade em sua vida. Segundo ele:

Problema é, sempre é, é... são os brasileiros que veem nós, refugiados, como uma pessoa forte para trabalho, trabalho de coração e aí querem tirar ele do trabalho. Por quê? Porque ele [brasileiro] vê o trabalho como obrigação e nome da empresa. Chegando no trabalho, o brasileiro prefere ficar no trabalho gastando tempo conversando e falando no celular

[...] Na empresa 8, o pagamento é sempre o horário, é horário extra. Aí você quer reclamar e a pessoa fala: “ah, você quer briga?” Porque lá o trabalho é como um time. “[...] Eu faço a minha parte, porém o pessoal na minha frente não faz e então toda a linha de trabalho vai mal. [...]E eles falam: “Ah, ele domina tudo e faz certo. Ah, ele quer ser chefe”. Se você falar algo errado dele, ele vai procurar o seu errado. Mas, se o seu errado não é o errado, ele vai buscar algo para prejudicar você. Por quê? Porque você está trabalhando direito.

4.2.4.2 Projetos de vida e de trabalho

Elie atualmente trabalha, há aproximadamente três anos, na parte de operação de manufatura e, como professor de inglês, possui uma aluna para suas aulas de inglês no formato online. A empresa 8 é uma organização multinacional e ele considera a sua gestão boa, pois acredita que eles têm confiança no seu trabalho e se considera “uma pessoa de sorte” porque possui um trabalho digno, como destaca em sua narrativa:

Lá é mais organizado. Tem líder, supervisor, gerente, tem funcionário terceirizado (FT). Tudo lá... a discriminação é zero. Racismo é zero. Eles não deixam existir e lá sempre FT tem esse cuidado. Eu sou uma pessoa com sorte, porque eu vi que era trabalho. Eu agora já trabalho na empresa 8 por mais de dois anos e seis meses e aí todo gerente ver o meu trabalho. Se tem

algum FT... não tem como me prejudicar, porque os outros gostam do meu trabalho desde quando comecei. Todo mundo gosta, todo mundo já me conhece.

Até o momento a empresa atual tem cumprido com suas expectativas. Primeiro, por estar localizada na cidade de São Caetano do Sul, que por ser menor que a capital paulistana lhe proporciona a qualidade de vida, sem se preocupar em pegar um transporte para a empresa, por exemplo. E segundo, por saber lidar com a liderança, por ser mais disciplinada e com alta qualificação: *“Por que a empresa é melhor? Porque é disciplinado e o nível de chefe é alto e é formado”*.

Além de relatar os perfis de liderança, que quanto mais as pessoas tiverem conhecimento, *“mente aberta”*, mas elas vão aceitar *“as diferenças”*. Nesse caso, na hora de mudar de uma empresa para a outra, leva em conta as relações no ambiente de trabalho, principalmente por perceber os seus valores e o seu alinhamento com os valores organizacionais.

Ao ser questionado sobre o que precisaria para ser reconhecido como contador aqui no Brasil, Elie destaca que pretende conseguir um trabalho na área da sua formação de origem. Tem como plano de realizar um estágio na área, já que está fazendo a faculdade de contabilidade atualmente e tem plano de fazer um concurso público na área por ter mais chances.

Na sua narrativa destaca que o concurso é um plano para longo prazo porque pensa que não tem o total domínio da língua portuguesa. Elie destaca que o plano de ação de realizar esse curso está tendo os resultados que gostaria no momento: *“como eu conheço, agora, que o sistema de contabilidade no Brasil é diferente, penso que já posso trabalhar com contabilidade”*.

Elie pontua que já deu o primeiro passo do seu plano para trabalhar como estagiário, e destaca que solicitou ao RH da atual empresa que trabalha para colocá-lo numa próxima

oportunidade e que já estava em processo para comunicar ao seu líder sobre seus planos. Por outro lado, tem receio a respeito do processo de transição da produção para o escritório financeiro, pois destaca que primeiro quer conversar com seu líder para saber se acolhe essa decisão:

[...] Isso pode me prejudicar porque ele pode me mandar embora e como já me conhece na produção e ele me precisa muito e ajuda bastante atingir o objetivo. Então, eu quero tirar uma dúvida com ele, porque ele sabe mais caso eu mude e não seja mandado embora. Uma chefe já falou que se eu terminar o estágio, eu posso continuar e ver uma vaga em contabilidade.

Ele acredita que pode ainda ter as chances de conseguir um trabalho na sua área com a possibilidade de começar como estagiário, mas com cuidado em não perder a sua posição atual. Quando indagado sobre o seu projeto de vida, destaca que quer começar a ter um trabalho que tenha uma boa remuneração e “*boa posição*” para que possa comprar a sua primeira casa aqui no Brasil.

Pontua que a empresa que trabalha lhe possibilita um financiamento, mas que no momento não é sua prioridade para os próximos cinco anos. Pois, tem como planos finalizar a faculdade de contabilidade, conseguir esse estágio e tentar um cargo na empresa atual ou em outra como auditor.

Além disso, destaca o seu desejo de trazer alguém de sua família, os seus irmãos, para morar aqui no Brasil e ajudá-los. Pontua que gosta do Brasil porque é “*melhor*” e gosta de estar na cidade onde mora: “*[...] Ah, como eu consegui esse trabalho eu vou morar aqui e porque eu gosto de coisa bonita, da cidade ser organizada, de ser boa e pensar na minha qualidade de vida e sem pressa para o trabalho*”.

4.2.4.3 Discussão dos resultados de Elie

Carreira psicossocial e identidade de trabalho

No primeiro contato estabelecido, Elie ajudou a despertar algo na pesquisa, inclusive me dando pistas quanto à abordagem das questões mais alarmantes dos conflitos civis dos países africanos e como está ligado a ele e a influência da vida de um africano. Além das questões de integração social nas suas experiências de trabalho, dentro das organizações, em território brasileiro.

Pode-se dividir a história de vida de Elie, em termos de trajetória de vida de trabalho, em duas partes. No período pré-migratório como estagiário a assistente em contabilidade; de gerente administrativo; técnico esportista; seu trabalho como agente de um partido político nigeriano. A segunda parte encontra-se marcada pela transição de vida como refugiado ao chegar na cidade de São Paulo com trabalhos como barman em um restaurante; seu trabalho vinculado a organizações como ajudante de serviços gerais, auxiliar de produção em uma fábrica de chaminés; garçom numa rede de hotelaria e, atualmente, professor de inglês, operador de manufatura na empresa 8 e estudante de contabilidade em uma instituição privada brasileira.

Esse enredo é dividido em dez unidades episódicas. Quando visto em conjunto, permite perceber que a trajetória de vida de trabalho de Elie é atravessada em termos de tema de vida pela sua principal ocupação até então, de estudante e trabalhador dedicado, pela necessidade de estudar para melhorar a sua condição financeira e trabalhar como contador em alguma organização no Brasil; suas vivências discriminatórias no ambiente de trabalho e a percepção da classe trabalhadora brasileira em relação a um refugiado; além de ser a única pessoa a ter responsabilidade de ajudar financeiramente sua filha nascida no Brasil e seus familiares que ainda residem na Nigéria; e pela vontade de se realizar por meio das suas atividades profissionais

como contador e viver em uma cidade que propicie qualidade de vida. Esses fatores, quando vistos em conjunto, permitem inferir de que maneira Elie está construindo a sua identidade de trabalho e seus planos de ação de trabalho, ou seja, a maneira como está construindo o seu projeto de vida de trabalho em São Caetano do Sul.

Dentro do conteúdo da sua trajetória de formação e trabalho, ele colocou todos os assuntos que queria descrever, mas sempre com um olhar muito cuidadoso nos seguintes pontos: os problemas quanto à integração de um refugiado no ambiente de trabalho, o sentido de pertença à Nigéria e ao Brasil; e o fato de realizar o mesmo curso de formação em uma instituição superior brasileira como forma de conhecer o sistema educacional e o mercado de trabalho brasileiro como contador, mesmo não especificando o interesse em revalidar o diploma.

Não fica claro na narrativa de Elie as condições do seu trabalho atualmente na empresa 8, mas por assumir posições altamente qualificadas em seu país de origem e ter planos para tentar fazer sua transição de cargo para manter as atividades semelhantes, é preciso estar suscetível, no momento, ao subemprego (Eggenhofer-Rehart, 2018; Baran, 2018) em que precisa ser reconhecido por parte dos seus líderes fazendo o melhor, ganhar um bom salário e trabalhando nas horas extras para que tenha oportunidades de crescimento.

Quando questionado quem é profissionalmente hoje, Elie destaca ser contador, mas antes *“tenista, ex-tenista, ex-técnico de cadeira de rodas e agora, ainda não trabalho esse lado profissional de contabilidade, mas trabalhando como operador em São Caetano”*. Savickas (2002) chama atenção para a heterogeneização das trajetórias de carreira, essas que consistem em transições ocupacionais frequentes. Percebe-se, nesse sentido, que Elie vem utilizando a estratégia de “re-profissionalização” ao saber que não conseguiria exercer sua profissão anterior de imediato, e que trabalhando em várias ocupações, investindo tempo e dinheiro em cursos, está

sendo importante atuar nessas ocupações para ir ao encontro da reconstrução de seu projeto de vida e de trabalho (Suzuki, 2019).

No que se refere aos discursos de carreira (Ribeiro, 2014), essa busca e como quer conhecer o sistema brasileiro na área de contabilidade são aspectos também encontrados no discurso ‘fechamento’, associado à identidade profissional/ocupacional (Ribeiro, 2014). Além disso, aspectos da identidade organizacional, do discurso ‘nostalgia’ também encontram-se, de certa forma, presentes na narrativa de Elie. Ele destaca os principais cargos que ocupou nas organizações no seu país de origem e apresenta uma identidade também vinculada a organizações nas quais busca a realização dos seus planos de carreira nesse processo de “re-profissionalização”, o que pode lhe dar a segurança financeira e de trabalho que procura.

Dessa forma, o processo de construção de identidade de trabalho de Elie é atravessado pelo discurso ‘nostalgia’ (Ribeiro, 2014), por uma carreira externa, pela identidade organizacional, o seu comprometimento, além da sua identidade profissional vinculada ao discurso ‘fechamento’. Nesse sentido, vem sustentando a sua adaptação para desenvolver autoconfiança e fazer a transição de cargo, estando consciente da necessidade de se preparar e planejar sua carreira como contador no Brasil.

Embora trabalhe como professor de inglês como alternativa para assegurar as condições socioeconômicas, sua narrativa não parece orientada pelo discurso possibilidade (Ribeiro, 2014). Dessa forma, no que se refere ao processo de construção da identidade de trabalho de Elie, identifica-se a saliência de aspectos tanto da identidade organizacional como da identidade de profissional.

Elie destacou as barreiras de linguagem e idioma ao chegar no país anfitrião. Apontou, também, que em suas experiências de trabalho em algumas organizações brasileiras ocorreram

situações discriminatória racial e comportamentos xenofóbicos por parte dos seus colegas de trabalho e, também, pela gerência. Pela narrativa de Elie, supõe-se que os aspectos identitários estão correlacionados com o que Berry (2003; 2004) pontua sobre a marginalização entre a cultura receptora que é experimentada por Elie. A narrativa de Elie destaca a estratégia do grupo dominante como segregação, que leva os migrantes a se separarem fora da sociedade dominante, principalmente no lócus de trabalho. Nesse caso, a estratégia da marginalização é uma tentativa frustrada do imigrante em experimentar e participar da sociedade anfitriã; com isso, observam-se práticas de discriminação por parte do grupo dominante (Llajaruna, 2004), o que foi bem pontuado por Elie quando relatou sua percepção sobre a atitude de parte da classe trabalhadora brasileira em relação aos imigrantes.

Mesmo relatando que o gerenciamento da empresa 8 reconhece o trabalho dos refugiados na linha de produção, sem mencionar o desejo de exploração daquele que são diferentes, fica evidenciado o preconceito por parte da classe trabalhadora nessa empresa e que nesse processo de exclusão há organizações que pregam pelas falsas práticas de diversidade, inclusão e integração eficaz de refugiados no ambiente de trabalho (Knappert, 2018).

Embora tenha conseguido o seu atual trabalho por uma mediação de uma organização voluntária que atua pela integração, pesquisas (Knappert, 2018; Baran; 2018) revelam a exclusão e os abusos que os refugiados com frequência vivenciam no seu ambiente de trabalho em organizações. Nesse caso, por estar trabalhando por indicação de uma rede institucional com fonte de financiamento (Scherer, Grisci & Chanlat, 2021), com parceria com a organização 8, a narrativa de Elie destaca que os programas de apoio das organizações que contam com esses tipos de financiamento ao emprego. Os refugiados, também, são confrontados com ameaças à

sua identidade profissional e possibilita uma reestruturação na identidade em situações transitórias (Nardon et al, 2020)

Embora não se tenha identificado na narrativa de Elie, supõe-se que ele se desligou dos serviços dessa rede de cooperação e foi encontrar um caminho próprio para a integração da força de trabalho (Nardon et al, 2020). Nesse sentido, percebe-se que Elie adota de forma prioritária estratégias que favorecem a manutenção de sua identidade profissional e organizacional, no lugar de construir identidades de rede (Ribeiro, 2014). Refugiados que adotam esse tipo de estratégia tendem a ter uma perspectiva a longo prazo para que as ameaças à sua identidade profissional sejam consideradas temporárias (Nardon et al, 2020).

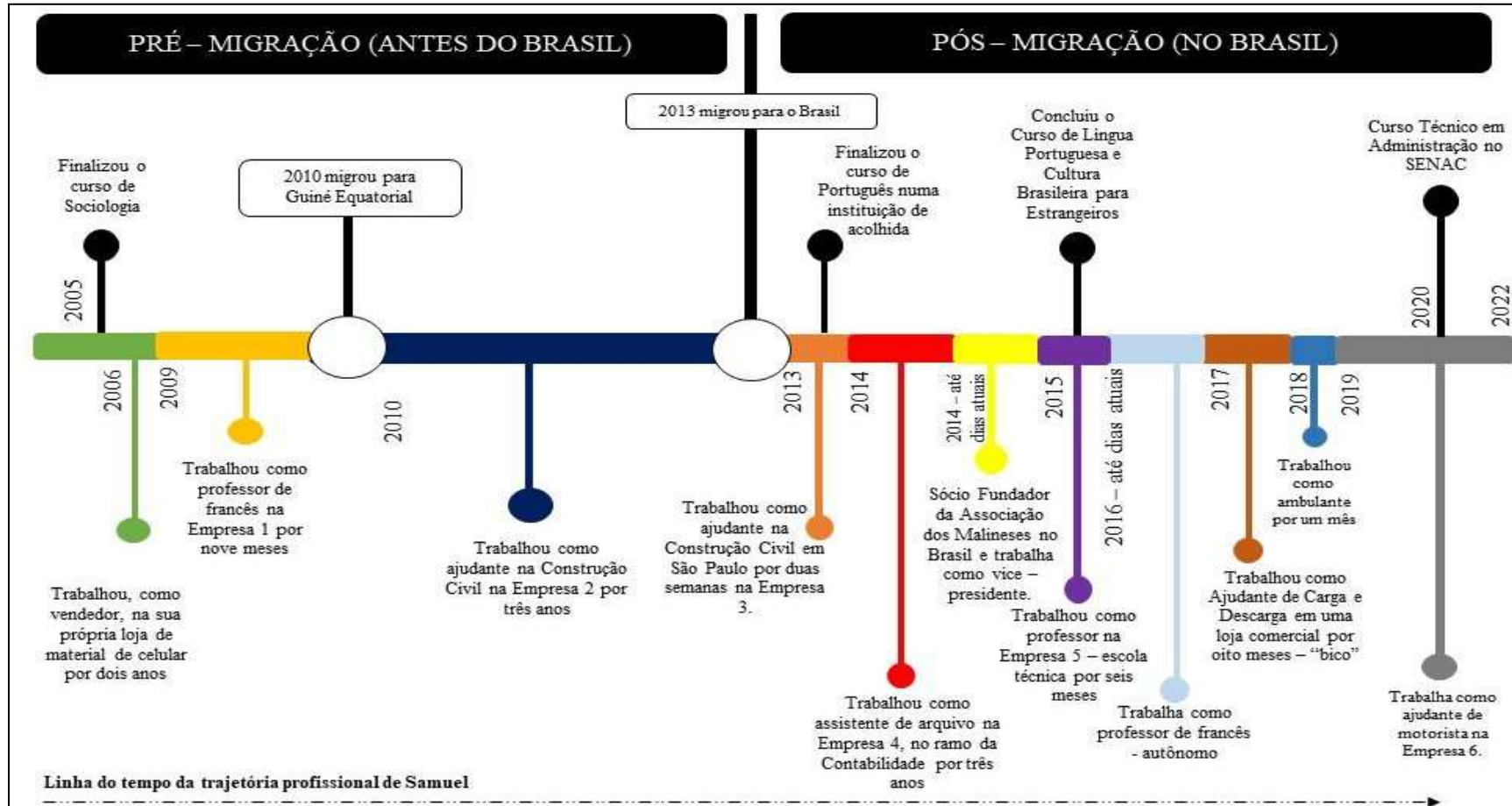
4.2.5 Caso Samuel

Samuel é da República do Mali, formado em Sociologia, pai de um filho que vive no seu país, solteiro e tem 42 anos. Chegou na cidade de São Paulo sozinho, há aproximadamente sete anos, depois de se ter mudado temporariamente para Guiné Equatorial. Possui dois irmãos que moram na Itália, um irmão que chegou a morar no Brasil, mas se mudou para os Estados Unidos; e o irmão mais velho que ainda mora no Mali. Sua língua materna é o francês e compreende bem a língua portuguesa. Relata suas experiências anteriores de trabalho que o ajudaram a lidar com o impacto da mudança. Embora não tenha experiência de trabalho como sociólogo, destaca a transição na sua trajetória profissional. Hoje está realizando curso técnico e trabalhando como ajudante de motorista. Divide casa com mais dois imigrantes e é vice-presidente da Associação de Malineses desde 2014.

4.2.5.1 Trajetória de formação e de trabalho

Figura 10 –

Linha do tempo da trajetória profissional de Samuel



Elaborado pela autora (2022)

De acordo com o que está representado nos dados indexados na figura 9, no que se refere à trajetória de formação, Samuel iniciou o seu processo de escolha profissional nos anos 2000, cursando Sociologia numa universidade pública, sendo a única na época da sua cidade natal. Finalizou o curso em 2005 e ficou alguns anos sem estudar. Chama atenção que Samuel não fez uma escolha profissional assertiva, mas o que o motivou a escolher seu curso foi pela oportunidade de ter consigo uma vaga na época e que ele “*não tinha tanta informação*” sobre o curso.

Ele destaca que a sua escolha de trabalhar na área de Sociologia, foi, principalmente, que a universidade naquela época só tinha esse curso de formação na área de humanas e que não foi algo imposto pelos seus familiares. Então, pela oportunidade de ser o único da família a ingressar numa universidade pública fez a inscrição e cursou por cinco anos.

Nesse caso, Samuel buscou um curso de formação que lhe possibilitasse a oportunidade de ingressar na única universidade do seu Estado no seu país de origem e conseguir um emprego no âmbito social, como destaca em sua narrativa: “*A escola de Sociologia, na universidade naquela época, só tinha porque para nós [malineses] era fácil conseguir um emprego na área social do tipo em dar aula de francês*”.

Mesmo refugiando-se para outro país no continente africano, para Guiné Equatorial, Samuel só veio a estudar no Brasil em 2014. Após a sua chegada em uma casa de acolhimento temporária, na cidade de São Paulo, ele realizou um curso de idioma oferecido gratuitamente pela instituição Arsenal da Esperança, localizada na zona leste de São Paulo. Menciona em sua narrativa que fez bastante cursos nesse período pós migratório, mas destaca apenas dois: o curso de português com as aulas sobre cultura brasileira, em 2015, e o curso técnico em Administração pelo Senac, que começou em 2020 e finalizará no ano de 2022.

Eu consegui ficar no Arsenal, por seis meses, antes de conseguir a carteira de trabalho porque demorava muito e morei no Arsenal. Você dorme uma noite e aí oito horas você tem que sair para a rua porque não fica lá durante o dia né?! Tem que sair para trabalhar. Se você não tem trabalho você tem que ficar na rua para depois você pegar a fila a tarde para conseguir dormir e sair no dia seguinte. Eu consegui morar lá seis meses até conseguir emprego e alugar uma casa e morar com outros amigos. Eu construí a vida pouco a pouco.

Samuel, no Mali, deixou seu único filho que está aos cuidados de sua ex-esposa e, hoje, é o apoio econômico familiar. É o único da família a ter uma formação superior completa. Pelas condições socioeconômicas na época e no que se refere à sua trajetória de trabalho, Samuel não teve experiências como sociólogo. Segundo ele, após a sua formatura, viveu de “bico” e abriu uma loja de material eletrônico, com mantimentos de celulares, administrando por dois anos e ainda “fazia um pouco de tudo para sobreviver”.

Ingressou na empresa 1 como professor de francês na educação infantil e permaneceu por nove meses. Relata que não gostou da experiência porque economicamente não valeria a pena no momento. Então, decidiu migrar para o país vizinho em busca de oportunidades melhores. Ao chegar na Guiné Equatorial, Samuel conseguiu um trabalho na empresa 2, no ramo de construção civil, e ficou por dois anos como ajudante. Destaca-se suas dificuldades como estrangeiro neste país, por viver uma ditadura, e que as leis governamentais eram rígidas com estrangeiros, mesmo que fossem de nacionalidades africanas.

Para conseguir chegar aqui no Brasil não foi fácil porque depois de me formar e trabalhar um pouco na loja, uma coisa para cá e para lá, eu fugi para Guiné Equatorial – que é outro país da África. É um país muito fechado por conta da ditadura e tem um presidente que está no poder há mais de 40 anos. [...] Só que lá, também, é muito difícil porque a perseguição

policial e a documentação, mesmo que seja um país africano, é muito forte porque eles não gostam dos estrangeiros. Então, ficou difícil porque se você não consegue trabalho você não consegue residência. E a residência é para comprar.

Nesse período, ele destaca que estava se sentindo “*estagnado*” por não ter opções, pois no seu país já estava vivendo uma guerra civil. Então, resolveu voltar ao Mali para solicitar o seu refúgio ao Brasil. Quando chegou no Brasil, em 2013, na cidade de São Paulo conseguiu uma recolocação, por duas semanas, na empresa 3 e iniciou o seu primeiro trabalho como ajudante de obra na zona oeste de São Paulo.

Durante esse período, conheceu um estudante malinês que tinha um relacionamento com uma brasileira e lhe indicou para essa empresa. Destaca que através dela recebeu uma proposta da empresa 4 para atuar como assistente de arquivo no ramo da Contabilidade, com uma remuneração digna, e então aceitou e permaneceu na empresa por três anos. Como deu início na empresa 4, Samuel relata que teve dificuldades com o idioma local e andava sempre com um dicionário na mão para aprender e a conversar português. Como ficou por três anos na empresa 4, ele trabalhou com outras ocupações durante esse período.

Em 2014 resolveu aceitar a proposta de formar uma associação de malineses junto com um professor que mora há mais de 20 anos no Brasil. Assumiu o cargo de vice-presidente e até os dias atuais continua exercendo esse cargo. Samuel destaca que a Associação está em um período “*calmo*”, pois muitos da comunidade retornaram ou migraram para outros países. Destaca que como ficou alguns conterrâneos, ainda há muitas atividades como reuniões, mas que muitos ainda só procuram resolver questões burocráticas do que de fato estar como um associado.

No ano de 2015 ele resolveu aceitar uma proposta da sua ex-professora, do curso de Língua e Cultura Brasileira, numa escola técnica, a empresa 5. Essa proposta, com novas perspectivas de atuação profissional, Samuel exerceu a função de professor de cultura para imigrantes no interior de São Paulo, permanecendo por seis meses. Como relata que gostou de ter essa experiência, disse que não continuou na empresa por conta da conclusão do curso e começou a dar aula de francês nas residências dos alunos.

Samuel conta que precisou sair da empresa 4 em 2017, pois sua mãe, ainda no Mali, estava muito doente e precisou retornar ao seu país para cuidá-la. Destaca em sua narrativa que a empresa o demitiu como forma de conseguir o seguro-desemprego na época para ajudá-lo a sobreviver e cuidar da sua mãe por alguns meses no Mali, então ficou esse período desempregado. Por outro lado, ele relata com bastante clareza essa sua experiência nesta empresa 4, o dia-dia em que se sentiu discriminado pelo gestor e destaca, na sua narrativa, que *“a pessoa não gosta de outra que veio de outro país para roubar emprego”*. Quando retornou para o Brasil, contou que chegou a voltar na empresa 4 para retomar seu antigo trabalho, mas a empresa já estava sofrendo uma redução no quadro de funcionários e não conseguiu retornar.

Após esse episódio, três meses depois, sua mãe faleceu no Mali. Destaca que trabalhou como ajudante de carga e descarga em uma loja na Zona Cerealista, na região do Brás, em São Paulo, como “bico”, por oito meses; exerceu outras ocupações ao mesmo tempo, que não foram mencionadas, e como vendedor ambulante de água na esquina da sua casa quando retornou pela segunda vez do Mali. Recebeu uma nova proposta de trabalho e resolveu entrar na empresa 6 com a função de ajudante de motorista em 2019, e está até agora. Relata em sua narrativa que conseguiu esse trabalho através de um amigo, que também é seu colega de trabalho, e levou o seu currículo e realizou uma entrevista de emprego.

Samuel trabalha como ajudante de motorista em uma empresa que fornece materiais hospitalares. Destaca que “*a rotina é: recarga, implantação, troca de equipamentos*”. Destaca que não desejava estar nessa posição, mas é o trabalho que tem no momento para que lhe garanta uma segurança financeira e o seu “*desejo*” é ter uma oportunidade de trabalho na área administrativa. Samuel pontua ser um “*bom profissional*” por não ter nenhum tipo de divergências com seus líderes pela pontualidade em entregar seu trabalho com qualidade.

Entretanto, relata que chegou a ter uma proposta de uma vaga interna, na área de logística, e diz que não aceitou porque se sentiu “*desrespeitado*”, pois a organização atual não lhe ofertou um salário compatível com o cargo e por, inicialmente, os gestores o quererem em condição de experiência, sendo que já estava há oito meses na empresa e substituiu por outro colaborador.

[...] Eles me contrataram como ajudante de motorista de logística externa. Então, se eu fizer essa função lá você pode me cobrar. Depois de três meses você pode me chamar e vamos nos sentar: A gente está com uma vaga aberta lá dentro, você quer ficar lá dentro? O salário é que, tal, tal. Aceita ou não? Mas, nunca aconteceu. Ai por isso que não fiquei lá dentro, porque a empresa quer a mão de obra barata e não quer contratar um profissional da logística. Pessoa que tem ensino médio ou que são que mexem no computador, coloca lá dentro. Mas, não tem noção da logística. É uma forma que eu vejo [deles] que eu sou estrangeiro, é como se eu não conhecesse nada. Depois, chegou à conclusão que foi isso que aconteceu.

Samuel conta com clareza esse episódio e pontua que foi uma forma de discriminá-lo, pois achavam que iria aceitar a oferta por causa do salário e não pelo reconhecimento que gostaria de ter pelos seus chefes da sua competência em exercer uma função de logística interna. Quando questionado sobre a percepção que tem em relação aos brasileiros, Samuel destaca outro

tipo de recurso discursivo – de quem se enuncia para quem se enuncia - construído nas suas experiências de trabalho, principalmente quando fez trabalhos definidos como “*bicos*”.

Como ponto marcante de sua entrevista ao relatar as suas experiências junto com outros brasileiros em um ambiente de trabalho, Samuel destaca o seu lugar de vítima diante das atitudes discriminatórias por parte de outros colegas de trabalho e gerência. Esses episódios, como indicado no relato abaixo, em que a sua religião e raça o fazem atribuir significados como “*agressivo*”, “*ignorante*” e tende-se a “*brigar*” com pessoas com quem ele trabalhou. Relata o quanto a sua vida profissional foi “*difícil*” por viver esses episódios no dia-dia.

[...] Não é toda população que aceita a gente e eu vou falar aqui, onde eu passei, que foi em uma empresa. Não foi uma coisa que não marcou na minha vida, mas no dia-dia foi bastante no serviço. E eu me senti discriminado por parte do dono, do chefe da empresa. A pessoa não gosta de outra que veio de outro país. Já ouvi falar que você veio aqui para roubar emprego. Ouvi casos bastante de pessoas, aqui, que foram agredidas porque vem de outro país.

[...] Fazia “bico” lá no Brás e o coordenador dizia: “Vem aqui, morreu o presidente da África”. [...] Se você explicar, ele vai entender. Porque ele não conhece e por isso ele é agressivo, por isso ele é assim. Ele é ignorante porque não conhece a História ou a Geografia. É, também, na religião. Eu sou muçulmano e sou vítima do que mostra na televisão. A pessoa pensa que muçulmano é terrorista, mas não tem nada a ver com aquilo.

4.2.5.2 Projetos de vida e de trabalho

Para lidar com as dificuldades na sua carreira, Samuel buscou alternativas, demonstrando aspectos que podem identificar a migração como projeto de vida em busca de um local seguro e

de oportunidades de trabalho, como migrou para outro país africano na estratégia de fugir, o que, também, viveria mais tarde no seu país como relata:

Em Guiné, como eu tinha o passaporte de estudante, eu solicitei o visto porque é muita insegurança e começou a guerra no Mali também, aí não tinha como voltar atrás e a única que pensei era solicitar um visto na embaixada do Brasil. Que pessoa vem para cá né?! Como eu não tinha dinheiro para pagar a passagem, tive que voltar para o Mali e pedir ajuda algum amigo porque a passagem do Mali para cá era muito cara. Comprei a passagem e cheguei aqui em São Paulo.

Ao ser indagado sobre o que precisava para ser reconhecido como sociólogo no Brasil, Samuel destaca que lhe faltava revalidar o diploma e “fazer uma reciclagem de sociologia do Brasil ou da América Latina”. Pontua as diferenças e destaca que precisaria voltar a estudar e ler bastante sobre a Sociologia, como relata: “Para ser sincero é diferente. A cultura, as coisas, a população são diferentes. Então, tem que voltar a estudar um pouco e ler bastante a sociologia brasileira, o latino-americano para conhecer melhor o povo e trabalhar na área da sociologia. É, vou precisar estudar de novo né?!”

Mesmo tendo pontuado o processo de revalidação de diploma, com o apoio de uma organização não governamental, Samuel no enredo da sua narrativa explica o porquê está considerando essa mudança de carreira. Esta interrupção não foi repentina, pois optou em mudar de profissão devido a sua volta do Mali, em 2017, e destaca como a experiência na empresa 4 do ramo da Contabilidade atribui ser “importante” e estava procurando um emprego na área administrativa quando retornou ao Brasil, pela segunda vez. Assim, destaca que “nunca” teve vontade de procurar algo na área que já tinha formação.

Sociologia é da área mais do social e eu posso trabalhar na área da Administração. Como eu trabalhei na área de Administração, mais de três anos, como assistente de arquivo e mexeu muito com documentação, logo eu gostei bastante. E depois que voltei do Mali, para conseguir trabalhar na área de Administração, como eu fazia, eu tinha que ter um certificado ou uma formação, no mínimo técnico de Administração.

Na sua narrativa relata que a maior parte do conhecimento na área de Sociologia foi através da leitura de livros do continente africano. E em relação ao conhecimento prático, não trouxe experiência como sociólogo, mas o ato de fazer o curso foi importante para que pudesse aprender “*bastante coisa como se comportar com uma pessoa, conhecer a pessoa*”. Destaca que conseguiu revalidar seu diploma na Universidade Federal Fluminense (UFF), através de uma organização não governamental denominada Compassiva, e que só tem uma declaração confirmando essa revalidação. Mas nesse período, entre 2017 e 2018, nunca procurou um trabalho na área de Sociologia após esse processo.

Ele tem o objetivo de abrir um negócio no ramo da Contabilidade. Contudo, ainda não traçou seus planos de ação e o como vai atingir esse objetivo. Destaca que é um objetivo para “*ser diretor de uma empresa ou uma empresa que eu possa trabalhar por minha conta*”. E relatou que se alcançar esse objetivo poderá conseguir a naturalização como brasileiro e construir uma família e ter uma casa própria no Brasil. Samuel, ao contar sobre o seu trabalho atual, destaca que não é uma posição que desejava, mas “*é o que apareceu e tem que fazer. Se eu achar uma coisa melhor, eu vou. Mas, se aparecer ajudante de motorista, tem que fazer para sobreviver*”. Destaca que não consegue se desenvolver dentro da empresa, pois “*a rotina é sempre a mesma coisa*”. Isso é um fator importante para Samuel, pois enfatiza que não estará nesse lugar no futuro, como relata o processo de transição de profissão.

Na entrevista Samuel aceita o posicionamento como uma mudança de carreira e, portanto, destaca o que os outros pontuam e leva-o a considerar o que fazer em seguida em sua vida, quando relata há incerteza sobre o futuro em seu trabalho atual:

[...] Mas, por que você está trabalhando como ajudante? Mas, é o que apareceu e tem que fazer. Se eu achar uma coisa melhor, eu vou. Mas, hoje se aparecer ajudante de motorista tem que fazer para sobreviver. Com toda a bagagem intelectual que tenho, tenho que fazer o que tem na minha frente com muita vontade e com muita dedicação. Ai depois uma coisa melhor, aí não é o que eu desejava. Meu desejo é começar a trabalhar na parte administrativa.

4.2.5.3 Discussão dos resultados de Samuel

Carreira psicossocial e identidade de trabalho

Pode-se dividir a história de vida de Samuel, em termos de trajetória de vida de trabalho, em duas partes. A primeira delas inclui sua construção de projeto no seu país de origem com início da escolha profissional até como dono de um negócio comercial, como professor de língua francesa e ajudante de construção civil em outro país como migrante. A segunda parte no momento, de transição de carreira, o pós-migratório com sua chegada na cidade de São Paulo como um ajudante de construção civil; como assistente de arquivo; o seu trabalho como professor de cultura em uma escola técnica para imigrantes; como ajudante de carga e descarga a vendedor ambulante; e o seus trabalhos atuais como vice-presidente da Associação de Malineses em São Paulo, como professor autônomo, de francês, e ajudante de motorista em uma empresa de oxigenação.

Esse enredo de vida dividido nessas onze unidades episódicas, quando visto na totalidade, permite perceber que a trajetória de vida Samuel é atravessada por temas de vida como a sua necessidade de trabalhar para poder sustentar sua família que ainda vive no Mali; ser o primeiro

da família a possuir um ensino superior; a sua migração em busca de oportunidades de trabalho em outro país; o refúgio para o Brasil; a saúde de sua mãe como um problema presente na sua carreira; o dia-dia dos atos discriminatórios vividos em São Paulo; o estudo de um curso técnico como possibilidade de transcender; e o desejo de retomar seu próprio negócio ou atuar em um cargo administrativo no Brasil. Esses fatores, quando estão em conjunto, ajudam a compreender a maneira como Samuel está construindo a sua identidade de trabalho e o seu projeto de vida de trabalho.

Observa-se que o desenvolvimento profissional de Samuel é atravessado pelas condições socioeconômicas familiares (Savickas, 2002), sendo a mãe do lar e os outros irmãos não possuírem uma formação superior. Mesmo com as dificuldades encontradas no início da sua carreira, Savickas (2002) pontua que as circunstâncias sociais de onde a pessoa vêm influenciam nas suas escolhas de carreira. Durante a fase de instalação, tanto para Guiné Equatorial como para o Brasil, Samuel precisou aguardar por acolhimento e por uma autorização provisória para trabalhar. No Brasil, destaca em sua narrativa a sua vontade de estudar a língua portuguesa para melhor ascender nesse mercado e “socializar” com os brasileiros. No entanto, a espera pela decisão de acolhida nesse processo de transição bloqueia as próximas ações que precisaria seguir.

Samuel tem uma autorização como refugiado e no dia que concebeu a sua entrevista estava em processo de regularização do documento. Essa experiência dele quando chegou e a que vive atualmente, após oito anos residindo como refugiado no Brasil, o desperta um sentimento de estar preocupado em não comprometer seu emprego atual e as outras oportunidades de trabalho certas que venha a desejar procurar. Pois, essa falta de um estatuto jurídico estável, que os migrantes vivem, afeta como as pessoas se sentem e como elas irão

interagir com o seu ambiente para assim ter a possibilidade de ter seus planos de ação (Cangia, 2021).

No que se refere aos discursos de carreira (Ribeiro, 2014), na carreira instrumentalidade a existência de um processo contínuo é marcada pela transitoriedade e pelo uso instrumental da relação com o mundo do trabalho, como pontuado pelo Ribeiro (2014). Por ter vivenciado no Brasil contextos de trabalho mais precarizados, com baixo reconhecimento e cooperação (Ribeiro, 2014), a narrativa de Samuel em muitos momentos aproxima-se do discurso de carreira instrumentalidade. Todavia, Samuel parece estar em busca da construção de um sentido para sua carreira, e a interrupção do seu trabalho na empresa 4 resultou uma necessidade de melhor encontrar as suas posições ocupacionais que pretende exercer no futuro.

Então, percebe-se que essa interrupção resultou em reparar danos que as experiências ocupacionais precarizadas causaram em sua identidade por conta dessa transitoriedade. Os refugiados têm sentimento de perda de controle sobre a vida inicialmente, sendo que alguns podem decidir mudar de profissão ou seguir uma formação complementar (Cangia, 2021), e este extrato explica a transição para mudar de profissão no país que vive atualmente. Em alguns fragmentos de sua narrativa dar-se a entender que a construção da sua carreira, desde o Mali, vem tendendo para a carreira instrumentalidade, pelo fato das constantes mudanças na sua trajetória de trabalho até decidir que quer ter um vínculo ou permanência em alguma organização ou como trabalhar no seu próprio negócio, como destacado no tópico anterior.

Além de estar nesse momento de mudança da carreira, foi possível perceber na narrativa de Samuel a busca pelo desenvolvimento e formação para um bom conhecimento na área administrativa. Ele destaca que pretende se desenvolver como gestor, quer trabalhar na área de Administração, como tem buscado, e que possibilite esse crescimento dentro de uma organização

com condições de uma seguridade. A ideia de nostalgia é marcada por uma certa dependência e retorna aos modelos anteriores de organizações em que as pessoas vão construindo sua identidade (Ribeiro, 2014). Essas organizações possibilitam essa seguridade em um sistema de trabalho estável e é um sistema conhecido por Samuel atualmente como vem construído em outras organizações anteriormente. Ele tem visto a estabilidade como foco para que a transitoriedade não seja mantida. Nesse caso, percebe-se esse outro discurso de carreira, quando é indagado a respeito: “[...] *entrar numa empresa depois de se formar em Administração, vamos supor como: atendente, auxiliar, coordenador, chefe. A carreira é a construção de sua vida profissional pouco a pouco*”. Esses aspectos estão associados ao discurso de carreira nostalgia (Ribeiro, 2014).

Além disso, Samuel parece ainda valorizar processos tradicionais de identidade profissional para preservar um status de trabalho e sentir-se pertencendo a um grupo profissional, o que corresponde a elementos do discurso de carreira fechamento. Mesmo ocorrendo essa relação, ainda há uma fragilidade na sua narrativa, e supõe-se a luta por alternativas. Samuel destaca algumas circunstâncias no local de trabalho atual e relata como a sua cultura é um fator relacional para o desenvolvimento da sua carreira (Blustein, 2011). Nesse caso, existe um sentimento de pertencimento a um grupo, em razão de suas necessidades de conexão social, devido aos desafios que ele e outros conterrâneos enfrentam no processo de aculturação (Massengale, 2019).

Na narrativa de Samuel outro tipo de recurso discursivo construído nas suas experiências de trabalho, principalmente quando fez trabalhos definidos como “*bicos*”, que os seus colegas de trabalho o atribuem significados como “*agressivo*”, “*ignorante*” e “*brigar*”. Episódios, como esse, onde a sua religião e raça permite compreender o fator relacional do ser cultural destacada

por Blustein (2011). Sendo assim, relata o quanto a sua vida profissional é “*difícil*” por viver esses episódios no dia-dia e o seu processo de aculturação depende dos fatores a nível grupal do que aspectos a nível individual (Llajaruna, 2004). Samuel tem uma ótima rede de senso coletivo intragrupal, como definido pela autora, principalmente quando funda a associação.

Esses aspectos identitários estão correlacionados com o que Berry (2003;2004) pontua sobre a estratégia de separação. Ou seja, essa estratégia é escolhida quando imigrantes valorizam a cultura original, não aceitando tanto a cultura da nova sociedade (Llajaruna, 2004); como observa-se a sua relação com classe trabalhadora brasileira, em que mantém imigrantes excluídos da sociedade receptora (Llajaruna, 2004). Em consonância a esse tipo de estratégia, Teixeira et al (2020) pontuam que essa rede pessoal dentro da própria comunidade de onde vem o indivíduo destaca a fragilidade no processo de integração e a um modelo multicultural (Berry,2003; 2004).

Nesse direcionamento, a narrativa de Samuel tende a uma identidade de rede (Ribeiro, 2014), que está ligada a um coletivo, que não necessariamente precisa ser institucionalizada, mas que está ligada no âmbito do trabalho com a responsabilidade de ocupar-se com as demandas da associação e na resistência de manter a sua identidade cultural na sociedade hospedeira. Por outro lado, destacada no apoio a sua comunidade, quando é recém-chegado no Brasil, e como dar suporte através da sua ocupação como vice-presidente da associação, além do apoio que outros integrantes da rede reconhecem a sua situação como refugiado (Scherer, Grisci & Chanlat, 2021).

A utilização do conceito rede aponta uma importância não só na decisão de migrar, mas na recepção dos migrantes nessa sociedade hospedeira (Miranda, 2017). Samuel vem construindo suas conexões, conectando a si mesmo, aos seus valores e sua identidade cultural, conectando pessoas de outras organizações que estão de alguma maneira desenvolvendo a sua

carreira 'possibilidade'. Outro ponto que ainda está em diálogo com a rede de cooperação de Samuel é quando relata a validação do diploma através de uma organização civil.

No que concerne ao Ensino Superior, Giroto e Paula (2019) destacam que ainda há muito que avançar na revalidação dos diplomas e ingresso nas universidades públicas, embora ainda sejam poucas. Nesse sentido, essas organizações de apoio no processo de revalidação do diploma precisam dos setores públicos e privado para favorecer, dos pontos de vista técnico e financeiro, a validação dos diplomas aos refugiados profissionais (Willot et al, 2013)

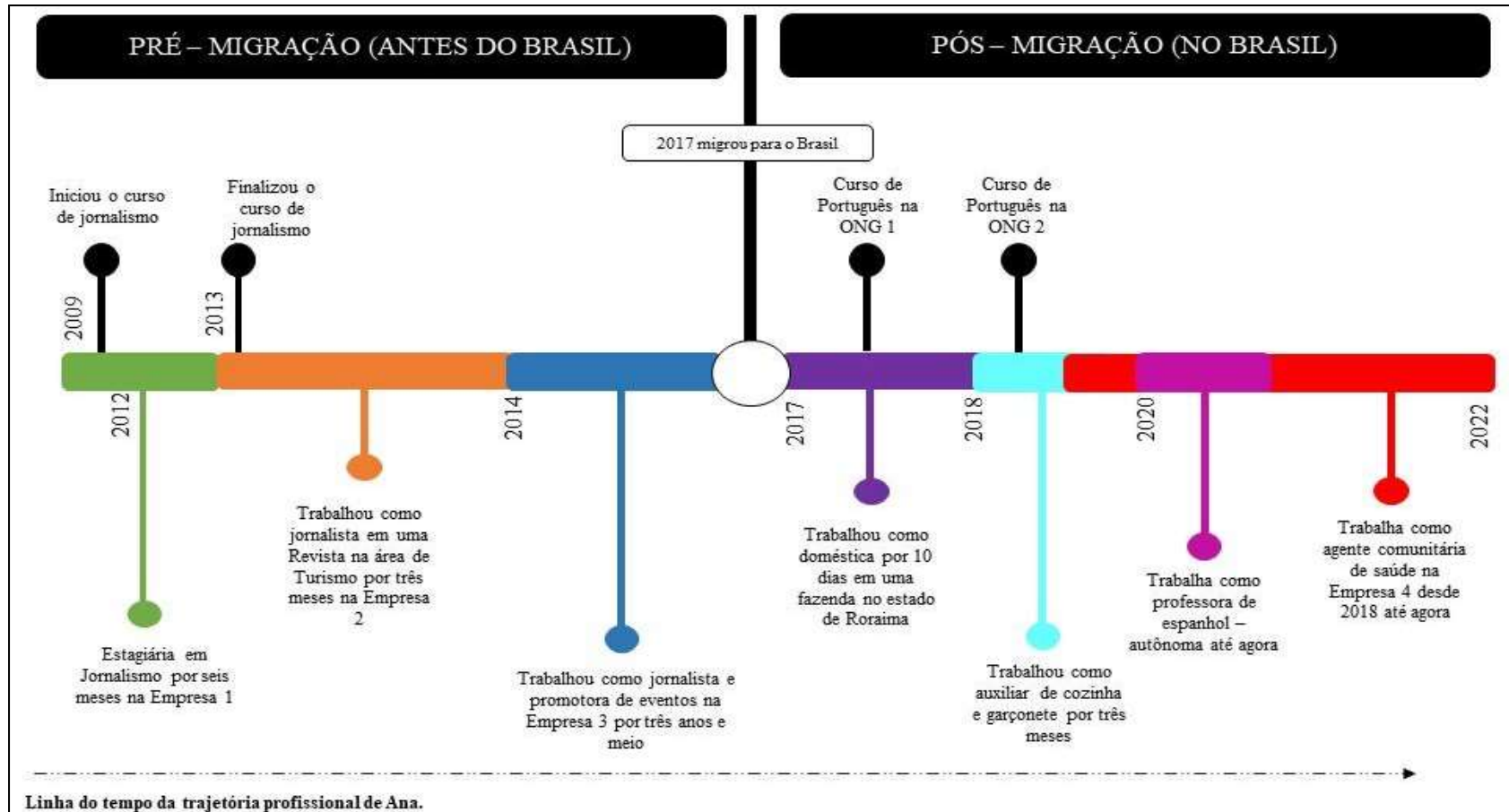
4.2.6 Caso Ana

Ana é uma jovem mulher de 31 anos, com formação superior em Jornalismo e com pouco tempo de experiência na sua área no seu país de origem, Venezuela. Após uma curta estadia inicial no Brasil, em 2015, Ana migrou para Boa Vista em 2017 e juntou-se com uma parte de sua família. Começou a procurar emprego para a sua reinserção laboral em Roraima. Enfrentou dificuldades com o idioma e vivências em contextos precários até o reconhecimento da sua formação de origem. Destaca que viveu na cidade de Boa Vista por poucas semanas antes de chegar em São Paulo, onde reside atualmente. É mãe de um filho, de 3 anos, e esposa de um venezuelano que trabalha como auxiliar administrativo. Atualmente está trabalhando como agente comunitária na Unidade Básica de Saúde [UBS] e aprendeu a língua local inicialmente sozinha, mas ainda em Boa Vista conseguiu apoio em aprender o português em um projeto de uma instituição, assim dando continuidade quando chegou na cidade de São Paulo.

4.2.6.1 Trajetória de formação e de trabalho

Figura 11 –

Linha do tempo da trajetória profissional de Ana



Elaborado pela autora (2022)

Ana começou a trabalhar na área de Jornalismo com 22 anos, ainda como estagiária no último ano da graduação num jornal da sua cidade natal, Porto Ortogaz. Antes disso, inicia sua narrativa contando que ajudava seus pais, que eram vendedores ambulantes de confeitaria, a vender os produtos numa praça próxima a sua residência na Venezuela quando ainda estudava o ensino médio. Destaca que não teve tantas influências na escolha do seu curso, pois teve o apoio deles em sua decisão, mas tinha dúvidas entre Psicologia e Jornalismo. Optou por Jornalismo porque tinha vontade de trabalhar em alguma revista, como relata: “[...] *na verdade eu não gosto muito de falar, mas eu gosto mais de escrever. E quando eu pensei em jornalismo a minha ideia era, antes de trabalhar, trabalhar numa revista. Era escrever para uma revista*”.

Ana destaca que escolheu o curso de Jornalismo porque era o único que tinha no seu Estado e na universidade da sua cidade. Conta que a única coisa que teve de interferência da sua família foi não permitir morar na capital sozinha. Em 2013, ao finalizar o estágio, Ana destaca as dificuldades de conseguir um trabalho como jornalista ou em qualquer outra área que não seja da sua formação. Um período que passou pela capital morando com sua avó materna, Ana começa a trabalhar na Empresa 2 como jornalista em um período de três meses porque ficava longe da residência.

Ainda em 2013, foi para Empresa 3, como jornalista e promotora de eventos institucionais. Destaca que essa proposta de emprego foi melhor e tendo mais benefícios para ela e sua família, mas saiu dessa empresa após três anos e meio porque “*chega o momento que você decide escolher: estar no trabalho que você gosta ou a situação do país*”.

Após sair da empresa 3, em 2017, Ana chegou na cidade de Boa Vista e buscou estudar a língua local, através de um curso com apoio da ONG que não foi especificado por ela. Não

recordava o período exato que estudou nesse curso de línguas. Apenas destacou que nesse período, vivendo em Boa Vista, tinha muita dificuldade na língua e em conseguir trabalho.

Nesse período de transição, Ana destaca seus pais foram as primeiras pessoas a migrarem para o Brasil, destacando que atravessava a fronteira para realizar as vendas, como ambulantes, por temporada. Pontua que chegou um período que estava “*difícil subsistir com o básico da alimentação*” e que as pessoas não gastavam dinheiro por lazer. Assim, o negócio de seus pais não rendia muito por comerciar acessórios escolares e decidiram residir em Roraima a partir de 2015.

Ana só se mudou para Roraima em 2017, quando seus pais já estavam com a regularização migratória, como solicitantes de refúgio, e viveram juntos nesse período. Conta que conseguiu trabalho através do seu vizinho, em uma fazenda, como doméstica e tinha uma jornada de mais de doze horas de trabalho. Ficou apenas dez dias trabalhando nessa fazenda, pois os empregadores a demitiram e a seu marido. Destacou a todo momento em sua narrativa não ser uma experiência agradável e o clima de trabalho ter as condições análogas à escravidão.

[...] Eu só ia deitar onze horas à noite, então era de cinco da manhã até onze horas da noite corrido, trabalhando. E eu lembro [rindo], acho que foi, a gente chegou lá em uma quinta ou em uma sexta. E quando chegou no sábado à noite, eu não sei o que houve, mas eu perguntei para a senhora e eu disse que domingo era dia de descanso. E ela disse que não, que no domingo também se trabalha. Que todo mundo trabalha. Então eram vinte e quatro... não sei, era das 5 da manhã até às onze da noite, 12 horas, é... 18 horas de trabalho por sete dias de trabalho.

Ana destaca os preconceitos e como as suas candidaturas de processo seletivo foram rejeitadas por causa da nacionalidade. Enfatiza situações corriqueiras que os empregadores locais

diziam que a vaga estava preenchida: “[...] *tinha vaga para alguma coisa, mas era venezuelano então não, não estávamos precisando. E assim foi muito tempo*”.

Em seguida, foi para outro trabalho que tinha o foco em atendimento ao cliente em um restaurante. Em 2018 Ana relata que viu um anúncio no Facebook e que esse restaurante estava contratando. Ela conseguiu a oportunidade e trabalhou por cinco dias como auxiliar de cozinha em uma unidade e os outros meses como garçoneiro. Um dos motivos para sair desse restaurante foi porque ela, juntamente com sua família, conseguiu comprar passagens para morar em São Paulo, em 2018.

[...] Quando eu avisei para ela já não ia trabalhar mais, alguns dias antes como 15 dias antes que eu já tinha comprado a passagem para São Paulo e ela me falou: você tem certeza? Você está gestante e você aqui ganha uns dois mil reais no mês. Sim, poderia ser, mas eu não recebo dois mil reais ao mês. Eu recebo quando você quer me pagar. Eu não respondi isso, mas eu falei que tinha certeza e que era o meu desejo ir para São Paulo.

Em São Paulo, Ana encontrou um anúncio que tinha oportunidades de contratação para agente comunitária de saúde e perguntou se poderia participar do processo seletivo. Como ainda tinha dificuldades na língua local, Ana buscou a ONG 2 próximo a sua residência e se inscreveu no curso de Português para continuar com seus estudos.

Destaca que passou por todas as etapas do processo seletivo e está na empresa 4 agora como agente comunitária, a qual lhe oferece garantias e um bom salário. Na ONG 2, Ana destaca que começou a dar aulas de espanhol com o apoio da instituição antes do decreto do isolamento social da COVID-19. Como trabalha de forma integral como agente comunitária, à noite ela trabalha como professora de espanhol. As redes de relacionamento e de trabalho de Ana são constituídas por venezuelanos e brasileiros. Com os venezuelanos são mantidas como rede de

apoio, principalmente, que sua família nuclear está residindo na cidade de São Paulo. Já com os brasileiros, que residem em São Paulo, são consideradas relações de solidariedade:

[...] E tem sido muito legal, principalmente, me obriga a falar com algumas pessoas porque eu tenho que aprender o português e, também, como todo o acolhimento que a gente recebeu aqui em São Paulo é tipo uma retribuição dos pacientes [...] eu acho que a gratidão que eu sinto com o acolhimento dos outros com os imigrantes e comigo mesma.

4.2.6.2 Projetos de vida e de trabalho

Com a sua chegada em São Paulo e a oportunidade de iniciar o seu trabalho, Ana relata desejar realizar formação superior em Serviço Social, mesmo que já tenha conseguido revalidar seu diploma na ONG Compassiva. Segundo ela: “*[...]eles têm ajudado com muitos imigrantes para revalidar o diploma e com curso de português. Foi revalidado pela UFF [Universidade Federal Fluminense], no Rio de Janeiro*”. Mesmo com essa revalidação, Ana destaca o medo para voltar a atuar como jornalista. Em sua narrativa pontua que prefere estar estável na experiência no momento, mas que ainda pensa em tentar dar continuidade a sua carreira de jornalista, como opina no trecho abaixo:

Porque eu acho que jornalismo tem que ter uma linguagem perfeita na escrita como na fala. E eu ainda não me sinto que eu... Então, eu sempre penso que se eu tentar, mas para mim agora é a estabilidade. Estabilidade para meu filho e, às vezes, eu penso que se eu for para a minha área eu fico com medo de não dar certo. Eu tenho muito medo e nesse momento prefiro ficar estável em um lugar que eu gosto de trabalhar, eu gosto de trabalhar na UBS.

Conta que ainda não tem certeza do que irá fazer no futuro, embora aponte em vários momentos da entrevista o seu interesse pela área da assistência social. Um aspecto que ela parece

estar certa é que já está realizando o que vinha planejando como projeto de vida, principalmente com o nascimento do seu primeiro filho e a sua estabilidade no momento.

Também relatou que é possível que trabalhe futuramente ainda pelo SUS, já que ela “*gosta de atender as necessidades das pessoas*”, mas não quer apenas se limitar como agente comunitária. Além disso, é possível que venha continuar com suas aulas como professora de espanhol, já que ela demonstrou interesse por essa atividade atualmente e já possui “[...] *seis alunos. Tenho dois individuais e tenho dois grupos de dois alunos*” e está nos seus planos para os próximos cinco anos continuar nessa ocupação.

4.2.6.3 Discussão dos resultados de Ana

Carreira psicossocial e identidade de trabalho

Pode-se dividir a história de vida de Ana, em termos de trajetória de vida de trabalho, em duas partes. A primeira delas inclui a construção de seu projeto no seu país de origem com o início da escolha profissional até a carreira profissional em organizações como jornalista. A segunda parte no momento de transição de carreira, o pós-migratório com sua chegada na fronteira no Brasil com trabalho precários, numa fazenda e restaurante; a sua chegada na cidade de São Paulo como gestante; a concretização da revalidação do seu diploma; o trabalho como agente comunitária e professora de espanhol; e o seu desejo de iniciar uma nova carreira como assistente social e residir no Brasil.

Esse enredo de vida dividido nessas seis unidades episódicas, quando visto na totalidade, permite perceber que a trajetória de vida Ana é atravessada por temas de vida como a sua necessidade de trabalhar para poder subsistir; a necessidade de estudar português para melhorar seu domínio da língua e, assim, buscar boas oportunidades de retornar a sua atuação profissional

como jornalista; sua percepção em relação a sua experiência de vida de trabalho na fazenda como trabalho servil, além de ser uma das pessoas a ter responsabilidade de ajudar financeiramente os seus dependentes, principalmente o seu filho que tem três anos; e a vontade de se realizar em outra carreira como assistente social. Esses fatores, quando vistos em conjunto, permitem inferir de que maneira Ana está construindo a sua identidade de trabalho e seus planos de ação de trabalho, ou seja, a maneira como está construindo o seu projeto de vida de trabalho em São Paulo.

Percebe-se pela história de vida que Ana parece ser uma mulher que nas circunstâncias vividas, das mais simples às mais complexas, requer uma antecipação da ação. Na sua narrativa destaca as coisas que pretende buscar e o cuidado para que tenha uma tomada de decisão assertiva. Observa-se que na sua trajetória no período da pré-migração, nas vezes em que mudou de uma organização para a outra, foram decisões próprias e sem muita dificuldade em encontrar trabalho no seu percurso profissional como jornalista. Mesmo tendo dificuldades no processo de inserção no mercado de trabalho quando finalizou a graduação.

A narrativa de Ana evidencia esse tempo para suas atividades pessoais, de trabalhar mais perto da sua casa, gostar de trabalhar como agente comunitária, embora não deseje se limitar nessa ocupação, e como professora de espanhol. Nesse sentido, indivíduos que possuem uma jornada de trabalho integral ainda podem enfrentar barreiras para avançar nas suas carreiras, mesmo tendo em vista os ganhos conquistados (Massengale, 2019). Além dessas preocupações com a saúde física, ela destaca que mesmo estando gestante quando chegou na cidade de São Paulo, se preocupou com a obtenção de um trabalho significativo. Isso evidencia o trabalho como aspecto central da sua vida, mas concorrendo com outras dimensões, como a maternidade. Tem o papel de ser agente comunitária, professora de espanhol, mãe, esposa, filha, irmã, entre

outros. Sendo os três primeiros os que mais se destacam na sua narrativa. Para Savickas (2002), outros papéis, durante a construção da carreira, vão iluminando os aspectos relevantes da experiência vivida e como a pessoa muda ao longo do tempo em relação às suas preocupações.

Pesquisas adicionais, destacadas no estudo de Campion (2018), mostram que empregos para mulheres na condição de refúgio é intencionado pelas redes sociais e alinhados a papéis sociais femininos, tais como limpeza doméstica. No caso da trajetória de vida de trabalho de Ana, principalmente no período de transição, percebe-se que a busca por empregos rápidos resultou em ocupações precárias. Estudos brasileiros (Vargas & Carvalho, 2021; Leão et al, 2017) destacaram atividades que demandam a mão de obra e força braçal e que, todavia, venezuelanos nesse processo de busca de trabalho ao chegarem no Brasil, acabam vinculando a uma teia de atividades análogas ao trabalho escravo e com labor mais de 12 horas diárias assim afetando o autocuidado.

Em contraste, no que se refere aos discursos de carreira (Ribeiro, 2014), Ana demonstra que a construção de sua carreira psicossocial está voltada para a segurança que tem dentro de uma instituição, bem como a forma como descreve sua empresa atual e o vínculo que tem com ela. No discurso nostalgia, o indivíduo tem essa dependência institucional com base em um sistema de trabalho estável e reconhecido (Ribeiro, 2014), bem como uma identidade organizacional.

Mesmo não trazendo a necessidade de uma associação vinculada a sua nacionalidade, e não querendo buscar atualmente construir uma carreira dentro do escopo da sua profissão/ocupação de origem, Ana vem experimentando esse caminho profissional como agente comunitária de forma temporária. Ou seja, prefere buscar a estabilidade e segurança no momento para que futuramente venha adotar uma nova identidade profissional/ocupacional como

assistente social para continuar trabalhando pelo SUS. Conseqüentemente, também se aproxima de uma construção de vida de trabalho associada ao discurso de carreira ‘fechamento’. Dessa forma, o processo de construção da identidade de trabalho de Ana é atravessado pelos discursos nostalgia e fechamento, pela construção de uma nova identidade profissional (Ribeiro, 2014). Nesse caso, compreende-se que a carreira psicossocial que Ana vem concretizando aqui no Brasil está vinculada ao seu engajamento organizacional, a uma identidade organizacional, assim como por aspectos da identidade profissional/ocupacional que quer adquirir no futuro em outra carreira.

Em sua narrativa, Ana destaca como vem ocorrendo seu processo de aculturação, principalmente diferenciando o que viveu na região norte no Brasil e como está vivendo na cidade de São Paulo. Chama a atenção as dificuldades e a marginalização vividas em seu processo de querer trabalhar quando ainda residiam em Roraima. Miranda (2020) observou que os relacionamentos sociais dos venezuelanos, na cidade de Pacaraima e Boa Vista, são fortemente abalados por uma desconfiança pelo sofrimento de sofrer xenofobia e discriminação. E quando esses venezuelanos chegam até uma cidade grande se tem uma percepção diferente, e positiva, por ser uma cidade acolhedora.

Nesse sentido, destaca-se que para reestabelecer os papéis sociais, assim como estabelecer conexões sociais, o trabalho é um aspecto importante também para as decisões migratórias (Miranda, 2020). E isso é perceptível na trajetória de Ana. Nesse sentido, chama atenção a sua opção em estar ocupada como professora da língua espanhola, pois segundo ela: *“aproxima da minha cultura e o projeto, não só a parte gramatical e a linguagem oral, são também a cultura latino-americana”*. A sua narrativa também trouxe elementos sobre uma identidade mais ligada à cultura da língua espanhola, assim como uma boa relação que tem com

os brasileiros no trabalho como agente comunitária. Esse sentimento de pertencimento a um projeto vinculado a uma rede de cooperação e no local de trabalho, em como ela se percebe, denota o caráter processual e dialético da construção da identidade. Nesse caso, Ana demonstra a estratégia da integração (Berry, 2003;2004) como nível de aculturação psicológica após se mudar para a cidade de São Paulo. Assim, as suas redes de relacionamento e de trabalho são constituídas por venezuelanos e brasileiros requerendo que adote valores básicos da sociedade anfitriã e tolerando viver com pessoas diversificadas (Llajaruna, 2004). De acordo com Berry (2003; 2004), para que alcance esse nível de estratégia, na sociedade deve haver a pré-condição de ser multicultural, como a cidade de São Paulo.

Ana vem contando com uma rede para a construção da sua identidade de trabalho. Segundo Ribeiro (2014), a identidade de rede costuma ser individualizada num conjunto complexo de redes articuladas, e ao mesmo tempo, exigindo que a pessoa seja ativa para a construção dessa nova identidade contemporânea. Parte desse processo de integração, mencionado anteriormente, é determinada por redes de cooperação (Scherer, Grisci & Chanlat, 2021) que estão envolvidos nesse processo de construção identitária.

Esse complexo de rede tem uma influência em diversas dimensões do cotidiano dos refugiados para a concretização desse processo de integração. De acordo com Miranda (2020), sobretudo para os venezuelanos, como destaca em seu estudo, essa rede atravessa esses sujeitos nesse processo integrativo para que esse sentimento de pertencimento seja amortecedor na sociedade de acolhida. E é evidente que a educação e trabalho são importantes para esse processo de integração.

No caso de Ana, essas redes deram uma oportunidade para que conseguisse sua certificação revalidada como forma de adaptá-la a essa nova sociedade, no lugar de recomeçar

uma formação do zero. Ou seja, ela teve essa oportunidade de restabelecer suas conexões sociais para auxiliar no seu processo de aprendizagem do idioma local e a convivência multicultural. Nesse caso, vem estabelecendo essa identidade de rede, descrita por Ribeiro (2014), de forma individualizada e com essa predominância de um novo tipo de identidade de trabalho baseando-se ao empreendedorismo, flexibilidade e mobilidade (Stecher, 2012), juntamente com os seus valores da sua identidade cultural e o seu processo de integração na sociedade hospedeira.

A habilidade linguística é um fator primordial no desenvolvimento de carreira (Massengele, 2019; Champion, 2018), sobretudo para Ana. Percebe-se que ela reconhece que ainda não deseja retornar a sua carreira profissional de origem (jornalismo) por conta de não se sentir tão segura. Nesse sentido estudos (Goldmann, 2015; Champion, 2018) destacam que imigrantes adquirem posições proporcionais à escolaridade de seu país de origem quando possuem uma boa habilidade linguística. Mesmo que Ana ainda relate sobre sua dificuldade no domínio linguístico, observa-se que refugiados proficientes da língua anfitriã serão motivados a buscar por vagas de emprego onde possam utilizar essa habilidade através de suas redes (Champion, 2018). Por outro lado, o refugiado que domina a língua anfitriã terá pouca chance de manter esses laços, pois vai ter a capacidade de criar suas próprias conexões (Champion, 2018).

Ressalta-se que essa narrativa, na sua construção de vida de trabalho, com viés empreendedor e flexibilidade, parece ser motivada pela importância de ter tempo para sua família e decidir sobre o seu próprio trabalho como professora de espanhol. A experiência de trabalho que vive no momento está despertando uma construção de carreira pautada nos seus gostos e interesses. Assim, a identidade de rede vem se aproximando da construção de projetos que almejam caminhos para o seu objetivo principal, aproximando-se, nesse sentido, do discurso possibilidade (Ribeiro, 2014).

4.3 Construção de carreiras psicossociais de refugiados com ensino superior

Ler, escutar e discutir as experiências e os interesses de cada participante ajudou a dar um ponto de partida para compreender suas carreiras, além do entendimento do que precisam e como é possível contribuir com a população migrante forçada que está reinstalada no Brasil. Para concluir a quarta etapa de análise desse estudo, esse tópico irá descrever uma compreensão das construções de carreiras psicossociais coletivas dos seis refugiados com ensino superior que se instalam no Brasil baseada em dois quadros teóricos complementares: a carreira psicossocial (Ribeiro, 2014) em um diálogo intercultural com a teoria da psicologia intercultural (Berry, 2003; 2004). Irá tentar fornecer elementos para a compreensão da construção da carreira psicossocial dentro deste contexto. Nesse caso esse tópico irá fornecer elementos para que o problema pesquisa seja respondido, que é: como os refugiados com ensino superior estão construindo suas carreiras psicossociais fora de suas áreas de formação profissional?

Após apresentar as análises individuais que foram separadas por cada participante, o Quadro 6 apresenta uma síntese dos conteúdos não-indexados que emergiram das entrevistas em profundidade com os refugiados. Posteriormente, encontra-se a discussão conjunta das informações obtidas na pesquisa, com a fundamentação teórica de Ribeiro (2014), para assim, estabelecer as trajetórias coletivas. Inicia-se com uma reflexão sobre o passado (trajetória), uma articulação com o presente e o que aspiram para o futuro, considerando também as adversidades que enfrentaram em seus países e no Brasil, as ameaças e situações estressantes que vivenciaram em seus processos migratórios.

Quadro 6 –
Síntese das análises dos conteúdos não-indexados dos participantes

				VERÔNICA	GABRIEL	ISABEL
RESULTADOS	TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO E TRABALHO	PROJETO DE VIDA E DE TRABALHO	PRÉ – MIGRAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha profissional e questões vocacionais ▪ Influências sociais e profissões dos pais ▪ Tempo que trabalhou na profissão ▪ Motivos da saída do país 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha profissional e questões vocacionais ▪ Influências sociais e profissões dos pais ▪ Tempo que trabalhou na profissão ▪ Motivos da saída do país 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha profissional e questões vocacionais ▪ Influências sociais e profissões dos pais ▪ Tempo que trabalhou na profissão ▪ Motivos da saída do país
			PÓS – MIGRAÇÃO	TRANSIÇÃO DE CARREIRA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Chegada no Brasil na cidade de Pacaraima/RR ▪ Regularização migratória e alteração de projeto de vida ▪ Qualificação linguística local e experiências do contexto social ▪ Reinserção laboral em ocupações precárias ▪ Atual trabalho em uma organização 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Chegada no Brasil na cidade do Rio de Janeiro ▪ Regularização migratória e alteração de projeto de vida ▪ Qualificação linguística local e experiências do contexto social ▪ Reinserção laboral em ocupações precárias ▪ Atual trabalho como uma criatividade empreendedora
DISCUSSÃO	CARREIRA PSICOSSOCIAL E IDENTIDADE DE TRABALHO			<p><i>Discurso predominante:</i> carreira fechamento (identidade profissional)</p> <p><i>Discursos complementares:</i> carreira nostalgia (identidade organizacional) e carreira possibilidade (identidade de rede)</p>	<p><i>Discurso predominante:</i> carreira nostalgia (identidade organizacional)</p> <p><i>Discursos complementares:</i> carreira possibilidade (identidade de rede) e carreira fechamento (identidade profissional)</p>	<p><i>Discurso predominante:</i> carreira fechamento (identidade profissional)</p> <p><i>Discursos complementares:</i> carreira nostalgia (identidade organizacional) e carreira possibilidade (identidade de rede)</p>
	PROCESSO DE ACULTURAÇÃO E REDE DE COOPERAÇÃO			<p>Estratégia de aculturação psicológica é a <i>separação</i> e teve apoio da rede de cooperação</p>	<p>Estratégia de aculturação psicológica é a <i>integração</i> e teve apoio da rede de cooperação</p>	<p>Estratégia de aculturação psicológica é a <i>integração</i> e teve apoio da rede de cooperação</p>

				ELIE	SAMUEL	ANA
RESULTADOS	TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO E TRABALHO	PROJETO DE VIDA E DE TRABALHO	PRÉ – MIGRAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha profissional e questões vocacionais ▪ Influências sociais e profissões dos pais ▪ Tempo que trabalhou na profissão ▪ Motivos da saída do país 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha profissional e questões vocacionais ▪ Tempo que trabalhou na profissão ▪ Motivos da saída do país 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolha profissional e questões vocacionais ▪ Influências sociais e profissões dos pais ▪ Tempo que trabalhou na profissão ▪ Motivos da saída do país
			PÓS – MIGRAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Chegada no Brasil na cidade de São Paulo ▪ Regularização migratória e alteração de projeto de vida ▪ Qualificação linguística local e experiências do contexto social ▪ Reinserção laboral em ocupações precárias ▪ Atual trabalho em uma organização 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Chegada no Brasil na cidade de São Paulo ▪ Regularização migratória e alteração de projeto de vida ▪ Qualificação linguística local e experiências do contexto social ▪ Reinserção laboral em ocupações precárias ▪ Revalidação do diploma ▪ Atual trabalho em uma organização 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Chegada no Brasil na cidade de Boa Vista/RR ▪ Regularização migratória e alteração de projeto de vida ▪ Qualificação linguística local e experiências do contexto social ▪ Reinserção laboral em ocupações precárias ▪ Revalidação do diploma ▪ Atual trabalho em uma organização
			TRANSIÇÃO DE CARREIRA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabilizar no Brasil ▪ Investir na formação educacional para atuar na mesma área de atuação anterior e conhecer o sistema educacional 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabilizar no Brasil ▪ Recomeçar em uma nova carreira e investir na formação educacional 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estabilizar no Brasil ▪ Recomeçar em uma nova carreira e investir na formação educacional
DISCUSSÃO	CARREIRA PSICOSSOCIAL E IDENTIDADE DE TRABALHO			<p><i>Discurso Predominante:</i> carreira fechamento (identidade profissional)</p> <p><i>Discursos Complementares:</i> carreira nostalgia (identidade organizacional), e carreira possibilidade (identidade de rede)</p>	<p><i>Discurso Predominante:</i> carreira nostalgia (identidade organizacional)</p> <p><i>Discurso complementares:</i> Carreira instrumentalidade (sem projeto) e carreira possibilidade (identidade de rede)</p>	<p><i>Discurso Predominante:</i> carreira fechamento (identidade profissional)</p> <p><i>Discurso complementares:</i> Carreira nostalgia (identidade organizacional) e carreira possibilidade (identidade de rede)</p>
	PROCESSO DE ACULTURAÇÃO E REDE DE COOPERAÇÃO			<p>Estratégia de aculturação psicológica é a <i>marginalização</i> e teve apoio da rede de cooperação</p>	<p>Estratégia de aculturação psicológica é a <i>separação</i> e teve apoio da rede de cooperação</p>	<p>Estratégia de aculturação psicológica é a <i>integração</i> e teve apoio da rede de cooperação</p>

Fonte: elaborado pela autora (2022)

No que se refere à trajetória de formação e de trabalho dos indivíduos analisados no momento *pré-migratório*, nota-se que todos os entrevistados apresentaram em suas narrativas questões vocacionais para realização da escolha profissional no seu país de origem, referindo-se ao gosto e interesse pela área das respectivas profissões. Somente três explicitaram influências sociais diretas na sua escolha profissional, principalmente dos pais em relação ao curso a ser escolhido. Um participante enfatizou ter concluído sua graduação em um particular e os outros cinco em universidade pública. Quatro dos entrevistados relataram que ao menos um membro familiar possui uma formação superior e dois destacaram que os pais trabalhavam de forma autônoma, não possuindo formação profissional. Cinco participantes relataram o tempo que trabalharam e desenvolveram suas carreiras profissionais no ingresso ao mercado de trabalho do seu país de origem, sendo que três pontuaram cursos complementares, e somente Samuel destacou que suas experiências de trabalho não eram com sua formação de origem, mesmo que ainda tivesse a oportunidade de migrar para outro país.

Esses resultados, em relação ao tempo de trabalho na profissão, mostraram que as trajetórias de formação e de trabalho são destacadas por acontecimentos tais como as memórias desse momento *pré-migratório* com as conquistas dos cargos ocupados até os desencadeamentos das suas migrações com a interrupção dos seus projetos de vida e de trabalho. Supõe-se dizer então, mediante análise dos dados extraídos na pesquisa, que na maior parte o processo de escolha profissional se caracterizou pelos seus gostos, sendo que cinco não tiveram experiência prévia da profissão antes da formação, exceto Gabriel. Mas, cinco desenvolveram suas carreiras profissionais na sua área de formação até essa transição de vida acompanhada da mudança do momento político, econômico e social do país de origem. Percebe-se que cinco dos entrevistados relataram as dificuldades de experimentarem esta pausa, especialmente em relação à sua carreira

profissional, antes mesmo de migrarem para o Brasil. Assim, através das suas narrativas descreveram as suas vidas profissionais anteriores ainda como estáveis ou progredindo, juntamente com as trajetórias educacionais ao longo do processo, envolvendo-se em um papel significativo para trabalhar em suas profissões e conduzindo o desenvolvimento das suas identidades profissionais (Zikic & Richardson, 2016).

Como os participantes são de nacionalidades distintas, e estão na condição de refúgio e protetiva do Estado brasileiro, adiciona-se o motivo da migração desses indivíduos por questões políticas, religiosas e étnicas (ACNUR, 2021; OIM, 2015), por serem obrigados de forma não planejada a abdicar dos seus espaços e estarem nesse contexto hoje. Os participantes de nacionalidade latino-americana, Verônica, Gabriel, Isabel e Ana, destacam em suas narrativas a sua partida devido às políticas repressivas e autoritárias dos seus respectivos países, Cuba e Venezuela.

Os entrevistados de nacionalidade venezuelana apresentam um movimento migratório motivado pela instabilidade jurídica e desamparo estatal no país. Embora Verônica e Gabriel tenham relatado um pouco desse contexto da época, ao mencionarem a “Lista de Tascón”¹⁰ (Abi-Saab, 2012), foi possível compreender os impactos no desenvolvimento de suas carreiras profissionais. Por outro lado, a venezuelana Ana já trouxe relatos sobre a elevação dos índices inflacionários e ausência dos recursos básicos para a sobrevivência populacional (Vargas & Carvalho, 2019), o que a levou a tomar uma decisão de migrar e romper com seu projeto de vida e de trabalho.

¹⁰ “A chamada “Lista Tascón”, composta por 2.340.000 nomes, foi utilizada para discriminar politicamente opositores do governo. Somente em abril de 2005, Chávez reconheceu o caráter discriminatório da Lista Tascón, após múltiplas denúncias de demissão ou recusa de contratação em órgãos públicos de pessoas que apareciam na lista” (Abi-Saab, 2012, p.18)

Não só o caso dos venezuelanos, mas chama atenção os motivos declarados da migração contemporânea de determinados cubanos. Isabel relata como motivo ser perseguida politicamente, o que a levou a buscar proteção no Estado brasileiro, demonstrando habilidade para escolher os fatos de sua trajetória de vida, de formação e trabalho, com o entrelaçamento e articulações do seu passado com o presente. Enquanto Elie e Samuel, que vieram do continente africano, passam a ganhar alguma expressão nas solicitações de refúgio. Ou seja, acrescentando outras nacionalidades que necessariamente não enfatiza apenas o eixo central das principais nacionalidades presentes em território brasileiro: venezuelanos, seguidos por haitianos, cubanos, senegaleses, angolanos e chineses (Oliveira, 2021). Assim, mencionando os conflitos civis étnicos e políticos em suas narrativas nos seus respectivos países: Nigéria e Mali. Nesse caso, acrescenta-se nessas trajetórias as suas chegadas ao Brasil com condições difíceis no período das suas transições concomitantes como pós migração.

Conforme defendido por Ciampa (2005), a história de vida e o projeto de vida de cada indivíduo encarnam as relações sociais para configurar uma identidade pessoal, sendo visto em cada caso desse estudo. Nesses processos de transição de vida, todas as narrativas trouxeram alguns elementos sobre como conseguiram vivenciar tais mudanças e como as situações foram se transformando à medida que estavam em transitoriedade, em movimento (McAdams, 2001).

Para compreender esse processo de transição na trajetória e alteração do projeto de vida e de trabalho, com a chegada no Brasil como pós-migratório, é importante salientar brevemente o arcabouço do que é o jurídico da nova Lei de Migração brasileira. A Lei nº 13.445 de 24 de maio de 2017 criou o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE), órgão de deliberação coletiva no âmbito do Ministério da Justiça e Segurança Pública. A solicitação para um indivíduo estar em refúgio regulariza, temporariamente, a permanência do solicitante até a decisão do CONARE

para garantir os seus direitos. A exemplo do relato da Isabel e Gabriel sobre as dificuldades de conseguirem essa solicitação de reconhecimento quando chegaram no Brasil, pois essa decisão depende dos relatos específicos de cada solicitante e das informações adquiridas do seu país de origem para que sejam deferidas como refugiados.

Com o colapso social em Roraima em razão de um fluxo migratório inesperado de venezuelanos, principalmente nas cidades de Pacaraima e Boa Vista em 2017, o governo brasileiro emitiu uma portaria interministerial em 2018 facilitando a concessão de residência com a dispensa de alguns documentos para os venezuelanos que cruzavam a fronteira (Miranda, 2020). Verônica e Ana poderiam optar pela autorização de residência, com base nessa normativa, assim sendo dispensadas dessa entrevista do órgão. Portanto, destaca-se que, pelo tempo de trabalho, Verônica e Ana podem estar na condição de refúgio nesse tipo de concessão. Por conseguinte, compreende-se o que Verônica tem como planos de vida em desejar retornar à Venezuela para buscar seus filhos tentando reconstruir seu projeto de vida residindo pela região, enquanto Ana chegava nesse período para reencontrar sua família já instalada na cidade de Boa Vista desde 2015.

Não foi destacada na narrativa de Samuel e Elie essa questão da regularização dos documentos, embora Samuel estivesse dando entrada no processo de naturalização no dia da sua entrevista. Dessa forma, por já recontá-las a muitos desde a sua chegada supõem-se preferir saltar certos aspectos durante as entrevistas, num esforço também para se protegerem devido a sua condição no momento (Udayar et al, 2021). Então, todos atualmente tem como projeto de vida se estabilizar, residindo no Brasil, exceto Isabel, que ainda pretende retornar ao seu país, mas que é inviável por conta da sua situação de não ter segurança para retornar.

Sob o mesmo ponto de vista, de estabilidade como plano de vida de residir no Brasil, para requerer a naturalização é preciso ter vivido por quatro anos na condição de refugiado a partir da sua data de solicitação (Miranda, 2020). Para que ocorra esse processo, eles irão passar pelo processo de naturalização ordinária¹¹ precisando de um documento indicativo da capacidade de se comunicar em língua portuguesa e comprovante de vínculo profissional, conforme a atividade desenvolvida de acordo com a lista de documentos obrigatórios do Ministério da Justiça¹².

Após o processo de regularização migratória, existem, ainda, as parcerias entre o ACNUR e a sociedade civil que prestam serviços à pessoa refugiada. As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro são as mais antigas, quando se refere ao atendimento à população refugiada (Miranda, 2020). Em São Paulo, a acolhida dos refugiados acontece por meio da parceria entre o ACNUR e a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP), onde Isabel e Samuel, após viver na rua, ficaram por alguns meses até que o procedimento de solicitação de refúgio fosse deferido.

Já no Rio de Janeiro, por onde Gabriel chegou, supõe-se que teve outro tipo de acolhida que não esteja ligada a essa rede porque já tinha uma experiência de migração voluntária pela cidade antes de estar nessa condição de refúgio. No caso de Verônica, como apresentado no seu caso, foi nos abrigos montados em Roraima. Por outro lado, Ana teve uma chegada diferente como mencionado anteriormente. E, por fim, o processo de acolhida por Elie não foi identificado em sua narrativa. De algum modo, nem todos os participantes trouxeram aspectos desse período

¹¹ “É o ato pelo qual uma pessoa adquire voluntariamente a nacionalidade brasileira, desde que atenda aos requisitos estabelecidos em lei, decreto e normas correlatas”. E para que ocorra o processo de naturalização ordinária, o imigrante deve cumprir os seguintes requisitos: tem capacidade civil segundo a lei brasileira, reside no Brasil por prazo indeterminado por no mínimo 04 (quatro) anos; tem capacidade comunicar-se em língua portuguesa; e não possuir condenação penal ou esteja reabilitado, nos termos da lei. Fonte: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/naturalizar-se-brasileiro>

¹² Primeira etapa desse processo de naturalização é o checklist necessário para solicitação do pedido. Fonte: <https://drive.google.com/file/d/1YZUczdP9ak8nT5ZNFihc-yDhpQGqmeHe/view>

de acolhida, pois subentende-se que optaram por contar a história que desejavam e em uma liberdade que talvez visasse evitar recordar lembranças dessa época (Udayar et al, 2021).

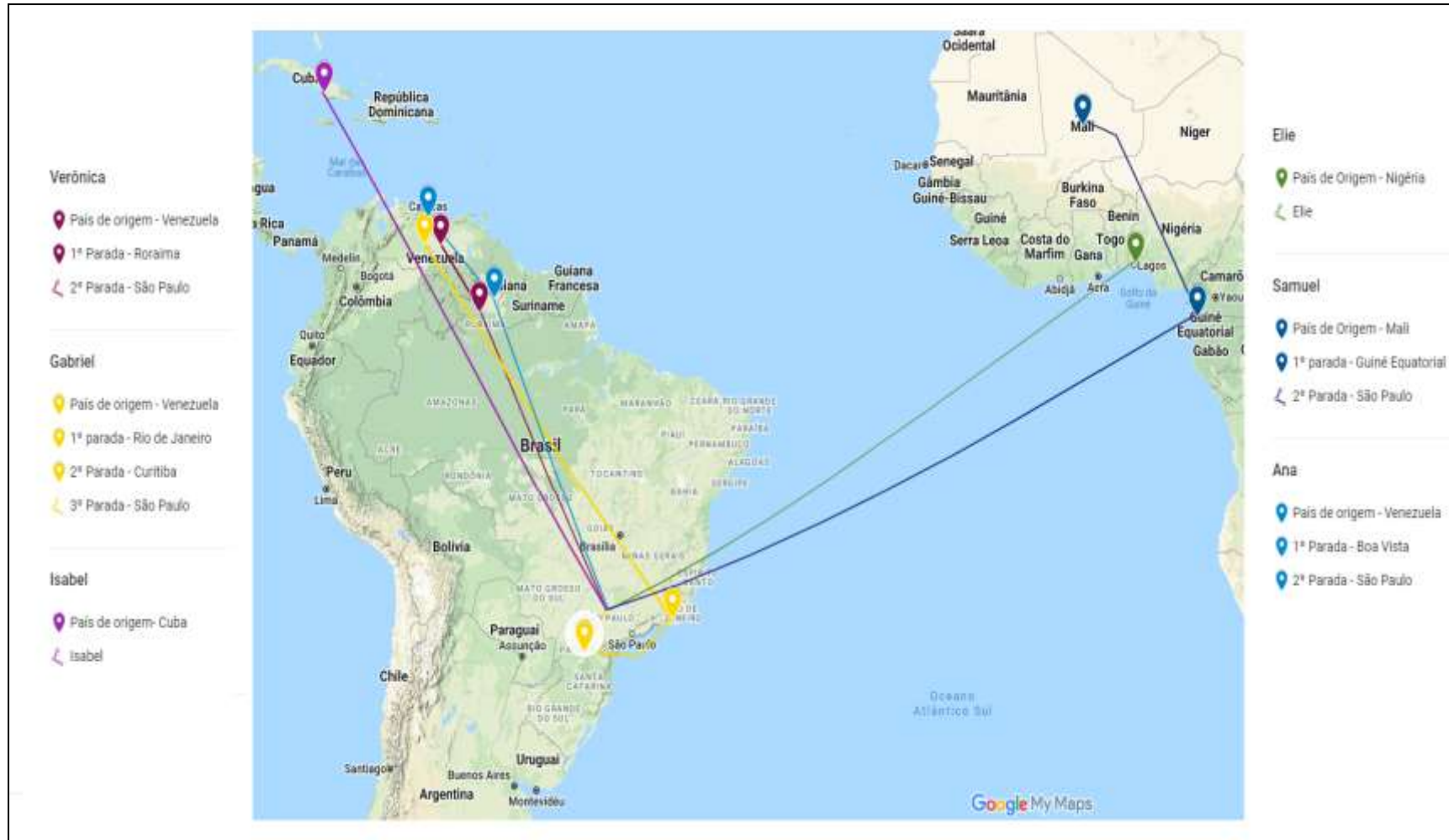
O uso de uma amostra de nacionalidades distintas, no caso de pessoas com diplomas acadêmicos, foi uma tentativa de contextualizar casos que confirmam a experiência de perseguição violenta e de falta de proteção como um fator para se tornar um refugiado em termos legais do contexto brasileiro (Weib, 2018). Nesse cenário, a busca de refúgio está inserida em uma trajetória de vida e casos como esses, os quais precisam de proteção, buscam por outros objetivos (Weib, 2018), profissionais ou não.

Diversos estudos demonstram (Dunwoodie et al, 2020; Ozturk, Serin & Altinoz, 2019; Shan et al, 2020; Udayar et al, 2021) que, geralmente, recém-chegados de modo geral possuem alguns fatores em comum, como não ter o domínio do idioma local, redes sociais limitadas; credenciais educacionais que não podem ser aproveitadas, e isso tende-se a deslizar aos riscos do desemprego e subemprego. Adicionalmente, os dados mostram a procura flexível de trabalho diretamente exposta pelos refugiados sob a pressão econômica a que se sentem submetidos a ocupar-se o mais rápido possível (Eggenhofer-Rehart et al, 2018).

O reflexo disso é relacionado à necessidade de contribuir financeiramente com os seus familiares que ainda residem no país de origem, exceto o caso de Ana. Dessa forma, cinco participantes relataram questões emocionais devido à essa distância da família e seu contato limitado ainda com seus familiares, principalmente os casos da Verônica, Isabel e Gabriel, por destacarem em suas narrativas. Nesse momento, teve-se a impressão de que tinham uma mágoa e sentimento de perda em seus países de origem e sentiam-se sozinhos. Além disso, as narrativas de Verônica, Isabel e Samuel destacaram como era difícil viver num abrigo no período de chegada nas cidades de primeira parada, conforme a figura 12.

Figura 12 –

Mapa de transitoriedade dos participantes até sua chegada no Estado de São Paulo



Elaborada pela autora (2022)

Embora a preocupação de início seja esse processo de regularização migratória e condições de moradia, o principal obstáculo identificado à reinserção laboral era a qualificação linguística da língua portuguesa como aconteceu com Verônica, Isabel, Elie, Samuel e Ana. Gabriel destacou que não teve tantas dificuldades, pois teve oportunidade de aprender o básico da língua portuguesa ainda quando residiam em seu país e a oportunidade de vir ao Brasil em outro momento antes do refúgio. Por outro lado, cinco dos participantes citaram as línguas que tinham dominado como recursos, apesar de quase todos falarem pelo menos duas línguas atualmente. Somente Verônica, Samuel e Ana buscaram apoio de alguma instituição civil que ofertasse o curso de língua portuguesa quando chegaram no Brasil. Nesse caso, esses três casos sublinham a vontade de estudar a língua local para aumentar a possibilidade de inserção no mercado de trabalho brasileiro e pressupõem como um primeiro passo para a sua integração no novo contexto social.

Nesse tempo necessário para aprender a língua e resolver as questões documentais percebe-se que alguns refugiados ao esperar por asilo buscam por oportunidades econômicas, mantendo-se em transitoriedade e realizando ao mesmo tempo planos para o seu futuro ou enquanto viajam (Cangia et al, 2021). Se combinarem as histórias de Gabriel e Samuel, por exemplo, eles simbolizam esse caminho em comum ao descreverem o movimento de ida e volta. Gabriel pelas cidades brasileiras, vinculado em uma rede de trabalho voluntário, e o outro ao transitar pelo continente africano.

Por outro lado, essas transitoriedades que quatro participantes revelaram em suas narrativas demonstram as desigualdades regionais, aquelas que definiram os pontos de origem desses fluxos e os de destino, sendo assim determinadas, sobretudo, por uma força de trabalho (Miranda, 2019), como apresentada em suas narrativas no momento pós migratório. Nesse ponto,

destaca-se que nem todos apresentaram o motivo de escolha de São Paulo como destino, mas destacaram por ser uma cidade que ainda busca por oportunidades de trabalho, como identificado na narrativa de Ana e Gabriel. Já Verônica foi pelo projeto, que se subentende está em operação com a rede de parcerias da ACNUR; a Isabel por precisar realizar um trabalho na cidade e, ao chegar, acabou pedindo proteção do Estado brasileiro. Já Elie e Samuel não relatam em suas narrativas. Dessa forma, todos os entrevistados destacaram as dificuldades que tiveram nos primeiros anos, aproximando-se na precariedade de trabalho vivenciada (Goerck et al, 2017)

Nesse sentido, em relação a reinserção laboral, os seis participantes destacaram os tipos de ocupações como precário e de natureza sazonal no mundo do trabalho (Eggenhofer-Rehart et al, 2018; Ozturk, Serin & Altinoz, 2019), sendo que as ocupações eram no setor agrícola como doméstica, construção civil, restaurantes e serviços gerais. É importante ressaltar que por mais que tenham sido analisados profissionais de área de atuação e idades distintas, a construção de carreira desses indivíduos aqui pode ser entendida como um reflexo de toda história psicossocial do indivíduo. Ou seja, compreender como é ser emigrante antes de “nascer” um imigrante (Sayad, 1998) que, agora, faz parte como interface entre o eu e a sociedade de que faz parte.

Observou-se que os participantes masculinos estavam principalmente interessados em ocupações práticas (por exemplo, pintor, garçom, auxiliar de limpeza), enquanto a maioria dos participantes femininos estavam interessados em ocupações sociais (por exemplo, autônoma, trabalho doméstico e especialista em cuidados infantis). Percebe-se que todos se encontraram em atividades pertencentes à precariedade nos primeiros anos quando chegam ao Brasil e dois entrevistados ainda destacam o impacto da pandemia da Covid-19. Mas, pelo histórico de trabalho, nota-se que nos seus países também já se encontravam em ocupações semelhantes, como nos casos de Gabriel, Samuel e Verônica.

Tratando-se dos planos de ação, numa perspectiva de desenvolvimento da formação profissional, os casos de Verônica e Elie mostraram como desejam manter a sua atuação profissional, sendo que Elie já está em ingresso em uma universidade particular e Verônica não. Posto isso, a Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM) ressalta a ação da ACNUR em cooperação com 23 Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, públicas e privadas (Rocha, Azevedo & Mendes, 2022). Todavia, o ingresso de Elie em uma instituição superior não está vinculado a nenhuma dessas instituições mencionadas. Importante destacar que, em sua narrativa, ela optou por entrar numa universidade particular como forma, também, de se integrar na sociedade acolhedora e melhorar o domínio do idioma local.

Por certo, na narrativa de Elie não foi identificado com nenhum curso de idioma como os casos da Verônica, Samuel e Ana que precisaram se vincular a cursos em projetos de organizações não governamentais. De modo geral, é importante salientar como as instituições educacionais brasileiras têm investigado a questão desse apoio linguístico para essa população (Rocha, Azevedo & Mendes, 2022). Estudos brasileiros apontam que as universidades oferecerem apoio linguístico como projetos de extensão é um caminho que representaria sensibilidade administrativa (Rocha, Azevedo & Mendes, 2022; Rossa & Menezes, 2017)

Ainda nessa questão dos planos de ação em desenvolvimento de formação profissional, somente Samuel e Ana conseguiram revalidar seus diplomas com apoio de uma organização não governamental vinculada a uma dessas instituições junto com a CSVM. Contudo, eles optaram em buscar novos desafios e se dedicar a um novo trabalho baseado em competências diferentes das do passado, além de terem expectativas nas organizações com as quais estão vinculados hoje. Assim sendo, entende-se que esses dois casos tendem a se projetar para o ingresso em alguma instituição superior.

Como foi demonstrado anteriormente em cada estudo de caso apresentado, essa alteração dos projetos de vida de trabalho envolveu uma série de eventos ao longo de suas vidas, por exercerem trabalhos diferentes até estabelecerem suas práticas cotidianas atuais. Ibirra (2004) aponta que realizar uma transição de carreira é como as pessoas aprendem novas linhas de trabalho, nas quais se tornam participantes ativos. Ou seja, para autora, as pessoas quando estão envolvidas nas práticas de uma comunidade social, e na construção de novas identidades em relação a essa comunidade, realizam uma transição a partir de um processo de aprendizagem.

Estudos anteriores mostraram que uma forte identificação com uma identidade profissional específica pode se apresentar como uma barreira ao ajustamento e entrada num novo mercado de trabalho que pode levar a uma "crise de identidade" (Mackenzie-Davey & Jones, 2020; Zikic & Richardson, 2016). No que se refere a práticas cotidianas de trabalho fora das atuações de origem, observa-se que quatro participantes estão vinculadas a organizações e dois estão atuando como autônomos.

Pode-se dizer então como esses indivíduos estão promovendo o movimento no processo *contínuo* de construção de carreira (Ribeiro, 2014), mesmo atuando fora das suas áreas de atuação inicial. Seguindo esse pensamento, no que diz respeito aos discursos de carreira psicossociais (Ribeiro, 2014) predominantes, como resultado da presente pesquisa encontraram-se por meio das narrativas dos participantes: nostalgia (identidade organizacional), fechamento (identidade profissional/ocupacional) e como complementares carreira possibilidade (identidade de projeto) e instrumentalidade (sem projeto). Ressalta-se que por meio da análise das trajetórias de vida e de trabalho narradas pelos participantes, a partir de um modelo psicossocial, foi possível identificar que suas narrativas não se encontram associadas exclusivamente a um único

discurso de carreira; porém, foi possível reconhecer quais discursos são predominantes e quais são complementares em cada caso.

Considerando que as identidades estão em movimento para manter a tradição e, concomitantemente, transformá-la, conseqüentemente a identidade cultural é afetada nesse processo (Hall, 2019). Nesse contexto emerge uma concepção de “culturas híbridas”. Assim, a ideia do processo migratório entre “tradição” e “tradução” vem sendo representada pela compreensão da emergência de identidades “em transição” ou identidades “recriadas” no contexto globalizado, sobretudo no mundo do trabalho contemporâneo.

Percebeu-se, nessa direção, como eles vêm estabelecendo um projeto de vida autêntico (Miranda, 2019). Tendo em vista que todos possuem nível superior de escolaridade, foi possível observar que a narrativa dos seis entrevistados parece se aproximar, de diferentes formas, do discurso “fechamento”, tendo em vista se esforçarem para a preservação de suas identidades profissionais, ainda como emigrante e dois entrevistados como projeto futuro de estar em outra área de atuação profissional. Compreende-se que aqueles que têm como plano de ação a busca por revalidação dos seus diplomas, as dificuldades do processo de revalidar é um dos obstáculos que os priva do direito de buscar meios de subsistência mediante a inserção laboral em suas carreiras profissionais, o que possibilitaria as devidas inscrições nos conselhos, sindicatos e associações profissionais.

Sabe-se que as universidades públicas possuem autonomia em como conduzir o processo de revalidação de diplomas, mas a partir de um manual de orientação jurídica feita pela OIM, as pessoas que já são reconhecidas como refugiadas pelo CONARE estão dispensadas de apresentar documentos consulares no processo de revalidação de diploma (OIM, 2022). Ainda assim, somente Ana e Samuel conseguiram revalidar seus diplomas através de uma parceria da

Associação Compassiva junto à Assembleia Legislativa de São Paulo, em 2018, com a primeira lei estadual na isenção do pagamento da taxa de revalidação e, posteriormente, a sociedade civil e grupos de migrantes levaram dois outros estados a criar legislação com disposições semelhantes: em 2018 no Rio de Janeiro e no Paraná em 2019 (OIM, 2022). Como Ana e Samuel tiveram esse suporte no processo de revalidação supõem-se que outros participantes não possuam conhecimento dos processos conduzidos por essas parcerias.

Como indicado anteriormente, a carreira psicossocial de todos os participantes apresenta, ainda, associação com outros discursos de carreira, como nostalgia, possibilidade e instrumentalidade. De forma sucinta, os projetos de vida de trabalho de Verônica, Elie, Samuel e Ana, não obstante seus vínculos organizacionais, ainda apresentam uma forte relação com a identidade profissional/ocupacional por possuir relação com competências técnicas/funcionais circunscritas mediante determinadas profissões, ou pelo interesse de adquirir novas, como preconiza os modelos clássicos das carreiras tradicionais (Ribeiro, 2014). Contudo, o que os aproxima atualmente é o discurso de carreira nostalgia, ao buscarem por uma estabilidade, permanência, segurança na sua construção de carreira no mundo do trabalho (Ribeiro, 2014).

Gabriel, cujo plano de vida é se estabilizar, enfrenta exigências jurídicas relacionadas a comprovantes de exercício de atividade como microempresário. Isabel, por mais que deseje retornar ao seu país, com segurança, mantém seus vínculos ainda como um projeto pessoal e arriscado, com aspirações futuras pela importância do estilo de vida para seu desenvolvimento na trajetória profissional.

Um relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) revela que poucos refugiados encontram um emprego na economia formal e muitos empreendem trabalhos informais precários, que envolvem um risco mais elevado de más condições de trabalho e

exploração (OIT, 2016). Nessa direção, é possível observar por meio, sobretudo, das narrativas de Gabriel, Isabel e Samuel, como suas ocupações na reinserção laboral no processo migratório vinculam-se a projetos de vida de trabalho temporários e, de certa forma, precários e inseguros. Portanto, observam-se características do discurso de carreira “instrumentalidade”. Assim como ocorreu com Verônica e Ana ao chegarem na região norte do país.

Ainda que dois participantes tenham conseguido o reconhecimento oficial das suas habilidades profissionais, nenhum deles conseguiu atuar em suas profissões. Observa-se, todavia, que esses dois declararam que gostariam de mudar de carreira. Destaca-se que todos os participantes desenvolveram redes sociais e encontros com pessoas, incluindo outros imigrantes de sua nacionalidade ou não, pessoas locais ou diferentes trabalhadores sociais. A esse respeito, no polo mais flexível do discurso de carreira, todos apresentam elementos do discurso “possibilidade” por traçarem novos projetos de vida e trabalho, mais pessoais e construídos com mais autonomia e, também, no enfrentamento no desenvolvimento de um processo de integração (Berry, 2003; 2004) na sociedade hospedeira, pautado no reconhecimento mútuo e respeito (Miranda, 2019).

Ademais, Elie, Samuel e Ana estão com projetos individuais de ensino, como professores de língua estrangeira; Gabriel e Isabel possuem projetos vinculados com suas identidades profissionais/ocupacionais como emigrantes, assim como Verônica em querer manter a sua para atuar juntamente com imigrantes que correspondem a sua nacionalidade. Desse modo, o nível do processo de aculturação predominante, vinculado aos seus projetos individuais, parece ser a integração (Berry, 2003; 2004). Supõe-se que através dos seus projetos de vida e de trabalho, por via do discurso possibilidade, podem estar incorporando os valores e comportamentos do novo

ambiente para que não sofram tantos impactos em suas identidades culturais, nas escolhas de carreira, e nos seus planos de ação de trabalho.

Esse estudo compreende o que Champion (2018) destacou sobre os refugiados com altos níveis de educação e tempo de experiência profissional. Para a autora, os refugiados de modo geral dependem das redes sociais, mas os refugiados com altos níveis de educação ainda vão ter maiores possibilidades de obter informações sobre o mercado de trabalho local e terem maiores possibilidades.

Todos os entrevistados desta pesquisa evidenciaram o apoio ao emprego através das organizações não governamentais: Verônica e Gabriel trabalharam de forma voluntária, Isabel e Ana trabalharam com seus projetos dentro dessas instituições e Samuel e Elie também tiveram apoio; assim, todos reconstruíram suas identidades e de trabalho.

Apesar do desejo sincero de contribuir com seus clientes, o apoio ao emprego das instituições tende a reforçar o sistema de desigualdade e marginalização de longo prazo, pois o processo de integração no mercado de trabalho a longo prazo se torna responsabilidade dos indivíduos, de sua resiliência e engenhosidade (Nardon, 2020). A depender do momento de vida da pessoa, há situações que mesclam a vinculação ao mercado formal e ao informal, mostrando que essas pessoas também se movimentaram nesses dois universos devido ao não reconhecimento de qualificações e certificações, o que é um desafio comum aos entrevistados, assim destacando um fenômeno chamado *deskilling*¹³ (Ayala et al, 2020; Champion, 2018).

Sabe-se que a construção identitária é um processo que inclui a busca por uma emancipação, o que torna impossível pensar na identidade como algo fixo e estático (Lima & Ciampa, 2012). Nessa direção, compreende-se com esses resultados que o objetivo principal para

¹³ De acordo com o modelo de Champion (2018), o fenômeno *deskilling* ocorre quando as pessoas trabalham em empregos abaixo de suas qualificações ou quando não podem trabalhar por causa de uma situação temporária.

os participantes estudados é restabelecer, de uma forma ou outra, uma carreira que ainda atenda suas aptidões, interesses e capacidades. Desse modo, o processo migratório tende a resultar em um projeto de vida e de trabalho que traz consigo novas possibilidades identitárias e as conecta entre si. (Cangia, 2021; Miranda, 2019).

Mesmo que todos os participantes tenham apresentado um foco em projetos individualizados, os contextos nos quais esses projetos podem acontecer estão muito vinculados a organizações não governamentais, fornecedoras de apoio profissional e regional. Supõem-se que os projetos dessas instituições são financiados pelas parcerias da ACNUR como uma rede de cooperação (Scherer, Grisci & Chanlat, 2021), com intuito de facilitar as opções de carreira que os indivíduos possuem (Nardon, 2020).

Nessa dialética, em que as pessoas buscam a autodeterminação, observam-se atividades transformadoras tanto para elas mesmas como para o mundo ao redor (Miranda, 2019), e isso também tende a ter um impacto na produção de sentidos (Spink, 2010) e na identidade de trabalho (Ribeiro, 2014) dos participantes. Verônica, Gabriel, Isabel, Elie, Samuel e Ana, como outros migrantes forçados, esperam por várias coisas em tempos diferentes na sua trajetória de vida, de trabalho e, também, de migração. Todos se lembram do momento que chegaram no Brasil, das dúvidas sobre a forma de acolhimento e a respeito da concessão de reconhecimento a sua condição de cidadão de direitos e a sua formação profissional.

Como a temática do refúgio não é abordada com frequência como proposta de diversidade e inclusão, mesmo considerando as crises humanitárias que aumentaram as solicitações de refúgio no Brasil, os seis relatos discutidos nesse estudo tornam-se especialmente relevantes. Destacam as reações de refugiados diante de determinados contextos sociais e das condições que são impostas pelas sociedades acolhedoras, como a brasileira; “*aceitar qualquer*

coisa que for oferecida”, “*o refugiado briguento*”, “*o refugiado invasor*”, “*veio para tirar o nosso emprego*”. Ao longo desse processo, tornar-se refugiado significa não apenas uma história de perda, mas também um estereótipo de confronto com identidades novas e autoimpostas, como: “refugiado”, “estrangeiro”, “buscador de benefícios”, o que ameaça um senso dos direitos que também são concedidos (Werle et al, 2018).

Em linhas gerais, nesse contexto eles também desenvolvem uma identidade política e um sentido do movimento dessa metamorfose humana (Miranda, 2019). Como a perspectiva socioconstrucionista questiona a universalidade dos fenômenos em questão, uma vez que eles se dão na relação, nos processos por meio dos quais as pessoas vão estabelecendo sentidos e significados, compreende-se, nesse estudo, que o fator cultural não é estático e, assim, molda a experiência do trabalho e das relações das pessoas (Blustein, 2011). O esquema de análise psicossocial pode ser útil para compreender a adaptação do indivíduo à nova cultura e ambiente, e isso pode ser um fator chave para sua integração na sociedade (Miranda, 2019).

Todos os participantes de alguma maneira trouxeram em suas narrativas o quanto estavam submetidos à marginalização, xenofobia e experiências de discriminação. Relacionada a essa questão, uma ameaça de discriminação muitas vezes intimida as pessoas a conseguir trabalho remunerado, por exemplo (Campion, 2018). Verônica, Isabel, e principalmente Ana, demonstram o quanto foram impactadas pela experiência vivida em Roraima e em São Paulo. E Gabriel, ao destacar suas experiências quando chegou na cidade de Curitiba.

Os casos de Elie e Samuel tiveram indicativos das experiências de discriminação e xenofobia por conta dos gestores e colegas de trabalho brasileiros e, conseqüentemente, não perceberem práticas inclusivas e integrativas como um esforço. Nesses casos deram ênfase em suas narrativas em como percebem os brasileiros, e vivenciam a sua relação com a classe

trabalhadora brasileira. As práticas organizacionais, ao mesmo tempo, irão contribuir para a construção social e regulamentação das identidades dos refugiados (Ortlieb, Glauninger & Weiss, 2021), que podem deter identidades marginalizadas adicionais (Massengale et al, 2020), até porque muitos imigrantes de países da África negra no Brasil enfrentam violência estrutural, ou discriminação, por causa de sua raça (Dantas et al, 2021).

Ressalva-se que casos de discriminação não se aplicam apenas ao cenário dos refugiados, mas a qualquer tipo de trabalhador. Como essa pesquisa volta-se ao contexto migratório, os preconceitos relatados nas esferas horizontal e vertical das organizações deixam o profissional refugiado insatisfeito, desiludido e relutante em trabalhar. Nessas condições, a gratidão do profissional por sua demissão revela sua tristeza em conviver com colegas e superiores que o desprezavam e dificultavam o alcance de seus objetivos (Silva et al, 2022)

A maior parte dos participantes desse estudo apresentou respostas associadas ao entrelaçamento de suas identidades em redes (Ribeiro, 2014) com outros agentes, incluindo a sua comunidade étnica, a sociedade em geral, os empregadores e os colegas de trabalho. As redes étnicas e não étnicas desempenham um papel importante na ligação dos refugiados em busca de oportunidades de trabalho e de obter legitimação social (Campion, 2018; Nardon, 2020) e aculturação psicológica.

No presente estudo observou-se que o processo de aculturação psicológica (Berry, 2003; 2004) dos participantes foram analisados tendo o fator cultural, como relacional (Blustein, 2011), no contexto de trabalho. Supõem-se as estratégias de aculturação psicológica tendem a ser integração, separação e marginalização. De acordo com o Berry (2003; 2004), para que os grupos não dominantes alcancem a estratégia integração, deve haver uma sociedade com valores de diversidade cultural e social.

Nesse direcionamento, o processo de aculturação psicológica significa muito mais que ter uma qualificação linguística; permite adotar novas estratégias na relação social que podem beneficiar a si mesmo e aos que estão ao seu redor (Leifert, 2012). Somado a isso, o processo de reconstrução identitária tende a ajustar-se a um novo local, sendo que os códigos sociais são outros, tornando-se um desafio diário (Dantas, 2015). Assim, tanto a estratégia da integração como a da separação, são utilizadas quando os participantes querem conservar suas identidades culturais, possibilitando perspectiva mais coletiva (Llajaruna, 2004).

O que mais chama a atenção na construção da carreira psicossocial concomitante ao processo de aculturação psicológica é o quanto tais processos estão interconectados, formando uma rede cooperativa (Scherer, Grisci & Chanlat, 2021) que ajuda os refugiados a encontrar, por exemplo, novas oportunidades de trabalho. Como a emigração é, também, um momento do rompimento, e isso depende do contexto sociopolítico do indivíduo, uma forma que esses participantes tiveram para se reinventar em solo brasileiro foi a reconstrução dos seus projetos vinculados a outras redes sociais, o que, conseqüentemente, favoreceu a reconstrução de identidades de trabalho mediante ao apoio das redes de cooperação. Projetos que buscam preservar a integridade psíquica, principalmente em tempos de crise (Dantas et al, 2021).

Mesmo que os imigrantes carreguem seus traços culturais, tradições, linguagens e histórias particulares, em seus processos de aculturação psicológica eles não vão pertencer a uma única “casa”, pois nesses casos (migração) tende-se a ter uma cultura híbrida (Hall, 2019). Nessa direção, foi possível observar que a maior parte dos indivíduos investigados no presente estudo estão em processo de construir seus projetos de vida de trabalho associados ao discurso da carreira possibilidade, aproximando-se de uma construção de carreira voltada a projetos individualizados. Todavia, determinadas organizações e outras comunidades de pertencimento

apresentam-se como contextos necessários, e muitas vezes essenciais, para a efetivação de tais projetos. Projetos que possuem uma definição própria e individual no mundo do trabalho, levados a efeito por pessoas que irão dar seus próprios sentidos à construção de suas vidas em solo brasileiro.

Por fim, os projetos de vida de trabalho foram baseados nas trajetórias de vida do trabalho dos participantes da pesquisa (Ribeiro, 2014). Ao relatarem quais são os seus projetos de vida, suas práticas cotidianas atuais, seus planos de ação e suas metas de vida, também revelam suas trajetórias como emigrante e como imigrante nas condições que os levaram a ser refugiados hoje. E nesse movimento dialético entre trajetórias e projetos de vida de trabalho (Ribeiro, 2014), o trabalho apresenta-se como um elemento de socialização associado ao processo de aculturação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa permitem afirmar que os objetivos, geral e específicos, foram alcançados, uma vez que foi possível compreender a construção de carreira de determinados refugiados com ensino superior, bem como os caracterizar sociodemograficamente e reconstruir, mediante suas narrativas, suas trajetórias de vida de trabalho, suas práticas atuais e seus projetos de vida e de trabalho, como emigrantes, até o momento em que as entrevistas foram realizadas.

Essa pesquisa apresentou como as pessoas, diante desse contexto, muitas vezes adverso, estão construindo suas carreiras e encontrando sentido em suas vidas como forma de equilibrar seu tempo e satisfazer, também, suas necessidades básicas (Blustein, 2011). Recentemente o IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] destacou a crise do desemprego no Brasil, com mais de 14 milhões de pessoas desempregadas (IBGE, 2021), o que gera consequências sociais entre brasileiros e deslocados e reforça fatores de exclusão. Assim sendo, destacam-se três pontos como considerações finais.

O primeiro diz respeito ao fato de suas carreiras psicossociais (Ribeiro, 2014), no contexto de seus processos de aculturação e das dificuldades em exercer suas profissões no Brasil, serem reconstruídas mediante as novas alternativas que se apresentaram. A maioria dos refugiados pesquisados trabalhou em ocupações menos qualificadas, mesmo buscando preservar ou conquistar sentidos de identidade de trabalho que correspondem a discursos de carreira tradicionais, como os discursos fechamento e nostalgia, relacionados às identidades profissional e organizacional. Mas, ao mesmo tempo, chama atenção a associação de suas narrativas a discursos de carreira mais contemporâneos, abertos e flexíveis, apoiados em redes de cooperação

e orientados por projetos de vida de trabalho mais individuais, que correspondem a elementos da carreira possibilidade (Ribeiro, 2014).

Os participantes desse estudo assumiram, assim, várias experiências de trabalho para ter condições de sobrevivência no novo país, para tentar reforçar ou reconquistar posições profissionais que já haviam sido estabelecidas e, ainda, orientados por novos projetos de vida e trabalho. Em essência, trata-se de discutir o processo migratório entre tradição e tradução, como pautado anteriormente pela compreensão da emergência de identidades em transição ou identidades recriadas (Hall, 2019).

O segundo ponto refere-se ao enfrentamento dos elementos contextuais reinventando, resignificando e construindo redes sociais num novo lugar, como um campo de aprendizagem da língua atravessado por outras variáveis que perpassaram suas narrativas, como classe, gênero, raça/etnicidade, nacionalidades e interseccionalidades. Aqui, sugere-se investigações adicionais empregando uma abordagem interseccional ao desenvolvimento da carreira de imigrantes e refugiados. Ressalta-se, nesse sentido, que os processos de construção identitária de tais pessoas são transpassados por outras dificuldades e desafios além dos exclusivamente relacionados aos seus estatutos de refugiado, com determinado amparo jurídico. Tais investigações adicionais devem examinar as aplicações com intervenções de carreira culturalmente reativas no contexto brasileiro, como já proposto por outros estudos (Faria & Loureiro, 2015).

O terceiro ponto diz respeito ao encontro da pesquisadora com os migrantes e com suas interpretações da realidade, com seus relatos expressivos a respeito de suas relações com o outro no *lôcus* de trabalho. Nessa direção, os resultados alcançados com o presente estudo apresentam-se como subsídios para reflexões sobre como se posicionar, o que sentir e pensar a respeito da resposta brasileira ao fluxo contemporâneo de imigrantes e do que se entende por integração. O

campo da orientação profissional e de carreira, no contexto brasileiro, também pode se beneficiar com tais achados, uma vez que nas últimas décadas vem estendendo seus estudos e intervenções para diversos públicos (Luna & Mattos, 2020).

O que fica, até o momento, é que a integração também é um processo que perdura por cada momento da vida, como aponta Sayad (1998), e que não depende apenas dos indivíduos que se deslocam. Esse processo, certamente, tem um impacto significativo na construção de projetos de vida e de trabalho após o deslocamento forçado. Embora o objetivo desse estudo não tenha sido investigar especificamente como os refugiados estão se integrando na sociedade brasileira, seus resultados também iluminam esse aspecto dos processos migratórios contemporâneo, salientando a multiplicidade de dimensões que essa temática engloba (Miranda, 2019).

Considerando a limitada amostra de refugiados que participou da investigação, contatados por meio de uma organização não governamental instalada na cidade de São Paulo, estas pessoas podem não ser representativas do grande número de refugiados que foram reinstalados no Brasil nos últimos anos, principalmente tendo em vista os últimos eventos ocorridos a partir de 2020.

Os resultados de pesquisas anteriores sobre o tema, apresentados por meio da revisão de escopo, contribuíram para a compreensão a respeito de como cada país possui suas características de acolhida, bem como sobre a forma de conduzir o processo de inserção laboral dos imigrantes. Contudo, são necessários estudos específicos que considerarem como os agentes das redes de cooperação no Brasil influenciam a compreensão dos imigrantes e refugiados sobre as suas opções de carreira, assim agindo de uma maneira que possibilitem suas conexões e adaptação às mudanças (Fenwick, 2007).

Nesse caso, estudos futuros centrados nas interações entre refugiados e participantes de redes de cooperação brasileiras, desenvolvidos mediante métodos etnográficos de história de vida (Creswell, 2014), podem proporcionar compreensões sobre a importância de tais interações para o desenvolvimento da carreira psicossocial e dos processos de construção identitária de imigrantes e refugiados. Para o autor a experiência no campo da etnografia pressupõe uma visão abrangente e resulta na compreensão de como funciona o grupo que compartilha uma cultura, a essência de como funciona o significado de um sistema sociocultural. Essa sugestão é refletida a partir do contato da pesquisadora com os participantes africanos, em conhecer um sistema cultural (Creswell, 2014), e que não era tão familiar. Embora este estudo tenha permitido uma análise aprofundada das experiências dos participantes, ressalta-se que o material empírico apresenta a história tal como contada exclusivamente num momento específico, em circunstâncias particulares. Nesse caso, uma investigação longitudinal permitiria uma exploração mais rica dos processos de construção identitária de trabalho (Ribeiro, 2014), uma compreensão mais abrangente do desenvolvimento da carreira psicossocial ao longo do tempo.

É importante destacar que não basta, também, que os imigrantes e refugiados apenas se ajustem ao processo de integração dos lugares que transitam. Cada sujeito é singular, com demandas específicas, e seus processos de construção identitária encontram-se, constantemente, se metamorfoseando (Ciampa, 2002), em um país com forte histórico de desigualdade social, como é o caso do Brasil Assim, tornam-se necessários estudos que considerem esses aspectos diante da intensa desigualdade presente no Sul global.

REFERÊNCIAS

- Abi-Saab, M. (2012). Narrativas de espacialidade no discurso do presidente Chávez: formação de identidades e políticas. *Cadernos de Relações Internacionais* (5), 1-29
- Alves, C.P. (2017). Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade. *Revista de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima* 1(31), 33-41.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. Editora Boitempo
- Apostolidou, Z. (2015). Politicised notions of professional identity and psychosocial practice among practitioners working with asylum seekers and refugees. *British Journal of Guidance and Counselling*, 43(4), 492–503.
- Arksey, H & O'Malley, L. (2005). Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8:1, 19-32.
- Arthur, N., Collins, S., Marshall, C., & McMahon, M. (2012). Social Justice Competencies and Career Development Practices. *Canadian Journal of Counselling and Psychotherapy*, 47(2).
- Arulmani, G. (2019). The cultural preparedness model of aspiration and engagement: Understanding the dynamics of integration. *British Journal of Guidance & Counselling*, 47,20–34.
- Aryee, S., & Luk, V. (1996). Work and nonwork influences on the career satisfaction of dual-earner couples. *Journal of Vocational Behavior*, 49, 38-52.
- Ayala, Y., Bayona, J. A., Karaeminogullari, A., Perdomo-Ortiz, J., & Ramos-Mejía, M. (2020). We Are Very Similar but Not Really: The Moderating Role of Cultural Identification for

- Refugee Resettlement of Venezuelans in Colombia. *Frontiers in Psychology*, 11(November).
- Baran, B. E., Valcea, S., Porter, T. H., & Gallagher, V. C. (2018). Survival, expectations, and employment: An inquiry of refugees and immigrants to the United States. *Journal of Vocational Behavior*, 105, 102–115.
- Barreto, L. M. S., Coutinho, M. P. L., & Ribeiro, C. G. (2009). Qualidade de vida no contexto migratório: um estudo com imigrantes africanos residentes em João Pessoa - PB, Brasil. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, 17(2), 116–122.
- Barros, C. R. (2017). *Trabalho e território de haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte: precariedade e resistência*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Bauer, M. W; Gaskell, G. (2015). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Bauman, Z (2005). *Identidade*. Buenos Aires: Losada
- Beck, U. (2013). *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34
- Bendassolli, P. (2009). *Psicologia e Trabalho: apropriações e significados*. Ed. Cengage Learning.
- Berri, B., & Coelho, I.K. (2020). Planejamento de carreira e projetos de vida com usuários do CAPSad. In: I.N. Luna & V.D.B. Mattos (Org.); *Intervenções de carreira ao longo da vida: perspectivas e desafios* (pp. 180 – 1998). Brazil Publishing

- Berry, J. (2003). Conceptual approaches to acculturation. In: K. Chun, P. Balls-Organista, & G. Marin (Eds.). *Acculturation: advances in theory, measurement, and applied research* (pp.17-37). Washington, DC: American Psychological Association.
- Berry, J. (2004). Migração, aculturação e adaptação. In: De Biaggi, S. & Paiva, G. (Org.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp.29-55). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Bimrose, J., & Mcnair, S. (2011). Career support for migrants: transformation or adaptation? *Journal of vocational behavior*, 78(3), 325–333.
- Blustein, D.L. (2011). A relational theory of working. *Journal of Vocational Behavior*, Vol. 79 No. 1, pp. 1-17.
- Bourdieu, P. (1996). Understanding. *Theory, Culture & Society*, 13(2), 17–37.
- Bradley, L., Bahous, R., & Albasha, A. (2020). Professional development of Syrian refugee women: proceeding with a career within education. *Studies in Continuing Education*, 0(0), 1–18.
- Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* São Paulo: Boitempo.
- Campos, M. B. de. (2018). Afinal, quem é migrante? Agência e historicidade na mensuração da migração internacional recente no Brasil. *Revista da Universidade Federal De Minas Gerais*, 25(1 e 2), 64–87.
- Campion, E. D. (2018). The career adaptive refugee: Exploring the structural and personal barriers to refugee resettlement. *Journal of Vocational Behavior*, 105, 6–16.
- Cangia, F., Davoine, E., & Tashtish, S. (2021). (Im)mobilities, waiting and professional aspirations: The career lives of highly skilled Syrian refugees in Switzerland. *Geoforum*, 125, 57–65.
- Cajueiro, R. L. P. (2013). *Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos*. Ed. Saraiva.

- Carbajal, M., Calvo, J. (2012). Necesidades de uso de los servicios de salud mental de refugiados cubanos residentes en Roanoke, Virginia, Estados Unidos. Un estudio exploratório. *Cuadernos de trabajo social*, 25(2), 477-487.
- Chanlat, Jean-François (1996). Quais carreiras e para qual sociedade? (II). *Rev. Adm. Empres.*, São Paulo, v. 36(1), 13-20.
- Ciampa, A. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense
- Ciampa, A. C (2002). Políticas de identidade e identidade políticas. In: Dunker, C.I & O. (Orgs.). *Uma psicologia que se interroga-ensaios*. São Paulo: Edicon.
- Ciampa, A. (2005). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense
- Clandinin, D. Jean.; Conelly, F. Michael. (2015). *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU.
- Coelho-Lima, F., & Bendassolli, P.F. (2020) Trabalhadores e Trabalhadoras na Informalidade: Intervenções Possíveis. *Os impactos da pandemia para o trabalhador e suas relações com o trabalho [recurso eletrônico]* / Organizadora, Melissa Machado de Moraes: Artmed, SBPOT,2020.– (Coleção o trabalho e as medidas de contenção da COVID-19, contribuições da Psicologia Organizacional e do Trabalho, 2, 35-44. <https://www.sbpot.org.br/publicacoes>
- Coimbra, M. G. L. B., & Orchard, M. S. E. (2020). Um estudo sobre os Refugiados Sírios na cidade de São Paulo e Florianópolis: trajetórias laborais e precarização do trabalho. *Ideias*, v. 11.

- Cohen, R. (2014). *Globalização, migração internacionale cosmopolitismo quotidiano*. In: Barreto, A (Org.), *Globalização e migrações* (2º edição., pp. 25-44). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Coley, V. M. (2019). *As construções identitárias de trabalho de empreendedores sociais latino-americanos dos países: Argentina, Brasil, Chile e Colômbia. Tesis Doctoral, Instituto de Psicologia, Universidad de São Paulo, São Paulo.*
https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-17122019-184058/publico/coley_do.pdf
- Collins, S., & Arthur, N. (2010). Culture-infused counseling: A fresh look at a classic framework of multicultural counselling competencies. *Counselling Psychology Quarterly*, 23(2), 203–216.
- Coutinho, M. C., Krawulski, E. & Soares, D. H. P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19 (Número Especial), 29-37
- Coutinho, M. C. (2009). Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 189-202.
- Creswell, J.W. (2014). *Investigação qualitativa & projeto de pesquisa*. Editora Penso.
- Dantas, S.D., Suguiur, M., Ueno, L., Leifert, G,. (2010). Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 18 (34),45-60.
- Dantas, S. D. (2015). Subjetividade e migração: Uma abordagem intercultural profunda a partir das migrações brasileiras. In C. Guanaes-Lorenzi, C. C. L. Motta, L. M. Borges, M. C. Zurba, & M. D. Vecchia (Orgs.), *Psicologia Social e saúde: Da dimensão cultural à político-institucional* (pp. 72-91). Florianópolis: Abrapso Editora/Edições do Bosque.

- Dantas, S. D., Zaia, M., Silva, M. M. de S. & Ferreira, L., & Bartsch, J. (2021). A pandemia dos outros: acolhimento psicossocial intercultural como desintoxicação narrativa e ressignificação existencial. *TRAVESSIA - Revista Do Migrante*, (91), 1–16.
- Dubar, C. (1998). Trajectoires sociales et forms identitaires. *Sociétés contemporaines*. 29:73-85
- Dubar, C. (2006). *A crise das identidades: A interpretação de uma mutação*. Afrontamento.
- Duffy, R. D., Blustein, D. L., Diemer, M. A., & Autin, K. L. (2016). The psychology of working theory. *Journal of Counseling Psychology*, 63, 127–148.
- Dunwoodie, K., Webb, S., Wilkinson, J., & Newman, A. (2020). Social Capital and the Career Adaptability of Refugees. *International Migration*.
- Eberhardt, L. D., Miranda, A. C. de. (2017). Saúde, Trabalho e Imigração: revisão da literatura científica latino-americana. *Saúde em debate*, 41(2), 299–312.
- Eggenhofer-Rehart, P. M., Latzke, M., Pernkopf, K., Zellhofer, D., Mayrhofer, W., & Steyrer, J. (2018). Refugees' career capital welcome? Afghan and Syrian refugee job seekers in Austria. *Journal of Vocational Behavior*, 105(January), 31–45.
- Falkenhain, M., Flick, U., Hirseland, A., Naji, S., Seidelsohn, K., & Verlage, T. (2021). Setback in labour market integration due to the Covid-19 crisis? An explorative insight on forced migrants' vulnerability in Germany. *European Societies*, 23(S1), S448–S463.
- Faria, L. & Loureiro, N. (2015). Aconselhamento de carreira multicultural: abordagens teóricas e implicações para a prática. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 16(1), 11-21.
- Fenwick, T. J. (2007). Knowledge workers in the in-between: network identities. *Journal of Organizational Change Management*, 20(4), 509-524.
- doi: 10.1108/09534810710760054
- Fonseca, J. J. S (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Ed. Uec

- Gaete, T & Soto, A. (2012). Esta es mi trayectoria, este es mi trabajo: narrativas e identidad en el trabajo en Chile. *Psykhé (Santiago)*, 21(2), 47-59.
- Gergen, Kenneth J. (1997). *Realities and relationships*. Cambridge, Ma: Harvard University Press.
- Gerhardt T.E; Silveira, D.T (2009). *Métodos de pesquisa*. Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Editora da UFRGS.
- <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=O%20estudo%20de%20caso%20pode,de%20estudo%20do%20ponto%20de>
- Ginevra, M. C., Di Maggio, I., Santilli, S., & Nota, L. (2021). The role of career adaptability and future orientation on future goals in refugees. *British Journal of Guidance and Counselling*, 49(2), 272–286.
- Gil A. C. (2008) *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas.
- Goldberg, Alejandro. (2020). Refugiados em Portugal e processos de inserção na universidade: uma investigação etnográfica. *Estudios fronterizos*, 21,50.
- Godoy, A. S. (1995). A pesquisa qualitativa e sua utilização em Administração de empresas. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71.
- Greenhaus, J.H, Callanan, G.A & Godshalk, V.M (2010). *Career management* (4º ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Greve, M. S. (2019). *Transições de carreira na pós-modernidade: narrativas de jovens adultos em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/D.47.2019.tde-27062019-102555

- Hall, S. (2019). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina
- Holland, J.L. (1997). *Making Vocational Choices: A Theory of Vocational Personalities and Work Environments*. Florida: Consulting Psychologists Press
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?t=resultados>.
- Irigaray, H. A. R., Anderson, R., Vellasquez, F & Filardi, F. (2021). Sua casa, meu refúgio: ser refugiado no Brasil. *Cadernos EBAPE.BR*, 19 (2), 222-233. Epub 28 de junho de 2021.
- Ivlevs, A & Veliziotis, M. (2018). Beyond conflict: Long-term labour market integration of internally displaced persons in post-socialist countries. *Journal of Vocational Behavior*, 105, 131-146.
- Jibrin, M. (2017). *Acolhimento psicológico de imigrantes involuntários: um encontro com a alteridade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Repositório Institucional da UFSC] <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/182702>
- Jovchelovitch, S.; Bauer, M. (2015). Narrative interviewing. In: Bauer, M.; Gaskell, B. (Eds.). *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem E Som: Um Manual Prático*. pp. 90 – 113. Ed. Vozes.
- Kubo, S. H., Gouvêa, M. A., & Mantovani, D. M. N. (2013). Dimensões do significado do trabalho e suas relações. *Revista Pretexto*, 14(3), 28-49.
- LaPoite, K. (2010). Narrating career, positioning identity: career identity as a narrative Practice. *Journal Of Vocational Behavior*, 77(1), 1–9.

- Lassance, M.C.P, & Sarriera, J. C. (2012). Saliência do papel de trabalhador, valores de trabalho e desenvolvimento de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 49-61.
- Llajaruna, G. (2004) Adolescentes peruanos em São Paulo: a construção da identidade e as estratégias de adaptação no processo de aculturação. In DeBiaggi, S. D. & Paiva, G. (Org.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura (pp.249-273)*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo
- Leão, L. H. C. Muraro, A. P, Palos, C.C, Martins, M.A & Borges, F. T (2017). *Migração internacional, saúde e trabalho: uma análise sobre os haitianos em Mato Grosso, Brasil. Cadernos de Saúde Pública [online]*. v. 33, n. 7
- Leifert, M.G.M (2012). Migração de Retorno: psicoterapia breve de jovens brasileiros: um diálogo entre Psicologia Intercultural e Construcionismo Social. In: Dantas, Sylvia Duarte (org.). *Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais (pp. 315 – 336)*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.
- Lei 13.445, 24 de maio de 2017. (2017). *Regulamenta a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que institui a Lei de Migração*. Presidência da República
- Lent, R. W., Brown, S. D., & Hackett, G. (1994). Toward a unifying social cognitive theory of career and academic interest, choice and performance. *Journal of Vocational Behavior*, 45, 79–122.
- Lima, M. (2007). Trabalho e identidade: uma reflexão à luz do debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. *Educação & Tecnologia*, 12(3).

- Lima, A. F., & Ciampa, A. C. (2012). Metamorfose humana em busca de emancipação: A identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In A. F. Lima (Org.), *Psicologia Social Crítica: Paradoxos do contemporâneo* (pp. 11-29). Porto Alegre: Sulina.
- Lodetti, M. B. (2018). Continuidade partida: impactos psicológicos da imigração em refugiados sírios residentes na grande Florianópolis (Brasil). [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Repositório Institucional da UFSC]<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/198184/PPSI0816-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>
- Luna, I.N. (2012). Empreendedorismo e Orientação Profissional no contexto das transformações do mundo do trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 111-116
- Luna, I. N. & Mattos, V. B. (Orgs.) (2020). *Intervenções de carreira ao longo da vida: perspectivas e desafios*. Curitiba: Brazil Publishing.
- Luimpöck, S. (2019). Social recognition beyond employment. refugees embedding deskilling and restructuring identity. *Identities*, 26:3, 305-320.
- Macías Gómez, E. B (2013) ‘And now I am here . . . but then we were there’: space and social positioning in and alusian migrants’ narratives. *Journal Of Multicultural Discourses* 8(3): 195–212.
- Mackenzie-Davey, K., & Jones, C. (2020). Refugees’ narratives of career barriers and professional identity. *Career Development International*, 25(1), 49–66.
- Machado, G.S, Barros, A.F.O, Martins Borges, L. (2019). A Escuta Psicológica como ferramenta de integração: práticas clínicas e sociais em um centro de referência de atendimento a imigrantes em Santa Catarina. Remhu: *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 27(55), 79-96.

- Maia, A. A. R M & Mancebo, D. (2010). Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. *Psicologia: Ciência e Profissão [online]*, v. 30, n. 2, pp. 376-389.
- Magnano, P., Zarbo, R., Zammitti, A., & Sgaramella, T. M. (2021). Approaches and strategies for understanding the career development needs of migrants and refugees: the potential of a systems-based narrative approach. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 0123456789.
- Martins-Borges, L. (2013). Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana.*, v. 21, n. 40, pp. 151-162.
- Massengale, M., Shebuski, K. M., Karaga, S., Choe, E., Hong, J., Hunter, T. L., & Dispenza, F. (2020). Psychology of Working Theory With Refugee Persons: Applications for Career Counseling. *Journal of Career Development*, 47(5), 592–605.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5(2), 100–122. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.5.2.100>
- Mcnamee, Sheila (2012). From Social Construction to relational construction: practices from the eadge. *Psychological Studies*, 57 (2), 150 – 156.
- Miranda, S. C de. (2019). O estudo das migrações a partir da Psicologia Social: Uma perspectiva crítica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(3), 566-582.
- Miranda, U.P (2020). *Trajetórias venezuelanas: o processo de integração em Belo Horizonte* [Dissertação de Mestrado, Fundação João Pinheiro. Repositório Institucional da FJP] <http://tede.fjp.mg.gov.br/handle/tede/427>
- Morin, E. (2004). *Meaning of work in modern times* Paper presented at the 10th World Congress on Human Resources Management, Rio de Janeiro, RJ, Brazil

- Motta, G.S & Krawulski, E. (2020). Trabalhadores adultos frente a sucessivas mudanças de trabalho e implicações para a identidade. In: I.N. Luna, & V.D.B. Mattos (Org.); *Intervenções de carreira ao longo da vida: perspectivas e desafios* (pp. 199 – 226). Brazil Publishing
- Nardon, L., Zhang, H., Szkudlarek, B., & Gulanowski, D. (2020). Identity work in refugee workforce integration: The role of newcomer support organizations. *Human Relations*.
- Nascimento, V. N. do (2021). *Reconstruindo uma nova casa: impactos psicológicos da imigração involuntária em mulheres imigrantes residentes na região da Grande Florianópolis* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Repositório Institucional da UFSC]
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229232?show=full>
- Niles, S. G., Amundson, N. E., & Neault, R. (2011). *Career flow: A hope-centered approach to career development*. Boston, MA: Pearson.
- Neto, S.B & Menacho, B.B (2020). COVID-19 a vulnerabilidade socioeconômica de migrantes e refugiados à luz dos dados das organizações internacionais. In: Baeninger, R; Vedovato, L.R; Nandy, S; Zuben, C.V; Magalhães, L.F; Parise, P; Demétrio, N & Domeniconi, J. (2020). *Migrações internacionais e a pandemia da covid-19*. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (NEPO) – UNICAMP
https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/impactos_pandemia/COVID%20NAS%20MIGRA%C3%87%C3%95ES%20INTERNACIONAIS.pdf
- Nyabvudzi, T., & Chinyamurindi, W. T. (2019). The career development processes of women refugees in South Africa: An exploratory study. *SA Journal of Industrial Psychology*, 45(1), 1-11.

- Newman, A., Bimrose, J., Nielsen, I., & Zacher, H. (2018). Vocational behavior of refugees: how do refugees seek employment, overcome work-related challenges, and navigate their careers? *Journal of vocational behavior*, *105*, 1-5.
- Obschonka, M., Hahn, E., & Bajwa, N. ul H. (2018). Personal agency in newly arrived refugees: The role of personality, entrepreneurial cognitions and intentions, and career adaptability. *Journal of Vocational Behavior*, *105*(January), 173–184.
- Oliveira, P. (2011). Narrativas Identitárias e construções subjetivas: considerações teóricas e análise empírica de identificações entre jovens das classes populares. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, *11*(1), 156-171.
- Organização Internacional para as Migrações [OIM] (2015). *Glossário Sobre Migração. Direito Internacional da Migração*, n.22. <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>
- Organização Internacional para as Migrações [OIM] (2019). *World Migration Report 2020*. https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf
- Organização Internacional para as Migrações [OIM] (2021). *Manual de Atendimento Jurídico a Migrantes e Refugiados*. https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd11496/files/documents/manuais_cap07_dig.pdf
- Organização Internacional de Trabalho [OIT]. (2016). *Decent work for migrants and refugees*. Geneva, Switzerland: International Labor Office. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms_524995.pdf.
- Ortlieb, G. & W. (2021). Organizational inclusion and identity regulation: How inclusive organizations form ‘Good’, ‘Glorious’ and ‘Grateful’ refugees. *Organization*, *28*(2), 266–288.

- Ozturk, L., Serin, Z. V., & Altinoz, H. (2019). Challenges and Obstacles for Syrian Refugee Women in the Turkish Labor Market. *Societies*, 9(3), 49.
- Pajic, S., Ulceluse, M., Kismihók, G., Mol, S. T., & den Hartog, D. N. (2018). Antecedents of job search self-efficacy of Syrian refugees in Greece and the Netherlands. *Journal of Vocational Behavior*, 105, 159–172.
- Peterson, J., Pearce, P. F., Ferguson, L. A., & Langford, C. A. (2017). Understanding scoping reviews: Definition, purpose and process. *Journal of the American Association of Nurse Practitioners*, 29(1), 12-16.
- Peters, M. D. J., Godfrey, C. M., McInerney, P., Soares, C. B., Khalil, H., & Parker, D. (2015). *The Joanna Briggs Institute reviewers' manual 2015: methodology for JBI scoping reviews*. Adelaide: The Joanna Briggs Institute.
http://joannabriggs.org/assets/docs/sumari/Reviewers-Manual_Methodology-for-JBI-Scoping-Reviews_2015_v2.pdf
- Piętka-Nykaza, E. (2015) 'I want to do anything which is decent and relates to my profession': refugee doctors' and teachers' strategies of Re-Entering Their Professions in the UK, *Journal of refugee studies*, 28 (4), 523–543,
- Piovesan, M., & Myra, C. (2020). As construções identitárias em narrativas sobre migração no Sul do Maranhão. *Línguas e instrumentos linguísticos*, 23(46), 130–151.
- Ragazzi, E., Sella, L. (2013). *Migration and work: the cohesive role of vocational training policies* [Apresentação de painel]. 53rd Congress of the European Regional Science Association: "Regional Integration: Europe, the Mediterranean and the World Economy". Palermo, Italy, European Regional Science Association (ERSA), Louvain-la-Neuve
https://www.econstor.eu/bitstream/10419/123961/1/ERSA2013_00582.pdf

- Ravagnoli, N. (2018). A Entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na linguística aplicada. *The Specialist*, 39(3).
- Ribeiro, M. A.; Melo-Silva, L. (org.). (2011) Orientação profissional: uma proposta de guia terminológico. In: *Compêndio de orientação profissional e de carreira*, v. 2. Ed. Vetor
- Ribeiro, M. A. & Uvaldo. M. C. C. (2011). Possibilidades identitárias contemporâneas em um mundo do trabalho flexibilizado. *Polis e Psique*, 1(1), 55-79
- Ribeiro, M. A. (2012). Las construcciones identitarias en el trabajo en la contemporaneidad: retrato de un grupo de trabajadores de São Paulo (Brasil). *Psykhé (Santiago)*, 21(2), 61-75
- Ribeiro, M. A. (2013). Sistematização das principais narrativas produzidas sobre carreira na literatura especializada. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14(2), 177-189.
- Ribeiro, M. A. (2014). *Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado*. Ed. Juruá.
- Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the Human Sciences*. Sage Publications.
- Robinson, S. L., & Morrison, E. W. (2000). The development of psychological contract breach and violation: A longitudinal study. *Journal of Organizational Behavior*, 525–546
- Rocha, S. R. P. da, Azevedo, R. S. de & Mendes G. M. L. (2022). Educação Superior para Refugiados: uma análise dos procedimentos de ingresso nas universidades brasileiras vinculadas à Cátedra Sérgio Vieira de Mello. *Revista Iberoamericana de Educación*, 88(1), 147-162. <https://doi.org/10.35362/rie8814828>
- Rodrigues, Caroline. (2021). “Sou um corpo estranho no conjunto”: narrativas de um estudante negro migrante em uma universidade brasileira. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. 60. 114-125.

- Rosa, M. D. (2012). Migrantes, Imigrantes e Refugiados: a Clínica do Traumático. *Revista De Cultura E Extensão USP*, 7, 67-76.
- Rossa, L. A. e Menezes, M. A. de. (2017). Imigração e refúgio no Brasil e os programas especiais de acesso ao ensino superior: levantamentos iniciais dos programas implementados até 2016. *Encontro Nacional sobre Migração (10)*. Disponível em: <https://bit.ly/357Hhhk>
- Rousseau, D. M. (1990). New hire perceptions of their own and their employer's obligations: A study of psychological contracts. *Journal of Organizational Behavior*, 11(5), 389-400.
- Rousseau, D. M. (1998). The 'problem' of the psychological contract considered. *Journal of Organizational Behavior*, 665-671.
- Santos, C.A.S. dos. (2020). *Em pares: narrativas do encontro de uma psicóloga com pessoas em situação de refúgio no Rio de Janeiro*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Estadual do Rio de Janeiro].
- Santos, E. E. de O., & Hanashiro, D. M. M. (2021). Dinâmicas de aculturação e acesso ao emprego em uma ONG brasileira voltada para a integração social de refugiados haitianos. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(2), 353-364.
- Sato, L. (2010). Psicologia, saúde e trabalho: distintas construções dos objetos “trabalho” e “organizações”. In *Conselho Federal de Psicologia (Org.), Psicologia crítica do trabalho na sociedade contemporânea*. Brasília, DF: CFP
- Savickas, M., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J-P., Duarte, M. E., Guichard, J., Soresi, S., Van Esbroeck, R., & Van Vianen, A. (2009). Life Designing: A paradigm for career construction in the 21st Century. *Journal of Vocational Behavior*, 75(3), 239-250.

- Savickas, M. L. (2015). Life designing with adults. In L. Nota, & J. Rossier (Eds.), *Handbook Of Life Design: from practice to theory and from theory to practice*, pp. 135-149. Boston, Ma: Hogrefe.
- Sayad, A. (1998). *A Imigração ou os paradoxos da Alteridade*. Editora Edusp.
- Scherer, L. A., Grisci, C. L. I., & Chanlat, J.-F. (2021). Trabalho imaterial e organizações da sociedade civil: alternativa aos modos de trabalhar e de viver de refugiados. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(2), 377–390.
- Schweitzer, L, Gonçalves, J, Tolfo, S & Silva, N. (2016). Bases epistemológicas sobre sentido(s) e significado(s) do trabalho em estudos nacionais. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 16(1), 103-116.
- Secco, K. C. (2019). *A Construção da identidade profissional do coach e a percepção da qualidade de vida de trabalho*. [Tese Doutorado, Universidade de São Paulo. Departamento de Administração, Programa de Pós-graduação de Administração]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-19032020-110228/publico/CorrigidoKaren.pdf>
- Segrest, S. L., Hurley-Hanson, A. E., & Giannantonio, C. M. (2021). Introdução à edição especial: pessoas refugiadas ou deslocadas no ambiente de trabalho. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(2), 216–221.
- Seligmann-Silva, Marcio. (2020). “Viver numa casa de vidro é uma virtude revolucionária por excelência”: Walter Benjamin e a paixão pela cidade e pela história “porosas”. *Pandaemonium Germanicum*, 23(40), 20-42. Epub May 18, 2020.
- Shan, H., Peikazadi, N., Rahemtulla, Z., Wilbur, A., Sawkins, T., & Goossen, R. (2020). Entry to hospitality careers for women and beyond: Immigrant training and feminist pedagogies

- and practices. *Studies in the Education of Adults*, 52(1), 67–87.
- Sierra, L. B. G. (2016). *Construções identitárias de trabalhadores migrantes colombianos em São Paulo, Brasil*. [Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. doi:10.11606/D.47.2016.tde-27092016-155929.
- Silva, K., & Bini, A. E. (2020). A imigração haitiana em Florianópolis e o acesso ao mercado laboral. In: Silva, K., Borba, J. C de & Muller, J. (Org.); *Pessoas, travessias e encontros* (pp. 213-240). Rocha gráfica e Editora Ltda
- Silva, G. J; Cavalcanti, L; Oliveira, T., Costa, L.F.L & Macedo, M (2021). *Refúgio em Números, 6ª Ed.* Observatório Das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: Obmigra.
https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/06/Refugio_em_Numeros_6a_edicao.pdf
- Silva, Pablo Marlon Medeiros da et al (2022). Barreiras ao emprego de refugiados no Brasil e seus impactos na integração de longo prazo. *Revista Brasileira de Estudos de População [online]*. 2022, v. 39. Disponível em: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0210>
- Sisto, V., & Fardella, C. (2008). Narrándose en la flexibilidad. Un análisis narrativo discursivo de la identidad en tiempos de flexibilidad laboral. *Revista De Psicología*, 17(2), Pág. 59–80.
- Soto, A. (2011). Narrativas de Profesionales Chilenos Sobre sus Trayectorias Laborales: La Construcción de Identidades en el Trabajo. *Psykhé (Santiago)*, 20(1), 15-27.
- Souza, J.C.S. (2015). *Leitura psicossocial da inserção dos refugiados colombianos em Manaus*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Amazonas].

- Smith, V. (2010) Enhancing Employability: human, cultural and social capital in an era of Turbulent Unpredictability. *Human Relations* 63(2): 279–303.
- Sparta, M. (2003). O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 1-11.
- Spink, Mary Jane P. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro, RJ: Centro Edelstein de pesquisas sociais
- Stecher, A., Godoy, L. & Díaz, X. (2005). Relaciones de producción y relaciones de género en un mundo en transformación. In L. Schvarstein & L. Leopold (Orgs.), Trabajo y subjetividad: entre lo existente y lo necesario (pp. 71-11). Buenos Aires: Paidó
- Stecher, A. (2020) Identidades laborales em América Latina: estruturas, interacciones y narrativas. In: Palermo, H. M., & Capogrossi, M. L. (2020). *Tratado Latinoamericano de Antropología del Trabajo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; CEIL; CONICET. Córdoba: Centro de Investigaciones sobre Sociedad y Cultura-CIECS.
- Super, D.E. (1980). “A life-span, life-space approach to career development”. *Journal of Vocational Behavior*, 16(3): 282–298.
- Tabet, C.J; Souza, R.B; Baeta, O.V (2016). Hibridismo cultural e identidades nas organizações: uma possibilidade analítica. *Revista Espacios*, v. 37, nº 34, pp 1.
- Teixeira, A. C. C., Silva, E. C. M. da, Balog, D. L. T., & Sá, B. (2021). Por que é tão difícil pertencer? As dificuldades dos refugiados em seus processos de inserção no mercado de trabalho e na sociedade brasileira. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(2), 265–277.
- Thomas, A., Lubarsky, S., Varpio, L., Durning, SJ, & Young, ME (2020). Scoping review na educação das profissões da saúde: desafios, considerações e lições aprendidas sobre

- epistemologia e metodologia. *Avanços na educação em ciências da saúde*, 25 (4), 989-1002.
- Tzoraki, O., Dimitrova, S., Barzakov, M., Yaseen, S., Gavalas, V., Harb, H., Haidari, A., Cahill, B. P., Culibrk, A., Nikolarea, E., Andrianopulu, E., & Trajanovic, M. (2021). The impact of the covid-19 pandemic on the working conditions, employment, career development and well-being of refugee researchers. *Societies*, 11(3).
- Weber, J. L. A., Brunnet, A. E., Lobo, N. Dos S., Cargnelutti, E. S., & Pizzinato, A. (2019). Imigração haitiana no Rio Grande do Sul: aspectos psicossociais, aculturação, preconceito e qualidade de vida. *Psico-USF*, 24(1), 173–185.
- Weiß, A. (2018). Tornando-se um Refugiado. Uma abordagem ao longo da vida da migração Sob Coação. *Sociologias*, 20 (49), 110-141.
- Wehrle, K., Klehe, U. C., Kira, M., & Zikic, J. (2018). Can I come as I am? Refugees' vocational identity threats, coping, and growth. *Journal of Vocational Behavior*, 105(March), 83–101.
- Willott, J., & Stevenson, J. (2013). Attitudes to Employment of Professionally Qualified Refugees in the United Kingdom. *International Migration*, 51(5), 120–132.
- Udayar, S., Fedrigo, L., Durante, F., Clot-Siegrist, E., & Masdonati, J. (2021). Labour market integration of young refugees and asylum seekers: A look at perceived barriers and resources. *British Journal of Guidance & Counselling*, 49(2), 287-303.
- United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR]. (2011). Conventional and protocol relating to the status of refugees. UNHCR. <https://www.unhcr.org/en-us/protection/basic/3b66c2aa10/convention-protocol-relating-status-refugees.html>

- United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR]. (2019b). *Perfil Socioeconômico dos Refugiados no Brasil: Subsídios para elaboração de Políticas*. <https://www.Acnur.Org/Portugues/Wp-Content/Uploads/2019/05/Resumo-Executivo-Versa%Cc%83o-Online.Pdf>
- United Nations High Commissioner for Refugees. (2021a). *Global Trends: forced displacement in 2020*. Geneva: UNHCR, 2021
<https://www.unhcr.org/60b638e37/unhcr-global-trends-2020>
- Vargas, E. F., & Carvalho, E. D. S. (2019). *O trabalho escravo dos refugiados venezuelanos em território brasileiro*. Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea.
- Squeff, T.C. (2021). A implementação da convenção de 1951 sobre a condição de refugiado no Brasil: um estudo a partir dos julgados do TRF4. In: Ramos, A. C. de., Rodrigues, G.M.A., & Almeida, G.A. de (Org.). *70 anos da Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados: (1951-2021) perspectivas de futuro*. (pp. 216-237), Brasília: ACNUR Brasil.
- Vough, H.C; Bataille C.D; Noh S. C & Lee, M.D. (2015). Going Off Script: how managers make sense of the ending of their careers. *Journal of Management Studies* 52(3): 414–440
- Yakushko, O., Backhaus, A., Watson, M., Ngaruiya, K., & Gonzalez, J. (2008). Career development concerns of recent immigrants and refugees. *Journal of Career Development*, 34, 362–396.
- Yin R. K (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. Ed. Editora Bookman.
- Young, R. A., & Collin, A. (2004). Introduction: Constructivism and Social Constructionism in the career field. *Journal of vocational behavior*, 64, 373-388.
- Yoon, H. J., Bailey, N., Amundson, N., & Niles, S. (2019). The effect of a career development

programme based on the Hope-Action Theory: Hope to Work for refugees in British Columbia. *British Journal of Guidance and Counselling*, 47(1), 6–19.

Zikic, J., & Richardson, J. (2016). What happens when you can't be who you are: Professional identity at the institutional periphery. *Human Relations*, 69(1), 139–168.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar, de forma voluntária, da pesquisa intitulada “A carreira psicossocial do refugiado com ensino superior” desenvolvida por Rafaela Farias Pacheco (Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia-UFSC) e pelo Dr. Iuri Novaes Luna (Professor Orientador do Programa de Pós-graduação em Psicologia-UFSC).

Justificativa, objetivos e procedimentos de pesquisa

Esta pesquisa pretende ampliar os conhecimentos relacionados ao estudo da carreira de refugiados com ensino superior que residem no Brasil. Esta pesquisa torna-se relevante uma vez que propõe ampliar os conhecimentos sobre as relações que os refugiados com ensino superior estabelecem com sua escolha de carreira no atual mundo do trabalho. Para realização da pesquisa serão utilizados um *formulário online*, que levanta características sociodemográficas dos respondentes visando a seleção de participantes, bem como uma entrevista com a pesquisadora. A participação se dará, inicialmente, através do preenchimento do formulário mencionado, mediante Google Forms, que deverá levar em torno de 18 minutos. Após coletadas essas informações, os dados serão submetidos a análises. Em seguida, os respondentes que indicaram estar disponíveis para continuar participando da pesquisa serão convidados para uma entrevista na modalidade online ou presencial (o que for de sua preferência), que deverá durar aproximadamente uma hora. Caso a entrevista seja realizada à distância, por videochamada em aplicativos e programas criptografados como *Skype e Hangout*, indica-se que a entrevistadora estará sozinha, em um ambiente privativo, e utilizará fone de ouvido. E também sugere que o participante esteja em um ambiente no qual se sinta seguro e com privacidade. Caso seja presencial, a entrevista acontecerá em um local que garanta o anonimato e privacidade, respeitando as medidas de biossegurança, como uso de máscara obrigatória e distanciamento social. Assim sendo, a data e o local da entrevista serão definidos com o participante. No momento da entrevista, o participante não é obrigado a responder todas as perguntas. A participação é de livre e espontânea vontade e o participante não receberá nenhum pagamento por isso. Além disso, irá receber uma devolutiva dos resultados assim que a pesquisa estiver concluída.

Riscos, desconfortos e benefícios

Os riscos aos quais o participante estará submetido podem ser considerados mínimos e dizem respeito a um possível desconforto psicológico pela manifestação de diferentes emoções, como por exemplo, a possibilidade de incômodos gerados pela recordação de sua trajetória de vida e seus projetos de futuro. Observa-se, adicionalmente, o risco, ainda que remoto, de quebra de sigilo involuntária e não intencional, o que pode gerar prejuízos à vida pessoal e profissional dos participantes em razão da exposição de informações pessoais. Como benefícios desta pesquisa você poderá, por meio de suas respostas, identificar de forma mais precisa seu próprio

posicionamento em relação à sua carreira, sua trajetória e seus projetos de vida e de trabalho. E, em caso em necessidade e interesse, ser encaminhado para LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional da Universidade Federal de Santa Catarina. Além disso, os dados coletados para fins científicos contribuirão para o entendimento do processo de construção de carreira de refugiados com formação superior que residem no Brasil. Por fim, os resultados dessa pesquisa poderão possibilitar a elaboração de práticas de intervenção e programas de aconselhamento e orientação profissional destinado a esse público.

Suporte para desconfortos da pesquisa

Para minimizar possíveis desconfortos, a participação na pesquisa poderá ser pausada a qualquer momento que o participante solicitar. Se não desejar prosseguir, as respostas ao formulário e a entrevista poderão ser finalizadas a qualquer momento. No caso da entrevista, se algum desconforto ocorrer, presencialmente ou online, as medidas a serem tomadas serão, em um primeiro momento, interromper a entrevista e acolher o participante a partir de uma escuta compreensiva. Caso seja verificada a necessidade, haverá encaminhamento para o atendimento psicológico no Instituto Estou Refugiado ou na Clínica Intercultural, que se caracteriza como um projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas da Universidade Federal de Santa Catarina, voltado para serviços psicológicos aos migrantes e refugiados, em atendimento remoto.

Sigilo e privacidade

O sigilo da sua identidade será resguardado durante todas as fases da pesquisa e os pesquisadores serão os únicos a ter acesso aos dados e tomarão todas as providências necessárias para garantir o sigilo. Todavia, existe a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional. Assim, as consequências serão tratadas conforme a Lei. Os resultados dessa pesquisa poderão ser apresentados em publicação para fins científicos, nesse caso serão utilizados nomes fictícios sem nenhuma identificação do participante. As entrevistas serão gravadas com o intuito de manter a fidedignidade das informações para análise de dados da pesquisa. Como a coleta de dados poderá ocorrer também na modalidade virtual, enfatiza-se a importância do participante da pesquisa guardar em seus arquivos uma cópia desse documento eletrônico (TCLE). No caso do formulário, após sua conclusão, as respostas de cada participante serão enviadas automaticamente para o e-mail cadastrado. O participante pode, ainda, solicitar a qualquer momento o envio de uma segunda cópia de suas respostas. Além disso, fica garantido que os dados coletados por meio dos formulários, bem como os áudios gravados, não serão armazenados em “nuvens” como medida protetiva de segurança, ou seja, serão armazenados exclusivamente no computador particular e no *pendrive* dos pesquisadores.

Remuneração, Ressarcimento e indenização

Não haverá remuneração pela participação na pesquisa, de modo que a mesma deverá ser realizada de forma voluntária. Para participar desta pesquisa, você não terá de arcar com quaisquer custos, nem receberá vantagens financeiras para a contribuição com o estudo. Caso você identifique gastos extraordinários ou sofra danos inesperados relacionados diretamente à participação neste estudo, terá o direito de pleiteio à indenização ou ressarcimento, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada. No entanto, não são previstas despesas para a participação, uma vez que a coleta de dados será feita online (plataformas digitais) ou presencial (local como residência do participante ou próximo da residência e do trabalho) em data, local e horário previamente acordados por ambas as partes.

Garantia de recusa em participar da pesquisa

Você não é obrigado (a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar em qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes da sua recusa. Desde que entre em contato com a pesquisadora, por telefone ou e-mail, e a comunique.

Consentimento pós-informação

Estou ciente de que os pesquisadores poderão responder qualquer dúvida que eu tiver durante a pesquisa e sobre os resultados. Fui esclarecido que participarei de uma entrevista que será gravada e transcrita. Fui informado que receberei uma devolutiva dos resultados assim que a pesquisa estiver concluída. Fui comunicado que os métodos utilizados nesta pesquisa obedecem aos preceitos éticos de estudos envolvendo seres humano, conforme a Resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa. Fui esclarecido de que esta pesquisa passou pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e que “O CEPESH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente nas tomadas de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos”. Declaro que fui informado(a) e esclarecido(a) sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, de que os pesquisadores cumprirão os termos da Resolução 466/12 e/ou 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa. Ao clicar em aceitar e prosseguir após o formulário, atesto ter entendido este documento e obtido as informações sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, direitos, riscos e potenciais benefícios. Declaro que me sinto esclarecido e opto por livre e espontânea vontade participar da pesquisa, ficando ciente que para realizar a entrevista online ou presencial irei assinar todas as páginas do TCLE. Caso a minha opção seja por entrevista online, é minha responsabilidade assinar, escanear e enviar para os pesquisadores esse documento (TCLE), bem como guardar uma cópia assinada. Caso a opção seja pela entrevista presencial, este termo de consentimento será impresso em duas vias originais, numeradas e rubricadas, sendo uma cópia para a pesquisadora e outra para mim, assinadas por ambos. Declaro que guardarei cuidadosamente a minha cópia do TCLE, pois é um documento que fornece o contato do pesquisador e garante meus direitos de participante.

Esclarecimento de dúvidas

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você deve contatar a pesquisadora Rafaela Farias Pacheco (11) 98894 - 3687, e-mail: psirafaelapacheco@gmail.com, o pesquisador responsável Prof. Dr Iúri Novaes Luna (48) 999087791, e-mail: iuri.luna@ufsc.br, ou no endereço: Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Trindade – CEP 88040-970 – Florianópolis/SC. Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC). Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina – Reitoria II – Rua Desembargador Vitor Lima, 222, 4º andar, Sala 401 – Trindade – CEP 88040-400 – Florianópolis/SC. Telefone: (48) 3721-6094. Endereço eletrônico: <http://cep.ufsc.br/>

_____, ____ de _____ de 2021.

Participante da pesquisa

Pesquisadora Responsável
Rafaela Farias Pacheco

Pesquisador Responsável Iuri Novaes Luna

APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO – SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA



CARTA DE ANUÊNCIA

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Eu, Rafaela Farias Pacheco, mestranda no Programa de Pós - Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina - na Área de Concentração de Psicologia das Organizações e do Trabalho e linha de pesquisa sobre Formação Profissional, Desenvolvimento de Carreira e Inserção no Trabalho - sob orientação do Prof. Iúri Novaes Luna, apresento proposta de investigação científica que colaborará com a minha dissertação. O estudo intitula-se: A carreira psicossocial do refugiado com formação superior.

A pesquisa objetiva: a) caracterizar os refugiados participantes da pesquisa no que se refere ao perfil sociodemográfico e ao processo migratório. b) reconstruir nas narrativas dos participantes sobre suas trajetórias de vida de trabalho desde o país de origem, considerando o processo de reinserção laboral e as práticas cotidianas de trabalho após a chegada no país anfitrião. c) analisar os projetos de vida e trabalho dos participantes, tendo em vista seus planos de ação de trabalho e seus processos de construção identitária.

Para a investigação desse objeto de pesquisa convida-se o (a) diretor da instituição a contribuir com a pesquisa por meio da autorização para disponibilização dos contatos (nome, telefone e e-mail) dos refugiados com formação superior que residem a mais de um ano no Brasil. Tendo em vista as lacunas que acerca o projeto de vida de trabalho dos imigrantes involuntários no Brasil, especialmente quanto à ênfase de aspectos psicossociais desses projetos, considera-se obter dados para encontrar a riqueza necessária para contribuir com a área de Orientação Profissional e de Carreira por meio da compreensão dessa escolha profissional e desse projeto de vida, o que poderá auxiliar no fundamento de intervenções a partir do contexto brasileiro e, também, ampliar o conhecimento sobre os aspectos psicossociais que permeiam a construção de projetos com possibilidade de escolhas mais refletidas e um planejamento de projeto de apoio ao refugiado nas oportunidades e integração na força de trabalho local.

A pesquisa contará com duas etapas: encaminhando do link do formulário online para os participantes que serão convidados por telefone e e-mail e selecionar os participantes para uma entrevista (remota ou presencial) com roteiro no qual serão abordados os temas envolvendo a trajetória profissional, processo de reinserção laboral e projetos de vida de trabalho. Ao concordar em disponibilizar os dados dos participantes que se constituirão como participantes deste estudo, você torna-se ciente de que o pesquisador manterá a segurança dos dados, bem como de que não haverá divulgação de dados pessoais e que a confidencialidade de quaisquer dados institucionais e pessoais será mantida. Todas as informações coletadas nessa pesquisa serão arquivadas pelo pesquisador, ficando este responsável pela guarda e manutenção dos materiais. Os resultados da pesquisa possivelmente serão divulgados em congressos e

publicações científicas, resguardando- se sempre o anonimato dos sujeitos participantes. A participação nessa pesquisa é caráter voluntário, não implicando recompensa financeira de qualquer e as dúvidas referentes a quaisquer aspectos dessa pesquisa poderão ser esclarecidas a qualquer momento, antes ou durante o curso do estudo.

Ainda queremos dizer-lhe que uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento deste (a) pesquisador (a) em possibilitar, aos entrevistados, um retorno dos resultados da pesquisa. Por outro lado, solicitamos-lhes, aqui, permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa preservando sigilo e ética. Para tanto, solicito a sua autorização para que a ONG Estou Refugiado disponibilize os dados (nome, telefone e e-mail) dos refugiados com formação superior residentes a mais de um ano no Brasil e o auxílio da psicóloga da instituição para caso ocorra o encaminhamento do participante ao atendimento psicossocial.

Eu, diretor (a). _____, aos ___ dias do mês de junho do ano de 2021, declaro para os devidos fins e efeitos legais que tomei conhecimento da pesquisa intitulada “A carreira psicossocial dos refugiados com formação superior”, sob responsabilidade do mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Rafaela Farias Pacheco, orientada pelo Prof. Dr. Iúri Novaes Luna, e como responsável legal da ONG Estou Refugiado autorizo o repasse dos dados (nome, telefone e e-mail) dos refugiados com formação superior residentes no Brasil e o apoio do atendimento psicossocial, bem como declaro que acompanharei o desenvolvimento da pesquisa para garantir que será realizada dentro do que preconiza a Resolução CNS 466/12, de 12/09/2012 e a Resolução CNS 510/16, de 07/04/2016.

O presente termo foi elaborado em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o (a) diretor (a) da ONG Estou Refugiado. Na sequência, seguem os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina e do pesquisador.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH-UFSC)

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina – Reitoria II – Rua Desembargador Vitor Lima, 222, 4o andar, Sala 401 – Trindade – CEP 88040-400 – Florianópolis/SC.

Telefone: (48) 3721-6094.

Endereço eletrônico: <http://cep.ufsc.br/>

Pesquisadora: Rafaela Farias Pacheco

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina – Departamento de Psicologia – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Sala XX – Trindade – CEP 88040-970 – Florianópolis/SC.

Telefone: (11) 98894 – 3687

Endereço eletrônico: psirafaelapacheco@gmail.com

APÊNDICE C – GUIA DE ENTREVISTA NARRATIVA



GUIA DE ENTREVISTA NARRATIVA

Pergunta aberta: “Conte-me seu histórico de formação e trabalho desde o seu país de origem até agora no Brasil”

- 1) *História e aspectos socioeconômicos do participante*: nome, idade, local onde vive, local onde vivia antes da migração, local onde vivem os pais ou responsáveis, escolaridade dos pais, processo de escolha profissional
- 2) *Transição de vida e carreira*: motivos da migração, dificuldades encontradas ao chegar no Brasil e como conseguiu o primeiro trabalho; situações que enfrentou quando começou a trabalhar no Brasil; motivos de não estar trabalhando na profissão de hoje e quais as práticas atuais de trabalho.
- 3) *Projetos de vida e de trabalho*: planejamento para os próximos anos, os objetivos que possui e como a pandemia tem afetado;

ANEXO A – DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

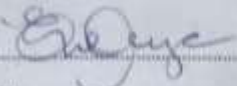

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que, objetivando atender as exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, e como representante legal da diretoria da **Estou Refugiado**, tomei conhecimento do projeto de pesquisa: "*A carreira psicossocial do refugiado com ensino superior*", de responsabilidade da mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Rafaela Farias Pacheco, orientada pelo Prof. Dr. Iúri Novaes Luna e, como responsável legal da instituição, autorizo a sua execução nos termos propostos e declaro que acompanharei o seu desenvolvimento para garantir que será realizada dentro dos termos da Resolução CNS 510/16 e suas complementares, e como esta instituição tem condição para o desenvolvimento deste projeto.

São Paulo, 28 / 07 / 2021

ASSINATURA: 

NOME: Eliane Souza

CARGO: ...Diretora Administrativa

CARIMBO DO RESPONSÁVEL:

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS DA UFSC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CARREIRA PSICOSSOCIAL DO REFUGIADO COM FORMAÇÃO SUPERIOR

Pesquisador: Iúri Novaes Luna

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 49987821.8.0000.0121

Instituição Proponente: Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.941.210

Apresentação do Projeto:

Segundo as pesquisadoras: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória com o objetivo de compreender como refugiados com ensino superior estão construindo suas carreiras psicossociais fora de suas áreas de formação profissional. A fim de possibilitar tal investigação, compilar-se-á um protocolo de entrevista narrativa com perguntas que busquem explorar as questões de interesse do estudo, e, posteriormente, as narrativas colhidas será transcrita e o material resultante será submetido em seis passos para análise das narrativas, conforme apresentado por Schutze. A amostra consistirá em selecionar seis refugiados que atenda aos seguintes critérios de inclusão: possuir formação superior, residir há mais de um ano no Brasil e não estar atuando na sua área de formação. A seleção dos participantes se dará por uma amostragem não probabilística intencional, tendo um critério de julgamento, com o apoio da organização civil para captar as necessidades de acesso ao público. Contudo, por meio da divulgação da pesquisa junto com a organização será realizado o primeiro contato da pesquisadora para confirmar o interesse de participação. Posteriormente, caso a resposta seja afirmativa, serão agendados data, hora e local em que a entrevista poderá ser realizada. Como instrumento principal de coleta de dados, será elaborado um formulário online do Google Forms para selecionar a aderência do potencial participante da pesquisa e a caracterização sociodemográfica; e um protocolo de entrevista com o intuito de provocar as narrativas. Os dados serão organizados e categorizados a partir do conteúdo dos seus relatos verbais. À medida que as

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88 040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 4.941.210

entrevistas forem sendo transcritas, o material será organizado em dimensões resultantes das análises e o preenchimento da linha do tempo da trajetória de carreira do imigrante involuntário, que terão como aporte teórico a revisão de literatura e a delimitação do método utilizado. Desta forma, as falas dos participantes serão apresentadas e discutidas à luz da análise das narrativas, conforme apresentado por Schutze, de acordo com os objetivos específicos previamente estabelecidos nesta pesquisa, em que serão consideradas as inserções dos trechos de falas dos sujeitos em conjunto com a literatura da área.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo as pesquisadoras, os objetivos são: **Objetivo Primário:** O objetivo geral da pesquisa é compreender como refugiados com ensino superior estão construindo suas carreiras psicossociais fora de suas áreas de formação profissional.

Objetivo Secundário: 1) caracterizar os refugiados participantes da pesquisa no que se refere ao perfil sociodemográfico e processo migratório; 2) reconstruir as narrativas dos participantes sobre suas trajetórias de vida de trabalho desde o país de origem, considerando o processo de reinserção laboral e as práticas cotidianas de trabalho após a chegada no país anfitrião; 3) analisar os projetos de vida e trabalho dos participantes, tendo em vista seus planos de ação de trabalho e seus processos de construção identitária.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora, a pesquisa pode trazer os seguintes riscos: Como riscos mínimos previstos em participar deste estudo, existe a possibilidade de eventual desconforto psicológico pela manifestação de diferentes emoções, como por exemplo, a tristeza ou o incômodo gerado pela reflexão e/ou pela recordação que alguma pergunta possa desencadear. Caso algumas destas situações venha a ocorrer, as medidas a serem tomadas serão, em um primeiro momento, interromper a entrevista e acolher a participante a partir de uma escuta compreensiva. Caso seja verificada a necessidade, haverá encaminhamento para atendimento psicológico da organização não governamental e também para a Clínica Intercultural - é um projeto de extensão vinculado ao Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas da Universidade Federal de Santa Catarina, também voltada para esse serviço psicológico aos migrantes e refugiados.

Benefícios:

Os benefícios em participar deste estudo consistem em possibilitar contribuição científica relevante que possa ser utilizada como aporte teórico para futuras pesquisas e projetos na área da

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** csp.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 4.941.210

Orientação Profissional e de Carreira tendo em vista poucos estudos. Como benefícios desta pesquisa, o refugiado participante poderá ter maior conhecimento sobre seu próprio posicionamento em relação à sua orientação de carreira, sobre sua trajetória, seus projetos de vida de trabalho e seu planejamento com encaminhamento ao projeto de extensão LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional da Universidade Federal de Santa Catarina com atendimento online. Além de que cada participante terá a devolutiva dos resultados e a organização uma cartilha sintetizada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de mestrado da estudante Rafaela Farias Pacheco, sob a orientação do pesquisador responsável Prof. Dr. Iúri Novaes Luna do Programa de Pós-graduação em Psicologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Segundo os pesquisadores, trata-se de uma pesquisa de orientação metodológica qualitativa, descritiva e exploratória que pretende compreender como refugiados com ensino superior estão construindo suas carreiras psicossociais fora de suas áreas de formação profissional. Por se tratar de um problema pouco explorado, uma das formas de pesquisar em ciências sociais, de, empiricamente, mergulha em profundidade para conhecer a realidade do outro, é através do estudo de caso. Ou seja, o estudo de caso obtém uma visão pragmática para apresentar uma perspectiva global do problema pouco estudado. A justificativa para utilização desse aporte metodológico é devido a concepção da carreira psicossocial, como proposta na fundamentação teórica. A partir dessa metodologia será possível explorar, compreender e interpretar detalhadamente as narrativas dos participantes acerca de sua construção de carreira. A amostra consistirá em um grupo de refugiados, ligados a organização civil Estou Refugiado, que atenda aos seguintes critérios de inclusão: possuir formação superior, precisa residir há mais de um ano no Brasil e não estar atuando na sua área de formação. Por meio das respostas no formulário online, será selecionado por critério de julgamento os participantes interessados em fazer parte do estudo. Os seis primeiros participantes (três do sexo masculino e três do sexo feminino) que aceitarem e assinalarem o TCLE no formulário online serão contatados por telefone a fim de confirmar o interesse na pesquisa. Posteriormente, caso a resposta seja afirmativa, serão agendados data, hora e local em que a entrevista poderá ser realizada na modalidade online ou presencial. No entanto, ressalta-se que a coleta de dados se dará apenas após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Como instrumento

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** csp.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 4.941.210

principal de coleta de dados, será elaborado o formulário online e um protocolo de entrevista com o intuito de provocar as narrativas. Após o consentimento do TCLE no formulário e o preenchimento do mesmo, serão realizadas as entrevistas narrativas buscando-se abrir um espaço onde seja possível acolher as histórias de vida, tendo como referência algumas questões norteadoras que se constituem como foco principal desta investigação. Aqui, a entrevista é compreendida como um espaço relacional, passível de ser habitado por narrativas inesperadas. Segundo Bauer e Gaskell (2015), a entrevista narrativa é classificada como um método de pesquisa qualitativa, não estruturada, de profundidade, com características específicas e emprega um tipo de específico na comunicação cotidiana. Assim sendo, um projeto de pesquisa que combine com as histórias de vida e contextos sócio-históricos. Construiu-se a seguinte proposta como pergunta disparadora: "Conte-me o seu histórico de trabalho, desde o seu país até agora no Brasil", sendo necessário um protocolo de entrevista que está projetado com base na teoria de carreira psicossocial para ser aplicada de forma consistente em todas as entrevistas. O protocolo de entrevista para os refugiados profissionais se baseará em itens norteadores que abranjam temas como: sentido e significado de trabalho, ocupações anteriores; vivências atuais; inserção no mercado de trabalho brasileiro; e os planos de ação de trabalho. Ressalta-se que as entrevistas serão conduzidas de forma individual pela própria pesquisadora e caso o participante não domine o idioma local poderá ser conduzido na língua espanhola, como alternativa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1) A redação dos Riscos e Benefícios está de acordo com as indicações do documento orientações para evitar pendências do CEP/SH/UFSC.
- 2) Folha de Rosto assinada pela profa. Dra. Mariana Pfeifer Machado, responsável pela pesquisa e pela Profa. Dra. Carla Rosane Bressan, chefe do Departamento de Serviço Social, em 19/07/2021.
- 3) Carta de anuência: apresenta Declaração assinada por Eliane Souza, Diretora Administrativa da Organização "Estou Refugiado".
- 4) TCLE: apresenta um TCLE para a participante da pesquisa, que contempla as exigências da resolução 510/2016.
- 5) Cronograma: Considerando o cronograma apresentado na Plataforma Brasil, a previsão de início

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** csp.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 4.941.210

do estudo é em 06/09/2021 com previsão de término em 10/04/2022.

6) Orçamento: informa despesas no valor de R\$ 1.102,69, com financiamento próprio.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Este CEP aceita documentos assinados escaneados e documentos com assinatura digital sem questionar ou verificar a sua autenticidade. Isso pressupõe que o pesquisador responsável (ou seu delegado), que carregou o documento na Plataforma Brasil ao fazer o acesso com nome de usuário e senha, responsabiliza-se pela sua autenticidade e por eventuais consequências decorrentes dessa situação. Recomendamos aos pesquisadores que, para fins de eventual verificação, guardem em seus arquivos todos os documentos originais assinados manual ou digitalmente.

Lembramos aos senhores pesquisadores que, no cumprimento da Resolução 486/12, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) deverá receber relatórios semestrais e/ou anuais sobre o andamento do estudo, bem como a qualquer tempo e a critério do pesquisador nos casos de relevância, além do envio dos relatos de eventos adversos, para conhecimento deste Comitê.

Qualquer alteração nos documentos apresentados deve ser encaminhada para avaliação do CEP/SH. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e as suas justificativas. Informamos, ainda, que a versão do TCLE a ser utilizada deverá obrigatoriamente corresponder na íntegra à versão vigente aprovada.

Salientamos ainda, a necessidade de relatório completo ao final do estudo. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP-UFSC de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificado e as suas justificativas.

Esclarecemos que o CEP/SH está sob fiscalização da CONEP e tem a obrigação de verificar se todos itens exigidos estão de acordo com a legislação, sob pena de sanções tais como suspensão ou descredenciamento, o que seria extremamente prejudicial a toda a comunidade acadêmica da UFSC e de outras instituições que utilizam seu serviço.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** csp.propesq@contato.ufsc.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC**



Continuação do Parecer: 4.941.210

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1769388.pdf	08/08/2021 23:13:50		Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	CARTA_RESPOSTA.pdf	08/08/2021 22:54:26	RAFAELA FARIAS PACHECO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_CORRIGIDO.pdf	08/08/2021 22:16:32	RAFAELA FARIAS PACHECO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_ESPANHOL_CORRIGIDO.pdf	08/08/2021 22:11:54	RAFAELA FARIAS PACHECO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PORTUGUES_CORRIGIDO.pdf	08/08/2021 22:11:45	RAFAELA FARIAS PACHECO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_CORRIGIDO.pdf	08/08/2021 22:09:00	RAFAELA FARIAS PACHECO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARACAO_ANUENCIA.pdf	15/07/2021 21:28:36	RAFAELA FARIAS PACHECO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	15/07/2021 21:25:38	RAFAELA FARIAS PACHECO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_ROSTO.pdf	15/07/2021 21:23:34	RAFAELA FARIAS PACHECO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 30 de Agosto de 2021

Assinado por:
Luciana C Antunes
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** csp.propesa@contato.ufsc.br